

RESISTENCIA

Editor
Manuel d'Oliveira Amaral

Publica-se aos domingos e quintas feiras

Officina typographica
Rua Martins de Carvalho, 7 e 9

N.º 674

COIMBRA — Domingo, 16 de fevereiro de 1902

7.º ANNO

NA ESTACADA

As condições geraes dominantes da politica monarchica portuguesa, feita de traições odiosas, de interesseiras maquinações e de intrigas vis em que se comprazem os caracteres depravados dos politicos que governam, sam as mesmas que ha dez annos a esta parte, em que cada vez mais fundo a monarchia tem cavado a ruina da nação. Mas a essas condições vêem junctar-se presentemente motivos novos de sobresalto, que obrigam todos os homens de consciencia a encarar com pavôr o futuro temeroso que estão preparando à nação os homens da monarchia.

Contra as suas maquinações tenebrosas, que têm em vista sómente garantir por alguns annos mais a vida dissoluta em que se agitam e se revolvem, à custa dos interesses mais caros da Pátria, que sam os interesses sagrados da sua independencia e da sua honra, é urgente que nos levantemos todos nós, — os portugueses para quem a Pátria é alguma coisa de grandioso e de santo, — determinados a aniquillar de vez as companhias de quadrilheiros que se constituíram e se defendem para exploração do país. Que Portugal não é só delles, os corruptos e venaes, que açambarcaram para gôso e fruição dalguns o patrimonio augusto que pertence aos milhões de homens que constituem a Pátria Portuguesa!

E' por isso que a **Resistencia**, que ontem ensarilhou armas momentaneamente, hoje, animada do ardôr antigo; persistente nos mesmos principios, que sam o lemma augusto inscripto na sua bandeira, reaparece de novo, prompta a entrar novamente no combate da nação contra a monarchia, determinada a envolver-se no mais accêso da refrega, onde a batalha se ferir mais encarniçada e renhida!

Ha no país traidores odiosos,

os, os mais vis e miseraveis dos inimigos da nação, que planeiam entregá-la de mãos atadas ao extranjeiro, como hypotheca deshonorosa a garantir a sua vida de dissipação e o parasitismo criminoso da sua clientella esfaimada? Esmaguemo-los, todos nós os que não pactuamos com as torpezas expoliadoras de que a nação é victima, todos os que sentimos no peito um impulso vingador de cólera santa!

E depois façamos desta nobre nacionalidade, aviltada pelo aviltamento dos que a têm governado, uma nação honesta e respeitada, que saiba administrar-se com tino e viver com honradez...

E' para êste fim tam levantado e tam nobre; é com os olhos fitos na regeneração nacional, que a **Resistencia** volta à estacada, revestida da couraça luminosa dos seus ideaes mais altos — a Honra e a Gloria de Portugal!

Termos do convenio:

Consignação da receita das alfandegas do continente, insulares e colonias;

Fiscalisação das receitas pelos extranjeiros, por meio do «contrôle»;

Pagamento do juro da divida externa, em oiro à razão de 50% para o 3%, 4% e 4 1/2%;

Centro nacional

Parece que tambem por cá já temos disto... que não se sabe bem o que seja, senão que se pretende governar o país com escapulários de frades e biôcos de freiras!

Pois está bem... Mas se Coimbra é um centro, onde está a circunferencia?

E' verdade que dizem que o incenso e a mirra attrahiram já alguns lentes... de mathematica, e que um lente de mathematica officiará de pontifical.

De mathematica! Mas que cálculos farão elles?...

Parodia

E' magnifica de concepção e de desenho a página central do último numero da «Parodia». O lapis soberbo de Raphael Bordallo Pinheiro apresenta o País soltando um brado lancinante d'angustia ao vêr-se assaltado por um bando de cães de fila — os credores externos — a dilacerarem-no, enquanto vai seguindo a Dança da Bica dos politicos no pagode nacional...

Pungente de verdade!

O CONVENIO

Continúa o partido, que a fatídica figura d'Hintze Ribeiro synthetiza, na faina de obter um arranjo com os credores externos para o pagamento dos juros e amortização da divida externa, empenho em que é auxiliado pela opposição progressista. Mais um emissario anda a percorrer a Europa, em demarches que nos encham de ridiculo, de Paris para Londres, de Londres para Paris, de Paris para Berlim, de Berlim para Londres... a apresentar alvitres, a receber propostas, a procurar banqueiros, a entender-se com comités, e tudo isto para obter um accordo que, alterando a lei de 1893, dê alguns annos de desfôgo à vida airada e dissoluta dos partidos da rotação!

Sabido que os credores externos o que querem é ter a garantia das suas rendas, parecia curial que os governos, se não fôsses da peor especie de saltimbancos politicos, o que tinham a fazer era demonstrar aos nossos credores, por uma administração sensata e honrada, que estávamos no proposito de saldar honradamente os nossos compromissos; que se annos de desvario passaram, em que politicos de má morte cometeram as mais desastradas loucuras, ao mesmo tempo que as mais desafortadas ladroerias, com os milhões que sobre nós choveram dos empréstimos lá de fóra, que tinhamos entrado numa era nova de trabalho, de moralidade e de economia, que os resgatariam dos erros e dos crimes do passado; que a maior garantia dos nossos credores estava na lisura dos nossos processos de administração... e então, sim! de cara levantada e consciencia tranquilla podiamos dizer-lhes: — esperae, sereis pagos!

Que auctoridade têm, porem, progressistas ou regeneradores, — os mais desafortados politicos portugueses, os que têm mettido até aos hombros os braços no thesouro publico, — para procurarem com os credores accôrds que êstes sabem não serem elles capazes de cumprir?

Dai a natural e justificada desconfiança; mais, a certeza de que só com penhores seguros, hypothecas garantidas, poderam obrigar os governos de Portugal a honrar com elles os seus compromissos!

A esta situação degradante nos arrastaram os sycophantas da monarchia!

E' por isso que os credores exigem em garantia:

Consignação dos rendimentos das alfandegas do país, — isto é — a morte da nação; «contrôle» ou fiscalisação da applicação das receitas do país, por meio de delegados dos credores — isto é a deshonor!

E ha de o país tolerar tal ignominia? Não, e não! que Portugal não está em condições de se submeter a taes vergonhas.

O que nos falta é uma administração honesta, feita por homens de bem.

Pois em Portugal não haverá homens honrados que substituam os farçantes que nos têm expoliado e envilecido?...

As exigencias dos credores externos — «contrôle» e «consignação de rendimentos» — sam a condemnação dos governos da monarchia.

Roubados

Em alta grita clamaram ontem no parlamento (?) vários deputados... que se não sabe de quem, que o sr. Hintze Ribeiro os havia roubado; que lhes tinha roubado... as suas candidaturas na legislatura passada; que lhes tinha cortado... a sua carreira politica por três annos!

E isto gritavam-no os lindos moços em altas vozes, com largos gestos de indignação.

Roubados, elles, e nas suas candidaturas, a grande coisa!

E bradaram e gritaram...

E não brada, nem grita, nem clama o país, o eternamente roubado no seu dinheiro, pelos ladrões que roubam candidaturas como fazem ao dinheiro da nação!

Roubados, elles...

Alerta

O governo prepara-se para' no caso de o país lhe não consentir o convenio como o tem tramado, apresentar ao parlamento uma proposta com bases para o accôrdo. E nestas bases irá distarçado tudo quanto o governo e os progressistas quizerem que se faça...

Nem convenio, nem bases!

Que não dam garantias nehumas ao país nem o governo nem o parlamento...

Convenio, que o façam homens honestos, administradores honrados!

A revelação

O ex-ministro da fazenda no gabinete progressista, sr. Espregueira, o homem dos expedientes escuros para arranjos financeiros, declarou ha poucos dias a um amigo, o seguinte:

— A continuar o systema de administração que temos tido, dentro de seis annos está aberta a bancarôta da nação sem ninguem lhe poder valêr! Authentico.

Reparemos todos na revelação... e não percâmos tempo!

Carta de Lisboa

13 de fevereiro.

E' de amarguras a hora. Eu sinto-as, como cidadão português. Mas, em meio dellas, a minha alma tem já experimentado suaves impressões de esperança — por crêr num movimento salvador — e de contentamento — por vêr surgirem esforços de valor. E uma das impressões mais gratas ao meu espirito, colhidas neste momento historico, é esta resurreição da **Resistencia**.

O leitor, mesmo o que não tenha o vicio nem a profissão de escrever para o publico, ha de ter reconhecido já o que se pode chamar o habito do jornal. Uma folha, com um determinado formato, um determinado titulo e uma determinada forma de dizer, que durante certo tempo nos entra em casa, passa, natural e insensivelmente, a constituir uma como parte integrante da nossa casa, uma necessidade do nosso viver, sem a qual não podemos passar bem.

Em quem escreve ha uma acção idéntica, mais funda, mais intensa. O individuo, que methodicamente collabora num jornal, que ai regista a sua opinião, que nelle expande o seu sentimento, tomou amor a êsse jornal como a uma parte do seu ser. Se elle lhe falta, n'alma ficou um vacuo que, ainda que não se reconheça como tal, é, com effeito, um vacuo de dôr.

Foi assim que o meu espirito se enlucou quando esta **Resistencia** suspendeu, e é assim que elle hoje se alegra como para saudar um amigo muito querido que resuscita.

Afóra estas razões, de restricto caracter pessoal, que certamente não têm o menor interesse para o publico, outras ainda me levam a pegar na penna com enthusiasmo.

Nestas cartas de Lisboa para a **Resistencia**, eu fallei, com uma insistencia que chegou a ser impertinente, da questão dos credores. Foi êsse, talvez, o assumpto que mais encheu estas cartas.

Pois, quando a questão dos credores surge mais grave do que nunca, os perigos que eu discuti se apresentam mais do que nunca iminentes, resurge a **Resistencia**.

E resurge exactamente pelo aspecto que tomou a questão, em nome dos interesses da Pátria,

E resurge pelo esforço dum grupo de homens que, com a consciencia do tremendo perigo que ameaça a nação, querem por todas as formas evita-lo.

E resurge com o seu velho e considerado titulo, que no instante me parece uma palavra nova, completa, inventada para o momento.

— Este: **Resistencia**.

Resistencia...

Que melhor, que mais justa, que mais oportuna palavra se pode lêr, sentir e escrever no momento?

Que melhor grito, que melhor programma, que melhor bandeira?

Resistencia quer dizer, no momento, consciencia.

Resistencia quer dizer—honra, brio, dignidade, decôr.

Os homens e os partidos que têm arruinado o país procuram vendê-lo, entrega-lo, esmaga-lo. Trama-se para que duma Pátria se faça um vasadouro. Conspira-se para que dum país se faça uma esterqueira.

—O dever brutal é este, immediato, urgente, indiscutível—resistir.

Resistir ou morrer—eis o dilemma.

Mas morrer, neste caso, não é parar, descansar, socegar.

A nação morre, mas fica sob os seus escombros uma multidão esperando a sua morte.

A collectividade de cidadãos portugueses desaparece como uma Pátria livre, mas os cidadãos portugueses ficam a lembrar, a vêr, a sentir a sua ignominia.

Neste caso, morrer não é acabar.—É viver para a vergonha e para o soffrimento.

Venha, pois, a resistencia!

Venha com a *Resistencia*, jornal que representa as aspirações de homens que queiram uma Pátria livre, a resistencia popular, nacional, capaz de salvar, levantar e redimir essa Pátria!

Sam esses os meus votos de cidadão português.

E' essa também a minha fé provocada por varios symptomas da opinião e vivamente estimulada pela resurreição da *Resistencia*, que vale a chegada de mais um bom e valente luctador.

FRANÇA BORGES.

Hasta uma administração honesta das receitas da nação para podermos pagar honradamente aos nossos credores.

Uma victima do convento

Tal é o titulo do emocionante folhetim, que hoje começamos a publicar, devido á prestigiosa pena do illustre escriptor Maximo Rude,

Para elle chamamos especialmente a attenção das nossas leitoras, para que em tam salutares exemplos, que constam do trecho de **Uma victima do convento**, aprendam a livrar-se das mil armadilhas que as *aves negras* estendem para apanhar as suas cubiçadas presas.

A traducção é feita primorosamente, por um nosso distincto collega de redacção, havendo portanto a notar não só as brilhantes e comovedoras scenas do drama que se desenrolla em toda a obra de Maximo Rude, mas as bellezas do estylo, os primores da traducção, feita com arte, por quem sabe.

Estamos certos de que o nosso folhetim deve agradar extraordinariamente, e que **Uma victima do convento** ha de obter um exito brilhante, pois de mais a mais o assumpto tem actualidade.

Vimos na sexta feira nesta cidade o nosso velho correligionario e amigo da Figueira da Foz, sr. Antonio Mendes da Silva.

—Tambem aqui esteve ontem, da mesma cidade, o sr. Manuel Gaspar de Lemos, illustrado membro da commissão municipal republicana e nosso prestimoso amigo.

—Hoje tivemos o gosto de cumprimentar o nosso intelligente, confrade e amigo sr. Henrique de Barros e o sr. Manso, conceituado proprietario da Fabrica de bolachas figueirense, ambos da Figueira da Foz.

EXPEDIENTE

Becomeça a publicação da «RESISTENCIA» determinada pelos mais nobres intuitos de defesa nacional e propaganda partidaria; pedimos, por isso, a todos os nossos antigos assignantes a continuação da sua cooperação valiosa, bem como aos cavalheiros a quem de novo remettemos o jornal. E áquelles que não desejarem honrar-nos com a sua assignatura pedimos a sneza da devolução do presente número, para regularisarmos o expediente.

Associação das creches

Nos ultimos dias têm-se inscripto como socios protectores desta generosa instituição, muitas pessoas, e é de prevêr que os sentimentos de caridade de todas as almas boas tomem sob o seu patrocínio o amparo das creanças no seu primeiro desenvolvimento, auxiliando as creches de Coimbra.

Nos dias de Carnaval os espiritos bons de alguns generosos rapazes estudantes aproveitaram a alegria da occasião para fazerem um sympatico peditório a favor das creches. Mascarados, como ainda hoje querem que se occultem os seus nomes, obtiveram 31950 réis, que no dia immediato entregaram ao thesoureiro da commissão installadora.

Tambem ha dias o grupo dramatico «Eduardo Brazão» deu, no seu theatro em Santa Clara, um beneficio a favor das creches, mas não sabemos ainda a quanto montou o seu producto.

Acções como estas sam dignas do maior louvor, pela delicadeza de sentimentos que traduzem.

Pode haver amor mais santo que o amor das creancinhas?...

Ontem reunia-se a assembleia geral da Associação das Creches, para a eleição dos seus corpos gerentes, sendo votada a seguinte lista:

Assembleia geral

Presidente, Dr. Daniel de Matos; vice prezidente, Dr. José Nazareth; 1.º secretario, Dr. Antonio da Cunha Vaz; 2.º secretario, Jose Augusto Correia de Brito,

Direcção

Presidente, Dr. Philomeno da Camara Mello Cabral; vice-presidente, Dr. Francisco de Freitas Cardoso e Costa; 1.º secretario, José Falcão Ribeiro; 2.º secretario, Frederico Pereira da Graça; thesoureiro, Manuel José Telles; vogaes, Dr. Antonio Aurelio da Costa Ferreira e Cassiano Augusto Martins Ribeiro.

Conselho Fiscal

Dr. Joaquim Augusto de Sousa Refoios, Manuel José da Costa e Gonçalo Baptista da Costa Nazareth.

A consignação do rendimento das alfandegas ao serviço da divida externa é sacrificiar aos estrangeiros a nossa autonomia.

Carnes verdes

Na quinta feira teve logar na camara municipal a abertura das propostas para o fornecimento de carnes verdes por um anno, a começar no 1.º de março. Foram quatro as propostas apresentadas, não tendo sido feita a entrega porque de qualquer dellas não se poder desde logo determinar qual a que offerencia melhores condições.

Por este motivo foi encarregada uma commissão de na proxima quinta feira dar parecer sobre qual é a mais vantajosa.

Fratricídio

Em Reguengos foi commettido um crime que causou profunda sensação. O assassinio duma pobre rapariga de 17 annos de idade, perpetrado por um seu irmão! O criminoso chama-se José Caieiro Gião, não tendo a victima praticado qualquer acto, que justificasse o nefando crime.

O Girão foi prêso, declarando que matou a irmã por ha muito ter feito tenção disso.

No Porto tambem um pedreiro, de nome José Ferreira, tentou assassinar um irmão, a golpes de podão, tendo-o previamente conduzido por engano para um pinheiral deserto.

Depois de ter prostrado o Manuel Ferreira, que assim se chama a victima, roubou lhe uns vintens e a chave da casa, retirando-se convicto de o ter morto.

Umias pessoas que passaram pelo sitio onde se deu a sangui-nolenta scena, é que deram com o ferido, quasi exausto de forças.

O assassino está prêso e por certo soffrerá a pena do seu crime... se não houver galopim eleitoral que o envolva naquella celebre capa da politica!

O governo já não mantém as declarações que fazia—de não admitir contrôles nem consignação do rendimento das alfandegas para base do convenio.

De mal para peor

João Antonio de Sousa e seu filho Abel de Sousa, naturaes de Vianna do Castello, tendo sido mordidos por um cão raivoso, nos principios do passado mês, dirigiram-se a Lisboa, afim de receberem tratamento no Instituto Bacteriologico, trazendo uma guia de identidade passada pelo governador civil daquelle districto.

Pois a *sabia* policia lisboeta prendeu os dois infelizes, declarando-os vadios, apesar dos seus protestos, e remetteu-os para o juizo de instrucção criminal, donde foram mandados para o tribunal, recolhendo por fim ao Limoeiro.

E quem valeu aos Sousas nas suas desventuras foi o director da cadeia do Limoeiro, a quem se queixaram, que officiou ao governador civil de Lisboa, e este por sua vez ao de Vianna do Castello, vindo de lá resposta conforme ás queixas dos encarcerados, sendo estes por fim postos em liberdade, dando entrada no Instituto para se tratarem.

E eis aqui como muitas vezes a policia de Lisboa *arranja* vadios para mandar para a Africa, e como duma arbitrariedade podem resultar consequencias funestissimas!

E não se castigam estes excessos de zelo da prestimoso policia...

Mesa com embutidos e talha

Em casa do sr. Thomás Pombar está em exposição uma rica mesa, com embutidos de marfim e obras de talha, que é um exemplar digno de ver se.

O sr. Pombar está encarregado da sua venda, por isso aqui deixamos este aviso aos amadores de bom gosto.

Na secção competente publicamos o annuncio.

Os tunos de Valladolid

Hontem, um dia de sol consolador vinha reparar a quebreira dos ultimos dias chuvosos.

Da vice-reitoria immanára a caganifancia de dispensar das aulas os alumnos e os professores, que, ao acaso das pernas, quizessem ir dar uma volta pelos arrabaldes poeticos desta Coimbra famosa.

A academia aproveitou: á tarde chegava a tuna e era preciso espanejar ao sol os tropos mais celebrados, puxar o polimento ao estafado escudo de latão, contra o qual a velha e diuretica rethorica devia esgrimir os seus golpes pomposos.

Pela cidade corria um rumor espevitado. E, se não pode affirmar-se com o Accacio local *que Coimbra vestia louçã as suas galas*, pode, comtudo, dizer-se que muita menina mudou de roupas brancas.

Na verdade, a ancia com que era aguardada pelos estudantes a tuna de Valladolid, aguçando a curiosidade indigena, transformou a sua chegada num verdadeiro acontecimento. Assim, pelas cinco da tarde não havia menina casadoira, que não passasse a baixa, endomingada, de saias no ar, procurando com um desembaraço demoniaco a janella promettida pelo mercieiro fornecedor.

E assim se ia... até que, pelas seis horas o comboio, entrando as agulhas, logo irrompeu, caloroso e vibrante, o estridular dos vivas e dos foguetes.

Depois:—... Ovação delirante! Pausa! Hymno Academico pela *Boa União*!

Viva a Espanha! Viva Portugal! Agitam-se capas, abrem-se carruagens e hespanhoes e portugueses cahem-se nos braços como velhos amigos, como camaradas antigos.

O abraço é penhorante, o *shake hands* fraterno.

As tunas trocam as bandeiras, a commoção sobe de ponto.

Depois:—... começa o desenrollar inalteravel do invariavel programma da solemnidade destas occasiões. Em scena são postos os mesmos trucs. Ao cumprimento é dada a mesma formula. E' como a lista dos nossos restaurantes: imprime-se uma vez.

Recepção official no theatro-circo, Reitor (que por signal é *vice*), Camara Municipal, Auctoridades, Bombeiros, Museus, Monumentos, etc., etc., (vide *Roteiro Illustrado*, typ. Albino Caetano.

Numero um. Desfila o cortejo para o circo, immunda e húmida ratoeira, onde os que se esqueçam do casaco de abafar e do guarda-chuva correm o perigo imminente de intercalar á noite perdida pelo menos uma simples pneumonio.

Acompanhemos:

O cortejo entra á Rua Ferreira Borges: á frente a *Boa União*, muitos estudantes, quatro archotes, alguns balões, e espalhados por aquella enorme massa negra de capas e batinas os quarenta rapazes hespanhoes, muito garridos nas suas fitas multicores, moços despreoccupados, a tiracollo a banza, o sorriso engatilhado, alegres com a recepção dos seus collegas de cá, que, sem enthusiasmos, mas cortezes, os receberam com espontanea galhardia.

Pela Ferreira Borges e Visconde da Luz algumas casas illuminadas, bastantes colchas e sobretudo muitas damas, acariciando com o seu olhar languido e amortecido os quarenta tunos garbosos. Ahi os têm...

Passam agora á Praça 8 de Maio: Paços Municipaes illuminados e girandola estala por conta da camara. Pela aorta da cidade a animação é viva e extranha, dando, á vista deshabitada, a

impressão duma travessa honesta de terra grande.

Subamos ao Corpo de Deus, a cortar caminho para o theatro. O apertão é enorme, creanças guincham trazidas p'r'alli pela imprevidencia estúpida de mães sem criterio. Tudo cheio. O Lucas pensava: que linda casa para um beneficiosinho.

Uma voz falla: é o sr. Augusto de Castro, quintanista de direito. Nem ideias, nem figura. É distincto: coisas da Universidade. Felizmente não massa o publico. E' breve. Dá as boas vindas e cita Cervantes. Ovação!

Falla Costa Ferreira. E' homem de miolos, apesar de ser da altura do orador precedente. Prejudica-o, comtudo, a sua voz fraca. É tambem breve. Cae-lhe o monóculo, abraça um tuno. Ovação!

Agradece o presidente da Tuna D. Mauro. Mais alto do que Augusto de Castro é tambem mais trigueiro e um pouco mais de bigode. É sympático. Falta-lhe o fogo peninsular. Affirma que da união académica, deve resultar o levantamento dos dois países decadentes. Cita Camões e acaba. Ovação e mais Ovação!

Os outros oradores estão inscriptos para os logares do costume. Continuaremos.

Do programma, distribuido pela commissão dos festejos, consta:

Segunda-feira, 17—Visitas ao Governo Civil, Quartel-general e regimento 23. A' noite havevá no *Instituto* uma sessão solemne organizada pela Tuna de Coimbra.

Terça-feira, 18—Visita aos monumentos e arrabaldes da cidade, devendo as visitas á Universidade e Museu ter logar entre o meio dia e as 3 horas da tarde.

Finalmente, a Academia de Coimbra offerecerá neste dia aos seus illustres hospedes, um banquete de despedida.

Os partidos do governo têm feito uma administração deshonesta, motivo porque nelles não confiam os credores externos.

ASSOCIAÇÃO DOS ARTISTAS

Pedi a sua demissão de clínico desta associação, o distincto médico e sub-delegado de saude nesta cidade sr. dr. Freitas Costa.

Companhia Taveira

Effectuou-se hontem, com grande affluencia de espectadores a 1.ª recita de assignatura, que a companhia dirigida pelo distincto actor Taveira deu no Theatro Principe Real desta cidade.

Subiu á scena a conhecida e popular *Mascotte*, que foi correctamente desempenhada por todos os artistas que nella tomaram parte.

Hoje sobe á scena, em 2.ª recita de assignatura, a ópera cómica em 3 actos e 4 quadros, do sr. Clarville e Gabet, *Os Sinos de Corneville*.

Na segunda feira será representada a engraçada revista de E. Schvalbach *Nicles*, sendo os numeros de música do maestro Filipe Duarte. E' a 3.ª recita de assignatura.

Na terça feira realisa-se a 4.ª e ultima recita de assignatura com o applaudido *Solar dos Barrigas*. A *mise-en scene* é do actor Taveira e a direcção musical de Nicolino Milano.

A empresa Santos Lucas é mecedora de elogio: por ter proporcionado aos habitantes de Coimbra o ensejo de passarem 4 noites alegremente.

RATICES

Numa cidade de Espanha havia uma praça e, como é de uso, com os respectivos bancos em redor, para descanso dos passeantes e commodidade dos ociosos.

Nessa praça ostentava-se um bello edificio publico, com brisa guarda e sentinella apumada e vigilante, de arma ao hombro, passando e repassando em frente da porta.

Um dia o banco mais proximo do posto marcial cedeu ás intemperies e ao caruncho, e foi mister renovar-lhe o assento de bom pinho, e pintá-lo de verde, segundo o preceito.

Finda a obra o brochante pediu providentemente ao cabo da guarda que, enquanto a tinta não seccasse, não consentisse que alguém se sentasse, a bem da pintura do estado e das calças dos cidadãos.

A ordem foi militarmente transmitida e pontualmente acatada. Ninguém mais se sentou no banco!...

Volvidos vinte annos, a madeira exigiu nova reparação; e só então se suscitou o reparo da inutilidade desse banco, em que ninguém ousava tocar. E a curiosidade subversiva pôde então averiguar que uma tal prohibição representava um desses despautérios rotineiros, que nas sociedades bem policiadas toda a gente respeita, em nome da ordem e do prestígio da autoridade.

E' olhar em redor de nós, para se pasmar de quantas pequenas e futeis violencias se serve o alarde da força! Chega-se a não se comprehender que exista uma unidade de poder, que se não afirme por uma centena de prohibições.

Tudo se regula e se prohibe, desde o transitio pelas ruas, que sam nossas, até á manifestação de opiniões, que nos pertencem.

Negam-nos e esbulham-nos de todos os direitos e regalias, que deveriam ser intangíveis, como se neste mundo vivermos por tolerancia e mercê dos régulos que se apossaram do mando, d'elle usam e abusam, como lhes apraz.

Estas considerações vêm a propósito d'um facto excepcionalmente comico que se dá, a despeito

(1) Folhetim da "RESISTENCIA,"

MAXIME RUDE

UMA VICTIMA DO CONVENTO

Mesmo no centro da cidade de Bayeux, que Balzac descreveu em um dos seus romances, com a maravilhosa exactidão do costume, não deixando margem para um retoque, ha todavia um sitio mysterioso, em que não mergulhou o olhar do grande investigador, e onde vamos entrar, á vontade do leitor, ou pela rua de São João, ou pela bitesga da rua de São Victor.

E' o convento do Hôtel Dieu. Allí, á sombra do hospital em que agonizam os pobres e os desesperados, as filhas dos mais ricos ou das familias mais orgulhosas, aquellas a quem o nome, a fortuna, ou a belleza abriam o futuro feliz e soberbo, pelo menos em sonhos, eram educadas, na época em que fallamos, pelas irmãs de Santo Agostinho.

Por outro lado, aquelle convento era o refugio de soffrimentos Moraes que faziam *pendant* ás misérias do hospicio. As mulheres, cheias do antigo orgulho aristocrático daquella região, que eram pobres de mais para occuparem um lugar na sociedade á luz do

dos protestos de muita gente, todos os dias repetidos.

Ora vejam. Ha annos foi vedado o mercado conimbricense com cancellas nas duas entradas lateraes.

Acto continuo, por alvedrio do vereador do pelouro respectivo, ordenou-se que a cancella do sul, de mais facil accesso ás gentes do bairro alto, se fechasse ás onze horas. Depois d'esta hora os retardatarios ficariam obrigados a buscar a entrada principal.

Os curiosos prescrutavam os arcanos d'esta luminosa medida e parece ter-se averiguado, que era uma precaução, afim de evitar a introdução de contrabando no mercado... depois das onze horas da manhã!

Para bem avaliar de todo a jovialidade e talento d'esta intressante disposição, basta saber-se que a grade e o muro não têm metro e meio de altura!

Isto passou-se ha annos e succederam novos vereadores.

Pois ainda hoje a cancella se fecha á hora estipulada, decerto por simples automatismo da rotina, que o desespero quotidiano das sopeiras da alta não logra conjurar!

Quando a cancella apodrecer a exemplo do banco, talvez as reclamações sejam ouvidas!...

O convento, que o governo se empenha em fazer com os credores externos, é a deshonra da nação.

As creches de Coimbra

Por iniciativa da Associação Liberal de Coimbra, e a esforços do seu presidente o sr. conselheiro dr. Bernardino Machado, inaugurou-se no dia 8 de maio ultimo, solemnizando aquella data memoravel para esta cidade, a primeira creche, que, começando a funcionar regularmente, até hoje tem agasalhado e mantido uma frequência media de dez creanças. Muitos têm sido os pedidos para admissão d'outras muitas que carecem do carinhoso auxilio da creche, mas a falta de meios não tem permitido a sua admissão.

E' pena porem ter de confessar que numa cidade que carecia de 3 ou 4 creches, ha difficuldade em manter uma apenas.

E' triste ter de confessar que,

sol; as que só tinham encontrado no casamento a desgraça irreparavel, e á quem a separação de corpo tinha partido a vida; as viúvas que queriam refazer-se, afastadas, das suas primeiras saudades, ou pôrem se ao abrigo das más linguas das terras pequenas; as orphãs que não podiam entrar sózinhas na sociedade, ou para quem a perda dos paes tinha sido desabar de todas as esperanças; as desherdadas da fortuna, de cada especie formaram o curioso grupo das *senhoras recolhidas*.

As primeiras, pelo nome e pela situação que occupavam no convento, eram duas irmãs velhas, que toda a gente chamava, com um respeito visível; as *meninas de Fayolles*.

Habitavam, ao fundo dos jardins que eram grandes, um pavilhão com uma fachada de tijollo e persianas verdes, para onde vão por uma ponte rustica, lançada sobre o Odon, que atravessa aquelle retiro religioso.

A' direita os choupos da ribeira faziam-lhe uma cortina de verdura; á esquerda uma espessa sébe de murta encubria em parte as sepulturas do antigo cemiterio do convento.

Tudo aquillo era bastante monotonico, apezar da corrente do Odon, que cantava alegremente ao atravessar o jardim; mas as

se não fosse a dedicação extraordinaria do digno presidente da commissão installadora da creche o sr. dr. Philomeno da Camara, e de um pequeno grupo de pessoas que o têm auxiliado, a creche não se teria podido manter.

Mas foi sempre nossa crença que tão util instituição não podia morrer ao nascer, sem que esta cidade desse um exemplo que não é das tradições patrias. Entre os mais antigos países da Europa em que uma civilização superior inspirou a necessidade da assistencia aos invalidos e desprotegidos da fortuna, assignala-se a terra Lusitana. Quasi desde a fundação da monarchia ha noticia historica da fundação de hospitaes e casas de piedade á custa de cidadãos benemeritos e de associações. Actualmente as nossas misericordias são instituições assás prosperas, e essa prosperidade não é devida á exploração torpe de superstições, como era e foi a de muitas ordens religiosas, mas sim, em geral, aos mais genuinos sentimentos de caridade.

E se, entre os infelizes mais dignos de protecção, sobresahem ainda as creancinhas, que em caso algum foram causa da sua desgraça e que são esperanças a desabrochar para o futuro da patria, porque hade haver difficuldade em sustentar as instituições que melhor se adaptam á sua felicidade e que maior somma de beneficios materiaes e moraes lhes podem acarretar?

A resposta é facil:— apenas porque hoje pouca gente conhece as creches; porque a sua existencia incipiente é pouco lembrada; porque a caridade não está orientada a seu respeito.

Ensinemos o que é a creche, tornemos conhecidas as suas vantagens para a infancia; para o levantamento material e moral das familias pobres; para a hygiene social sob todos os pontos de vista, e veremos como a creche, prospera, como a creche, que é uma instituição adoravel, será uma instituição adorada.

Nesse intuito continuaremos a occupar-nos do assumpto.

Além doutros originaes ficam em nosso poder duas correspondências, sendo uma da Figueira e outra de Cantanhede, que não publicamos no presente numero por absoluta falta de espaço.

meninas de Fayolles não tinham vindo procurar naquelle meio as delicias ordinarias da solidão, com as alegrias harmoniosas da verdura e da agua.

A mais velha, Aurelia, tinha quarenta e oito annos. Era baixa, magra e tam secca que se chegava a imaginar que ia quebrar, quando curvava as costas. Sob sobrancelhas muito espessas os seus olhos pretos brilhavam com um fogo que illuminava de maldade a côr bilosa do rosto; o nariz arrebitava com impertinencia, e o lábio inferior estendia-se, carregado de inveja e desdem. Sempre vestida de escuro, era ella a que trazia nas orelhas e nos dedos os diamantes que completavam com cinco mil libras de renda, quando muito, a herança das duas irmãs.

Carolina, a mais nova, quando se referia a ella, chamava-lhe sempre — mademoiselle de Fayolles — Deante de Aurelia, escondia-se, ou antes parecia não existir. Alta e forte, dobrava-se complacientemente ás ordens daquella cana que tinha interiormente uma aste de ferro. Com os olhos da côr da fiação azul, o nariz comprido, recurvado sobre os lábios estupidamente entreabertos, era a imagem placida da nullidade.

Havia já annos que tinha chegado ao convento, como alumna

CHRÓNICA

Molinhôso e sórna, com a sua *gandareza* e o seu *Manel* — ahi tivemos o Entrudo.

O *Diario de Noticias* — e tambem o *Paixão* — ambos se desunham contra a *licenciosidade* da época, e tudo é affirmarem que o povo bruto e rude dá largas a isto, e se sacia daquillo, e obra feitos do demonio.

Pois, não senhores. O povo bruto e rude tomara que o deixassem.

Parece que dá largas aos cordões da bolsa, todo o anno, p'ra regalaro das gentes; e como nunca se saciou de coisissima nenhuma, o misero — hum!... tambem não obrará agora por ai além!

De fórma que, nesta lendaria terra da esturdia e da troça, onde toda a gente tem infinita graça — principalmente a graça infinita de Deus — e apesar da decidida boa vontade das camaras municipaes, que têm caprichado em manter a cidade prompta a servir de Veneza, p'ra uma falta, com o rio a passear livremente cá por dentro e o Rato a entoar *barcarollas*, á luz meiga do luar, eu estou habilitado a dizer-lhes, acerca do Carnaval — que veio a cheia do Mondego, e da Figueira chegou um barquinho a vapor.

E não é porque não haja por ai, durante o anno, typos carnavalescos. Mas que querem? Dá-lhes para se disfarçarem no Entrudo... Pessim costume, caramba, que nem uma pessoa pôde gargalhar o seu bocado, á terça-feira gorda!

No mesmo *Diario de Noticias* — e vá a insistencia sem *parti-pris* — um homem de bom gosto lá protesta, e muito bem, contra esta semsaboria do Carnaval portuguez — citando com admiração as festas de qualquer parte, onde a auctoridade até incita e premeia leslumbantes cortejos de cavalgados, vaccalgados e analgados. Critério bem differente, com effeito, do das auctoridades portuguezas.

Porque, entre nós, ainda poderiam premiar-se os cavalgados. Os vaccalgados, emfim, estou que se toleravam.

Agora enquanto aos analgados,

interna, uma pequena prima da quellas velhas senhoras, chamada Herminia de Croizy. Tinha doze annos, quando passou pela primeira vez debaixo da porta do convento que fechava a bitesga monástica da rua de São Victor. A mãe viera com ella. Viuva recente dum marido, era quem o sentimento de autoridade domestica illuminava os outros todos, fizera da filha uma creança cheia de mimo. Consolava-a assim secretamente, e com uma inextogavel expansão de ternura, da severidade paterna, que a vida recatada do campo, numa pequena propriedade perto de Haccourt, tornava mais sensível e mais dura.

A senhora de Croizy tinha a felicidade de pensar, que suas primas (a mãe d'ella era uma de Fayolles) estavam recolhidas no convento de Bayeux e podiam por isso ter com Herminia uma solicitude constante, que consolava a filha, se não lograsse até fazer-lhe esquecer o carinho materno. Na sua noble simplicidade, não suspeitava que podesse acontecer outra cousa e estava ainda cheia de confiança depois da visita a Aurelia de Fayolles, que era a cabeça da familia, apesar das quatro pessoas que tinham sido lembradas e avivadas naquella entrevista.

(Continua).

supposto que o a esteja ali como prelixo, segundo manda o Epifanio, a significar privação de...

Eu lhe digo, meu senhor: as auctoridades portuguezas, convem-lhes que a gente o tenha — e que tenha mesmo muito!

Em Lisboa, é que dizem que esteve aquillo divertido.

Em primeiro lugar, mandou-se distribuir á camara dos pares 150 volumes do *Entre duas revoluções*.

Desta fórma, o auctor poderá dentro em pouco pôr tabolêta, com os seguintes dizeres:

BARBOSA COLEN,
HOMEM DE LETTRAS,
REDACTOR DAS NOVIDADES,
FORNECEDOR DA CAMARA DOS
DIGNOS PARES DO REINO
E DE QUASI TODOS OS SOBERANOS
DA EUROPA
EXTRA-SÊCCO N.º 3.

Além do que, houve ainda o baile de S. Carlos.

O *Seculo*, depois de accentuar que foi uma *folia pegada*, a que até S. M. a rainha se associou a esfrega as mãos de contente e todo se derrete de puro jubilo, não só porque não houve cabeças partidas, mas ainda porque nem ao menos se deram, diz elle, trocas de murros.

Por certo, collega, por certo. Na festa em que tomou parte a côrte, como no salsifré do Zé Azeiteiro — não houve por acaso incidentes policiaes, nem navalhadas a lamentar, louvado seja Nosso Senhor.

Ah! que o collega, brinca brincando, está-nos saindo republicano!...

E já nos esquecia falar no *Gremio Litterario Recreativo* — que tambem teve três elegantes bailes.

Por fórma nenhuma pretendemos intervir na administração interna da casa; mas manda a verdade dizer que aquillo tem sido um céo aberto, um verdadeiro delirio de bailes. De tal maneira que o *Gremio*, segundo se tem visto, se nem por isso é lá agora muito litterario, é, sem duvida alguma, immensamente recreativo.

Valha-nos pelo menos a certeza de que, installado no quartel da guarda fiscal, por todos os cantos cercado de guardas fiscaes, contando como socios todos os officiaes da guarda fiscal — não se fará, no *Gremio*, litteratura... de contrabando.

Esphinge.

Correspondências

A redacção da *Resistencia* acceita e agradece quaesquer escriptos de interesse geral que lhe sejam enviados pelos seus leitores.

Publicará tambem as correspondências que os seus estimaveis correligionarios lhe enviem das differentes localidades, desde que venham escriptas em devidos termos e nellas não haja referencias offensivas a quaesquer pessoas, ficando a responsabilidade das correspondências, quer juridica quer moral, exclusivamente aos seus auctores.

A *Resistencia* conta com dedicados correspondentes em quasi todos os concelhos do districto de Coimbra e em outras localidades de importancia, os quaes nos proximos numeros começaram a enviar-nos os seus escriptos.

OFFICINA TYPOGRAPHICA

Proprietario — MANUEL DOS REIS GOMES

7—RUA MARTINS DE CARVALHO—9

COIMBRA

Impressões de livros, folhetos, diplomas, avisos, mappas, facturas, recibos, circulares, prospectos, memoranduns, etc.

Timbragem de papel e enveloppes.

JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges

COIMBRA

Esta casa encarega-se da collocação de PARA-RAIOS e CAMPAINHAS ELECTRICAS pela Casa Ramos & Silva, de Lisboa. Toma conta de encomenda de qualquer artigo que tenha de ser feita directamente com o estrangeiro.

Fornecer pelos preços do catálogo COFRES À PROVA DE FOGO da casa João Thomás Cardoso & Filhos, do Porto, que são os mais garantidos.

Também se encarrega de qualquer obra de serralheiro, como: gradeamentos, portões, fogões e reparações mechánicas de qualquer natureza.

CASA INNOCENCIA

CONFETARIA E MERCEARIA

RUA FERREIRA BORGES — 91 a 97 (CACÇADA)

VENDAS POR GROSSO E A RETALHO

Em breve devem estar prontas as tabellas de preços de amêndoa e mais artigos de Confeitaria e Conservaria, fabricados nesta casa, a mais antiga de Coimbra e que maior sortimento tem.

Os artigos desta casa, têm sido premiados nas exposições a que têm concorrido.

Mandam-se tabellas de preços a quem as pedir.

Nesta casa encontram-se vários artigos de Mercearia, de primeira qualidade.

Vende todos os artigos pelos mínimos preços, garantindo a sua e asseio na fabricação.

Dirigir correspondência a

Innocência & Sobrinho — Coimbra

REDUCCÃO DE PREÇOS

Estabelecimento de João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges

(Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Esta casa que em Coimbra tem melhor sortido tanto em ferragens e materiaes de construção como em cutilaria, artigos de fantasia e utensilios de cozinha e mesa, participa a todos os seus freguêses, e ao publico em geral, que acaba de peduzir bastante o preço de quasi todos os seus artigos.

As condições em que faz todas as suas compras directamente nas principaes praças estrangeiras e fabricas portuguezas, são uma garantia de que pôde vender em melhores condições do que qualquer outra casa desta cidade.

REWOLVERS

Saint Etienne

Com ballas blindadas de aço e de pólvora branca sem fumo, muito portateis e de grande alcance.

JOÃO GOMES MOREIRA

EM FRENTE DO ARCO D'ALMEDINA

COIMBRA

Mesa rica

Thomás Pombar com estabelecimento de Bria à-brac, tabacos e oculista na rua Ferreira Borges, em frente ao Arco d'Almedina, tem para vender uma mesa de pau preto e sândalo, com embutidos de marfim e obra de talha. Quem a pretender pôde ir vê-la ao seu estabelecimento onde está em exposição.

PECUINCHA

LINHOS E ATOALHADOS DE GUIMARÃES

Ha para liquidar grande quantidade de toelhas de mesa e guardanapos de linho e algodão, toelhas para rôsto em linho, algodão e felpa. Colchas, panno de linho e algodão para lençoes, pannos para mesa, etc, etc, por preços excepcionaes.

Quem precisar, queira dirigir-se ao estabelecimento de ferragens e utensilios de cozinha e mesa de João Gomes Moreira — Rua Ferreira Borges — (em frente ao Arco d'Almedina — Coimbra.

ROTULOS

parapharmacias, mercearias, livreiros, etc., imprimem-se na typographia de M. Reis Gomes, rua Martins do Carvalho, 7 Coimbra.

Phonographos e grande variedade de cylindros impressos com canções populares, cançonetas, óperas, zarzuellas, bandas, operetas cómicas, revistas, fados, etc. etc.

JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges

COIMBRA

PASTELARIA E CONFETARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

N'esta casa, regularmente montada no género de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos d'esta natureza.

Doces de ovos dos mais finos paladares e delicados gostos, denominados *doces sortidos*, para chá e *soirées*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumera-la.

Doces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em sêcco, como crystalisados, a rivalisar com os estrangeiros.

Pastelaria em todos os géneros e qualidades, o que ha de mais fino e saboroso, especializando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa phantasia, denominadas *Centros de mesa*, *Castellos*, *Jarrões*, *Lyras*, *Floreiras*, *Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.

Podings, Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá, café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo systêma de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira Moscatel, Collares, Champagne, Cognacs, Licores finos, etc., das meliores marcas nacionaes e estrangeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amêndoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo-se a pureza dos asucares com que são fabricadas.

Conservas nacionaes e estrangeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyère, Prato, Roque fort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

A B C

DO POVO

Para aprender a ler

POR

TRINDADE COELHO

COM DESENHOS DE

Raphael Bordallo Pinheiro

50 paginas luxuosamente illustradas

AVULSO 50 REIS, PELO CORREIO 60 REIS

Descontos para revenda: até 500 exemplares, 20% de desconto; de 500 até 1000 exemplares, 25%; de 1000 a 5000 exemplares, 30%

A venda em todas as livrarias do paiz, lhas e ultramar e na casa editora

LIVRARIA AILLAUD

Rua do Ouro, 242, 1.º — LISBOA

Accitam-se correspondentes em toda a parte

FACULHAS e envelopes

Typ. de M. Reis Gomes, rua Martins de Carvalho, 7 e 9 — Coimbra

Espingardas

De fogo central e de carregar pela bôcca. Vendem-se com grande abatimento.

VENDAS A PRESTAÇÕES

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges — COIMBRA

Bibliotheca Popular

Empreza editora de publicações illustradas

162, 1.º — Rua da Rosa, — 162, 1.º LISBOA

Em publicação as obras completas de Paulo de Kock, das quaes está já em distribuição o primeiro volume nitidamente impresso e primorosamente illustrado com esplendidas photo-gravuras, ao preço de

60 rs. — O volume — rs. 60

Publica-se 1 vol. nos dias 1 e 15 de cada mez.

SILVA & FILHO

Fábrica manual de calçado e tamancos e depósito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

RESISTENCIA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilhas:

Anno..... 2\$700
Semestre..... 1\$350
Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 2\$400
Semestre..... 1\$200
Trimestre..... 600

Avulso 40 réis

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50%.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal for honrado.

RESISTENCIA

Editor

Manuel d'Oliveira Amaral

Publica-se aos domingos e quintas feiras

Officina typographica

Rua Martins de Carvalho, 7 e 9

N.º 675

COIMBRA — Quinta feira, 20 de fevereiro de 1902

7.º ANNO

Jogo encoberto

Perante as graves circunstancias que atravessa o país, em que se ouvem clamando as vozes sinceras d'aquelles que sentem na alma um impulso vehemente de patriotismo, batalhando por que não chegue a consummar-se a obra nefanda do convenio com os credores externos, parece que todos aquelles que ostensiva e ruidosamente se separaram dos partidos do governo, protestando em altas vozes contra os seus processos criminosos de administração, deveriam vir, para conferencias e comícios e jornaes, bradar contra a armadilha que se prepara aos interesses e honra da nação.

Mas vêmos isso? não.

Dos homens publicos de responsabilidades directas ou indirectas no estado do país, só dois, os srs. Dias Ferreira e Fuschini, vieram expôr ao país em conferencias illucidativas e notaveis pelo rigor e sinceridade da exposição, o perigo enorme a que está sujeita a nacionalidade portugueza. Da cidade que elles fizeram tribuna do seu ataque, visto lhes estar vedada a tribuna do parlamento para assumpto de tam capital importancia, partiú um convite a outro homem de estado, de responsabilidades enormes ligadas á situação dos negocios publicos em Portugal, para que elle fôsse expôr a sua maneira de considerar as circunstancias do país perante o convenio, o que sente, e o que deve fazer o país; mas esse homem publico, que ainda ha pouco se afastou dos seus cumplices d'ontem, apregoando novos processos de administração e vida nova, encerrou-se na desculpa banal, futil e incorrecta de não ir ao cumprimento do seu dever por lh'o não permittir o seu estado de saude! E não consta que elle esteja doente; e sabe-se que não está doente. . . E doente que estivera, o seu dever seria declarar que apenas o seu estado de saude lh'o permittisse iria áquella tribuna honrada, visto de mais a mais não ter voz no parlamento, expôr á nação o que lhe parecesse util sobre a marcha dos negocios do Estado; sobre os processos novos de administração, que advoga, sobre as circunstancias da nação perante as exigencias dos credores externos, em-

fim, afirmar-se como homem publico com que o país pudesse contar.

Mas não foi, refecemente se recusou a ir!

Este homem é o sr. João Franco, de responsabilidades tremendas perante o país, não só pela sua acção preponderante exercida em mais do que um ministerio; não só pela sua situação especial na politica monarchica durante muitos annos, tendo collaborado e cooperado com o partido regenerador em todos os seus actos de administração e de politica de ha dez annos, pelo menos, a esta parte, mas ainda e sobretudo pela situação especial que se creou afastando-se dos seus cumplices e amigos de ha pouco para estabelecer á parte a sua tenda de campanha, em que arvorou uma bandeira nova!

Pois então o sr. João Franco, chefe dum grupo que pretende ser um partido politico de governo, disputando eleições por esse país além, fazendo crêr, pela voz dos seus amigos fieis, que em si está a salvação do país, a reorganização das finanças, o restabelecimento do credito da nação, numa questão como a presente, a mais grave, a mais critica que temos atravessado nos ultimos annos, em que se encontra em jogo a honra e a independencia nacionaes, não levanta nas mãos a sua bandeira de combate, desfaldando-a bem alto para que todos a vejam, proclamando ao país o que pensa e o que deseja para salvação de todos nós?! Onde está a demonstração de que pode haver confiança no *franquismo*? Que processos sam os seus, que ideias sam as suas? . . .

Se nas suas reservas de politico habilidoso entende que não deve apresentar um programma, porque o não esboça ao menos?

E se nem uma indicação quer dar, ao menos, do que seja esse programma que, por certo, não tem, o sr. João Franco foi convidado á pronunciar-se sobre um caso concreto, instante, urgente, qual é o convenio com os credores externos. Acha bem que tal convenio se faça com a consignação dos rendimentos das alfandegas e a fiscalização estrangeira, ou não?

E' o que o país carece de saber do chefe dos franquistas. . .

Mas sam faceis de prever os

motivos por que o sr. João Franco se não pronuncia. O convenio é um nó difficil de desatar e muito capaz até de estrangular os ministros que o fizerem; façam-no bem, façam-no mal, antes a responsabilidade delle fique aos regeneradores que aos franquistas; e então, porque o sr. João Franco está na esperança de que o vá arrancar á sua charrua de Cincinnati a mão munificente d'el-rei, cheia de clemencia, prefere ser elevado ás culminancias de chefe de governo sem encontrar as difficuldades dum convenio com os credores externos. E em tal caso, o que lhe convem é não levantar difficuldades á acção do sr. Hintze Ribeiro, embora haja a certeza de que esse convenio virá a ser a morte da nação!

E' muito mais commodo deixar-se ficar descançadamente á porta da sua tenda a entoar pela milésima vez a lenda da sua moralidade, do que envolver a sua bandeira nova na frágua dos combates. Não vá ella apanhar algum farpão, embora honroso, por combater pela patria, que a não deixe entrar amanhã, reverente e lúsidia do panninho em fôlha, no paço das Necessidades. . .

Que o sr. João Franco assim raciocina, neste raciocínio, manhoso e sorna de politico da rotação, demonstra-o a sua reserva significativa e calculada. . .

Pois o momento actual não é proprio de phrases embocadas e gestos de phariseu!

Urge que todos os portuguezes, que de tal se presam e que se orgulham de o continuar a ser, sejam monarchicos, sejam republicanos ou socialistas, se unam e se congreguem para combater e aniquillar o inimigo commum, — o governo que pretender contractar o convenio, com administração estrangeira, consignação de rendimentos, ou quaesquer clausulas incompativeis com as circunstancias ou a soberania da nação!

Seja quem fôr que o contracte; e quem não combater tam criminoso tractado, torna-se cumplice daquelles que pretendem salvar-se á custa da deshonra da nação. . .

O convenio, que o governo se empenha em fazer com os credores externos, é a des-honra da nação.

OS DOIS

Noticiam varios collegas que o sr. conselheiro Alpoim conferenciou, mais uma vez, largamente, com o sr. ministro da marinha.

Inimigos politicos em publico, amigos intimos particularmente! Alijó e a Rede em festa; o povo cada vez mais encravado. . .

Dois figurantes exhibindo as suas habilidades no palco da politica portugueza.

A cl-que dos cevado-cratas applaude-os; que os espectadores honestos os corram a tacão e assobio.

Que honra e proveito não cabem no mesmo sacco.

O convenio

Sam cada vez mais inquietadoras as noticias que circulam sobre o convenio que o governo quer fazer com os credores estrangeiros.

O *Imparcial*, informa que o governo telegraphára ao sr. Canilho, para que este, por qualquer maneira que fosse, conseguisse um accordo com os credores!

Decididamente os governantes, ou estão doidos, ou têm interesses extraordinarios em esmagar o país, ferindo-o profundamente na sua honra e na sua independencia.

Com um descaramento e impudencia extraordinarios, reptam o país para um combate, que ou conduz á abjecção e perda da sua autonomia, ou á sua rehabilitação, se tiver forças para esmagar quem pretende esmagalo.

Ou a monarchia se consolida, por meio da fiscalização estrangeira, ou a republica se implanta por meio da revolução popular.

Eis o dilemma, em que um governo de aventureiros colloca o país.

O JORNAL

Com este titulo começou a publicar-se na capital um novo diario.

Affirma-se paladino dos immortaes principios progressistas, e diz inspirar-se somente nas indicações do seu chefe José Luciano de Castro.

Com tal morcego da politica caseira por guia é quasi certo que o seu vôo altaneiro levará breve o *Jornal* á treva do subsidio. Até porque o surgir de tanto progressista ao redor de sua bandeira, — não confundir com gamella, — parece legitimar que á porta da regeneração a rapaziada grite:

Nesta casa cheira a unto. . . Ora, longa vida e prosperidades.

As *Novidades*, com aquella ironia que todos lhe conhecemos, falla da soberania do povo, a proposito duma manifestação que os espectadores de S. Carlos fizeram na quinta feira por o theatro estar ainda mascarrado com os restos dos projecteis carnavalescos.

Ora as opiniões das *Novidades* sam sobrejamente conhecidas, as

sim como sam sobrejamente conhecidas as causas que têm levado o povo a não fazer valer como deve a tal soberania, a que tam mordentemente allude o jornal palaciano.

E felizmente para as *Novidades*, que a soberania do povo ha muito que é quasi um mytho; porque se não o fosse. . .

Mas a soberania popular, a unica que tem verdadeiro valor social, ha de adquirir a energia necessaria para se impôr e talvez mais depressa que as *Novidades* julgam.

Que os causticos, que os governos monarchicos lhe tem applicado, são energicos e ham de produzir beneficos efeitos.

Os partidos do governo têm feito uma administração deshonesta, motivo porque nelles não confiam os credores externos.

Uma questão vergonhosa

Ainda não foi definitivamente resolvida pelo governo, a grave questão dos operarios da Marinha Grande, que ha já bastante tempo reclamam o cumprimento de beneficos, que um benemerito lhe legou, por intervenção do governo.

A justiça dos operarios é incontestavel, os seus direitos nem ao menos podem ser de boa fé postos em duvida, mas os syndicateiros ministros, dando força aos syndicateiros exploradores da fabrica real da Marinha Grande, eternizam uma questão de que depende o bem estar de milhares de pessoas unicamente por isso convir aos seus interesses e dos seus compadres.

Ora um tal estado de coisas não pôde, não deve, continuar, porque além de ser uma injustiça flagrante, pode acarretar consequencias tragicas, conforme já as produz de ordem economica.

Os operarios, agulhoados pela sua miséria e das familias, vendo calcados os seus direitos e regalias, podem commetter excessos, saindo da linha ordeira que têm adoptado, excessos até certo ponto desculpaveis.

A fome não tem lei; o desespero é mau conselheiro.

Attente bem nisto o governo, e antes que se produzam factos irreparaveis, providencie, mas providencie justamente, não transigindo com os actuaes arrendatarios, que querem expoliar os operarios de certas regalias e direitos que têm, para depois mais facilmente os explorarem.

Anteponha-se ás conveniencias de meia duzia de syndicateiros, o bem estar de centos, de milhares de pessoas; não se calque a lei para servir argentarios contra honestos trabalhadores.

Seja o governo justo, ao menos uma vez, e não leve aos ultimos extremos quem só procura ganhar honradamente o pão para si e suas familias.

Senão. . .

O direito da legitima defesa está estatuido em todos os codigos das nações cultas. E os operarios podem e devem usar delle.

sas, recolheu as opiniões seguintes:

- 1.º—Portugal tem recursos, com boa administração, para regularisar a presente situação financeira;
- 2.º—O desenvolvimento da industria nacional e do commercio interno e colonial têm melhorado as suas condições económicas, ao que deve corresponder melhoria no thesouro;
- 3.º—Portugal portanto deve pagar mais aos credores;
- 4.º—Surprehem-os depois da redução da divida (1892) os deficits; que não podem attribuir ao agio do ouro; provém, pois, estes deficits, da má administração e da fragueza dos governos diante dos augmentos de despesa;
- 5.º—Como consequencia lógica querem o controle e a consignação dos rendimentos;
- 6.º—Se, porém, se não podem obter mais vantagens pecuniarias para os credores, será melhor continuar no regimen da lei de 20 de maio de 1893.

Mais se soube por esse discurso quaes as opiniões especiaes dos *comités* acerca dum contra-projecto de convénio de 21 de dezembro de 1898, que o governo português lhe mandára sustentar perante os mesmos *comités* e que envolvia um emprestimo.

O *comité* allemão queria controle. Não se oppunha a emprestimo, mas declarava que elle não seria collocado na Alemanha.

O *comité* francês queria tudo isto: agentes estrangeiros na corporação que gerisse os furdos e impostos consignados á divida externa; as receitas dos tabacos sobre as actuaes, resultantes do prolongamento do monopolio ou de qualquer outra operação; as receitas liquidas dos caminhos de ferro do Estado sobre as actuaes, sendo estes caminhos de ferro entregues á Companhia Real; a fixação dos juros em 50 por cento, em vez do terço, caso aquellas receitas não fôsem concedidas; e a consignação dos direitos aduaneiros. Achava o emprestimo indispensavel mas de difficil collocação immediata.

O governo permittiu, quando condemnava o convénio Espregueira, que estas e outras declarações do sr. Madeira Pinto fôsem conhecidas.

Porque exige hoje violentamente o mais absoluto silencio sobre as *démarches* do negociador do sr. Espregueira?

Evidentemente, porque quer imitar o sr. Espregueira.

Mas o projecto do convénio do sr. Espregueira, que por semanas esteve para ser transformado em contracto bilateral, o que estabelecia?

Entre outras disposições, igualmente graves, estas:

Pelo augmento das taxas de juros, um augmento de encargos de 22:771 contos em ouro (art. 2.º).

A consignação á divida externa dos direitos das alfandegas (art. 6.º).

A representação na Junta de Crédito Público dos credores externos com tres delegados por elleseleitos.

Claramente estabelecia tudo isto o convénio negociado pelo sr. Madeira Pinto e elaborado sobre bases do *comité* inglés, modificadas pelos outros *comités*.

E' esse convénio que, segundo todas as indicações, o governo escolheu para modelo, depois de o ter condemnado severamente.

Escuso-me, por agora, a apreciar as principaes clausulas.

Indica-las é apontar o dever a todos os cidadãos portuguezes honestos.

F. B.

Os partidos do governo têm feito uma administração deshonesta, motivo por que nelles não confiam os credores externos.

Saúde Pública

Noticiam varios collegas da capital, que numa inspecção sanitaria feita a uma fabrica de chocola, te, foram encontrados amendoins-manteiga de vacca, cebo e cascas de cacau, como matérias primas para a composição dos productos ali fabricados.

Ora este chocolate, a que talvez não faltasse pomposo réclamo, deve ser parente chegado dum celebre café de lépes, que se vende por varios estabelecimentos em todo o país, que se compõe de tudo menos de café.

Aochocolate lisboeta ainda eram applicadas cascas de cacau, mas á tal mixórdia que se vende com o nome de café barato, nem ao menos o cheiro, quanto mais os envulcros, das saborosas sementes.

Em Lisboa a falsificação tomou fóros duma verdadeira industria, na qual diariamente sam introduzidos melhoramentos, muitos dos quaes prejudicialissimos á saude publica.

E' depois queixam se do pavoroso desenvolvimento da tuberculose e outras molestias mortíferas!

Fiscalisem-se rigorosamente os generos alimenticios, impondo se severissimas penas aos falsificadores, melhorem-se quanto possível as condições hygienicas dos sitios onde a pobreza, junta com a agglomeração e o desleixo, se dam as mãos para produzirem males enórmes, e muito se terá conseguido para debellar uma grande parte das causas que produzem o enfraquecimento, o envenenamento lento do corpo, e por ultimo a manifestação de doenças contra as quaes a medicina tantas vezes é impotente.

Esta cidade tambem inferna, infelizmente, dos males que deixamos apontados, pois além das deploráveis condições hygienicas de muitas das suas ruas e casas, no mercado, e fóra delle, não se faz uma rigorosa e salutar fiscalisação aos generos e carnes expostas á venda.

Ainda ha dias um nosso estimado amigo mandou comprar um cabrito ao mercado, por uma credda boçal como sam muitas que por ali existem (desculpem-nos as sopeiras esta verdade) e ella trouxe-lhe um animal exalando já um fétido insupportavel, com as carnes em mau estado, em fim quasi pôdre.

Claro está que o cabrito voltou pelo mesmo caminho por onde tinha ido para casa daquelle nosso amigo, que não se queixou á policia, com receio de que o vendedor de tal réz declarasse, que não a tinha vendido e ainda por cima fizesse escandalo e não restituísse o dinheiro.

Eis a confiança que merecem os vendedores (ha felizmente excepções honrosissimas) e a confiança que merece a policia, que muitas vezes ainda em cima incommoda e véxa os que a ella recorrem.

Para o que deixamos narrado chamamos a attenção das autoridades sanitarias e policiaes, afim de vér se pouco a pouco se pôde ir acabando com abusos, e sanear focos de infecção, que tanto concórrem para que haja tão deploráveis condições hygienicas nalguns pontos da cidade.

Caminhos de ferro

E' proverbial o pouco cuidado e brutalidade dos empregados menores dos caminhos de ferro para com as bagagens e mercadorias que transitam pelas linhas, ficando muitas coisas deterioradas no todo ou em parte, com grave prejuizo dos donos e consignatarios.

O desleixo daquelles que deviam vigia-los e que pela sua po-

sição se suppõe deverem ter a necessaria capacidade, é conhecido, e daí esse estendal de avarias e reclamações que tarde ou nunca sam satisfeitas devidamente.

Quem escreve estas linhas é uma das victimas e ainda num caso recente, succedido na estação d'esta cidade, teve a prova do que avança.

Colchões e outros volumes de bagagens, vindos da estação da Figueira, foram lhe entregues num estado lastimoso.

Reclamar, para quê, se com isso só perderia tempo e trabalho, afóra qualquer achega de má criação que podia ainda vir como contrapezo ao prejuizo.

Ao sr. director da companhia pedimos que dê ordens terminantes para que estes abusos cessem, tomando contas aos que praticarem os prejuizos e a quem os consentir.

Não é só receber ordenados e fazer figura; é necessario trabalhar e fazer trabalhar, com conta, péso e medida.

Companhia "Probidade,"

Pelo digno agente da Companhia Geral de Seguros Probidade, nesta cidade, o nosso prestigioso correligionario sr. Cassiano Martins Ribeiro, foi-nos offerecido um exemplar do *Relatorio e Contas* da gerencia, da mesma companhia, referente ao exercicio de 1901.

Por elle vê-se que a companhia, embora as receitas tenham diminuido por motivos meramente accidentaes, extranhos á vontade dos seus dirigentes, o seu estado é prospero, dando um dividendo de 20% livre de imposto de rendimento, ficando 8:000:000 para fundo de reserva; 6:000:000 para fundo especial de liquidações; 2:500:000 para decimas e mais impostos e 2:205:070 para saldo e contas novas.

Felicitemos a direcção da companhia, que é composta dos srs. F. M. Sewart, Angel Serodio Gomes e Antonio José Victor, pelo estado de prosperidade da Companhia, e felicitemos os srs. acionistas por os seus capitães lhes produzirem um juro tam remunerador.

Milagres (arte nova)

Referem-nos pessoas de todo o crédito, que no vizinho concelho de Cantanhede, um padre da qualidade de muitos que infelizmente abundam pelo país, anda por lá ás soltas fazendo coisas estupendas.

Além de muitas proesas, a que a seu tempo nos referiremos, sobre o pulpito e de lá, além de bernardices sem conta, insulta quem lhe cáí no desagrado, fiando-se em que ali não lhe podem retorquir nem chegar a roupa ao corpo.

Ainda ha pouco se encheu de vituperar um commerciante do Porto, que foi a Cantanhede comprar cal, e que ainda não satisfés a todos os vendedores, por motivos particulares com os quaes nada temos.

Mas o mais extraordinário do caso, é que o prégador fez uma colorosa allocução aos ouvintes, a propósito dum pretenso prodigio ou milagre, que um santo ali obrou, fazendo com que o tal negociante pagasse a um vendedor, que se pegou com o santo e lhe fez uma promessa!

E' então com prelicas tam estúpidas que a igreja quer levantar o seu prestigio? Tam desprestigiada está ella pelos estúpidos e pelos maus que o Moysés de Cantanhede não faz falta para esse fim.

Contudo, vá esclarecendo...

Os tunos de Valladolid

III

A Academia, vinhamos dizendo para terminar, foi indifferente á festiva recepção dos tunos. Mais um dia na consagração official do relaxe da dispensa e o desprezo desabava... E' que, desde o recebimento na Associação Academica do officio, em que a visita era participada, os estudantes manifestaram o seu desinteresse, pois á assembleia geral, para essa notificação logo convocada, não appareceu nenhum. A segunda convocação foi igualmente infructifera. E, para que da terceira resultasse a grande comissão, presidida pelo sr. Augusto de Castro, foi preciso que os cem estudantes—pouco mais ou menos—que a ella concorreram, evocassem, para deliberar, a legislação das associações de socorros mutuos.

As causas do abandono eram variadas.

Ao cómodo scepticismo, em que esta geração se lançou, para vencer as dificuldades dum futuro cuja conquista não se apresenta nem desannuciada, nem risosa, vinha juntar-se não só a incompatibilidade irreductivel entre a Academia e a Tuna,—única entidade a lucrar com a perspectiva duma recepção grandiosa,—mas tambem a opinião chinfrim que, entre nós, se está fazendo relativamente ás estudantinas de Espanha, que repetidas vezes nos visitam. A suspeita de que taes tunas assumem por vezes o character de bandos de pedintes, numa desaforada exploração dos incautos, e de que nellas não predomina o elemento estudante—ainda o incondicionalmente reprovado—mas, ao contrario, sam constituídas por cidadãos de varias classes, como as de amolar thesouras e concertar cacos, certamente muito respeitaveis, mas que, julga-se, não entram no quadro das universidades do País vizinho, á mistura com caixeiros desempregados e simples rufiões, trazendo na algeibra as *pesetas* das Consuelos e na cinta o argumento de ponta e móla, apto a atravessar-lhes o peritoneu—está radicando se por tal fórma, que exige da parte das autoridades académicas um certo número de precauções para evitar o desfructe, visto que o consul espanhol não intervem obstando á exploração.

Mas ainda, e na melhor das hypótheses, acceita até no caso presente, se todos fossem estudantes, não eram tambem braços ociosos de tocadores, que fariam vibrar uma geração de abandonados, factor mórbido do pôdre meio que respiramos.

Para que esta mocidade, que não affirma um desejo indómito, no momento em que a Pátria se afunda, e incapaz de seguir, com firmesa rude, novos designios, palpitasse, seria preciso uma grande Ideia, traço de união, impalpavel e imponderavel, que liga espiritos e confunde corações.

Ora a indigestão além-fronteiras—ideal de uma tuna—é sobremaneira acanhado para agitar e transformar.

De resto, quanto ao apregoado estreitamento de relações entre os dois países, por intermédio do fagote, é uma lampana, que serve apenas para devorar mais alguns bolos e decilitrar mais alguns copos. Federalistas, isto? Já de alguma tuna saiu, seguidamente a uma passeata, alguma revista, algum jornal para a propagação da ideia, que por ventura lhe germinasse no coração? Não. Passado o cansaço, escurmada a ultima imbecilidade, en-saia-se mais um *passa-calle* e pen-

sa-se no logar remoto onde nova folia deve desencadear-se.

Em taes núcleos não ha ideias, ha claves.

Pregoeiros de ideias novas, rapazes que trazem nas piruetas inesthetics dos pandeiretas o stygma torpe da submissão?

Federalistas, isto? E não tiveram uma palavra de saudade para a mais alta envergadura de homem e de sábio na defesa desse apregoado principio, para essa extranha e candida figura de verdade—Pi y Margall—ha pouco fallecido...

Generoso coração, luminossissimo espirito!

QUE GUARDAS!

Informam-nos de que os taes guardas do 1.º troço do futuro caminho de ferro desta cidade a Arganil, repontaram com a noticia a elles referente, inserta no passado numero da *Resistencia*, apodando-a de menos verdadeira.

Propositadamente fomos ao local onde se dam os abusos por nós narrados e vimos que effectivamente a noticia é um pouco inexacta, pois os abusos sam mais e maiores do que os por nós narrados.

A agua foi propositadamente desviada da valla por onde ia para uns terrenos, para o leito do caminho de ferro, a fim de formar uma grande poça onde ficam depositados os estrumes, até ao tempo de verão, em que o calor evapora a agua e os estrumes sam retirados.

Além disso a referida poça faz com que o caminho para a fonte fique num estado deploravel, sendo difficulosa a passagem para lá, em dias chuvosos.

Para remate das suas bellas obras, taparam, ou consentiram que tapassem, por meio de vedações de madeira, todo o terreno do leito do caminho de ferro, na parte em que este atravessa uma propriedade existente na povoação do Sobral de Ceira, vendendo o pasto que ali se cria!

Que os taes guardas procurem governar a vida, nada temos com isso, mas que queriam ser exactos em demasia para umas coisas e lesem descaradamente interesses de terceiros noutras, isto é que lhes não permittiremos, sem protestos.

Se não emendarem a mão, espontaneamente ou por a isso serem obrigados pelos seus superiores, vaitaremos ao assumpto.

Está fóra de Coimbra, onde deve regressar amanhã, o director politico deste jornal, sr. dr. Fernandes Costa.

O director das obras públicas do districto foi autorizado pelo respectivo ministerio a contractar, por ajuste particular, com o sr. Adriano Ventura, o fornecimento de nove guaritas para as sentinellas da penitenciaria desta cidade, pela quantia de 153:000 réis.

«Resistencia»

Em breve augmentará de formato, correspondendo assim ao favor com que o público tem acolhido este jornal.

Em Figueira de Castello Rodrigo falleceu ha dias, a esposa do sr. Arthur Costa, irmão do distincto publicista e advogado sr. dr. Afonso Costa.

A toda a familia da extincta o nosso cartão de pésames.

Administração escolar

Em Portugal, que em civilização está ao lado das nações mais atrezadas da Europa, taes como a Turquia e a Grécia, querem combater a terrível monstruosidade o analfabetismo não pagando a quem trabalha.

As causas de tantas reformas d'instucção primaria, que quasi todos os annos enchem as columnas do *Diario do Governo*, apenas servem de meros palliativos e nada mais.

Os altos funcionarios que superintendem em negocios d'instucção, deveriam por honra e brio profissional, ser os primeiros a contribuir para o rápido levantamento do estado deprimente em que nos encontramos. Mas isso pouco ou nada os incommoda, por quanto o processo rotineiro é tornar o povo cada vez mais rude e inepto para mais facilmente e descaçada mente gosarem os enormes rendimentos que usufruem dos cofres dos cidadãos porque sam elles quem lhes paga.

De resto tudo para elles vá bem e quem lhe doer a cabeça que a aperte; senão vejamos:

Acontece que na freguezia de Ceira, uma das mais populosas freguezias do concelho de Coimbra, não haja uma escola em condições para o ensino de crianças cujos paes se vêem obrigados a pagar o ensino particular ou mandá-los para professores que residem a mais de sete kilometros da sua povoação. A falta dum edificio escolar e dum professor activo e zeloso, tornou-se conhecida tanto da parte dos chefes de familia como das auctoridades, porquanto ha um anno obrigaram o antigo professor, Joaquim da Fonseca Moraes, a pedir a sua aposentação que lhe foi dada em virtude da impossibilidade de continuar na regência da escola. Em seguida transferem para alli um honrado velho, Augusto Pereira de Moura, que nem sequer chegou a tomar posse, porque os seus soffrimentos eram mais graves do que os daquelle. E para que a escola não estivesse fechada durante todo o tempo ou para distribuirem mais inutilmente uma fatia, mandaram para ensinar crianças do sexo masculino uma senhora sexagenária!..

Se aquelles já não serviam, agora nomeiam para aqui um outro, que segundo dizem está ainda em mais perniciosas circumstâncias.

Isto não é a sério?!.. Parece uma ref. radissima... comédia carnavalesca!..

Ainda mais: Pois então sabendo que não têm edificio escolar proprio e que é urgente a sua construcção, andam a distribuir ou antes a desperdiçar uma somma importante de dinheiro sem consciencia do que fazem, na fundação de uma capella no lugar do Cabouco?

Tam grande disparate só é proprio de reles politiqueros pois uma capella, quando ha já tantas, será mais necessaria do que uma escola, quando ha tam poucas?

Trevas em lugar de luz; um fator de ignorancia em lugar dum propagandista de instrucção!

No mercado D. Pedro V, desta cidade, têm-se dado ultimamente umas gatunices, a que é necessario pôr cobro.

Ainda na noite de sexta feira umas pobres louceiras foram victimas duma dessas gatunices, ficando sem uma ruma de pratos.

Como o mercado tem guardas, pedimos-lhes para que sejam o mais vigilantes possiveis, para que não mais se repitam taes casos, e que empreguem as necessarias diligencias para descobrirem o gatuno ou gatunos que tanto amor têm pelas coisas do proximo.

Ao distincto poeta sr. Eugenio de Castro falleceu na sexta feira um filhinho de nome Martim, que apenas contava dois meses de idade.

Pela inspecção geral dos serviços sanitarios do reino foram enviados exemplares dos *Annuaes de saude do reino*—tomo sobre legislação sanitaria—ha pouco publicado por aquella inspecção, aos bispos e arcebispos do continente do reino e ilhas, bibliotheca pública do Porto e Universidade de Coimbra, escolas medicas de Lisboa e Porto e faculdade de medicina de Coimbra.

Feita a liquidacção da herança, pagas todas as dividas, porque a senhora de Croizy alem da educação ordinaria, pagava a filha lições de musica e desenho que no convento se pagavam carás, e não podia por isso fazer economias, Herminia ficou apenas com doze mil francos.

—E tem ainda de pagar um semestre, acrescentou Aurelia de Fayolles.

Mademoiselle de Croizy caíu de toda a altura dos seus projectos; mas sem que a vista mais perspicaz, a vista mesmo tam penetrante de Aurelia de Fayolles podesse surprehender abalo depois daquella queda. Acabara de aprender a dissimular; sorria docemente a desgraça com a esperança de se servir della para subir mais alto.

Aquella creatura nova e bella afiava no seu espirito uma ferocidade nova. O seu olhar azul tinha por momentos reflexos de espada; a fronte enroscava-se levemente entre as sobranceiras sobre as ondulações caprichosas dos seus cabellos louros; o nariz fino e arrebitado parecia palpar de azas que passavam; a linha vermelha dos labios adelgacava-se num ricto; e o corpo estreito e subido nem sempre podia occultar as palpitações do seio.

Assim era Herminia de Croizy que vamos ver entrar alguns dias depois de ter expirado o prazo da sua educação, na sala das re-

Automobilismo

Os nossos considerados correligionários srs. João Gomes Moreira e Castro Leão, conjuntamente com o distincto, sportman sr. dr. José Caetano Tavares e Mello, formaram uma sociedade para a montagem dum estabelecimento de automoveis e duma serralheria mechanica para a reparação dos mesmos, onde se farão também outras obras.

E' director técnico o sr. dr. Tavares e Mello, a quem não faltam aptidões especiaes, pela muita pratica que tem de automoveis, e pelos proveitosos ensinamentos que tem recebido, existindo em sua casa o primeiro automovel que veio para Portugal.

Annexa á serralheria mechanica haverá uma *Garage*, onde poderão ser recolhidos todos os automoveis que os seus proprietários ali queiram deixar, e onde serão devidamente limpos e afinados para poderem ser utilizados pelos possuidores, sem perigo, e sem os inconvenientes que muitas vezes resultam por falta de limpeza e cuidados.

E' uma empresa utilissima e importante a que os cavalheiros acima indicados se vão abalançar e que nos parece lhes deve dar resultados muito bons.

Que não desanimem no seu intento, sam os nossos desejos, pois o automobilismo é o grande meio de locomoção do futuro, que virá acabar com os incómodos carros, que actualmente existem.

Já estão mais 10 presos na Penitenciaria de Coimbra, que vieram da Relação do Porto e do Limoeiro, de Lisboa.

Os pretos de Barué praticaram no fim do mez de Dezembro, mais uma das suas proezas.

Os negociantes portugueses sr. Patricio, que passava nas suas terras, foi atacado por elles, que não se contentaram de lhe roubar todas as fazendas que levava, mas escravizaram os pretos que as conduziam, mataram um e prenderam o dito sr. Patricio, que só pôde adquirir a liberdade, graças aos bons officios dum agente do dr. Peters.

cepções bi semanaes das senhoras de Fayolles, no rez do chão do pavilhão que habitavam.

II

Ter-se-ia difficilmente encontrado, noutra parte, a não ser num convento, e talvez se não encontrasse noutro longe de Bargeux, uma sociedade tão original, como a que se reunia nos chacerimoniosos de Aurelia de Fayolles.

Vinha Mademoiselle de Richaux, de voz masculina, modos decididos, um *homem* como diziam alguns maliciosos cuja virilidade se trahia pelo buço negro que lhe sombreava o labio; Mademoiselle de Virville, senhora velha e adoravel que o amor de avó fizera encerrar no convento para se não separar da neta; Mademoiselle de Blemy, viuva nova, que andava em processo interminavel com a familia do marido; Mademoiselle de Montfort, orphã deliciosa, que esperava para se casar a volta do primo tenente de marinha.

A esta pequena corte de nobreza de Mademoiselle de Fayolles, porque Aurelia reinava sobre toda a gente em sua casa, acrescentem duas senhoras da plebe: a irmã do capellão, mulher de trinta annos, bastante formosa, que se chamava Aticia, como uma confidente de Tragedia de Racine, e cuja religião e puritanismo

Mas se deram a liberdade ao seu prisioneiro, não fizeram o mesmo ao fato que elle levava vestido, e mandaram-no embora como Adão andava no paraizo antes do peccado da maçã.

Olhem se o caso se desse num pais, onde o clima fosse tão rigoroso como o nosso na presente quadra!

Safa, era de quebrar os dentes a bater o queixo.

A victima da gentileza dos habitantes do Barué encontra-se em Lisboa, talvez a reclamar do governo o castigo da pretalhada irreverente.

Acompanhamos o nosso illustrado collega *O Liberal* no pedido que faz no seu numero de 20 do corrente, para que se tomem providencias afim de que a Valla dos Lazaros seja devidamente arranjada para a saude pública não perigar.

Os moradores de Fora de Portas dirigiram, nesse sentido, uma representação á Camara, que deve ser devidamente attendida.

O convenio, que o governo se empenha em fazer com os credores externos, é a desonra da nação.

Agradecimento

Venho por este meio protestar o meu profundo reconhecimento a todos os meus amigos que me acompanharam na angustiosa situação por que passei no doloroso transe que me arrebatou um filho, que nunca esquecerei; confessando-me eternamente grato a todos, é do meu dever especialisar, neste público testemunho de gratidão, os meus intimos amigos srs. Jayme Lopes Lobo e António d'Oliveira Marques, tam incansaveis na dedicacção com que me acompanharam em todos os instantes, e o digno director do Collégio Mondego, sr. Diamantino Dinis Ferreira, que da forma mais penhorante demonstrou o seu pesar pela morte do meu filho, alumno do seu conceituado collégio.

Coimbra, 18 de fevereiro de 1902.

Manuel Augusto da Silva.

a acreditavam, á falta de nascimento, junto de Aurelia de Fayolles; e enfim Mademoiselle Quoniam, senhora velha, que era recebida no pavilhão por benevolencia, e cujo papel, na continuacção desta historia, nos obriga a esboçar a biographia e a fazer-lhe o retrato.

Hortensia Quoniam nascera cortuda e feia. O pae, coronel do primeiro Imperio, só deixara uma pensão á viuva. Esta vivera até uma idade bastante avançada, e Hortensia só ficara orphã quando já não é interessante se lo, isto é, depois dos quarenta annos. Mas nem por isso se sentira menos triste do que uma menina de 15 annos, e menos tímida aquella pobre creatura sempre amimada pela mãe, sobre tudo por causa da repugnancia que podia inspirar aos outros.

Espantava-a a solidão, e a escuridão do tédio envolvia-a cada vez mais.

Foi então que resolveu entrar para o convento, esperando encontrar lá um meio que sympathisasse com a sua dôr. Para isso juntou os seus magros haveres. Um velho, primo do pae, ajudou-a, em quanto viveu, a completar a pensão. No dia da morte delle, a velha senhora ficou sem poder paga-la; mas as religiosas tinham-se habituado á boa Quoniam, como toda a gente lhe chamava, e offereceram-lhe o deixar-se ficar com a condição de fazer algum

Associação de soccorros mutuos

MONTE-PIO CONIMBRICENSE

Martins de Carvalho

AVISO

As contas da receita e despêsa da gerencia de 1901, estão patentes, para serem examinadas, pelos socios, das 8 ás 9 horas da noite, no escriptorio do Monte Pio, desde o dia 24 de fevereiro a 10 de março de 1902.

O secretario da direcção,

Alberto Vianna.

ANNUNCIOS

Escola Nacional de Agricultura

Pela Direcção d'esta Escola se faz público que, no domingo 9 de Março, proximo, pelas 11 horas da manhã, na secretaria da mesma Escola e perante o director, ha de ter lugar a arrematação dos generos abaixo declarados, sob os preços mínimos indicados, sendo entregues a quem mais der, convindo o preço offerecido.

As importancias totaes deverão ser pagas desde logo e retirados os couros e animaes no mesmo dia, podendo a laranja, o vinho e azeite serem retirados até ao fim do referido mês.

Podem desde já ser examinados em todos os dias uteis, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde.

Laranja, no talhão n.º 6, avaliada em 150000 reis.

1:480 litros de vinho tinto, avaliado a 25 reis o litro.

1:850 litros de vinho branco avaliado em 22,5 reis o litro.

385 litros de azeite avaliado a 160 reis o litro.

14 couros salgados avaliados em 300000 reis.

1 vacca (infecunda) avaliada em 450000 reis.

1 vitella avaliada em 140000 reis.

Escola Nacional de Agricultura, 19 de Fevereiro de 1902.

O Director,

Antonio Augusto Baptista.

serviço dentro de casa. Aurelia mesmo teria ficado encommoada se perdesse aquella concorda que por acaso tinha tanta maldade como espirito; aquella excellente monstruosidade, de rosto plácido, olhos pretos, em bolas, girando num perpetuo espanto, narinas abertas, e que, nas noites de chá, chegava tam pontualmente ás oito horas, com o seu chaile curto, côr de gemma de ovo, touca de blonde e flores, vestido de seda côr de pulga e, com todos os aneis, que lhe restavam da herança materna, nos dedos espatulados.

Herminia, victima revoltada que entrava na vida, e Hortensia, victima resignada que, moralmente, sala della, ambas dominadas por Mademoiselle de Fayolles, devia entender-se com um olhar e meia palavra.

Hortensia amava e protegia Herminia, e esta defendia Quoniam, quando as senhoras se riam das fitas amarellas da boa velha, dos aneis em sacarroilhas e da concorda que ella passeava triumphantemente. Foi por isso que Mademoiselle de Croizy, cuja firmeza de caracter ia até ao odio, deixou de fallar um anno inteiro, com uma das suas camaradas, que tinha respondido a Quoniam, quando esta lhe perguntava pelos seus estudos de desenho:

—Ando a desenhar o collo da Venus de Millo, minha senhora.

(Continúa).

(3) Folhetim da "RESISTENCIA,"

MAXIME RUDE

UMA VÍCTIMA

DO

CONVENTO

I

Tinha crescido. Não podia duvidar que era formosa, tanto era a admiracção e inveja que despertava. Mais um anno e, com aquella belleza soberana, podia encontrar, saindo do convento, o marido que sua prima Aurelia tinha procurado em vão nos annos mais frescos da sua mocidade.

Herminia via-se rica, poderosa, deante da velha senhora, que, como ultima manifestação de orgulho perante a sociedade de Bargeux, julgára hábil retirar-se para um convento. Seria a sua vez de a cobrir com um olhar de comiseracção! E preparava-se para lhe dizer, respondendo ao que ouvira alguns annos antes:

— Ouvi dizer, minha querida, que os seus rendimentos não bastavam para garantir a vida que passa no convento! Pense um pouco na velhice! Pensava nestas represálias a loura Herminia, quando sua mãe morreu repentinamente de uma aneurysma.

JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges

COIMBRA

Esta casa encarega-se da collocação de PARA-RAIOS e CAMPAINHAS ELECTRICAS pela Casa Ramos & Silva, de Lisboa. Toma conta de encomenda de qualquer artigo que tenha de ser feita directamente com o estrangeiro.

Fornecer pelos preços do catálogo CUFRES A PROVA DE FOGO da casa João Thomás Cardoso & Filhos, do Porto, que são os mais garantidos.

Também se encarrega de qualquer obra de serralleiro, como: gradeamentos, portões, fogões e reparações mecánicas de qualquer natureza.

CASA INNOCENCIA

CONFETARIA E MERCEARIA

RUA FERREIRA BORGES—91 a 97 (CALÇADA)

CONFETARIA

VENDAS POR GROSSO E A RETALHO

Em breve devem estar prontas as tabellas de preços de amêndoas e mais artigos de Confeitaria e Conservaria, fabricados nesta casa, a mais antiga de Coimbra e que maior sortimento tem.

Os artigos desta casa, têm sido premiados nas exposições a que têm concorrido.

Mandam-se tabellas de preços a quem as pedir.

Nesta casa encontram-se vários artigos de Mercearia, de primeira qualidade.

Vende todos os artigos pelos mínimos preços, garantindo a sua perfeição e acção na fabricação.

Dirigir correspondência a

Innocência & Sobrinho—Coimbra

REDUÇÃO DE PREÇOS

Estabelecimento de João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges

(Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Esta casa que em Coimbra tem melhor sortido tanto em ferragens e materiaes de construção como em cutilaria, artigos de fantasia e utensilios de cozinha e mesa, participa a todos os seus freguêses, e ao público em geral, que acaba de reduzir bastante o preço de quasi todos os seus artigos.

As condições em que faz todas as suas compras directamente nas principaes praças estrangeiras e fabricas portuguesas, sam uma garantia de que pôde vender em melhores condições do que qualquer outra casa desta cidade.

Phonographos e grande variedade de cylindros impressos com canções populares, cançonetas, óperas, zarzuellas, bandas, operetas cómicas, revistas, fados, etc. etc.

JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges

COIMBRA

Lembra-se a todas as pessoas que forem a Lisboa, que não se esqueçam de visitar a maravilhosa e surpreendente Exposição Fabril e Artística SINGER, installada na rua do Principe, á entrada da Avenida.

REWOLVERS

Saint Etienne

Com ballas blindadas de aço e de pólvora branca sem fumo, muito portateis e de grande alcance.

JOÃO GOMES MOREIRA

EM FRENTE DO ARCO D'ALMEDINA

COIMBRA

ROTULOS

para pharmacias, mercearias, livros, etc., imprimem-se na typographia de M. Reis Gomes, rua Martins de Carvalho, 7 Coimbra.

PECHINCHA

LINHOS E ATOALHADOS DE GUIMARÃES

Ha para liquidar grande quantidade de toalhas de mesa e guardanapos de linho e algodão, toalhas para rosto em linho, algodão e telpa. Colchas, panno de linho e algodão para lençoes, pannos para mesa, etc, etc, por preços excepcionaes.

Quem precisar, queira dirigir-se ao estabelecimento de ferragens e utensilios de cozinha e mesa de João Gomes Moreira—Rua Ferreira Borges—(em frente ao Arco d'Almedina—Coimbra.

Máquinas de costura MEMORIA

Júlio Machado Feliciano

CASA DO LEQUE

Participa aos seus ex.^{mos} freguêses e ao público em geral, que acaba de receber uma importante remessa das bem conhecidas e acreditadas máchinas—Memória—a melhor até hoje conhecida.

Quem precisar adquirir uma bella máchima de costura, para familias, alfaiates e sapateiros, não o faça sem primeiro examinar todos os modelos destas tão acreditadas máchimas e que se garantem por tempo illimitado e que não têm rivaes, nem em qualidade nem em preços.

Dão se todas as explicações e accéitam-se máchimas em troca.

Esta casa acaba também de receber um grande sortimento de armures pretas, sêdas pretas e mantilhas de seda e outros artigos próprios do seu commercio, o que tudo vende a preços resumidos.

PASTELARIA E CONFETARIA TELLES

150—Rua Ferreira Borges—156

N'esta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos d'esta natureza.

Dóces de ovos dos mais finos paladares e delicados gostos, denominados dóces sortidos, para chá e soirées, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumerar-la.

Dóces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em sêcco, como crystalisados, a rivalisar com os estrangeiros.

Pastelaria em todos os géneros e qualidades, o que ha de mais fino e saboroso, especializando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa phantasia, denominadas Centros de mesa, Castellos, Jarrões, Lyras, Floreiras, Lampreias, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá, café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo systema de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Collares, Champagne, Cognacs, Licores finos, etc., das melhores marcas nacionaes e estrangeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amêndoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo-se a pureza dos assucares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e estrangeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyère, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

FACTURAS

e envelopes

Typ. de M. Reis Gomes, rua Martins de Carvalho, 7 e 9—Coimbra

Espingardas

De fogo central e de carregar pela bôcca. Vendem-se com grande abatimento.

VENDAS A PRESTAÇÕES

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges—COIMBRA

COSINHA POPULAR

Rua da Concordia, n.º 27, 29 e 31

Figueira da Foz

Esta antiga e acreditada casa situada num dos melhores locais da Figueira, Junta dos Casinos e a dois passos da praia de banhos, continúa recebendo hospedes permanentes, por preços commodos. Fornece almoços e jantares para fóra, desde 300 réis.

O proprietário,
José Maria Junior.

SILVA & FILHO

CONFETARIA

Fábrica manual de calçado e tamanços e depósito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

RESISTENCIA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilhas:

Anno..... 20700
Semestre..... 10350
Trimestre..... 686

Sem estampilha:

Anno..... 20400
Semestre..... 10200
Trimestre..... 600

Avulso 40 réis

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50 %.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal for honrado.

OFFICINA TYPOGRAPHICA

Proprietario—MANUEL DOS REIS GOMES

7—RUA MARTINS DE CARVALHO—9

COIMBRA

Impressões de livros, folhetos, diplomas, avisos, mappas, facturas, recibos, circulares, prospectos, memoranduns, etc.

Timbragem de papel e enveloppes.

RESISTENCIA

Editor
Manuel d'Oliveira Amaral

Publica-se aos domingos e quintas feiras

Officina typographica
Rua Martins de Carvalho, 7 e 9

N.º 677

COIMBRA — Quinta feira, 27 de fevereiro de 1902

8.º ANNO

Chronica politica

Má escolha de epigraphie para estes artigos.

Uma chronica politica, no estado actual das funcções dos partidos que se revesam no poder, cae, forçosamente, na mais insôsa das monotonias, repetindo hoje o escândalo de ontem, dizendo amanhã da mesma falta de pudôr do dia seguinte.

Não ha que corrigir, por meio da publicidade, ante a falta de brio dos estadistas que se julgam senhores e possuidores das nossas pessôas, dos nossos bens e do nosso trabalho. Não ha que criticar os factos que com o mesmo isochronismo se repetem dia a dia, hora a hora, deixando na consciencia popular a mesma impressão de repugnância. Não ha que reclamar justiça, cumprimento de deveres, ou direitos individuaes e collectivos, neste regimen em que sobre a lei pesa o guante estúpido do arbitrio, que dictaduras inauditas sancionam.

A chronica politica nos dias que vâm correndo não pôde ser mais que um estendal de vergonhas, misérias e indignidades em que se vai afundando a caravella de todas as liberdades conquistadas.

Das duas uma: ou a consciencia pública desperta para as sublimes reivindicacões democráticas, ou regressâmos aos tempos das refeições aos pórticos dos conventos e do império dos capitães-môres.

No parlamento não ha partidos. A oligarchia que governa o país é a mesma que pôe em scena a comédia dos debates. Este facto de deprimentia constitucional está na consciencia pública, todos o sabem, todos o proclamam.

E a comédia continua!
Ainda ha pouco na câmara dos pares, o chefe progressista, discutindo o *bill*, protestou contra os actos de dictadura que foram até a promulgacão de uma lei eleitoral, a base de toda a actividade politica, a principal engrenagem do nosso direito público — e contudo o partido progressista duplicou, jubilosamente, a sua representacão parlamentar, e lá a tem, no sanctuário das leis, como se fora limpa de mácula e filha da mais honesta das reformas!

Considera illegal os actos derivados dessa dictadura, mas os seus protestos não passam de tiradas oratórias, tal como os actores procedem nos palcos sob a direcção dos contra-regras.

O partido progressista!...
Pois não viu o país como elle governou depois das célebres leis de salvacão pública, que ficaram na história com a denominaçãõ de *dictadura do medo*?

Lopo Vaz, João Franco, Marianno de Carvalho, e outros atiraram-se a todas as nossas liberdades, a todas as franquias populares com a ância de exímios déspotas, e quasi todas ellas se perderam.

Que fez, no governo, o partido progressista?
Tudo! tudo sancionou desde a intendência do juiz Veiga, que

da opposiçãõ ameaçara de morte, até ás mais rudes perseguições por delicto de opiniãõ!

O chamado partido liberal confundiu-se em processos e aspirações com o conservador transformado, por sua vez, em partido de reacção politica para aquêlle *engrandecimento do poder real* aconselhado por Oliveira Martins e começado a pôr em prática por Lopo Vaz, Carlos Valbom, e sócios.

Perante esse *engrandecimento* o partido progressista não passa de um cobarde, não vai além de um comediante.

A esse *engrandecimento* sacrificou todos os bons principios dos seus programmas, rasgando e maculando a sua bandeira!

O partido regenerador, ou antes, os comilões no farto banquete pago pelos réditos do thesouro, esse é o *executor da alta justiça*, funciona como a carrasco por prazer próprio, sempre prompto para todas as violências, para todos os crimes de lesa liberdade.

No momento presente não permite discussões parlamentares, nem jornalísticas, nem de qualquer ordem, sobre a gravissima penidência com os crédores externos.

O sr. Fuschini não consegue, sobre o assumpto, esclarecer o país da sua tribuna de deputado; ao sr. Dias Ferreira succede o mesmo.

O *Mundo*, corajoso collega, que honestamente e cheio de brio procura avisar o povo das traições dos governantes, acaba de ser assaltado pela policia que lhe inutilizou as chapas do jornal prestes a entrar no prelo. Os redactores dos jornaes de Evora acabam de ser intimados para não saírem a público sem o *visto* da intendência policial.

Mais um pouco e serâm metidos nos porões dos navios todos quantos pretenderem fallar do accôrdo com os crédores externos!
Santos immortaes a que tempos chegamos!!..

E o país dorme, e a comédia dos partidos constitucionaes continua!

Quando acabará tamanha vergonha?!

E o que é a questãõ dos crédores externos?

Tentemos dizê-lo em synthese:
Ha 10 annos que os governos não conseguem um empréstimo no estrangeiro, e o governo quer dinheiro.

Artificiosamente foi lançando na circulaçãõ muitas inscripções, emitidas á sombra de auctorisações manhosas, e a fábrica de notas do Banco de Portugal trabalhou com a máxima velocidade. Por taes artes foi arranjan-do libras com grave prejuizo da economia do país, para fazer pagamentos no estrangeiro, mas essa fonte foi seccando, os juros da divida interna consolidada augmentam pavorosamente, e as notas, sem depósito de garantia, só têm o valor convencional que lhes damos para as nossas despensas da casa. Por outro lado a divida fluctuante caminha para 60.000 contos, os *déficits* augmentam progressiva e a-sustadoramente.

Os brasileiros ricos ainda compram inscripções, mas chegado o dia terrível nem os juros reduzidos poderâm receber.

Em taes circunstancias urge arranjar dinheiro lá fóra, mas sem um arranjo com os crédores externos impossivel se torna qualquer empréstimo.

Que fazer em tal caso?
Realizar o arranjo.
Como?

Ninguem o diz das cadeiras do poder ou do parlamento; apenas periódicos estrangeiros nos informam ou insinuam, que temos um accôrdo ruinoso e deprimente dos brios nacionaes.

Ao mal estar que de ha annos nos afflige e preoccupa alguns homens que se dão ao estudo de problemas de administração pública, juntam-se os receios inquietadores de que sobre a pátria venha a pesar a influencia tutelar de estrangeiros! Sobre o estado de decadência a que chegaram as finanças pesa a hypóthese de que será necessário hypothecar o patrimonio commum!

A isto nos conduziram os governos monárchicos, e elles continuam de accôrdo; continua a comédia das opposições partidárias no parlamento e nas gasetas.

Contra tudo isso, e em nome da honra nacional, só um accôrdo do povo com alguns estadistas e homens de governo que pela sua independência ainda se possam apurar.

E accôrdo para quê?
Para acabar com a comédia dos partidos monárchicos; para acabar com a oligarchia que desde 1852 tem governado o nosso mal-fadado país.

E não ha que hesitar.
Ou isso, ou a sorte do Egypto.

Feito esse accôrdo das boas consciencias portuguezas, necessário será pôr à margem os homens que nos arruinaram, e sobre o pouco que nos ficar levantaremos novo edificio de administração honesta, e economia rigorosa.

Então poderemos dizer aos crédores:
—Pagaremos tudo por honra da pátria nossa!

E tudo pagaremos por que para tudo chegará o sacrificio de portuguezes.

Mas... regimen novo!...

O terror do relatório

Conhecemos o decantado relatório do sr. Madeira Pinto. E, por o conhecer, crêmos que todo o terror do governo por esse documento deriva simplesmente do facto de nelle se registrar, que a opinião dos homens estrangeiros mais importantes que se interessam por cousas portuguezas, é que devemos manter-nos no regimen de 93.

Não se comprehende que o governo faça tudo o que tem feito acêrca do relatório. Mas comprehende-se que elle tenha interesse em que uma tal opinião se não conheça.

Manifestamente, nós não podemos encontrar melhor regimen que o de 93.

Os crédores, depois de se terem conformado em receber um terço do juro, não estão certamente dispostos a receber menos.

Todo o convênio que se faça ha de importar maiores encargos.

Não se justifica, assim, o empenho do governo em chegar a um novo accôrdo com os crédores.

Não se justifica mas explica-se.
Enquanto não se fizer um novo convênio, as praças extranjeiras estão fechadas para qualquer empréstimo portuguez — o que é um bem.

Mas esse bem do país é um mal para o governo, que quer dinheiro para a pândega.

Eis por que elle se esforça por obter um convênio, que não pôde deixar de ser peor que o regimen de 93.

A causa é essa.

Mas ao governo convém escondê-la.

Elle protesta por isso, que são os crédores que querem sair da lei de 93.

Mas esse protesto é uma refinada mentira, como o atesta o relatório do sr. Madeira Pinto.

Chronica politica

Publicâmos hoje a primeira das *Chronicas politicas* com que nos honra o lúcido espirito dum dos nossos mais valiosos e prestantes correligionários. Não precisâmos de as recommendar, por si se hãm de impôr, tanto pelo rigôr da observacão, como pela sensatêz da sua doutrina e largueza das suas vistas.

O ministro das obras públicas acaba de ameaçar o país com uma enorme enxurrada de reformas.

E' o que se deprehe de a leitura de vários jornaes, que annunciam o caso, com uma cemerimônia, como se noticiassem uma coisa simples e sem gravame para o país.

Nem que o annúncio de novas reformas, não queira dizer que a bolça do contribuinte vai soffrer novo assalto, para occorrer aos augmentos de despensas, que as reformas feitas por mandôes avariados sempre trazem.

Que a afillhadagem rejubile, pois pelo visto vae ter farto jubileu de nomeações e proventos.

É fartar enquanto ha tempo...

Termos do convenio:

Consignação da receita das alfandegas do continente, insulares e colonias!

Fiscalisação das receitas pelos extranjeiros, por meio do *contrôle*!

Pagamento do juro da divida externa, em oiro á razão de 50% para o 3%, 4% e 4 1/2%!

As exigencias dos crédores externos — *contrôle* e *consignação de rendimentos* — são a condemnação dos governos da monarchia.

PROTESTO

A redacção da *Resistencia* protesta energicamente contra as inauditas violências, que em Lisboa se estão exercendo contra o nosso illustre collega *O Mundo*, por mandado do governo e executadas pela corregedoria.

Só um governo de doidos ou de traidores baixa a taes excessos, commettidos para com um jornal, que apenas pugna pelo bem e honra do país, combatendo o convênio que o governo quer fazer, contra as indicações da opinião pública e os interesses de todos nós.

Saiba o país que a imprensa independente e patriótica o governo se impõe pela força, visto que lhe falta justiça e auctoridade para o fazer dentro da lei.

Se o governo trair o país, a revolução não é um crime — é um direito, é um dever. A redacção deste jornal declara se solidaria com o *Mundo* e com todos aquelles que quiserem salvar a patria, que os governantes queiram des-honrar.

A'lerta, pois, contra as ciladas que se preparam na sombra.

ULTIMAS NOTICIAS

As ultimas noticias, fidedignas, recebidas de Lisboa, affirmam como certo que *está feito o convênio*! Está contractado **com encargos annuaes de perto de mil contos a mais e consignação de rendimentos do estado, não sabendo nós se só das alfandegas se doutros mais!**

Está consummada a traição do governo! Resta só que o país se pronuncie a tal respeito.

O convênio vai ser apresentado ao parlamento depois das férias da Páschoa; até lá conservar-se-há no extranjeiro o negociador do tratado, a fingir que este ainda não está concluido! Depois, de afogadilho, numa sessão, será convertido em lei, e o país lançado por elle na maior das abjecções!

Urge aproveitar o tempo, para obstar, *por todos os modos*, a que se consume a des-honra da nação!

540
15
200
540
540

CRÓNICA ALEGRE

Tenho andado receoso, a cus-
tar-me a começar outra vez a es-
crever.

E' medo.
Os meus amigos estão a pu-
blicar coisas de arrepiar: andam
sem sorte nenhuma; artigo, que
escrevam, *não dá imagem*, como
diz espiritualmente El-Rei no seu
calão de córte.

O Marcellino Mesquita fez fiaco
em D. Maria com a *Sinhá*; o
Gualdino teve nessa noite o úti-
mo dito de espírito; o Fialho d'Al-
meida, a guardar porcos triste-
mente, numa terra feia do Alem-
tejo, acabou por onde começou o
outro filho pródigo.

O Henriques de Vasconcellos,
esse então anda de todo nas *No-
vidades*, numa secção—*Poeira da
semana*.

Diz que gosta de embriagar-se:
*Ah sim! o alcool! Como elle
illumina maravilhosas caras de
fadas, cria karens, onde deusas
perpassam num andar leve e mu-
sical, por toda a parte se vêem
tremular bandeiras festivas, ha
uma tal claridade na alma, que
parece que nella a aurora raiou,
reivigora as mocidades, faz nas-
cer flores, julgamos que das nossas
bóccas correm beijos!*

Mas o dia seguinte!
E' o estomago que salva a mo-
ralidade!

Feliz excepção, neste país, em
que é ordinariamente o estomago
que a faz perder.

Nessa mesma crónica, escre-
ve, que não gosta de fallar com
um amigo, que tem; porque elle
lhe diz, sublinhando, *vergonhosas
phrases que escandem*, e conta que,
ao ir a uma entrevista em busca
de uma senhora, elle o encontrára,
e o agarrára para lhe dizer que
lhe via *no rosto como o florir dum
beijo que se espera*, e que se dei-
xasse de mulheres, e que se em-
bededasse, e que furtasse dinhei-
ro a *uma viuva pobre*, e fosse per-
dê-lo á batota, e terminára *Ve-
nha commigo... Não vá a essa
entrevista*.

H. de Vasconcellos não foi com
elle, e, no último número das
Novidades, escreve ás senhoras
nobres de Paris, dizendo-lhes que
deixem de se metter em política,
e se perfume, para lhe agradecer,
e resuscita as tam injustamente
esquecidas *Flores d'Alma* de Tho-
mas Ribeiro, murmurando num
requêbro: *por vós combateremos,
e a flor mais bella a flor mais
pura das nossas almas será para
enfeitar as vossas mãos*.

No *buletará* de Saint Germain
não se falla noutra coisa, e não
ha duquesa que não queira co-
nhecer o meu bom H. de Vas-
concellos, urigueiro, forte, peque-
nino e bonito, como um soldado
de caçadores.

Deu o mal nos mais sábios: J.
Leite de Vasconcellos publica no
último número d' *O Instituto* um
retrato d'elle em verso.

Tal qual! Trinta e quatro ver-
sos, muitos mais do que gastou
Camões para descrever tam in-
discretamente Venus, a formosa.

E' o caso, que o sr. Leite de
Vasconcellos, que é um illustre
glottologo ou glottologista, como
v. ex.^a quiserem, e melhor deva
escrever-se, ao passar por Graz,
se quis dar a conhecer ao dr.
Schuchardt, a quem devia uma
crítica favoravel a *O dialecto mi-
randés*, opúsculo publicado ainda
nos seus tempos d'estudante, e
que, desde então, anda como os
Lusitãos na mão de todo o bom
português.

O livro foi publicado com o
atrachente título de *O dialecto mi-
randés*, mas é tempo de cor-
rigir o erro; porque, sendo o dia-
lecto assim chamado por ser filho

de Miranda, deve ter o *z* patroni-
mico, como eu me assigno Mar-
tiniz e o meu amigo A. Augusto
se assigna Gonçalvez.

Muito tempo andamos engana-
dos, mas, um dia, o nosso amigo
dr. Vasconcellos pediu-nos para
emendarmos erro tam grossei-
ro, explicando nos que devíamos
escrever assim; porque Gonçal-
vez quer dizer filho de Gonçalo
e Martins quer dizer filho de Mar-
tim.

Eu ia a protestar, mas o Gon-
çalvez fez-me calar, gritando com
uma grande convicção:

— Pois tem v. ex.^a razão, não
me tinha lembrado!

Assignou, e estendeu-me a pen-
na sem lhe tremer a mão.

Eu envergonhei-me de me não
ter nunca lembrado tambem, e
escrevi um Martiniz em letra de
phantasia.

Fiquei admirado da bellêza que
uma simples mudança de letras dá
às coisas.

O *z* nervoso irradiava no meio,
illuminando o nome, antes tam
escuro, com o brilho, a nervosi-
dade duma faísca eléctrica.

Percebia-se a electricidade numa
vibração, puz-lhe a mão a
tremar, antegosando o choque, e
sujei os dedos de tinta.

As primeiras assignaturas mi-
nhas, que appareceram com o *z*,
despertaram um movimento de
inveja.

Por causa daquêlle *z* ia ficando
mal com o Teixeira d'Abreu, o
sr. dr. Laranjo começou a des-
confiar commigo, e estive três
mêses sem fallar com o sr. con-
selheiro Bernardino Machado.

Coisas de Coimbra, em que as
letras provocam movimentos des-
usados. Só o barulho que, ás vê-
ses, ha por causa dos AA e dos
RR!

Eu andava contente: aquêlle *z*,
no meio da assignatura, ligava ma-
gnificamente o Martiniz, que é pa-
tronimico, como elles dizem, com
o Teixeira de Carvalho que é...

E' verdade o que será o Tei-
xeira de Carvalho na minha assi-
gnatura?

Hei de perguntar ao Vascon-
cellos.

Comquanto o pae do Gonçal-
vez se chame António, e o meu
tivesse dado, toda a vida, pelo
nome de Joaquim, nós cá conti-
nuamos a assignar Gonçalvez e
Martiniz; porque Gonçalvez quer
dizer filho de Gonçalo, e Martins
quer dizer filho de Martin, o que
nos não cansamos de repetir a
toda a gente, e já sabemos dizer
muito bem de côr.

Mas voltemos ao caso.

Leite de Vasconcellos dirigiu-se
ao Dr. Schuchardt, que não é o
fabricante de chocolate; mas sim
o conhecido glottologo ou glotto-
logista, como outros dizem, talvez
com mais propriedade: escreven-
do-lhe: *Wie soll ich Sie auf dem
Bahnhof erkennen? Es reisen jetzt
so viele Leute! Schicken Sie mir
entweder Ihre Photographie oder
geben Sie mir ein ganz bestimmtes
Erkennungszeichen an*.

Nada mais claro!

Leite de Vasconcellos mandou-
lhe então o tal retrato em verso
que começa:

Estatura mediana. E, p'ra consôlo
Da fuga do cabello, barba inteira,
Encrespada em anéis, num negro rolo,
Como silvestre matagal da Beira.

Sam naturezas: eu, por mais
que deixe crescer a barba, não
me consôlo da falta do cabello.

Talvez seja por a minha ser
guisalha. A barba preta enfeita
muito mais.

Este começo lembra o retrato
que de si fez o Bocage, num dia
de vento:

Magro, d'olhos azues, carão moreno,
Bem servido de pés, meão na altura.

Eu não conhecia Bocage, porque

desde pequeno, que mo não dei-
xavam ler, mas o meu amigo Fausto
Quadros revelou-me o soneto,
e deu-me o volume, em que vinha,
o que agradeço, tanto mais penho-
rado, que era o unico das obras
do poeta que elle possuia.

Continua Leite de Vasconcellos.

Jamais sem *Sonnenschirm* tu me viras.

Eu então não! Questão d'habito:
usa-se *Sonnenschirm*, ou não se
usa *Sonnenschirm*.

E' questão de começar: um dia,
pega-se no *Sonnenschirm*, traz-se
no dia immediato, e nunca mais
se pode largar o *Sonnenschirm*.

Pode ser mesmo um tic litte-
rario usar *Sonnenschirm*: ha quem
não possa escrever sem *Sonnens-
chirm*, como Boufon não escrevia
sem punhos de renda.

Depois o *Sonnenschirm*...

Era capaz de estar a escrever
assim até á manhã.

Que rica lingua a allemã! Faz
accudir o pensamento, baba-se a
gente de palavras.

Sonnenschirm! Que differença
para a palavra prosaica, que tra-
duz na nossa lingua o rico voca-
bulo germanico!

Que differença entre o nosso
guarda sol e *Sonnenschirm!*

Porque é ao nosso guarda-sol
que os Allemães chamam *Sonnens-
chirm*.

Guardei o *Sonnenschirm* para
o fim por causa do gosto.

Para explicar a ida a Graz es-
creveu eruditamente:

Nascido na ribeira do Occidente,
Das tradições da Lusitania herdeiro,
Acharás, por ventura, surprehendente
Que eu tenha um pouco o espirito via-
geiro?

Não podia extranhar. Já Bocage
no retrato que citamos, escrevera
tambem:

Incapaz de assistir num só terreno

E' muito mais secco. Bocage
sabia muito menos.

Leite de Vasconcellos recom-
menda a Suchardt, que, para o
reconhecer na estação de Graz,

... ólha attento
Pra onde mais te bater o coração

Não ha maneira mais sabia e
elegante de indicar o lado es-
querdo.

Quasi a terminar escreve:

... num prenuncio certo
De que co'o amigo em communhão está.

E' pena esta leve cacophonia
em versos tam bonitos.

Anda tudo, tudo assim.

Ultimamente, o Arthur Lei-
tão...

Decididamente tenho medo.

Ainda hoje me não decido a
começar a escrever.

T. C.

A CHEIA

O Mondego mais uma vez saíu
para fóra do seu leito, inundan-
do os campos e povoações margi-
naes, causando avultados pre-
juizos.

Coimbra parece uma perfeita
Veneza, áparte as bellezas que
aqui faltam e sobram á formosa
rainha do Adriático.

Parte das ruas da baixa da ci-
dade estão inundadas, andando
barcos a fazerem o serviço entre
os differentes pontos occupados
pela cheia.

Perto das dez horas attingiu o
rio a sua maior altura, marcando
5.^a 75 acima do nivel ordinario.

A linha do caminho de ferro
rompeu-se junto á azinhaga do
Arnado, havendo as primeiras
infiltrações na parte da linha que
foi cortada pelas aguas ha dois
annos.

Hoje apresentou-se o tempo

com melhor aspecto, cessando as
chuvas torrencias que têm caído
nos últimos dias.

Peas estradas ha muitas barre-
iras e muros caídos; na parte
de Coimbra que está inundada os
juizos sam importantes.

Coimbra, depois do Mondego
voltar ao estado normal, deve
ficar pestilencial, pois as aguas,
que produziram as inundações,
sam provenientes dos canos de
exgoto, trazendo com ellas gran-
de quantidade de podridões que
por elles existem.

Se não forem completamente
beneficiadas as casas e as ruas
atingidas pela cheia, a saude
publica soffrerá immenso.

Veremos quaes as providencias
tomadas e depois fallaremos.

O que diz a mordaçã

As violências que se estão
exercendo contra a imprensa,
sã a melhor prova do que o
governo trama. O silencio des-
sa imprensa amordaçada á fór-
ça é mais eloquente que todos
os artigos que ella podesse
publicar.

O que dizia essa imprensa,
o que reclamava ella?

Isto:—que o país não admit-
tisse um convênio, que deshono-
rresse e compromettesse o país.

Claramente, se o governo
tencionasse apresentar um ac-
córdo, que representasse uma
solução favoravel do assumpto,
elle não tinha a arrecear-se
d'essa campanha.

O governo, com as suas
violências, denuncia, pois, os
seus criminosos planos.

O seu despotismo falla, acu-
sando-o.

Estão doidos

Sabemos pormenores inte-
ressantissimas das violências
exercidas contra *O Mundo* que,
como se sabe, foi prohibido de
circular sabbado e domingo.
Chegam a parecer trechos de
comédia.

Um exemplo:

Entre os artigos do *Mundo*,
de sabbado, havia um artigo
em que se dizia o que era o
convênio Espregueiro. Na tar-
de de sabbado, a policia de-
clarou que dêsse artigo não
pódia sair uma phrase pronun-
ciada pelo sr. Fuschini numa
sessão da câmara dos deputa-
dos.

Na primeira edição de do-
mingo saiu o artigo sem a
phrase.

A policia mandou então re-
tirar êste periodo, o último,
de que primeiro não fazia caso:

«Julga o país o que isto quer
dizer.»

Fêz-se segunda edição—
com a subversiva phrase cor-
tada.

Nova indicação da policia:
para sair tambem o penúltimo
periodo, êste:

«Dêsse documento ignóbil
(convênio Espregueiro), que
considerou como tal, o ministé-
rio Hintze faz hoje uma espé-
cie de livro santo.»

Faz-se nova edição—com
tal periodo cortado.

A policia vê a edição e de-
clara que todo o artigo tem
de ser eliminado.

Commentar para quê?

CORRESPONDÊNCIAS

Figueira, 23 de fevereiro.

Appareceu finalmente a classi-
ficação dos expositores que con-
correram á exposição industrial e
agricola d'êste concelho, que este-
ve aberta durante os meses de
verão. Esperaram mas arrecea-
daram.

Houve medalha que te parto,
escapando apenas um ou outro
expositor, por esquecimento, com
certeza. As medalhas d'ouro en-
tão foram distribuidas (salvo seja)
a rôdo. E assim, parece que ou
ha por aqui muito ouro ou as nos-
sas indústrias e agriculturas sam
maravilha. Pois, nada d'isso.

A exposição, no meu humillimo
parecer, foi manifestação interes-
santissima da nossa penúria in-
dustrial e agricola. Estava muito
bem installada numa excelente
casa.

E a comissão organisadora e
installadora, que merece muitos
elogios, viu coroado do melhor
êxito, que se podia obter com os
nossos elementos locais os seus
esforços, que, todavia, não po-
diam fazer o milagre de fazer ex-
por indústrias que não existem.

A comissão fêz tudo o que po-
dia fazer e mais do que era de
esperar e conseguiu, não obstante
a opposição surda dos *tolerados*,
fazer, como dissemos já, uma de-
monstração interessantissima da
nossa penúria industrial e agricola;

demonstração da nossa penúria,
porque a verdade é que hoje pou-
co mais temos aqui do que a in-
dústriada exploração do banhista,
que não concorreu á exposição,
mas que se concorresse, teria de
receber da liberalidade excessiva
e fácil dos classificadores apenas
medalha de cobre, porque é muito
mal feita; demonstração inter-
essantissima porque—d'isto não
ha dúvida—revelou excellentes
apudões que se torna necessario
desenvolver.

O que estava na exposição com
valôr real, além da secção da
actualmente próspera empresa ex-
ploradora das minas e indústrias
do Cabo Mondego? A escola in-
dustrial com uma regular colle-
cção de desenhos e dois discipu-
los—um o sr. Palha a apresen-
tar muito bem uma indústria no-
va nesta terra—a marcenaria—
outro o sr. Alves, serralheiro.
Havia tambem um bom trabalho
de fundição, indústria que tem
tido alguma importancia e que
infelizmente ultimamente tem es-
do em fraca laboração e umas
tentativas de productos para ex-
portação, conservas, azeites, etc.
dos srs. Ribeiro e Aguas e Fran-
cisco Maria d'Oliveira.

O resto, com poucas excepções,
demonstrava, como dissemos, fa-
culdades de trabalho, mas mais
nada, por enquanto.

Oxalá se tire ensinamento d'êste
certamen e d'aqui a alguns annos
outro se possa fazer com menos
esforço, onde se possa constatar
a existência de novas e florescen-
tes indústrias. Oxalá que os po-
deres publicos, que desta vez e
por habilidades da *politica* ape-
nas trataram de ser desagradá-
veis á comissão da exposição, se
convençam de que a Figueira
merece uma escola industrial a
valer, onde se possa aprender a
trabalhar.

— A Junta Liberal da Figueira,
requisitou á Associação das Es-
côlas Móveis pelo Methodo João
de Deus uma missão para esta
cidade. A Associação das Escô-
las Móveis accedeu e ai temos ha
um mês, na casa bizarramente
cedida pela *Associação dos Cai-
xeiros Figueirenses*, a missão, que
dirigida pelo sr. Gonçalves Mar-
tins, o mais antigo professor da
associação, que, com uma paciên-
cia e bondade inexcedíveis e com
o auxilio de alguns cavalheiros e

principalmente do sr. António Ferreira de Freitas está ensinando perto de cem pessoas que dentro de pouco tempo têm aprendido, graças ao excellento método, a ler e a escrever com muita facilidade. A Figueira é, naturalmente, a freguesia do concelho onde ha proporcionalmente menos analphabetos, mas ainda, infelizmente, póde dar que fazer a muitas missões.

O nosso conterráneo sr. José Santhiago, proprietário da importante quinta do Canal, aproveitou a cheia e foi a Coimbra no seu vaporsinho Carlos, que foi construído nesta cidade.

— Ando por essas praças e ruas a terrível poda municipal, creatura estúpida e inexorável que mutila barbaremente as pobres árvores para depois dizer que não se desenvolvem por causa do ar do mar.

Eu queria que me explicassem como póde desenvolver-se uma árvore rodada annualmente!

Nas ruas onde não ha espaço para a arborização, não ponham árvores, mas onde ellas podem desenvolver-se, deviam deixá-las tomar o natural desenvolvimento apenas modificado ligeiramente por uma poda educativa. Com as podas que andam a fazer e que eu ainda hoje vi no adro da igreja, as árvores de sombra poderiam dar aboboras como as cabeças de quem as manda fazer. Na Praça Nova, certamente por intervenção do presidente da câmara, a poda não foi tão bárbara como dos outros annos, mas ainda foi péssima.

— A câmara resolveu restituir ás ruas os seus antigos nomes. Acho bem.

Eu entendo que uma rua nunca deve mudar o nome, para ao menos não acontecer como aqui tem acontecido: ninguem saber os nomes das ruas, porque a politica, ou o que diabo é, lhes anda sempre a mudar o nome.

Arranjem ruas novas para honrar os nomes dos seus amigos e compadres, se não estiverem para a massada de lhes pôr os nomes de varões illustres.

E por hoje basta, que já vai longa esta. *A.*

Villa de Pereira, 19-2-1902

Têm-se dado nesta villa casos fataes de meningite cerebro-espinhal, e a falta de médico faz-se sentir.

As febres têm grassado com muita intensidade, havendo casas

em que todos os habitantes foram atacados.

O médico raras vezes apparece, e, quando vem, é de fugida.

A' câmara compete providenciar; mas, por mais que se diga, nada ouve...

São coisas da politica e deu-nos como o mal nas batatas.

— Houve ontem um lauto jantar em casa do digno prior desta freguesia, rev.º Damazo Nápoles. Assistiram alguns cavalheiros desta villa e de outras. Lembra nos ter visto os srs. padre Caetano Abreu, José Raposo, Guilherme Silveira, João Mello e Sousa e Carlos Abreu.

— Esteve aqui, de visita ao proprietário sr. Silverio de Carvalho, o nosso amigo sr. Custodio Martins Vidigal.

— A cheia abaixou; estando os campos quasi descobertos.

VICTOR HUGO

Passou ontem, 26, o centenário do nascimento de Victor Hugo, o poeta immortal, que domina do alto do seu pedestal glorioso todo o seculo passado. Cérebro protentoso, só por si fará ecoar o nome da França por todos os séculos fóra, e a sua obra grandiosa ficará monumento eterno de gloria e honra da Humanidade.

Muito importante

Fomos informados por um nosso dedicado e prestimoso amigo, que as deligências que saem de diversas villas deste districto para esta cidade e vice-versa, transportando passageiros, vêm suspender as suas carreiras, devido ao grande aumento das avencas que lhes foram exigidas pela fiscalisação do sêllo.

De Cantanhede, por exemplo, havia uma deligencia, que transportava passageiros, por um preço multimodico, devido á concurrencia do caminho de ferro. Essa deligencia era tam util para o commercio desta cidade como para o de Cantanhede, pois sabemos que foi suspensa na terça-feira, porque exigiram ao seu proprietário 400000 réis do imposto de sêllo dos bilhetes de passageiros, durante o corrente anno, quando nos annos anteriores pagava apenas 140000, o que já era um prejuizo para o proprietário.

O que deixamos dito fica com vista ao commercio desta cidade e das povoações que vêm ficar sem communições regulares com a capital do districto.

De visita

Esteve na quarta feira nesta cidade, o nosso dedicado correligionário e amigo sr. Manuel Francisco Paes, dignissimo presidente da Commissão Municipal Republicana de Cantanhede.

O governo já não mantém as declarações que fazia—de não admitir controle nem consignação do rendimento das alfandegas para base do convento.

PUBLICAÇÕES

Os Amores de Margarida de Borgonha por — H. Demesse — Antiga Casa Bertrand—José Bastos—Lisboa.

Romance de grande tomo, em edição popular illustrada. Baseado nos moldes que fizeram o nome de Montepins a Richebourg, é romance de prender as atenções pelo complicado da trama e violencia das situações apaixonadas. Está publicada a 9.ª caderneta.

Mulheres Perdidas—por Alfredo Gallis—Lisboa—Gomes de Carvalho, editor—1902—

Acabámos de receber do considerado editor sr. Gomes de Carvalho o recente volume de Alfredo Gallis que noticiámos, subordinado, como outros anteriores, á denominação genérica de—*Tuberculose social*, serie de estudos sobre a decadencia e corrupção social em que vivemos, nos quaes o seu auctor, com um fim de regeneração, procura analysar esse estado de abatimento e degenerescencia a que muito bem chama—*tuberculose social*. Vamos ler o livro que, percorrido de relance, revela apreciáveis qualidades de analysa da vida portuguesa, e, pelo pouco que delle já conhecemos, o recomendámos.

Paolo Mantegazza — O amor dos homens—Lisboa—Livraria editora de Tavares Cardoso & Irmão 1901—

Só agora podemos noticiar a apparecimento deste curioso e interessante livro, devido ao talento incontestavel dum dos homens de sciencia italianos que mais se têm distinguido pelos seus trabalhos de profunda investigação, dos quaes os senhores Tavares Cardoso & Irmão já têm editado alguns dos melhores, como o *Problema do Casamento* e a *Physiologia da Mulher*.

O que hoje noticiamos é de alta importancia sob o ponto de vista ethnographico e até sociológico, e por elle o seu auctor dá a conhecer diversas facetas da mais intensa vida humana nas diferentes racas, merecê das suas escaececidas e eruditas observações pessoais alliança nobre, que não poderíamos regularmente voltar-nos para esse lado. Resta o pôvo, que gosta dos dotes grandes, e onde eu não deixaria esconder o nome de Croizy. O casamento é, por isso, impossivel, ou pelo menos improvavel. E então, o que encontra uma menina no celibato? Uma situação dependente, visinha da servidão. Mestre, ou dama de companhia, tem, alem de sofrer humilhações, evitar ou vencer a seducção. Que lhe dá, pelo contrario o convento? A paz, a veneração, a conservação da dignidade do seu nome, e uma vida espirital fecunda para a eternidade. Já vê que não é muito para lastimar.

— Não, sem dúvida, disse Carolina de Fayolles, que tinha sido tirada da sua indiferença por o olhar da irmã.

— A senhora falla bem, replicou a velha M. de Virville, com uma ponta de ironia, e o seu raciocínio parece inatacavel sob certo ponto de vista social, mas, accrescentou docemente, nem todos os temperamentos sam eguaes, nem todos sam feitos para as duras privações da vida monástica.

— Deixe-me responder-lhe, disse M. de Richaux na sua voz de

em numerosas e extensas viagens por todo o mundo. Este livro é ainda digno de notar-se pela pureza da tradução, em que se entevê a personalidade dalgum distincto homem de letras, ao mesmo tempo cultor entusiasta da lingua portuguesa.

Associação de socorros mutuos

MONTE-PIO CONIMBRICENSE

Martins de Carvalho

AVISO

As contas da receita e despêsa da gerencia de 1901, estão patentes, para serem examinadas, pelos socios, das 8 ás 9 horas da noite, no escriptorio do Monte Pio, desde o dia 24 de fevereiro a 10 de março de 1902.

O secretario da direcção,

Alberto Vianna.

PAULO MANTEGAZZA

O AMOR DOS HOMENS

Ensaio d'uma ethnologia d'amor

Tradução do italiano

LISBOA

LIVRARIA EDITORA

DE

Tavares Cardoso & Irmão

5, Largo do Camões, 6

OS AMORES

DE

Margarida de Borgonha

POR

H. DEMESSE

Lisboa

Antiga Casa Bertrand—José Bastos

75—Rua Garret—75

AVENTURAS PARISIENSES

14.º

A mancha da familia

POR

Pierre Salles

LISBOA

Antiga Casa Bertrand

de José Bastos

Cada volume illustrado, 200 réis

ANNUNCIOS

Escola Nacional de Agricultura

Pela Direcção d'esta Escola se faz público que, no domingo 9 de Março, proximo, pelas 11 horas da manhã, na secretaria da mesma Escola e perante o director, ha de ter logar a arrematação dos gêneros abaixo declarados, sob os preços minimos indicados, sendo entregues a quem mais der, convindo o preço offerecido.

As importancias totaes deverám ser pagas desde logo e retirados os couros e animaes no mesmo dia, podendo a laranja, o vinho e azeite serem retirados até ao fim do referido mês.

Podem desde já ser examinados em todos os dias uteis, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde.

Laranja, no talhão n.º 6, avaliada em 150000 réis.

1:480 litros de vinho tinto, avaliado a 25 réis o litro.

1:850 litros de vinho branco avaliado em 22,5 réis o litro.

385 litros de azeite avaliado a 160 réis o litro.

14 couros salgados avaliados em 300000 réis.

1 vacca (infecunda) avaliada em 450000 réis.

1 vitella avaliada em 140000 réis.

Escola Nacional de Agricultura, 19 de Fevereiro de 1902.

O Director,

Antonio Augusto Baptista.

Annuncio

Nos dias e horas abaixo designados e perante a Direcção da Penitenciaria de Coimbra, ha de ser arrematado em hasta publica e por licitação verbal, o fornecimento dos objectos, que não foram arrematados nos dias 13 e 14 de janeiro (gêneros alimentícios e materias primas para a officina de carpinteiro) e que vêm novamente á praça respectivamente nos dias 10 e 11 de março pelas 11 horas da manhã.

As condições estão patentes na secretaria da mesma Penitenciaria.

Secretaria da Penitenciaria Central de Coimbra, 26 de fevereiro de 1902.

O Sub-Director

João de Menezes Parreira.

(3) Folhetim da "RESISTENCIA,"

MAXIME RUDE

UMA VÍCTIMA DO CONVENTO

II

Alice de Villy, a alumna mais tímida do convento, naturêsa duma bondade e duma delicadeza infinita, tinha ousado protestar ao mesmo tempo que Hermínia. Esta circunstância simples avivára uma sympathia mútua e fizera nascer em breve uma dessas amizades que parecem dever resistir a tudo no futuro.

Ao chá, tratara-se precipientemente da partida de M. de Croizy para o castello de Villy, aonde Alice, que acabava tambem de terminar os estudos, lhe tinha pedido que fosse passar as férias.

— Está então combinado que a nossa Hermínia nos vae deixar? perguntou M. de Richaux.

Oh! Um mês, ou mês e meio, quando muito, respondeu Aurélia

de Fayolles. Pensei que devia ceder ás instâncias de Villy.

— Os Villy sam de fracá nobrêsa, penso eu? perguntou ainda M. de Richaux.

— Nobrêsa de Luis XV, disse sentenciosamente Aurélia; mas pelo lado das mulheres, excellentes raça; pertencem aos d'Harsonville, e estão ligados aos d'Argouges.

— Ah! Muito bem... mas não tem medo de que M. de Croizy arrange fóra daqui ideias mundanas que a aflastem do estado religioso a que a destina?

— Nem um momento! A familia de Villy é, creio eu, patriarcal e as senhoras todas conhecem a ingenuidade de Alice; não será ella que desviará nossa filha do caminho para que é levada, não só pelos mais sábios conselhos, como tambem pela necessidade.

— Pobre menina! murmurou M. de Virville, sacudindo num meneio de cabeça os anneis de neve do seu cabelo, debaixo da rouche branca da sua touca.

— Ah! Minha senhora, replicou a implacavel Aurélia, bem sabe como eu que nobrêsa obriga. Ha tantas senhoras nobres que, não tendo fortuna, se acham em embarras por ter contrahido uma

nos tempos dos romances de cavallaria, e, se essa illusão existisse no espirito de Hortência, seria a peor das loucuras.

E M. de Fayolles suspirou bem alto, menos pela saudade que lhe deixára essa illusão, do que pela ferida que innocentemente lhe fizera M. de Monfort.

A pobre Quoniam, ordinariamente tam prudente, não poude conter-se:

— Nós temos visto dessas inclinações.

— A senhora viu? interrompeu seccamente Aurélia. Quem não ha de acreditar, accrescentou, estalando a rir, que a senhora teve de deitar ao chão, para chegar ao convento, todos os cavalleiros a seus pés?

— Oh! bem sabe que não fallo por mim, apressou-se a responder humildemente a velha senhora. Não sou feita, como toda a gente e principalmente como mademoiselle de Croizy.

Carolina de Fayolles tinha-se levantado lentamente da cadeira, e olhando discretamente a irmã disse:

— Tem havido meninas mais espirituosas e tam seductoras como nossa prima que nunca tiveram fortuna igual. (Continua)

FACTURAS

e envelopes
Typ. de M. Reis Gomes, rua Martins
de Carvalho, 7 e 9 — Coimbra

Espingardas

De fogo central e de carregar
pela bôcca. Vendem-se com gran-
de abatimento.

VENDAS A PRESTAÇÕES

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges — COIMBRA

COSINHA POPULAR

Rua da Concordia, n.º 27, 29 e 31

Figueira da Foz

Esta antiga e acreditada casa
situada num dos melhores locais
da Figueira, **Juntados Ca-
sinos e a dois passos
da praia de banhos**,
continua recebendo hóspedes per-
manentes, por preços commodos.
Fornece almoços e jantares para
fôra, desde **300 réis**.

O proprietário,
José Maria Junior.

Máquinas de costura MEMORIA

Júlio Machado Feliciano

CASA DO LEQUE

Participa aos seus ex.^{mas} freguêses e ao público em geral, que
acaba de receber uma importante remessa das bem conhecidas e
acreditadas máquinas — **Memória** — a melhor até hoje conhe-
cida.

Quem precisar adquirir uma bella máquina de costura, para fami-
lias, alfaiates e sapateiros, não o faça sem primeiro examinar todos
os modelos destas tão acreditadas máquinas e que se garantem por
tempo illimitado e que não têm rivaes, nem em qualidade nem em
preços.

Dão-se todas as explicações e acceitam-se máquinas em troca.
Esta casa acaba tambem de receber um grande sortimento de
armures pretos, sédas pretas e mantilhas de séda e outros artigos
próprios do seu commercio, o que tudo vende a preços resumidos.

PASTELARIA E CONFITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

N'esta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e
Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de
todos os artigos concernentes a estabelecimentos d'esta naturêza.

Dôces de ovos dos mais finos paladares e delicados gô-
stos, denominados *dôces sortidos*, para chá e *soirées*, em grande e
bonita variedade que difficil se torna enumera-la.

Dôces de fructa de todas as qualidades, de que é cos-
tume fabricar-se, tanto em sécco, como crystalisados, a rivalisar com
os estrangeiros.

Pastelaria em todos os géneros e qualidades, o que ha
de mais fino e saboroso, especializando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes
de primorosa phantasia, denominadas *Centros de mesa*, *Castellos*,
Jarrões, *Lyras*, *Floreiras*, *Lampreias*, etc., etc., próprias para ban-
quetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá,
café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo systema de Margaride, já bem conhecido
nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo
que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Mosca-
tel, Collares, Champagne, Cognacs, Licores finos, etc., das melho-
res marcas nacionaes e estrangeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amêndoas e confeitos de todas as qualidades, ga-
rantindo-se a pureza dos assucares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e estrangeiras, chás verdes e pretos,
passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyère,
Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e bis-
coitos na Couraça de Lisboa, 32.

SILVA & FILHO

Fábrica manual de calçado e tamancos
e depósito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

RESISTENCIA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilhas:

Anno..... 25700
Semestre..... 12350
Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 25400
Semestre..... 12200
Trimestre..... 600

Avulso 40 réis

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições,
20 réis; para os senhores assi-
gnantes, desconto de 50%.

Annunciam-se gratuitamente to-
das as publicações com cuja re-
messa este jornal fôr honrado.

JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges

COIMBRA

Esta casa encarega-se da collocação de PARA-RAIOS e CAM-
PAINHAS ELECTRICAS pela Casa Ramos & Silva, de Lisboa.
Toma conta de encommenda de qualquer artigo que tenha de
ser feita directamente com o estrangeiro.

Fornece pelos preços do catálogo COFRES A PROVA DE
FOGO da casa João Thomás Cardoso & Filhos, do Porto, que
sam os mais garantidos.

Tambem se encarrega de qualquer obra de serralleiro, como:
gradeamentos, portões, fogões e reparações mechanicas de qualquer
naturêza.

CASA INNOCENCIA**CONFITARIA E MERCEARIA**

RUA FERREIRA BORGES — 91 a 97 (CALÇADA)

VENDAS POR GROSSO E A RETALHO

Em breve devem estar prontas as tabellas de preços de amên-
doa e mais artigos de *Confitaria e Conservaria*, fabricados nesta
casa, a mais antiga de Coimbra e que maior sortimento tem.

Os artigos desta casa, têm sido premiados nas exposições a que
têm concorrido.

Mandam-se tabellas de preços a quem as pedir.
Nesta casa encontram-se vários artigos de *Mercearia*, de
primeira qualidade.

Vende todos os artigos pelos mínimos preços, garantindo a sua
perfeição e acção na fabricação.

Dirigir correspondência a

Innocência & Sobrinho — Coimbra

REDUCCÃO DE PREÇOS**Estabelecimento de João Gomes Moreira**

Rua Ferreira Borges

(Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Esta casa que em Coimbra tem melhor sortido tanto em fer-
ragens e materiaes de construção como em
cutilaria, artigos de fantasia e utensilios de
cosinha e mesa, participa a todos os seus freguêses, e ao
público em geral, que acaba de reduzir bastante o preço de quasi
todos os seus artigos.

As condições em que faz todas as suas compras dire-
tamente nas principaes praças estrangei-
ras e fabricas portuguezas, sam uma garantia de
que pôde vender em melhores condições do que qualquer outra
casa desta cidade.

Phonographos e grande va-
riedade de
cylindros impressos com canções
populares, cançonetas, óperas,
zarzuellas, bandas, operetas có-
micas, revistas, fados, etc. etc.

JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges

COIMBRA

Lembra-se a todas as pes-
soas que forem a Lisboa, que
não se esqueçam de visitar a
maravilhosa e surprehendente
Exposição Fabril e Artistica
SINGER, installada na rua do
Principe, á entrada da Aven-
nida.

REWOLVERS

Saint Etienne

Com ballas blindadas de aço e
de pólvora branca sem fumo, mui-
to portateis e de grande alcance.

JOÃO GOMES MOREIRA

EM FRENTE DO ARCO D'ALMEDINA

COIMBRA

ROTULOS

para pharmacias, mercearias,
livreiros, etc., imprimem-se
na typographia de M. Reis
Gomes, rua Martins de Car-
valho, 7 Coimbra.

PECHINCHA

LINHOS E ATOALHADOS
DE GUIMARÃES

Ha para liquidar grande quan-
tidade de toalhas de mesa e guar-
danapos de linho e algodão, toa-
lhas para rôsto em linho, algodão
e telpa. Colchas, panno de linho
e algodão para lençoes, pannos
para mesa, etc, etc, por preços
excepcionaes.

Quem precisar, queira dirigir-se
ao estabelecimento de ferragens
e utensilios de cosinha e mēza de
João Gomes Moreira — Rua Fer-
reira Borges — (em frente ao Arco
d'Almedina — Coimbra.

OFFICINA TYPOGRAPHICA

Proprietario — MANUEL DOS REIS GOMES

7 — RUA MARTINS DE CARVALHO — 9

COIMBRA

Impressões de livros, folhetos, diplomas, avisos,
mappas, facturas, recibos, circulares, prospectos,
memoranduns, etc.

Timbragem de papel e enveloppes.

RESISTENCIA

Editor

Manuel d'Oliveira Amaral

Publica-se aos domingos e quintas feiras

Officina typographica

Rua Martins de Carvalho, 7 e 9

N.º 678

COIMBRA — Domingo, 2 de Março de 1902

8.º ANNO

O ÚLTIMO CRIME

O convénio está feito.

O governo de confessos bandidos, — que, contra a lei fundamental da nação, amordaça a imprensa independente, afim de que o seu grito honesto não desperte este povo adormecido; que augmenta as guardas pretorianas, aptas a esmagar todos aquelles que pretendam impedir a sua obra nefasta de corrupção e de roubo; — acaba de sellar a venda da Pátria, a perda da sua autonomia, da sua independência e da sua honra, com o cynismo habitual de bandoleiros impunes, com o impudor inherente a traficantes sem responsabilidades.

A consignação da receita das alfândegas do continente, insulares e colonias, e a fiscalização das receitas pelos extrajaneiros, por meio do "contrôle", são, entre outras clausulas vexatórias e infamantes, a perda completa da nacionalidade portugueza, arruinada nas suas diversas fontes de riqueza pública, industria, agricultura, commercio—tudo!

A oligarchia que domina importa apenas conseguir dinheiro, que o regimen ha de devorar na sua orgia constante, sejam quaes forem os males derimentes para o pobre povo, esmagado por tributos, torturado pela fome.

Pois bem, urge que o Povo, o eterno explorado, evite a ruína que se prepara, e, abatendo os judas do poder, conjure o perigo que nos ameaça.

A hora é decisiva. Ou lutar e vencer, ou nos deixamos amortallar, ignominiosamente, pela turba esfaimada dos partidários desse governo miseravel.

Sim! Dentro de poucos dias o convénio será apresentado ao parlamento, onde uma maioria ignara de famintos o saudará com palmas, e uma minoria de cúmplices o atacará *pro-forma*.

Depois será tarde. . .

Uma patria a menos, e a monarchia terá perpetrado o seu último crime, se porventura o Povo, numa hora legitima de cándido ódio, não arrancar as pedras das calçadas com que santamente ha de correr a cáfila de corruptos,

que o pretende esmagar—vexando. Demais abusou já o regimen. Tem-nos arrancado a pelle com impostos, e quer ainda assassinar-nos.

A paciência do Povo, no seu soffrimento calado, deu-lhe alento para tentar a última affronta.

Consentir-se-ha?

Não. Se ha espingardas nesta terra chegou o momento de as carregar para intervir efficazmente.

Declaração

O nosso illustre collega de Lisboa — *O Mundo*, insere na sua primeira página a seguinte declaração:

Este jornal encontra-se amordaçado á ordem do governo, que lhe não permite fallar da questão dos credores, que todos os cidadãos portuguezes deviam ter o direito de discutir livremente.

Amordaça-se a imprensa independente, para que o povo não tenha conhecimento da infâmia que se prepara, e o governo possa deshonrar e expoliar o país, livremente, sem que falle a praça pública.

E' isto que se depreheende do procedimento cynico e despótico de um governo sem patriotismo.

Veja o país

O Dia, fôlha monarchica, redigida por um ministro da corôa, diz o seguinte:

«Positivamente, vamos ao fundo: e vamos com infâmia e deshonra.

E' a isto que nos arrasta o actual governo!»

Quando um cúmplice se expressa assim, é que ainda são mais medonhos do que se julga os termos em que o governo da monarchia vai fazer o convénio com o extranjeiro.

A Carta Constitucional da monarchia portugueza, em vigor, estatue — **que todos os cidadãos portuguezes são obrigados a pegar em armas, afim de defender o país dos inimigos externos e internos.**

E só inimigos da nação, é que podem pactuar com estranjeiros, consignando-lhe os rendimentos publicos, por meio de fiscalização exercida por elles.

Que o país se prepare para cumprir as disposições da Carta Constitucional.

Os partidos do governo têm feito uma administração deshonesta, motivo por que nelles não confiam os credores externos.

GRÉVES

Estám-se repetindo por vários pontos do velho e novo mundo as luctas entre operarios e patrões, entre explorados e exploradores, conforme o dizer do operariado.

As perturbações produzidas pelas gréves são enormes e deixam fundos vestígios, muitas vezes difficeis de attenuar, quanto mais de apagar de todo.

E' por isso que o operariado, a seguir a uma gréve, quasi sempre soffre males enormes, de que são principaes victimas as suas familias.

Não queremos com isto dizer, que somos em absoluto contrários ás gréves e que ellas não têmham razão de ser.

Sim, as gréves, na maioria das vezes, são o exercicio pleno dum direito — a defesa, da parte da população trabalhadora, contra os grandes industriaes e argentários. Mas, com magoa o dizemos, quasi sempre enfermam dum mal curavel, mas que produz resultados funestos, para os grévistas, pois ficam esmagados, mercê da falta de organização e instrucção do elemento trabalhador, apezar da justiça das suas reclamações.

Como podem ter justo deferimento as reclamações do operariado, feita por meio das gréves, por não terem sido attendidos os pedidos feitos em termos ordeiros e moderados, se na sua quasi totalidade os que trabalham e produzem, não sabem quaes são os seus deveres e força, visto que desconhecem até onde chegam os seus direitos, até onde podem e devem levar as suas aspirações?

E mesmo o peor inimigo de que enferma o proletariado, é a desorientação em que os discólos e pescadores de aguas turvas os fazem cair, apresentando-lhe miragens irrealisaveis por enquanto, visto que, repentinamente, dum salto, não se podem galgar todos os degraus da escada social, (permitta-se-nos a expressão) para se chegar ao cimo, onde estão os meios necessários para os direitos, deveres e aspirações das classes trabalhadoras, poderem ser cabalmente satisfeitos e completamente postos em prática.

Para uma clara explicação, comparemos as ideias, as formas de governo, a uma escada, como acima dizemos, da qual o primeiro degrau será formado pelo absolutismo, pelos ideaes fundados no posso, quero e mando; o segundo pelos pseudo governos monarchicos constitucionaes, que quasi sempre são um absolutismo disfarçado; o terceiro pelas monarchias electivas, em que os povos escolhem um *senhor* que os governe enquanto viver; o quarto pelo governo democratico, e os outros pelas diferentes formas republicanas, mais radicaes umas que outras, até se chegar ao cimo, onde existam, em toda a sua pureza, os principios socialistas e por último os communistas.

Será possível aos povos, na sua maioria faltos de instrucção e da força que só a associação lhes pôde dar, subirem só com

um impulso, toda a escada social, que deixamos indicada, sendo o impulso dado nos primeiros degraus, em que nos encontramos presentemente?

Certamente que não, e todos aquelles que pretenderem incutir outras ideias no animo dos que trabalham e produzem, — são seus inimigos, não podem querer o seu bem estar.

Vem isto a propósito do afastamento systematico dos chamados socialistas, dos partidos avançados, demonstrando um egoismo que muito os prejudica, pois faz com que nas collisions mais ou menos sangrentas que têm com os que exploram o seu trabalho, se vejam sós, desajudados daquelles de quem se afastam e que tanto os podiam auxiliar.

Dissemos que o operariado é egoista, e repetimo-lo, porque é a verdade, pois não se tem elle afastado pouco a pouco do partido republicano, guerreando o por vezes incarnicadamente, cuidando apenas só de si, sem se importar com o bem estar geral, quando é certo que só depois da republica é que poderá vir o socialismo e portanto a satisfação das suas aspirações?

Por taes motivos é que as monarchias, por meio de agentes assalariados, tratam de estabelecer rivalidades entre os aliados naturaes republicanos e socialistas, dividindo para dominar, acirrando ódios para se poderem luctar á custa dos que trabalham.

E é por isso que as gréves, embora muitissimas vezes sejam justas, cáem, arrastando consigo os que as fazem, produzindo só victimas, em logar da satisfação de justas reclamações!

Para prova do que avançamos, haja visto o que está succedendo em Barcelona, onde se organisou e executou uma gréve monstro e onde nada de bom os operarios conseguiram, apezar da sua tenacidade e justiça da sua causa, contando-se as victimas ás centenas, bem como os encarcerados.

E' que a gréve estalou num meio onde não pôde manter-se, sendo-lhe imposta a força, tanta vez inconsciente, do militarismo, como satisfação as suas reclamações.

Em Espanha dá-se o mesmo que entre nós, querendo o povo trabalhador formar uma especie de mundo á parte, conquistar todas as regalias, que só uma sociedade em grau adiantado de civilização lhe pôde dar, não tratando de ir ajudando a desbravar o terreno aquelles que a isso se devotam para que a revolução evolutiva e de ideaes puros se faça, afim de que o seu campo de acção se vá alargando e os horizontes se rasguem a soluções cada vez mais liberaes e justas.

Como é que o povo trabalhador quer, em regimens retrógados e desmoralisadores, ir se emancipando, se, em taes meios, até as aspirações mais tacañas não se podem levar a effeito?

Com gréves?

Não, que todas as classes se unirão para os esmagar, enquanto aos operarios lhes faltarem instruções e força associativa, come-

çando por aquelles que querem os verdadeiros principios republicanos.

Pois se as gréves, feitas sem verdadeira orientação, só resultam contraproducentes produzem.

Portanto, se o povo trabalhador se quer aproximar da realização das suas justas aspirações, não se isole; una-se aos partidos democraticos, auxiliando-os a conquistarem o poder e teram realizado uma obra benéfica para a sociedade em geral e para os seus em particular.

Se assim não fizerem; os males de que soffrem, agravar-se-hão em vez de diminuir, por maiores esforços que façam, e a sua situação nunca melhorará em regimens retrógados e draconeanos.

E depois só de si teram que queixar-se.

A consignação do rendimento das alfândegas ao serviço da dívida externa e sacrificar aos extrajaneiros a nossa autonomia.

Propostas de fazenda

Já foram apresentadas na câmara baixa, pelo respectivo ministro, as propostas de fazenda, que não representam mais que um novo assalto á bolça do contribuinte.

São quatro: contribuição industrial, real de agua, pautas e drawbak.

Na contribuição industrial é alargado o systema das licenças, sendo tambem por meio de licença a contribuição do real de agua.

O governo, nas pautas, fica autorizado a elevar as taxas, para fins escuros que ainda não se descobrem.

O relatório, que precede as propostas de fazenda, é um amontuado de trapalhices, tendentes a fazer acreditar aos ingenuos que a situação do thesouro não é desesperada.

Espertos para a pouca vergonha, são elles, os homens da pública governação, mas o peor é que ha quem lhe descubra as artimanhas, e os exponha em publico taes quaes são: uns histriões de feira.

Nos arraiaes regeneradores vae uma celeuma enorme, por causa do preenchimento da vaga de conselheiro de estado, que se deu pelo fallecimento do distincto almirante Baptista de Andrade.

O irrevogavel Arroyo, *leader* da maioria na chamada camara electiva, impõe se, e quer ser o preferido; outros triumphos hietaceos movem uma intriga diabolica para obterem a appetida honraria; o general Queiroz, chefe da casa militar de D. Carlos, é, porem, o mais cotado na imunda bolsa da politica.

Estava ainda insepulto o cadaver do glorioso marinheiro, e já a intrighada fervia, para se apoderarem da herança do extinto.

Parecem uns cães famintos a quem um osso appetecido põe em confusão.

Como tudo isto é baixo e repellente! . . .

CHRÓNICA

«O' vós, sábios da sciencia alta e profunda, que tendes meditado e que sabeis onde, quando e como tudo se une na natureza, dizei me porque e para que são todos estes amóres, todos estes beijinhos; sim, dizei-m'o, ó conhecedores sublimes, ó sábios!»

Isto é com o sr. José d'Arruella —e vem no nosso collega *O Liberal*, desta cidade.

O sr. Arruella é, como toda a gente sabe, um poeta lírico—quando não é um poeta épico.

Como poeta lírico, escreveu os *Contrastes*.

Este livro, que começa por ter uma capa amarella, occupa-se, como o seu titulo indica, d'assump-tos aureo-legaes; e, assim como a *Salambó* é uma joalharia em prosa, os *Contrastes* são uma ourivesaria em verso.

Além do que, é o volume illustrado com a certidão d'idade do auctor, e com algumas notas biographicas do celebre toureiro Montes.

Trata-se, como se vê, duma obra indispensavel a todas as donas de casa, aos negociantes d'ouro, por junto e a retalho, bem como aos artistas tauromachicos e amadores de tauromachia.

Como poeta épico, o sr. Arruella tem as *Convulsões da Pátria*.

E' sabido que a epopeia portugueza estava feita pelo sr. Luís de Camões até ao reinado D. Sebastião, e d'ahi, pelo sr. Thomás Ribeiro, até ao findar do ominoso jugo.

O sr. José d'Arruella pegou-lhe na altura em que replicavam os sinos das cathedraes, meteu, por uma logica associação de ideias, o sr. Padre Ramalho mais o sacristão da Misericórdia a cavarem a ruina do país—e fez o que faltava.

Quando se viu, pois, assim interpellado *ex-abrupto* por Burger, mediante *Mario Tullio*, o sr. Arruella ficou um tudo nada arrelampado.

A sua linha correctiva de gentilhomem perdeu-se um pouco.

Depois travou da pena: «Oh! estes amóres!... Oh! estes beijinhos!...»

Depois parou. Depois torceu-se. Depois tomou outro papel e recomçou:

«Oh! estes amóres!... Oh! estes beijinhos!...»

E enclavinhou os dedos. E arrepellou-se.

De subito, todo o seu ser vibrou. Como dum só traço, a sua pena irrompeu pela asperêza do papel:

«Oh! estes amóres!... Oh! estes beijinhos!... Oh! o anciar universal pela Propagação da Espécie!»

Tinha encontrado a phrase a caracteristica phrase do sr. José d'Arruella!

Porta-Ferrea é um periódico illustrado, órgão do primeiro anno de Direito, inventado expressamente com o fim d'alliviar—para regalo do corpo e satisfação da alma—paixões.

O programma do jornal, o qual por esquecimento lamentavel não saiu no primeiro numero, vem inserto neste numero dois, que temos em frente e á vista. Reporta-se aos *Lusiadas* e ás *Colunas de Hercules*, e tudo é jurar e rejarar que hám de pôr á luz do dia os deboches dos homens.

Porco e feio intento, se tomarmos a expressão no seu rigoroso sentido. Mas parece que não. Os *deboches dos homens* que elles vêem pôr á luz do dia, não é mais nem menos do que o deboche em estylo figurado, sem prosa dos redactores.

Sob o grave e circumspecto titulo—*O jornal*—estatela-se-nos por quasi três columnas da gazeta todo o extracto duma lição d'urso, dita na aula de Direito Natural e Philosophia do Direito; mais além, é uma chistosissima carta do amigo Augusto—que, aqui entre nós, é o que se pôde chamar um reinadio.

Ora a coisa assume proporções assustadoras no artigo—*Confrontos*—onde se trata d'insultar a respeitavel sr.ª D. I., muito da nossa especial consideração.

Estes *Confrontos* vêm a ser descendentes próximos dos *Contrastes* do sr. José d'Arruella—mas descendentes espúrios, porque o sr. Arruella é um homem de sociedade.

O confronto a que os *Confrontos* se referem, é estabelecido entre o coração da sr.ª D. I., e os albergues, pequenas casas, hospedarias lhes chamamos nós. Como se vê, esta synonymia é irreprensivel. Dizer albergues, pequenas casas ou hospedarias lhes chamamos nós, é dizer a mesmíssima coisa com aquella opulência de terminologia que caracteriza o sr. Hintze Ribeiro, mais o esclarecido auctor dos *Confrontos*.

Assim como, nos albergues, pequenas casas, hospedarias lhes chamamos nós, e no silêncio dum cubiculo fétido e nauseabundo, sobre uma enxerga já velha, o brilhante jornalista costuma recordar doces illusões da sua mocidade, diz que queria igualmente rememorar coisas a nós com a sr.ª D. I. Ora aqui torce ella o rabo. Porque lá a enxerga velha ainda appareceria. O cubiculo mesmo, estou que sempre se arranjava. Agora, se o auctor ama verdadeiramente com todas as véras da sua alma, como diabo havia de descobrir o cheiro fétido e nauseabundo ao pé da sr.ª D. I., que não lhe deve cheirar senão a agua de rosas?

Verdade é que o prosador, de pois, modera-se—e apenas deseja receber da sua amada a retribuição das suas caricias, tal como recebe a magra ceia na classica toalha, cheia de nodos de vinho, que alguém na soffreguidão de beber deixára cair.

Como se vê, o auctor dos *Confrontos* é o que vulgarmente se chama um *bom serás*; e, ainda que a sr.ª D. I. apresentasse a sua nodoasita, que alguém deixasse cair na soffreguidão de beber, elle encolhia os hombros, abria os braços, e exclamava constrictamente:

—Ora seja tudo em paga dos nossos peccados!

Pois nem assim o quizeram! Lá se declara que a sr.ª D. I. mudou de dono. E, exactamente como, ao passar hoje por um dos taes albergues, pequenas casas, hospedarias lhes chamamos nós, exclama, segundo confessa, com lagrimas agridões:

Ali já eu almocei quando vinha para férias, ou ali já eu jantei com um amigo meu,

o jornalista, agora, quando passa pela sr.ª D. I., murmura, cheia de desespero a sua alma:

—Ai de mim! Ali já eu trinquiei duas com ellas!...

Ingrata paga dum tão complacente amor!

A. S.

Termos do convênio:

Consignação da receita das alfandegas do continente, insulares e coloniaes;

Fiscalisação das receitas pelos extranjeiros, por meio do controlo;

Pagamento do juro da dívida externa, em oiro á razão de 50% para o 3º, 4º e 3º;

As exigencias dos credores externos—controlo e consignação de rendimentos—são a condemnação dos governos da monarchia.

Reforma do ensino pharmaceutico

Pela proposta apresentada ao parlamento para a remodelação do curso de pharmacia, são creadas 3 escolas, sendo uma em Lisboa, outra no Porto e outra em Coimbra.

O curso comprehende dois annos, com duas cadeiras em cada anno, e findo elle, será o aspirante a pharmaceutico submettido a um exame geral, pratico, ficando depois apto para o exercicio de pharmacia.

As habilitações exigidas para os candidatos se matricularerem nas escolas de pharmacia, são: curso dos lyceus, exames de chimica inorganica e botanica e dois annos de practica, feitos depois de ter completado o curso dos lyceus.

O director da Escola de Pharmacia desta cidade é o decano e director da facultade de medicina, sendo nomeado lente da escola, o director do dispensatorio da Universidade.

O quadro de cada escola é composto de 3 lentes cathedrativos, um substituto, um preparador, um escriptuario e dois serventes.

Parece-nos que a reforma respeitará direitos legítimamente adquiridos pelos individuos que tenham practica registada.

Carta de Lisboa

Não recebemos a costumada *Carta de Lisboa*, que o nosso illustre correspondente da capital nos costuma enviar para os numeros de domingo da *Resistencia*.

No Porto foi profusamente distribuido o relatório do sr. Madeira Pinto, que o governo tanto se empenhou em que não fosse do dominio publico.

Para que se não soubesse o que continha o famoso relatório, foram commettidos grandes atropellos e despotismos, sendo intimada a imprensa independente para não falar delle e portanto do convenio.

Na *Associação Industrial*, do Porto, houve reunião na sexta feira á noite, sendo lida e discutida a obra do sr. Madeira Pinto, e as bases conhecidas do que nos parece será a mortalha do ministério.

Eis no que deu a repressão e as prohibições feitas á imprensa! Quando a lei é atropellada, negando-se a liberdade de pensamento, surgem as publicações clandestinas.

Foi o que neste caso se deu e ha de dar, se a imprensa continuar a ser amordaçada.

Todos os felizes possuidores das notas de 5000 réis de cor de rosa, podem troca-las até 31 do corrente, pois o praso foi prorogado até esse dia.

As modernas, que andam em circulação, têm a figura de Vasco da Gama, em transparência, dentro dum oval branco.

Esta continua troca de papelada só confusões estabelece, sem lucro real para o banco emissor, pois os *artistas amadores* acompanham sempre os progressos, que os gravadores do banco fazem nas successivas emissões de notas postas em circulação.

Nalguma coisa a industria de gravura devia progredir.

Madre Paula

E' este o titulo do novo romance que a *Vanguarda* começará a publicar em folhetins, no próximo domingo, 2 de março. Essa obra versará sobre os episódios da mocidade e reinado de D. João V. Os folhetins serão illustrados,

RESISTENCIA...

Coincide o reaparecimento da *Resistencia* com o inicio dum novo e mais sério periodo para a vida nacional... O valente bi-hebdomadário que tam enérgica e proficietemente tem pugnado pelo triumpho dos mais sãos principios republicanos, hasteia de novo o estandarte das reivindicações politico-sociales da Democracia Portuguesa, lançando-se na luta em prol do decôro pátrio... apontando ao povo o caminho gloriosissimo da defêsa republicana, consubstanciada na Revolução e identificada com a Pátria.

Coimbra, o centro intellectual do país, é hoje o centro mais preclaro do republicanismo portuguez!... A briosa mocidade académica, esta symphthica mocidade, arrebatada no acrysolamento das mais santas e nobilissimas aspirações democráticas, a gloriosa depositaria das venerandas tradições patrióticas, constitue a mais deslumbrante esperança da Pátria que hade re-erguer num grandioso e salutar movimento.

A Lusa Athenas, o poético recolhimento dos espiritos propensos á meditação e ao estudo, ha sido desde os primitivos tempos da nacionalidade portugueza o predilecto centro de todos quantos á causa da Pátria vincularam sempre os mais preciosos momentos da sua luminosa existencial... A breve distancia da formosa nympha do Mondego, num dos mais apraziveis e bucólicos arredores desta cidade sem rival nas bellêsas alpestres de todo o país, demora a historica e afamada *Quinta das Lágrimas* e o poético retiro do *Penedo da Saudade*, sanctificados pelas dôres e o martyrio dessa pallida Neniza da nossa história: Ignês de Castro.

E' até, naquelles recessos onde a innocencia duma infeliz mulher soffreu pelo principe que muito amou, que os patriotas de hoje devem meditar profundamente sobre a desgraçada sorte do bello torrão—seu perfumado berço—que indómitas ambições pretendem villipendiar, sacrificando em holocausto aos seus inconfessaveis interesses a liberdade e independencia do país.

E' ali que devem avigorar para a luta o seu espirito e refazer a sua alma heróica na evocação das glorias d'outra ora!

O recente congresso do Partido Republicano Portuguez, reunido nesta cidade, exprimiu—por intermedio do esclarecido congressista sr. José Jacintho Nunes—o seu sentimento de solidariedade patriótica no angustioso periodo que atravessamos, pronunciando-se sobre a violação da nossa neutralidade na guerra sul africana e sobre a eventualidade dum próximo e mais affrontoso convenio regulamentador da nossa dívida externa.

A violação da neutralidade portugueza na guerra sul-africa com prometteu desairosamente os mais vites interesses nacionaes no continente negro, expondo a nossa provincia de Moçambique ás represalias das duas Repúblicas, ora invadidas, mas que imprevisitas circumstâncias podem tornar victoriosas num futuro mais ou menos próximo. Por outro lado ocorre a eventualidade, que acontecimentos cujas consequencias nos é vedado desde já prevêr, podem facilmente converter em temerosa realidade, de se annexar toda a Africa Oriental Portugueza aos territorios britânicos da Rhodesia e do Alto-Zambeze, dada a contingencia do imperialismo inglês tomar um novo e mais formidavel incremento com a victoria que por ventura, ou desgraça própria, os seus exercitos venham a alcançar,

destruindo se assim a independência dos dois povos.

Ninguém medianamente illustrado ignora que o programma dos imperialistas britânicos—Chamberlain e Salisbury á frente—é o de porfiar incansavelmente na integral constituição dum grande imperio em Africa:—desde o Cabo até ao Cairo no sentido-norte-sul, e de Frée-Toun, na Serra Leba, a Zamzibar. A guerra de conquista no Transwaal e Orange não é mais do que o detestavel inicio deste louco empreendimento.

E' este um perigo imminente que urge conjurar; mas semelhante missão pertence a toda a Europa, e não a nós... nem á nossa mesquinha situação de país secundário cabe empresa de tal vulto, que demanda o poderio das grandes nações do Mundo.

Com ao outro perigo, o denunciado na segunda moção, já alludida, este cumpre ao povo portuguez evitar a todo o transe, reivindicando a sua liberdade numa tenaz e ingente luta.

A re-aparição da *Resistencia*, cuja oportunidade está por demais justificada, pode concorrer poderosamente para a concentração dos elementos republicanos no centro do país.

FAZENDA JUNIOR.

Ensalos de propaganda e critica

Subordinados a esta epigraphe vai o nosso illustre correligionário Sr. Dr. João de Menezes publicar uma serie de estudos economicos-sociales, que é iniciada pelo opusculo—*A Nova Phase do Socialismo*—, que será posto á venda amanhã.

O real talento do Sr. Dr. João de Menezes, a sua vasta illustração e larga erudição neste ramo de estudos, que tanto se harmonizam com as tendencias do seu espirito, garantem-nos trabalhos de propaganda que não é demais recommendar.

Complexas como são as doutrinas socialistas, e multiplices as suas theorias, a *Nova Phase do Socialismo* vem fixar conclusões e accentuar a moderna orientação scientifica do socialismo, o que é, evidentemente, trabalho relevante e util para todos os que não têm preparação que os habilite aos profundos estudos sociais.

Neste abençoado concelho de Coimbra, abençoado para a passara da, lebres, coelhos etc., o tempo defêso é nem mais nem menos de 6 meses.

Os Nemrods cá do burgo têm de ensarilhar armas durante metade do anno, o que para elles deve ser dum ferro dos demónios.

Até 31 de agosto não ha licença para a caça de pena e pello, por mais que isso pese aos discipulos de S. Huberto.

Toda a outra especie de caça é permittida, começando pela das multas e acabando na das borboletas.

Aí fica o aviso.

Falleceu na sexta feira nesta cidade a sr.ª D. Maria Jardim Vieira Braga, esposa do sr. Francisco José Vieira Braga, acreditado commerciante desta praça.

O seu funeral teve logar ontem, pelo meio dia, da rua Sá de Bandeira para a Sé Cathedral e de lá para o cemiterio da Conchada.

A enlutada familia o nosso pésame.

Temos recebido a visita de grande numero de jornaes e publicações, agradecendo a sua remessa.

CORRESPONDÊNCIAS

Espinal, 27

São aqui lidos com afan, todos os artigos da *Resistencia*. E' que nelles só ha o que é de verdade, defendendo os interesses pátrios, corrigindo abusos a homens cégos, que não vêem o abysmo em que nos vãm precipitando.

— A gripe grassa aqui com intensidade, estando logares da serra d'esta freguesia, com casas de familia em que estão todos atacados daquella doença.

— Também a febre aphtosa se tem alastrado por todo o conselho, tendo matado algum gado bovino e caprino.

— Ha todos os domingos de quaresma os costumados sermões, com música, pelos oradores padre José D. Rosa, de Campello e rev.º vigário desta freguesia.

Nada ainda ha de positivo com respeito á festa da semana santa.

B.

Sobral de Ceira, 26 2-1902

Professor exemplar

E', sem duvida, o que rege actualmente a escola da freguesia de Castello Viegas, do concelho de Coimbra, o sr. José Maria dos Santos.

Este illustre professor, que merece os nossos mais sinceros e rasgados elogios, em quatro annos de regencia da escola daquella freguesia, tem desenvolvido uma actividade e zelo inexcelsos. Em curto intervallo de tempo o incansavel professor e grande propangandista da instrucção popular, tem obtido os mais proficuos e valiosos resultados no ensino, pois que já apresentou numerosas approvações e algumas com distincção em exames feitos no lyceu desta cidade.

Em 1898, 1.º da sua regencia, teve duas approvações; em 1899, seis; em 1900, oito; em 1901, onze; ficando-lhe dois alumnos distintos e os restantes com boa classificação de 14 e 13 valores!

No corrente anno lectivo sabe-se que habilitará e levará a exame um número de alumnos não inferior ao do anno passado.

Por estas provas evidentes deduz-se a muita competencia do sr. Santos e os méritos de que é dotado—um verdadeiro apóstolo,

que devotada e convictamente propaga o que ha no mundo de mais bello e melhora instrucção. Mas como elle verdadeiramente se impõe á nossa consideração é pela maneira captivante e carinhosa com que recebe as creanças, tanto da sua como de diferentes freguesias, que alli concorrem em grande número. Frequentam individuos a sua escola que pertencem a concelhos muito distantes, mas que vêem para povoações próximas residir até adquirirem o exame do 2.º grau. A enorme concorrência obriga-o muitas vezes ao desdobraimento de classes, o que faz com todo o gosto, afim de evitar que os discipulos fiquem de pé e bastante apinhados durante as horas das lições, embora reconheça que com esta mudança se lhe duplica o trabalho.

A custa de verbas e donativos, que o sr. Santos soube aproveitar e empregar proveitosamente, tem a sua freguesia uma casa de escola modelo, em optimas condições hygiénicas e pedagógicas e com nova mobilia e diferentes utensilios escolares.

Se todos comprehendessem e quizessem cumprir tam nobre e intelligentemente a sua missão, não reinaria tanta miseria pelas escolas primárias e por consequencia não seria tão grande a nossa depressão, moral e intellectual.

O sr. José Maria dos Santos, honra, pois, todo o professor digno e que cumpre o seu dever.

V. T. V.

Figueira, 27

Estão pois unidos e bem encadeados numa rede, da qual já não podem sair, os dois partidos da rotação; ou por outra, que derrotaram a nação. A junção, a corrente que os uniu, é o convênio: iniciado por uns, e combatido por outros, e, agora, perfilhado pelos combatentes. Estão portanto todos na rede!

Como, porém, ha ainda nestes dois partidos ruinosos, alguns homens honrados, que saiam para fóra, salve-se quem poder, e se quisere a pátria se salvará.

Ella vai condemnar os filhos degenerados que a querem entregar ao estrangeiro.

Constituirá um tribunal com posto de todos os seus filhos livres, para julgar os traidores, que

serão punidos com a penna que merecerem.

Em seguida gritaremos bem alto, viva Portugal vivam os seus defensores, abaixo os traidores e vendilhões, que querem deshonorar o pais com um convênio odioso. Figueira, 27—2—902.

J. N. S.

Cantanhede, 28.

Cá estamos na brecha, como promettemos, para historiar o que foi a nobreza nos tempos remotos; o que então valiam os titulares, com o seu bello calção de burél, e as senhoras com a sua modesta mantilha de bico. Se compararmos os nobres de hoje, de boa luva preta e boa bota de vernis, e as damas da moda, com os seus ricos vestidos de seda, feitos pelas melhores modistas, em Paris, — que desigualdade encontramos!!

Ah! já me esquecia tambem, cá estamos de posse dos modestos e obscuros commerciantes, industriaes e artistas, para lhes irmos indicando o caminho que têm a seguir para pôem um dique ás taes classes nobres, que os escorraçam do seu meio. Mas, como isto não vae a matar, fica para outro dia; hoje vamos ao que mais interessa.

Cantanhede data do tempo dos arabes. Foram elles os primeiros senhores desta região, mas em 1080 foram expulsos e povoada a villa pelos christãos; este grande acontecimento deve-se a D. Stzenando, então governador de Coimbra.

Como naquella epocha os homens se interessavam por esta pobre Villa, e como hoje os magnatas da terra só se distinguem pela sua... trica politica. Quem arranjar maior número de votos, mais importância adquire.

Que importa que alguém administre bem, que trabalhe, que puna pelos interesses públicos! Se não arranjar votos não tem valor.

Por hoje ficamos por aqui e até á semana.

P.

Bicycletes com motor

R. Ferreira Borges, 46 a 52

Coimbra

Automobilismo

Já foram encommendados pelos srs. João Gomes Moreira, Castro Leão e dr. Tavares e Mello os primeiros automóveis que estes senhores destinam ao depósito que nesta cidade vãm estabelecer.

Como noticiamos, conjunctamente com o depósito será esta belecida uma *garage* e uma serlalleria mechnica, nas condições por nós já indicadas.

O director técnico é o sr. dr. Tavares e Mello, a quem não falta competencia para bem se desempenhar da sua missão.

Brevemente vãm ser incommendados automóveis de grandes dimensões, muito sólidos, para o estabelecimento, por conta da empresa, de carreiras regulares entre esta cidade, Louzã e Arganil, para o que requereram a necessária concessão.

O empreendimento é ousado, mas é nossa opinião que dará aos seus iniciadores proventos bastante remuneradores.



AUTOMÓVEIS

A. Darracq & C.º

Agência—R. Ferreira Borges, 46 a 52

Coimbra



Fomos procurados pelo sr. J. Mello e Motta, dignissimo inspector dos caminhos de ferro da Companhia Real, para o fim de lhe darmos quaesquer informações mais que tivessesmo referentes ao conteúdo da local por nós publicada no n.º 676 deste jornal e que dizia respeito á deterioração de parte duma mobilia, vinda da Figueira da Foz, em pequena velocidade.

O dignissimo empregado superior desejava providenciar sobre o assumpto, mas pelo facto de não ter havido reclamação em tempo competente e por já não se poder averiguar a quem cabe a responsabilidade do prejuizo, não pode satisfazer o seu desejo.

Agradecemos a attenção que foi dispensada á reclamação que fizemos, o que demonstra que, felizmente, ha empregados zelosos, que desejam honrar-se e ao logar que desempenham.

Processão dos Passos

O senhor dos Passos parece que não está com vontade de passear pelas ruas da cidade.

Já no domingo passado devia mostrar-se aos devotos, com a decantada cruz ás costas, mas tal não quis, pois mandou chuva e mais chuva que impossibilitou os mesários de organisarem a processão, ficando transferida para hoje; mas as bategas de água continuaram a encharcar os pobres mortaes, o que de novo impediu a passeata do senhor dos Passos, que pelo visto não gosta de andar ás costas de peccadores.

E' esta a conclusão que se tira da persistencia da chuva, pois, segundo dizem os mestres das coisas religiosas,—nada se faz neste mundo senão á vontade de Deus.

Elles dizem e nós acreditamos...

Noticia a *Correspondencia de Coimbra*, em editorial de quinta feira, um *Te-Deum* para amanhã, mandado celebrar pelo sr. Bispo Conde, em acção de graças da entrada no vigéssimo quinto anno do pontificado, do Papa Leão XIII.

No segundo artigo noticia um *Jubileu Pontifical*, ordenado tambem pelo sr. Bispo Conde, ao cabido, arcepresbiteros, parochos e fieis da diocese, pelo mesmo motivo do *Te-Deum*.

Ficamos inteirados.

O sr. Santos Lucas, empresario chronico do theatro circo, anda por Lisboa á procura duma companhia de actores, que venham dar a esta cidade alguns espectaculos, antes da Páschoa.

Apesar de não ir munido da lendaria lanterna de Diogenes, quer-nos parecer que não volta da Lisboa amada sem companhia. Agora a qualidade della, é que se não pode avaliar por enquanto. Veremos, como dizem os cegos.

AUTOMÓVEIS

A. Darracq & C.º

Agência—R. Ferreira Borges, 46 a 52

Coimbra

jos atractivos interiores correspondem ás bellezas externas.

M. de Villy era um homem excessivamente amavel; a fortuna e a ociosidade não lhe haviam estragado o character. Viuvo, quasi logo depois do nascimento de Alice, nunca pensára em tornar a casar-se. Tinha a filha como consolação soberana; de mais tinha ainda viva a mãe, a tal veneravel Madame de Villy, de quem fallava Mademoiselle de Fayolles. Tinham ambos educado Alice com ternuras infinitas a que Madame de Villy juntava a idolatria de avó.

Foi um partir de corações no sentido absoluto da phrase, quando se viram forçados a separarem-se de Alice e mandal a para o convento.

Tinham pensado em mandar vir uma mestra para evitarem a separação: apresentaram-se senhoras velhas de quem Alice não tinha gostado: vieram depois outras muito novas, podendo dar aso á calumnia, naquelle castello donde, de vez em quando, se ia Madame de Villy a ver as suas propriedades, e onde o filho, relativamente novo, teria ficado sózinho entre uma creança e uma mulher sem fortuna, mais ou menos intrigante, com o encanto dos seus vinte annos.

(Continúa.)

(5) Folhetim da "RESISTENCIA,"

MAXIME RUDE

UMA VÍCTIMA DO CONVENTO

II

—Que mosca a mordeu, mana? Não parece que se queira referir a mim? Bem sabe que nunca me quiz casar e então não esteja a dizer tolices!

M.^{lha} Carolina, sem força mesmo para balbuciar, enterrou-se no fauteuil, o que a pobre Quoniam tinha feito, deixando passar a corcunda pelas costas da cadeira.

M.^{lha} de Blimy, a viuvinha, cujos olhos baixos seguiam á queda dos aneis louros do seu cabello penteado á inglesa e se conservara calada até aquelle momento de crise aguda, ergueu as palpebras, debruçou-se sobre Aurelia Fayolles e murmurou:

—E não é tambem verdade, minha senhora, que o casamento é origem de trabalhos novos, e que a viuvez, que é necessario prever sempre, pôde ter para a mulher sem filhos consequencias

duplamente cruéis?

—Não me atrevia a fazer essas considerações, apezar de ter á vista o exemplo de uma senhora, que soffreu tam dura experiencia. Abri-a-se a porta da sala: entrava M.^{lha} de Croizy.

Com o vestido comprido de lã preta, de baixo do qual se levantavam as ancas, o colarinho largo dobrado sobre o corpete, Herminia parecia mais uma amazona do que uma noviça do convento, e, examinando a, desde a raiz ruiava do cabello até ao arqueado enérgico do pé, pensava se, sem querer nas reflexões de M.^{lha} de Virville.

—Vem tarde, menina, disse severamente Aurelia de Fayolles.

—E' verdade, M.^{lha} de Fayolles; esqueci-me da hora a escrever á minha boa amiga M.^{lha} de Villy, para lhe annunciar a minha ida.

—Excelente sentimento, disse M.^{lha} de Richaux; consigo nunca perdem os que estão ausentes;

—Alice e a avó não mereciam isso, replicou Herminia.

O seu olhar deu com o de Aurelia, de Fayolles e não se baixou. Então, disse Aurelia, inquietando-se, sem o querer com aquellas discussões e as suas consequencias, venha cabecinha de vento, tomar uma chavena de chá.

M.^{lha} de Croizy tinha avistado

Quoniam, que comia silenciosamente os seus bôlos com a corcunda arqueada, como uma cadelinha a quem tivessem batido; advinhára uma tempestade na sociedade das senhoras de Fayolles, e, nessa noite, em vez de se humilhar, ergueu-se orgulhosamente á espera de um raio novo.

Aurelia de Fayolles perturbárase com aquella attitude; perguntou a Herminia:

—E que escreveu a Madmoiselle de Villy?

—Que me tinha confirmado de viva voz o que lhe havia prometido á avó della, e que eu estava muito agradecida a Madmoiselle Villy e á senhora.

—Está, então, tudo perdoado.

Herminia tinha apenas humedecido os labios na taça de chá que lhe fóra offerecida. Sentou-se, fingindo ingenuidade, na mesma cadeira pequena em que se sentára a primeira vez que a mãe a trouxera ao convento. E, enquanto a conversa, desviada pela chegada della, se tornava banal, pensava o que era quando Madame de Croizy a mettera tam creança alli, naquella mesma sala, e no que era agora naquella mesma sala em que Aurelia de Fayolles a humilhára pela primeira vez. A revolta tervia lhe no sangue; o ar estagnado daquellas paredes do

PASTELARIA E CONFITARIA TELLES

150—Rua Ferreira Borges—156

N'esta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos d'esta naturêza.

Doces de ovos dos mais finos paladares e delicados gostos, denominados *doces sortidos*, para chá e *soirées*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumera-la.

Doces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em secco, como crystalisados, a rivalisar com os estrangeiros.

Pastelaria em todos os géneros e qualidades, o que ha de mais fino e saboroso, especializando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa phantasia, denominadas *Centros de mesa*, *Castellos*, *Jarrões*, *Lyras*, *Floreiras*, *Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá, café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo systema de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Collares, Champagne, Cognacs, Licores finos, etc., das melhores marcas nacionaes e estrangeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amêndoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo-se a pureza dos assucares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e estrangeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyère, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

RESISTENCIA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilhas:

Anno..... 27700
Semestre..... 13350
Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 27400
Semestre..... 13200
Trimestre..... 600

Avulso 40 réis

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50%.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

SILVA & FILHO

Acadêmicos

Fábrica manual de calçado e tamancos e depósito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

COSINHA POPULAR

Rua da Concordia, n.º 27, 29 e 31
Figueira da Foz

Esta antiga e acreditada casa situada num dos melhores locais da Figueira, **Junta dos Casinos e a dois passos da praia de banhos**, continúa recebendo hóspedes permanentes, por preços commodos. Fornece almoços e jantares para fóra, desde **300 réis**.

O proprietário,
José Maria Junior.

Espingardas

De fogo central e de carregar pela bôcca. Vendem-se com grande abatimento.

VENDAS A PRESTAÇÕES

João Gomes Moreira
Rua Ferreira Borges — COIMBRA

FACTURAS

e envelopes
Typ. de M. Reis Gomes, rua Martins de Carvalho, 7 e 9 — Coimbra

OFFICINA TYPOGRAPHICA

Proprietario—MANUEL DOS REIS GOMES

7—RUA MARTINS DE CARVALHO—9

COIMBRA

Impressões de livros, folhetos, diplomas, avisos, mappas, facturas, recibos, circulares, prospectos, memoranduns, etc.

Timbragem de papel e enveloppes.

PECHINCHA

LINHOS E ATOALHADOS DE GUIMARÃES

Ha para liquidar grande quantidade de toalhas de mesa e guardanapos de linho e algodão, toalhas para rôsto em linho, algodão e telpa. Colchas, panno de linho e algodão para lençoes, pannos para mesa, etc, etc, por preços excepcionaes.

Quem precisar, queira dirigir-se ao estabelecimento de ferragens e utensilios de cosinha e mēza de João Gomes Moreira — Rua Ferreira Borges — (em frente ao Arco d'Almedina — Coimbra).

REWOLVERS

Saint Etienne

Com ballas blindadas de aço e de pólvora branca sem fumo, muito portateis e de grande alcance.

JOÃO GOMES MOREIRA
EM FRENTE DO ARCO D'ALMEDINA
COIMBRA

ROTULOS

para pharmacias, mercearias, livreiros, etc., imprimem-se na typographia de M. Reis Gomes, rua Martins de Carvalho, 7 Coimbra.

Phonographos e grande variedade de cylindros impressos com canções populares, cançonetas, óperas, zarzuellas, bandas, operetas cómicas, revistas, fados, etc. etc.

JOÃO GOMES MOREIRA
Rua Ferreira Borges
COIMBRA

Lembra-se a todas as pessoas que forem a Lisboa, que não se esqueçam de visitar a maravilhosa e surpreendente Exposição Fabril e Artistica SINGER, installada na rua do Principe, á entrada da Avenida.

REDUCCÃO DE PREÇOS

Estabelecimento de João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges

(Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Esta casa que em Coimbra tem melhor sortido tanto em ferragens e materiaes de construcção como em cutilaria, artigos de fantasia e utensilios de cosinha e mēza, participa a todos os seus freguêses, e ao público em geral, que acaba de reduzir bastante o preço de quasi todos os seus artigos.

As condições em que faz todas as suas compras directamente nas principaes praças estrangeiras e fabricas portuguezas, sam uma garantia de que pôde vender em melhores condições do que qualquer outra casa desta cidade.

CASA INNOCENCIA

CONFITARIA E MERCEARIA

RUA FERREIRA BORGES — 91 a 97 (CALÇADA)

Acadêmicos

VENDAS POR GROSSO E A RETALHO

Em breve devem estar prontas as tabellas de preços de amêndoa e mais artigos de Confeitaria e Conservaria, fabricados nesta casa, a mais antiga de Coimbra e que maior sortimento tem.

Os artigos desta casa, têm sido premiados nas exposições a que têm concorrido.

Mandam-se tabellas de preços a quem as pedir. Nesta casa encontram-se vários artigos de Mercearia, de primeira qualidade.

Vende todos os artigos pelos minimos preços, garantindo a sua perfeição e aceio na fabricação.

Dirigir correspondência a

Innocência & Sobrinho — Coimbra

JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges

COIMBRA

Esta casa encarega-se da collocação de PARA-RAIOS e CAMPAINHAS ELECTRICAS pela Casa Ramos & Silva, de Lisboa.

Toma conta de encomenda de qualquer artigo que tenha de ser feita directamente com o estrangeiro.

Fornece pelos preços do catálogo COFRES A PROVA DE FOGO da casa João Thomás Cardoso & Filhos, do Porto, que sam os mais garantidos.

Tambem se encarrega de qualquer obra de seralheiro, como: gradeamentos, portões, fogões e reparações mechanicas de qualquer naturêza.

Máquinas de costura MEMORIA

Júlio Machado Feliciano

CASA DO LEQUE

Participa aos seus ex.ºs freguêses e ao público em geral, que acaba de receber uma importante remessa das bem conhecidas e acreditadas máchinas—**Memória**—a melhor até hoje conhecida.

Quem precisar adquirir uma bella máchima de costura, para familias, alfaiates e sapateiros, não o faça sem primeiro examinar todos os modelos destas tam acreditadas máchimas e que se garantem por tempo illimitado e que não têm rivaes, nem em qualidade nem em preços.

Dão se todas as explicações e acceitam-se máchimas em troca. Esta casa acaba tambem de receber um grande sortimento de armures pretos, sédas pretas e mantilhas de séda e outros artigos próprios do seu commercio, o que tudo vende a preços resumidos.

RESISTENCIA

Editor
Manuel d'Oliveira Amaral

Publica-se aos domingos e quintas feiras

Officina typographica
Rua Martins de Carvalho, 7 e 9

N.º 679

COIMBRA — Quinta feira, 6 de Março de 1902

8.º ANNO

NEM RECEIOSOS, NEM CALADOS!

O governo pelos seus esbirros manda calar-nos. No uso pleno e integro dos nossos direitos resolvemos continuar fallando. Descansem os traidores: nem pelo silêncio, nem pelo medo seremos cúmplices na criminosa trama que a monarchia prepara---O CONVÉNIO.

Portugueses: urge expulsar do poder os traidores que teem em almoeada a honra e a independência da PATRIA!

O FIM

Não o escureçamos; colloquêmo-lo, antes, em toda a sua nefasta evidência, para que todos vejam aberto ás escancaras o pavoroso precipicio a que nos arrastou o governo!

Acooperativa regeneradora, de mãos dadas com a progressista, que ambas se combinaram para a entrega da nação ao estrangeiro; só para a continuação por alguns annos mais do seu connúbio torpe, consumou a traição do convénio. Já outro dia o dissemos, por informações absolutamente seguras:—o **convénio está feito com as condições ruinosas e vergonhosas** que a imprensa republicana previa e ia denunciando. E o governo de traficantes, que assim nos arremessa para o ergástulo infamante em que havemos de apodrecer como escravos, já vai preparando o terreno para a pouco e pouco ir tornando conhecida a traição que ao país armou.

Já não erguemos os nossos brados sómente sobre hypótheses denunciadas pelo sr. Fuschini, que as baseava no conhecimento que possui e nós também do convénio ajustado pelo sr. Madeira Pinto, hypótheses que se convertiam em verdades sabidas pela violência com que o governo se oppõe a que tal relatório seja conhecido da nação. Já isto nos dava a certeza de que

o convénio de agora é baseado no convénio que os crédores o anno passado fizeram.

Mas a verdade resulta clara e evidente.

Um jornal financeiro francês publicou as linhas geraes dêsse convénio; e o *Diário de Notícias* publicou essas palavras d'aquêlle jornal, que diz o seguinte:

«Sabemos que as negociações encetadas em julho de 1901 entre o governo português e os portadores estrangeiros da sua dívida, que haviam sido momentaneamente interrompidas, acabam de chegar a um resultado. O sr. Carrilho, delegado do governo português, teria concluído um accordo com os representantes dos crédores alemães, e é este accordo que, depois de longos preliminares, elle haveria feito aceitar pelos «comités» franceses. O convénio actual reproduziria, nas suas linhas geraes, os termos do que fora proposto o anno passado: consistiria em reduzir a metade o capital nominal da dívida de 3%, e em fixar a nova dívida, convertida em renda amortizavel, um juro de 3%; quer isto dizer que o portador de um coupon de 100 fr. do capital antigo de 3%, receberia 1,50 fr., o maximo, de renda annual.

A lei de 20 de maio de 1893 tinha estipulado que, quando o rendimento das alfândegas portuguesas excedesse 14.400 contos de reis, metade do excedente seria repartido entre todos os portadores da dívida externa.

Acabaria esta distribuição. O accordo actual daria aos portadores da dívida de 3% um augmento annual do rendimento de 0,36 fr. por coupon de 100 fr. de capital, se se attendêr á media obtida durante os 7 ultimos annos e de 0,32 fr., se se tomar para termo de comparação o ultimo anno, em relação ao qual este supplemento de juro tinha sido de 0,1078 fr. Mas o capital nominal seria reduzido a metade e não teriam qualquer outra esperança de augmento de juro porque a clausula da partilha acima de 11.400 contos de receitas alfandegarias, ficaria eliminada.

Pelo contrario, as receitas alfandegarias serviriam de garantia da dívida externa e o seu producto seria arrecadado nas caixas da Junta do Credito Publico em que os portadores estrangeiros se fariam representar por tres portugueses.

O novo convénio acceto pelos comités será submettido ás côrtes, para que possam vota-lo antes do seu encerramento. Isto é, antes do fim do mês de março».

E continúa o *Diário de Notícias*:

Concluidas as negociações com os nossos crédores em Paris, o sr. conselheiro Carrilho partiu hontem para Londres.

O governo segundo nos consta, conta com o maximo apoio do gabinete inglês para resolver de prompto qualquer pequeno entrave que alli se possa levantar, da parte do respectivo «comité».

É portanto provavel que não havendo, segundo parece, difficuldades da parte dos restantes «comités» belga e hollandês, que o projecto de concessão seja presente á camara, pouco mais ou menos no prazo por nós ha dias annunciado.

O chefe dos quadrilheiros negou valor ao que denunciou o *Diário de Notícias*; mas todos nós sabemos bem que este jornal publica só as noticias que ao governo apraz que o país conheça sobre os negócios escuros que trama. E tam flagrante é a coincidência entre a denúncia feita por aquêlle jornal financeiro e o convénio negociado pelo sr. Madeira Pinto, que não é possível duvidar; e é tam frizante a concordância do que alli se diz com a noticia que nós damos no nosso penúltimo número á êrca das negociações concluidas, que não podem restar esperanças a ninguem!

Está feito o convénio; e está feito com o **augmento esmagador de encargos; com a consignação dos rendimentos das alfândegas e com a fiscalização dos crédores externos na administração portuguesa.**

A suprema ruína!

A vergonha suprema!

Mas não está legalizado ainda; a traição ainda não se con-

sumou; o parlamento ainda não appôs a sua chancella sobre o contracto que o governo fez.

Povo! podemos ainda salvar a nação!

Portugueses! é tempo ainda de despedaçarmos o chicote, com que um bando sem vergonha armou o estrangeiro para nos açoitar!

Levantemo-nos todos e digamos—**não!** e não se consumará a ruína e a deshonra da Pátria!

Queremos um convénio com os nossos crédores; façamo-lo; mas faça-o um governo de homens honrados, de administradores honestos, de portugueses sinceros e patriotas, que tenham em mira não a orgia do poder mas o resurgimento da nação, que governos dissolutos teem arrastado á ignominia em que nos debatemos.

Expulsemos a cáfila inteira! Inauguremos um governo de patriotas!

Convénio Luciano-Hintze, **nunca!** Que elles não sam a nação; sam os chefes das maltas que nos teem explorado ha dezenas de annos...

Urge proceder com energia e decisão.

Em menos dum mês ou estâmos mortos e infamados, ou a Pátria estará salva!

Contraste:

Foi preso novamente o Bicho.

Continúa á frente do governo o *Casaca de ferro*.

No cadastro dos gatunos sam dos melhores — na alcunha.

Os assalariados

Numa das últimas sessões parlamentares, quando um deputado pretendia interpellar os ministros a proposito das arbitrariedades commettidas contra a imprensa, um traficante da maioria guinchou:

—O governo pôde fazer o que quiser, sem dar satisfação a ninguem.

O que pretenderá este salafrário?!

Deve ser dos insaciaveis.

Devem registrar-se as palavras com que um fraldiqueiro local aprecia a desinteressada e activa campanha do sr. Augusto Fuschini contra o projectado crime do Hintze e mais sicarios:

Se o procedimento do sr. Fuschini, ao momento, se não estivesse tornando um pouco prejudicial á marcha dos negocios públicos, era caso—o tal nephelibatismo do sr. Fuschini—para nos desopilar á falta de melhor entretenimento.

Assim não; com coisas sérias não se brinca.

E' p'r'a frente, rapazes! Conhece se logo a exaltação patriótica dos que cercam a gamella do orçamento.

Arre...

Termos do convénio:

Consignação da receita das alfândegas do continente, insulares e colonias;

Fiscalização das receitas pelos estrangeiros, por meio do «contrôle»;

Pagamento do juro da dívida externa, em oiro á razão de 50% para o 3% e 4% e 4% para o 2%;

As exigencias dos crédores externos—«contrôle» e «consignação de rendimentos»—sam a condemnação dos governos da monarchia.

Chronica politica

O governo tem os dias contados, e morrerá por livre vontade.

Não faz saltar os miolos com um tiro, que isso seria prova de coragem e de nobreza de sentimentos, mas suicida-se por negócio.

Como os mergulhadores que se tornam arrojados diante do monte de ouro que lhe offerecem para irem descobrir thesoiros, ou cadáveres, nos labirintos do navio que se afundou no meio de rochedos, lá anda elle coberto com um escafandro feito de torpêsa a formar planos de bródios futuros pelo fundo sombrio do mar político.

Respira artificialmente, mas vai respirando com o auxilio das Companhias poderosas, e do partido progressista, cúmplice nos seus planos tenebrosos, e sócio nos seus lucros.

Aproxima-se um dia terrível, um dia de tristesa nacional; aquelle em que no convénio com os crédores externos se pactue o arranjo de cujas cláusulas derive o *controlé* abertamente declarado, ou habilmente disfarçado; consignação de rendimentos, ou hypotheca de algum pedaço da nação.

Esse arranjo será provisoriamente firmado no estrangeiro pelo delegado do governo; mas o contracto ficará definitivo por que os crédores sabem que no parlamento português não se levantarão dúvidas, não só por que lord Hintze conta com maioria segura para todos os votos de que careça, mas também porque o patriota José Luciano de Castro está nessa desgraçada questão em completo accordo com o chefe dos regeneradores.

Firmado o contracto provisório no estrangeiro tudo estará perdido!

Sabe o governo que se poderão levantar protestos mais ou menos violentos; sabe que sobre a sua cabeça cairão milhares de maldições; prevê que um vento de indignação popular o pode arremessar das cadeiras do poder, mas resignada e alegremente se suicida na esperança de que os mortos da sua especie facilmente resuscitam para a continuação da vida alegre, fácil e desregada. Assim succedeu ao sr. Hintze Ribeiro, o heroe do tractado de 20 de Agosto, o ministro amaldiçoado d'esses tempos, para, um pouco mais tarde, ser o successor de Antonio de Serpa na chefia do partido regenerador, e agora o presidente do governo que se propõe realisar o Convénio com os crédores externos de bem mais fataes consequências do que a perda de uma grande parte da nossa africa oriental, que, de pouco a pouco, se vae arredando da influencia portugueza em beneficio do predomínio britannico.

Essa obra deve o país a lord Hintze, como lhe devera dentro em pouco a perda da nossa autonomia financeira.

Mas o convénio está em caminho de realisação, e para alegria dos ingenuos diz-nos o *Diário de Noticias* que está em via do seu proximo termo, e que n'elle não ha clausula alguma que estabeleça *directa ou indirectamente* o *controlé*.

Nas vespéras do tractado britannico também se afirmava que nada havia de deprimente para o país, e a integridade das nossas terras africanas foi ferida mortalmente.

Então a opinião publica e o auxilio moral da imprensa estrangeira poderiam ser uma grande força e um grande argumento a ponderar as exigencias da Inglaterra e tudo despresou o governo d'aquella epocha para satisfazer a cubiga d'aquelles que pelas nossas terras ainda ha pouco transportavam elementos de guerra

contra outro povo pequenó mas heroico, os destemidos boeres; isto depois de se afirmar em pleno parlamento completa neutralidade em tal questão.

Na actual pendencia nem da opinião publica se permittem manifestações. No Porto inquirimos os agentes do governo de onde saia publicado um discurso publico, proferido pelo sr. Fuschini, a respeito do convénio, com o intuito de castigo aos editores e a typographia. Em Estremoz o administrador do concelho atreve-se a officiar a um proprietario de typographia para que até ao dia 2 de cada mez lhe seja fornecida uma nota de todos os trabalhos feitos na officina; e, como se isso fora pouco, ainda a referida auctoridade intima a redacção de *A Voiz de Estremoz* para na vespérea da publicação submeter á sua approvação a materia destinada á publicidade!

A imprensa democratica e os jornaes independentes estão sob um regimen de violencias como jámais se viu. Sobre os mais ousados carrega um enorme peso de querellas, emquanto que os pusillanimes se amoldam ás exigencias policiaes, mostrando como justificação da sua fraqueza as cartas ou avisos de ameaça, que lhes são enviados pelos chefes da policia! Até onde chegaremos por taes caminhos, e tão vergonhosos processos?!

Mas se o convénio não representa uma vergonha nacional, para que têm extraordinárias precauções?!

Triste, profundamente pavoroso o que se está passando para satisfação de um regimen de administração que desacreditou e deshonrou o país, e para ganancia de meia dúzia de politicantes e de judeus que apparecem ricos e poderosos de um dia para outro sem terem herdado fortuna de parente rico, ou lhe ter saído a sorte grande de Espanha.

A esses comedores e traficantes é que principalmente interessa o convénio. Essa quadrilha de políticos e de financeiros é que está planeando o engrandecimento da sua influencia e dos seus thesouros á custa da ruína da nação, e do trabalho honesto do nosso povo.

Fixemos bem estes pontos determinantes do arranjo que se está fazendo com os credores externos.

Alliaram-se os dois partidos que se revesam no poder para a realisação do pacto com os credores, porque, sem um grande emprestimo, não podem continuar no regabofe da sua politica de esbanjamentos, e sem o convénio todo o emprestimo se torna impossivel.

Alliou-se com esses dois partidos a Companhia Real dos Caminhos de ferro e a Companhia dos tabacos; aquella, porque precisa das praças estrangeiras para fazer uma operação que lhe torne facil a absorpção das linhas do Estado e a concessão dos denominados Meridionaes; esta porque precisa de renovar o seu contracto que termina dentro de quatro annos, sem o que periclitam não só os interesses dos accionistas, figurões da finança, mas os possuidores de 10:000 titulos que aranjaram de graça e tem actualmente um grande valor.

Uma e outra companhia precisa de realisar emprestimos nas praças estrangeiras, que continuam fechadas para Portugal se o convénio se não faz.

Nessas companhias estão os chefes dos diferentes syndicatos que assolam o país; estão os politicos que inflaem na marcha dos negocios publicos. Em volta d'ellas roja-se a numerosa alcatêa de esfomeados que pretende vida regalada em troca do seu apoio á

oligarchia que governa a nossa infeliz patria.

Tudo isso, reunido, forma uma pequena força em face do povo; mas todos ligados, pelas exigencias do estomago e exageros das ambições, constituem o principal esteio dos partidos constitucionaes, que, por sua vez e alternadamente, dispõem da policia e dos guardas municipaes para pela violencia imporem silencio aos homens independentes e á imprensa cujos sentimentos patrioticos estejam acima dos arranjos e negocios de pessoas, ou grupos de judeos.

Feito o convénio ficarão augmentados os encargos da nação que o povo terá de pagar com o seu trabalho e com os seus haveres.

Teremos novos emprestimos, continuará o fidalgo arruinado nas suas festas e nas suas orgias com o dinheiro que pede emprestado, hypothecando as ultimas preciosidades de familia. Quer dinheiro, custe o que custe, o partido que governa e o que se julga nas vespéras de governar, e para isso se faz o convénio. Querem dinheiro as companhias poderosas e para isso se impõem auxiliando o convénio. Querem dinheiro os que da politica vivem e para isso queimam as ultimas escorvas da sua rethorica e da sua influencia em beneficio dos credores externos e do proprio interesse.

Esta é a situação!

O governo faz o convénio.

Para isso está no poder.

Realizado elle cairá em satisfação ás exigencias da opinião publica, ou deante de rijas objurgatorias dos diversos Alpins. Da opposição o sr. Hintze continuará o accordo com o sr. José Luciano, e entre elles deviderão a tunica do pobre lazaro. O povo poderá não ver a comedia de hoje, e a que continuará amanhã, mas de uma coisa se deve convencer:—tem de ficar sem camisa para dar pasto aos que se julgam os senhores do seu trabalho e das suas propriedades. Durmam! durmam todos! e terão de ver quão terrível será o despertar!...

Palavras insuspeitas

O *Imparcial*, que é tido como o orgão official do partido franquista, diz num dos seus ultimos numeros:

«O que nos ultimos tempos se tem passado é unico nos registos das maluqueiras dos governos devassos.

«Com o dinheiro do povo tudo se tem comprado:

«Mulheres para o deboche;

«Embaixadores para a China;

«Viagens de recreio ao estrangeiro;

«Verbas de porteiro para carruagens pagas aos amigos;

«Compra de barcos curiosissimos para pândegas desenfreadas;

«Caça aos correligionários por dictaduras em que se criam logares para todos os estomagos;

«O diabo! Nada tem faltado a este festim macabro em que se banqueteiam os ministros da confiança do rei.»

E as pedras ainda estão nas calçadas!

Os partidos do governo têm feito uma administração deshonesta, motivo por que nelles não confiam os credores externos.

No dia 1 do corrente foi lavrada no Porto, nas notas do notario dr. Antonio J. de Oliveira Mourão, uma escriptura, para a associação do sr. Ernesto Ribeiro Cruz, na exploração do fabrico de chapéus, com os srs. Lopes de Moraes e Costa.

A nova firma commercial é assim constituída: Lopes de Moraes, Costa & C.^{as}

Muitas prosperidades no negocio, é o que desejamos á nova empresa.

A MORDAÇA

Tambem nos foi imposta.

Um esbirro mandado pelo

sr. administrador do concelho

intimou o nosso editor para que este jornal não

publique, em parte ou no

todo, o relatório do sr. Ma-

deira Pinto, como se elle

não andasse intimamente

ligado á traficância do convénio.

O nosso editor, porém, assignou na intimação

a declaração seguinte:—

“Como editor da RESISTÊNCIA, assumo a responsabilidade do que nella se

publicar em contravenção das leis da imprensa., Não

reconheceu, assim, a legalidade da intimação, que é

o que ha de mais arbitrário e violento.

E havemos de dizer ao País tudo o que soubermos

do relatório e do CONVÊNIO, nem este se affasta

sensivelmente daquelle. E

estâmos dentro da Lei e do cumprimento do nosso

Dever.

Benjamim Nobre

Sepultou-se hontem no cemitério da Conchada, o estudante Benjamim Ignácio Ferreira Nobre, quartanista de Direito, natural de Cabo Verde.

É sempre doloroso ver succumbir alguém no alvorecer da vida, quando, em geral, as esperanças florescem, e quando com ellas se architeta os melhores sonhos.

E mais doloroso e triste é ainda o ver cair, vencido pela morte, quem logo no inicio da sua carreira, procurou empregar a força e o vigor da sua mocidade na luta santa de um ideal justo e bom, aproveitando assim, em causa útil, o que podera gastar-se e dispende-se em gozos libertinos, ou na indiferença estúpida e egoista, a que de ordinariamente se entregam os rapazes do nosso tempo.

Não conhecemos pessoalmente Benjamim Nobre; mas sabemos, no entanto, que commungou connosco nos mesmos ideaes de liberdade, que connosco combateu no mesmo campo, expondo-se por vezes na mesma luta, e sacrificando-se e pugnando pela mesma causa. E isso ainda mais nos entristece e commove.

Não morreu apenas um rapaz; falta-nos sobretudo um companheiro. E da banalidade de costumadas manifestações de pezame e tristeza, destacamos aqui a affirmacão sincera do nosso sentimento, por vermos desaparecer um soldado dedicado e prestimoso.

O corpo abandonado á terra, restituirá a Natureza num lento trabalho de decomposição, a energia que ella nella armazenou e a

lembrança do seu espirito cheio de boas crenças e bellas intenções abrigando-se em nós, que sentinos deveras a sua morte, flurirá em poderoso estimulo, que mais nos ha de animar na marcha que seguimos, e na lucta que mantemos.

Os espiritos immortalisam-se nas suas obras e na lembrança que de si deixam; e o céu conquista-se, quando se consegue deixar neste mundo uma memoria saudosa e abençoada como a que nos legou Benjamim Ferreira Nobre.

Esteve muito concorrido o enterro do desditoso moço.

A parte muitos estudantes, lembra-nos ter visto alguns professores da Universidade, e váriar pessoas de Coimbra, mesmo algumas de fóra da cidade, que vieram de proposito para assistir ao funeral. A chave do caixão foi entregue ao sr. Vice-Reitor da Universidade, que era acompanhado pelo sr. dr. Manuel Gayo, secretario.

Atraz do feretro seguiam-se vários estudantes, conduzindo numerosos bouquets e corôas. Entre estas avultavam a offerecida pelo 4.º anno jurídico, uma offertada por um grupo de liberaes, outra dum grupo de amigos e companheiros, e ainda algumas de pessoas da familia e das relações do finado.

No cemitério fallaram os srs. Santos Monteiro e Fausto de Quadros, condiscipulos do finado.

C. F.

Eleição presidencial

Já sãm conhecidos os resultados da eleição para os cargos de presidente e vice presidente da republica brasileira, a que ultimamente se procedeu.

Para o mais alta cargo ficou eleito o dr. Rodrigues Alves e para vice presidente o dr. Silvano Brandão.

Duas entidades sobejamente conhecedoras das necessidades e recursos do grande estado sul-americano, muito respeitadas pelo seu procedimento honestissimo e altos dotes intellectuaes. Assim é que nós comprehendemos os chefes das nações, — por eleição livre feita pelos seus concidadãos; agora por direito hereditario, com o direito divino á mistura, isso nunca, e só em países de inconscientes, cobardes ou ambiciosos, é que se pôde tolerar.

Companhia de Seguros Reformadora

Esta companhia, de que sãm agentes nesta cidade os srs. Correia, Gaito & Cannas, acaba de distribuir o seu relatório da gerência de 1901.

Não tem andado com sorte esta companhia, que já teve tempos aureos, todavia pelo esforço e dedicacão dos seus directores e agentes ella vai de pouco e pouco, mas com firmeza, readquirindo o seu prestigio e a confiança a que tem direito pela honradês com que satisfaz os seus compromissos.

O dividendo que propõe é de 6 p. c., devendo refinar a sua assembleia geral no dia 7 do corrente.

A consignação do rendimento das alfandegas ao serviço da dívida externa é sacrificar aos estrangeiros a nossa autonomia.

Chamamos a attenção da ex.^{ma} Camara Municipal, para a conveniência que ha em mandar fazer uma plantação de arvores apropriadas, na Couraça de Lisboa.

AGUAS DE COIMBRA

No último número da excelente revista de Coimbra—*Movimento médico*—terminou a publicação dum minucioso trabalho de análise bacteriológica das águas de Coimbra, feita no Laboratorio de microbiologia da Universidade pelos srs. Charles Lepierre e Nogueira Lobo. Já em tempos o illustre químico e bacteriologista sr. Lepierre prestou á cidade o relevantíssimo serviço da analyse chimica das aguas de Coimbra; este importante trabalho acaba de ser completado agora pela analyse bacteriológica das mesmas aguas, e estas análises, sempre interessantes e de alta utilidade prática, tem numa terra como Coimbra, em que se faz o consumo da agua de proveniências diferentes, importância especial e capital sob o ponto de vista da hygiene da população.

E' indubitavel que as condições hygiénicas da cidade têm melhorado consideravelmente de alguns annos a esta parte, em que algum cuidado se tem ligado a este importantissimo ramo de administração pública, mas não ha dúvida tambem de que deixam ainda muito a desejar. Por isso, chamamos a attenção da Camara Municipal para este assumpto, solicitando-lha agora especialmente para as conclusões do bello trabalho do sr. Lepierre.

E porque estas são de singular importância para todos, damos-lhes a publicidade que reclamam para que todos as tomem na consideração que ellas impõem visto que nem tudo pôde ser deixado á tutela das corporações. Olhem tambem os individuos pelos seus interesses, que só assim pôde ser proficua a actividade administrativa.

Depois de terem feito a analyse minuciosa de cada uma das diversas aguas de Coimbra, os srs. Lepierre e Lobo, comparando os resultados a que chegaram agora pela analyse bacteriológica aos resultados da anterior analyse deduziram as seguintes conclusões geraes:

A agua da canalisação municipal é a unica muito pura.

A agua do Mondego, a montante das Torres, é pura; em frente da cidade é um pouco suspeita e deve usar-se depois de filtrada ou fervida; á altura do Choupal é de má qualidade.

A agua da fonte dos Amores, inferior em qualidade á da canalisação, é comtudo potavel. A agua da Cheira é suspeita; as outras aguas estudadas são de má ou pessima qualidade.

No seguinte quadro classificamos as aguas pela ordem de sua pureza ou qualidade:

Classificação das aguas canalysadas

- 1.º— Agua da canalisação municipal, muito pura;
- 2.º— Agua do Mondego, (á montante das Torres, pura);
- 3.º— Agua da fonte dos Amores, potavel;
- 4.º— Agua do Mondego (ponte de Coimbra) um pouco suspeita;
- 5.º— Agua da fonte da Cheira, suspeita;
- 6.º— Agua do Cidral (bica da frente), muito suspeita;
- 7.º— Agua do Mondego (ponte do caminho de ferro), má qualidade;
- 8.º— Agua do Jardim Botanico, má qualidade;
- 9.º— Agua da Cadeia, má qualidade;
- 10.º— Agua da Magdalena, má qualidade;
- 11.º— Agua da Feira (Sé Nova), má qualidade;
- 12.º— Agua da Sé Velha, má qualidade;
- 13.º— Agua do Cidral (bica do lado), má qualidade;
- 14.º— Agua da Sereia, má qualidade;
- 15.º— Agua de Cella, má qualidade;
- 16.º— Agua do Castanheiro, má qualidade;
- 17.º— Agua da Fonte Nova, pes-

sima; 18.º— Poço da rua da Louca, n.º 98, pessima; 19.º— Poço da rua da Moeda, n.º 91, pessima; 20.º— Poço da rua Direita, n.º 82, pessima; 21.º— Poço da rua do Carmo n.º 24, pessima; 22.º— Poço da rua da Sotta, n.º 2, pessima.

A unica agua que aconselhamos na alimentação é a agua do rio canalysada. A do rio, colhida directamente, só deve ser bebida depois de fervida ou filtrada em filtros Chamberland ou congéneres. A dos Amores, embora seja potavel, é inferior á da canalisação. O consumo da maior parte das outras aguas deveria ser prohibido, em nome da hygiene, e servir apenas para limpeza ou regas; algumas destas podiam ser usadas depois de filtradas; contudo, a quasi totalidade nem mesmo depois de filtradas se tornariam potaveis.

E' pois, indispensavel, pelo menos em relação ás fontes urbanas, eliminar por completo do consumo publico as aguas das fontes do Jardim, Sé Velha, Sé Nova, Cadeia, Magdalena, Fonte Nova, etc., que são vehiculos permanentes de febres typhoides ou enterites e que só deviam servir para regas e limpezas publicas.

A camara municipal pertence organizar o serviço municipal de aproveitamento e distribuição das aguas por fórma que os habitantes pobres possam abastecer-se gratuitamente de agua do rio canalysada (agua pura) e o municipio aproveite para os serviços de limpeza e regas as aguas de fonte (aguas suspeitas ou perigosas).

Como se vê, estas conclusões devem ser de todos bem conhecidas e a Camara deve tê-las na maior consideração para tomar as devidas providências, visto que a maior parte da população nem lê jornaes nem alcança o valor prohibitivo dalgumas daquellas prohibições.

E não escapem, entre as outras, as aguas dos poços mencionados, que, apesar de pessimas, estão servindo para beber e para amassar pão!

A analyse a que nos estamos referindo, desinteressadamente feita pelo sr. Lepierre, como o foi tambem o valioso trabalho de analyse das argilas nacionaes, é mais um relevantissimo serviço que o municipio deve ao talentoso e proficiente professor, que por elle mais uma vez se tornou credor do agradecimento e da benemerência de todos nós.

Muitissimo fez já pela população da cidade o sr. Charles Lepierre; façam o muito que ainda resta as corporações e auctoridades a quem compete.

Celebrou-se no dia 4 do corrente na capella particular do sr. Cônego Manuel Marques, uma missa suffragando a alma do sr. Joaquim Augusto Precês Diniz, pae do nosso amigo sr. Francisco de Salles F. P. Diniz.

O governo já não mantém as declarações que fazia—de não admitir controle nem consignação do rendimento das alfândegas para base do convento.

Estám a concurso as seguintes escolas deste districto:

Figueira da Foz, sexo masculino; de Bom Successo, feminino, de Alqueidão; Arganil, sexo masculino, de Queeriz; Montemor o-Velho, sexo feminino, de Arazedo. —Para a Figueira da Foz foi transferido o sr. Antonio Gomes Pinheiro, professor em Santa Clara-a-Velha, do concelho de Odemira; o sr. João Antonio de Macedo, professor na Figueira da Foz, foi collocado na escola de Espinho, do concelho de Tabua.

CORRESPONDÊNCIAS

Figueira, 3 de março.

Em primeiro lugar dêem-me licença para um pedido aos typographos d'esse jornal Não me estropiem ao menos os nomes das pessoas—que poucas ham-de ser as que eu elogio nestas correspondências! Que componham mal a prosa em geral e algum nome de pessoa a proposito de quem eu falle desagradavelmente—se contra o meu proposito nisso cair alguma vez... — pouco me importa, que nada perderei e pode só lucrar essa pessoa; mas estragarem-me o nome de quem eu elogiar, isso não, que só pode prejudicar, evitando manifestações de gratidão que eu, sempre bôa pessoa, repartiria com os meus amigos está claro. Casal de perus que me venha d'alguem de quem eu tenha dito bonitas coisas para os senhores comporem, dá logo perua para os meus amigos. E não deve ser mau, depois, vê los com a perua!

Vem esta lenga-lenga, d'estylo onibus, que é um estylo, que os senhores talvez não conheçam, a proposito de na ultima correspondencia me terem trocado o nome do sr. Talhadas de quem eu disia coisas agradaveis e justas pelo nome de Palha, que demais a mais é um nome perigoso como todos os diabos.

Sobre este ponto estamos entendidos; posso passar a diante.

Chegou a esta cidade o nosso compatriota sr. Antonio Wittnich Carrisso. Chegou de Hamburgo, onde esteve durante mais de um anno.

Montou um estabelecimento de velocipedia na Praça Nova o sr. José Bento Pessoa, o grande velocipedista tam conhecido de todo o país e tam estimado nesta terra.

O sr. dr. José dos Santos Pereira Jardim já mandou exgotar a cidade de Leiria, capital do districto de que é governador civil. Já hontem o vimos nesta cidade.

Aquillo é que é um homem!

E' capaz de ter mandado inundar a cidade, só para dizer que foi elle quem deu providencias ao exgotamento.

Elle já fechou a escola industrial Luiz I, que os progressistas tinham feito crear, só para fazer outra peor, que é a que ahi temos!

Elle já quer estragar o que havia feito para se tratar da construcção da ponte progressista que ahi se está a fazer para depois fazer outra regeneradora.

E' um grande homem! —Na quinta feira passada morreu afogada em frente da cidade, proximo do Cabedello, uma pobre rapariga, casada, segundo me disseram, havia dois ou tres mesês. Eu não assisti ao triste acontecimento, mas contaram-me que foi devido apenas a desastre. A rapariga já sentada na prôa do barco, quando este bateu com a pôpa no estacão que está ao fundo da estacada perto do Cabedello.

O choque desequilibrou-a e fê la cair ao rio, sendo arrastada pela corrente violentissima que não teria menos de dez a onze milhas de velocidade. Immediatamente e corajosamente o barqueiro, que é um habil nadador, atirou-se á agua e ainda lhe lançou a mão, mas a corrente impetuossissima fez-lhe passar o barco por de cima e o homem mal pôde tratar de se salvar.

O caso foi, como parece, devido a desastre, mas em todo o caso excellente será que o presidente da camara, que incontestavelmente

está mostrando boa intenção e trabalhando (no que passa um lindo diploma ao seu antecessor e cunhado) faça olhar por que sejam cumpridas as condições da arrematação da barca da passagem para o outro lado. E' necessario que os barcos estejam em bom estado, que tragam sempre remos seguros e de sobresalente e um ferro com boa amarra e que sejam bem tripulados. A passagem do rio perto da barra, em muitos dias e com a maré a descer é perigosa.

A.

Sobral, 4

As lindas avesitas, percursoras da primavera, já se encontram no concelho de Coimbra.

Na madrugada, d'hoje chegaram ellas ao Sobral, tratando de se installarem nos seus antigos ninhos aquellas que tiveram a fortuna de os encontrar, por a rapasiada e as intemperies não os terem destruido.

Por acaso assistimos a umas scenas da volta das filhas prodigas aos paternos lares. Um casulito, que já no anno passado e noutros transactos tinha a sua habitação no meio da padieira da porta do gabinete do dono da casa, que deita para um corredor com janella rasgada para a rua, —chegou todo enlameado.

As avesitas vieram e, depois de reconhecerem o terreno e da rem com os seus chilreados, demonstrações de ficarem em extremo contentes, foram unir-se ás companheiras para juntas festejarem a sua chegada á terra da promissão.

Na verdade é extraordinario o tino das andorinhas e o amor que ellas dedicam ao lugar onde nasceram e foram creadas, pois emigrando para regiões longinquas, voltam passados mezes para fazerem novas creações, que ás vezes chegam a ser de tres em cada casal.

E' muito conhecido o antigo adagio, dito quando ellas, no estreito de Gibraltar, se reunem para a sua emigração annual; para onde ides andorinhas loucas, que ides muitas e vindes poucas.

E assim é, pois as bonitas e benéficas avesitas, quando chegam da sua longa jornada vêem muito dezimadas.

A propósito das andorinhas, foi-nos contado, pelo dono da casa onde se deu o acontecimento acima narrado, um successo que teve lugar no passado anno.

Um gato, na occasião em que uma creada abria a janella para as andorinhas saírem, assaltou uma, e deixou a mal ferida, não chegando a come-la por a creada intervir. Apesar dos disvelos que lhe foram prodigalisados, a avesita morreu, deixando orphãos quatro pequenitos. A sobrevivente, depois de reconhecer o desastre saiu, voltando passadas horas com um companheiro.

Imaginam os leitores que os recém-casados trataram de crear os orphãositos?

Não senhor; mataram-os e deitaram os para fóra do ninho, forçando este com nova camada de penas, procedendo em seguida a nova creação.

E aqui está, leitores, um caso que para muitos, para a maioria mesmo das pessoas, é insignificante, mas para o auctor desta noticia deu margem a bastantes reflexões, baseadas na proverbial bondade dos passaritos.

Os investigadores da especialidade que digam de sua justiça.

Encontra-se perigosamente doente um filhinho do nosso amigo sr. Augusto Teixeira da Cunha,

Crèches de Coimbra

O grupo Eduardo Brazão, que, em um dos dias do Carnaval passado, offereceu o producto liquido duma recita realizada no seu theatrinho de Santa Clara, — quotizou se entre si e entregou ao illustre presidente da direcção das creches, a quantia de 10,000 réis, visto o resultado da recita ser negativo, não cobrindo as despêzas feitas.

Como se sabe, as entradas naquelle theatrinho não costumam ser pagos, dando cada espectador o que quer, o que muitas vezes dá em resultado os actores amadores ficarem empenhados, nalgumas recitas.

O procedimento do grupo Eduardo Brazão, e merecedor de elogios, sendo digno de registro a sua louvavel acção, especialmente pelo que ella tem de significativo.

Deve realizar-se na proxima quarta feira 12 do corrente, no Theatro Circo, o sarau que a tuna organisa em beneficio desta prestimosa associação,

Ha grande interesse por este sarau, que deve ser uma festa tão brilhante, quanto sympatica.

Nella tomam parte varias senhoras, que da melhor vontade accederam ao pedido que lhe fizeram as direcções da Associação das Creches e da Tuna.

PUBLICAÇÕES

Basilio Telles — Introdução ao Problema do Trabalho nacional — Porto — Livraria Chardron — 1902.

Com este seu novo livro contiua o illustre escriptor, e profundo investigador das nossas condições sociaes, a sua patriótica obra, tão vasta nos seus intuitos e de tão notavel importância para a economia nacional. Estudar as questões fundameintas da economia social, e expô-las com aquelle rigôr de linguagem que usa o prestigioso republicano, rigôr que é o natural reflexo do seu bem equilibrado espirito, da sua clara intelligencia bem disciplinada, é prestar um alto serviço aos estudiosos e crear-se titulos de saber, de trabalho, de competência mental, equaes aos que enaltecem o talentoso trabalhador sob o aspecto da sua estatura moral.

Os trabalhos que o sr. Basilio Telles tem publicado, nesta sua nova orientação de economista, são monographias de grande valor, que cumpre possuir e estudar.

Walter Scott — Ivanhoe — vol. I — Livraria editora Guimarães, Libanio & C. — Lisboa.

Fazendo parte da nova collecção *Horas de Leitura* acaba de ser posto á venda o 1.º volume do *Ivanhoe* do poderoso escriptor Walter Scott, o creador do romance historico. O *Ivanhoe* é das obras primas da litteratura um dos primeiros livros, largamente conhecido por todos aquelles cujo espirito se compraz no encanto das boas lêttas. A divulgação feita pelos srs. Guimarães, Libanio & C., numa edição modicissima, é um valioso serviço prestado á educação popular.

Armando da Silva e Caldas Cordeiro — Rainha Santa — Livraria editora de Guimarães, Libanio & C. — Lisboa.

Os illustrados editôres srs. Guimarães Libanio & C. acabam de começar a publicação de mais um romance historico, em edição de grande tomo, com muitas gravuras e chromos a illustrarem a narrativa, no qual os seus auctores se propõem, estudando a epocha tam interessante como curiosa dos fins do seculo XIII e principios do seculo XIV, pôr em relevo, sob a fórma mais assimilavel de romance, o vulto suave e doce de D. Isabel d'Aragão, que o affecto popular só conhece pela Rainha Santa. A edição é attrahente e ao alcance de todos, pois o preço de cada tomo de 120 paginas é somente de 300 réis.

AUTOMÓVEIS

A. Darracq & C.º

Agência — R. Ferreira Borges, 46 a 52 Coimbra

PASTELARIA E CONFITARIA TELLES

150—Rua Ferreira Borges—156

N'esta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos d'esta naturêza.

Dóces de ovos dos mais finos paladares e delicados gótos, denominados *dóces sortidos*, para chá e *soirées*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumerar-la.

Dóces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em sêcco, como crystalisados, a rivalisar com os estrangeiros.

Pastelaria em todos os géneros e qualidades, o que ha de mais fino e saboroso, especializando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa phantasia, denominadas *Centros de mesa*, *Castellos*, *Jarrões*, *Lyras*, *Floreiras*, *Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá, café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo systema de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Collares, Champagne, Cognacs, Licores finos, etc., das melhores marcas nacionaes e estrangeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amêndoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo-se a pureza dos assucares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e estrangeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyère, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

RESISTENCIA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilhas:

Anno..... 2700
Semestre..... 1350
Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 2400
Semestre..... 1200
Trimestre..... 600

Avulso 40 réis

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50%.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

SILVA & FILHO

FACTURAS

Fábrica manual de calçado e tamancos e depósito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

Máquinas de costura MEMORIA

Júlio Machado Feliciano

CASA DO LEQUE

Participa aos seus ex.^{tos} freguêses e ao público em geral, que acaba de receber uma importante remessa das bem conhecidas e acreditadas máquinas—**Memória**—a melhor até hoje conhecida.

Quem precisar adquirir uma bella máquina de costura, para familias, alfaiates e sapateiros, não o faça sem primeiro examinar todos os modelos destas tam acreditadas máquinas e que se garantem por tempo illimitado e que não têm rivaes, nem em qualidade nem em preços.

Dão se todas as explicações e accéitam-se máquinas em troca. Esta casa acaba tambem de receber um grande sortimento de armures pretos, sêdas pretas e mantilhas de sêda e outros artigos próprios do seu commercio, o que tudo vende a preços resumidos.

COSINHA POPULAR

Rua da Concordia, n.º 27, 29 e 31

Figueira da Foz

Esta antiga e acreditada casa situada num dos melhores locais da Figueira, **Junta dos Casinos e a dois passos da praia de banhos**, continúa recebendo hóspedes permanentes, por preços commodos. Fornece almoços e jantares para fóra, desde **300 réis**.

O proprietário,
José Maria Junior.

Espingardas

De fogo central e de carregar pela bôcca. Vendem-se com grande abatimento.

VENDAS A PRESTAÇÕES

João Gomes Moreira
Rua Ferreira Borges = COIMBRA

FACTURAS

e envelopes

Typ. de M. Reis Gomes, rua Martins de Carvalho, 7 e 9 — Coimbra

OFFICINA TYPOGRAPHICA

Proprietario—MANUEL DOS REIS GOMES

7—RUA MARTINS DE CARVALHO—9

COIMBRA

Impressões de livros, folhetos, diplomas, avisos, mappas, facturas, recibos, circulares, prospectos, memoranduns, etc.

Timbragem de papel e enveloppes.

PECHINCHA

LINHOS E ATOALHADOS DE GUIMARÃES

Ha para liquidar grande quantidade de toalhas de mesa e guardanapos de linho e algodão, toalhas para rôsto em linho, algodão e telpa. Colchas, panno de linho e algodão para lençoes, pannos para mesa, etc, etc, por preços excepcionaes.

Quem precisar, queira dirigir-se ao estabelecimento de ferragens e utensilios de cosinha e mēza de João Gomes Moreira—Rua Ferreira Borges—(em frente ao Arco d'Almedina—Coimbra.

REWOLVERS

Saint Etienne

Com ballas blindadas de aço e de pólvora branca sem fumo, muito portateis e de grande alcance.

JOÃO GOMES MOREIRA
EM FRENTE DO ARCO D'ALMEDINA
COIMBRA

ROTULOS

para pharmacias, mercearias, livreiros, etc., imprimem-se na typographia do M. Reis Gomes, rua Martins de Carvalho, 7 Coimbra.

Phonographos e grande variedade de cylindros impressos com canções populares, cançonetas, óperas, zarzuellas, bandas, operetas cómicas, revistas, fados, etc. etc.

JOÃO GOMES MOREIRA
Rua Ferreira Borges
COIMBRA

Lembra-se a todas as pessoas que forem a Lisboa, que não se esqueçam de visitar a maravilhosa e surpreendente Exposição Fabril e Artistica SINGER, installada na rua do Principe, á entrada da Avenida.

REDUCCÃO DE PREÇOS

Estabelecimento de João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges

(Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Esta casa que em Coimbra tem melhor sortido tanto em ferragens e materiaes de construcção como em cutilaria, artigos de fantasia e utensilios de cosinha e mēza, participa a todos os seus freguêses, e ao público em geral, que acaba de reduzir bastante o preço de quasi todos os seus artigos.

As condições em que faz todas as suas compras directamente nas principaes praças estrangeiras e fabricas portuguezas, sam uma garantia de que pôde vender em melhores condições do que qualquer outra casa desta cidade.

CASA INNOCENCIA

CONFITARIA E MERCEARIA

RUA FERREIRA BORGES—91 a 97 (CALÇADA)

FACTURAS

VENDAS POR GROSSO E A RETALHO

Em breve devem estar prontas as tabellas de preços de amén-
doas e mais artigos de Confeitaria e Conservaria, fabricados nesta casa, a mais antiga de Coimbra e que maior sortimento tem.

Os artigos desta casa, têm sido premiados nas exposições a que têm concorrido.

Mandam-se tabellas de preços a quem as pedir. Nesta casa encontram-se vários artigos de Mercearia, de primeira qualidade.

Vende todos os artigos pelos mínimos preços, garantindo a sua perfeição e aceio na fabricação.

Dirigir correspondência a

Innocência & Sobrinho—Coimbra

JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges

COIMBRA

Esta casa encarega-se da collocação de PARA-RAIOS e CAMPAINHAS ELECTRICAS pela Casa Ramos & Silva, de Lisboa. Toma conta de encomenda de qualquer artigo que tenha de ser feita directamente com o estrangeiro.

Fornece pelos preços do catálogo COFRES Á PROVA DE FOGO da casa João Thomás Cardoso & Filhos, do Porto, que sam os mais garantidos.

Tambem se encarrega de qualquer obra de serralheiro, como: gradeamentos, portões, fogões e reparações mechanicas de qualquer naturêza.

RESISTENCIA

Editor

Manuel d'Oliveira Amaral

Publica-se aos domingos e quintas feiras

Officina typographica
Rua Martins de Carvalho, 7 e 9

N.º 680

COIMBRA — Domingo, 9 de Março de 1902

8.º ANNO

O Convénio É UM ROUBO, UMA BURLA, UM CRIME!

Obstar á sua realisação, por meios legais ou ilegales, deve ser neste momento a única aspiração de todos os portugueses honrados. Os traidores do poder vendem e deshonram a Pátria para, conseguindo novos e ruinosos empréstimos, continuar a louca e esbanjadora orgia de uma oligarchia de parasitas.

O País está posto á prova: um regimen fallido, cuja história é a biographia monstruosa de algumas centenas de bandidos, julga-se sufficientemente forte para jogar a última cartada, para ferir a última e decisiva batalha contra os interesses nacionaes. A indiferença do Povo, deixando impunemente iniciar o regimen cobarde das perseguições e da violência, o assassinio das liberdades públicas, a perda das garantias individuais, enfim; o arbitrio em triumpho—deu aos desordeiros do poder o convencimento de que levaria a cabo a venda da própria nacionalidade no meio do completo embotamento da sensibilidade popular.

Mas a monarchia enganou-se. O país não ha de capitular. Resistirá pela violência, oppôr-se-ha pela força.

A' desordem, á illegalidade, á tyrannia do poder, o povo oppõe o direito legitimo da insurreição.

O País não póde hesitar: ou conserva a monarchia—cancro maligno que o corroe, envenena e mata—ou se salva eliminando-a, destruindo-a, extirpando-a. Opta pela extirpação.

Creados de servir!

Se nos revoltam as indignas prepotências exercidas pelo poder sobre os escriptores que no uso dum direito e no exercicio duma nobre missão atacam os planos repugnantes desse mesmo poder, não nos revolta menos a conducta cobarde dos individuos que tinham obrigação de manter uma intima solidariedade com os escriptores abusivamente perseguidos.

E' mais do que cobardia, porque é cumplicidade. Eu refiro-me aos jornalistas e ouso proclamar que elles sam eminentes na obra de bandidismo e de odio dos governantes deste país.

Pois o que se vê? Em Lisboa, um jornal—*O Mundo*—é alvo, todos os dias, dos furores da auctoridade, sem razão, sem lei, sem direito.

E' censurado, apprehendido, mutilado. E, nestas circumstancias, quando devia haver uma imprensa altiva que protestasse, quaesquer que fossem os principios ou as causas que servissem, dá-se este caso estupendo: nem uma única penna se levanta!

Isto é, não se levanta para protestar contra o abuso praticado mas para pretender justificar, o acto que não tem justificação.

E este facto dá-se, porque em Portugal raros jornalistas empunham uma penna.

O poder distribuiu pelos jornaes todo esse pessoal de creados de servir. Não servem ideias, porque não sabem o que isso é; fazem simplesmente jus ao estúpido que recebem.

E' preciso manejar a injúria, denunciar, calumniar, dar, até, uma navalhada á volta duma esquina, a tudo se prestam esses moços de fretes da corrupção constitucional!

E de modo que, quando um grave, formidavel perigo impende sobre o país, não ha um movimento de almas, reparador e grande, e um jornal só, intrépido

é verdade, mas só, surge, animado pelo fogo das suas convicções e pela justiça da sua causa, a querer impedir a todo o transe, através de perigos, de prejuizos, de sacrificios, de vexames, o plano preparado pela desvergonha e pelo cynismo dos malfeteiros do poder! E' inconcebível, mas é assim.

Os jornaes que não applaudem, mantêm-se num silencio abominavel.

Para onde ham de appellar, pois, as victimas das perseguições e das tyrannias da canalha que por uma assombrosa abdicção moral deste povo, ainda preside aos seus destinos?

Para a opinião?
E' inútil, porque a opinião não se move na mais pequena vibração de enthusiasmo ou de cólera!

Para a imprensa?
Não, porque a imprensa é o que eu já disse: uma instituição servida pelos últimos dos lacaios, cuja consciencia não sentiu nunca um escrúpulo de pudor e em cuja face jamais transpareceu um vislumbre de decôro. Nestes termos, o que ha a fazer? Uma única coisa...

João Fróllo.

Dr. Angelo da Fonseca

Entrou felizmente em franca convalescência da grave doença que pôs em perigo imminente a sua vida o nosso presado amigo e illustre correligionário, sr. dr. Angelo da Fonseca.

Ao notavel homem de sciencia e erudito trabalhador enviamos, por tal motivo, a expressão sincera do nosso regosijo.

Morreu Frederico Arouca.

Nova vaga no conselho de Estado.

Está, pois, servido o João Arroyo.

Conhecem-no?

O dos azulejos.

Os que folgam...

Mariano—um ladrão—referindo-se, no *Popular*, ao discurso do presidente do conselho, na câmara dos deputados, em defesa dos seus attentados á lei, tem esta passagem:

«A câmara está positivamente sob o dominio da palavra inflammada e eloquente do sr. Hintze Ribeiro. Cada phrase do illustre chefe do governo é recolhida com ovações excepcionaes.

Navarro—um marianno—por sua vez em as *Novidades*, a propósito das medidas vinculadas, falla assim:

«Produziram excellente impressão as propostas de lei, apresentadas ao parlamento pelo sr. ministro da marinha e pelo sr. ministro das obras publicas. Enfim já não temos só palliativos e phantasmagorias. Estamos em presença de providencias eminentemente praticas.»

Entre bandidos tam chegados a desavença era difficil.

E depois não é de mais babujar o patrão, que lhes paga em dia para ladrarem a tempo a encobrir-lhe as ladroerias.

O contrario do que faz a policia aos gatunos modestos: pagalhes para denunciarem os collegas.

Abençoado regimen, servido por tam santa gente!...

Ao nosso querido amigo e collega dr. Costa Ferreira os nossos parabens pela honrosa distincção que acaba de receber por parte da sociedade Anthropologica de Paris.

Por proposta de três professores, entre os quaes se conta Pappillaut, foi o nosso valioso correligionário elevado á categoria de membro titular da referida sociedade.

Com demora de alguns dias esteve na capital o nosso valioso correligionário e administrador da *Resistencia*, sr. João Gomes Moreira.

Echo da arcada

Falla se em recomposição ministerial, saindo definitivamente Campos Henriques e Vargas.

Mattoso dos Santos será substituido na fazenda pelo Soisa da marinha.

Grande propina vê no horizonte o heroe de Alijó!
Oh! pela certa...

O velho periodico local, que acha desopilante a campanha contra o convênio, appareceu no seu numero de sexta feira com idéntico scenário ao do numero anterior:

Te-Deum—em fundo.

Leão XIII—em segundo.

Terrivel penitencia anda cumprindo a desditosa *Correspondencia*. Só lhe falta a essencia de rosmanninho...

E a verdade é que,—apezar de a *Divina Providencia* inda não ter inspirado a um dos seus ministros na terra a absolvição dos peccados da pobre desdentada, inclusive o de ter vivido durante largos annos no *Terreiro da Erva*, melhorou, consideravelmente, na qualidade do papel, depois do *te-deum*.

Não é bem o caso do chocolate de Mathias Lopes...

Mas, para alguma coisa devia de servir tanta religião...

Pelo ministério do reino já foi approvedo o projecto da câmara municipal desta cidade para o alteamento do Rocio de Santa Clara.

O sr. Almada Negreiros acaba de enriquecer o museu ethnographico da Universidade com a oferta dos productos da ilha de S. Thomé, expostos na última exposição de Paris.

PELA PÁTRIA

A insistência do governo em defender do exame severo do país o documento avexante duma traição, insistência apoiada no silencio cúmplice de sócios vestidos de rivaes, e traduzida na repressão violenta á imprensa insubornavel, vem confirmar a necessidade instante duma intervenção decisiva do povo no sentido de cortar audazmente o passo aos bandoleiros.

Mais alto que as nossas proclamações inflammadas, mais vibrante que o pregão de guerra que podiamos atirar, como um rebate pelo país fora, falla essa extranha conducta do governo, rebucando-se no mysterio cerrado das altas razões de estado, deixando que o estrangeiro, sem mais attentões, *quia nominor leo*, leve entrouxados os nossos interesses e os nossos brios.

E' portanto este o momento das grandes affirmações e dos nobres sacrificios. Pela patria em perigo esquecem-se resentimentos, apagam-se odios de seita, transpõem-se as extremas dos partidos. Uma coisa é preciso: ser português. Uma coisa basta: não ter almoedado a consciencia na tavolagem escusa das camarilhas.

Aos portugueses, pois, nos dirigimos nesta hora amarga de tantos desalentos e tam raras esperanças, para que não fiquem, ankylosados e dormentes, todos os que forem capazes de dar a este protesto nacional o contingente dos seus esforços.

Andamos, a todo o momento, como velhos rapshodos peregrinando, a cantar as nossas glorias idas, a clamar que fomos ricos e poderosos, que nos adereçamos de heroismos rutilantes, devassando o mysterio receido dos mares, deixando em todos os continentes, entre a ressonancia das victorias, o nosso nome de extra-

Resistencia

nhos gigantes que rolava pelo mundo como o fragor dum trovão.

E ficamos embebidos na contemplação desse passado que deshonramos quando, desbaratadas as riquezas que eram a presa opima das nossas heroicas aventuras, começamos de baratear o nome em negócios afflictivos, caucionando-os com a invocação emphatica dos nossos ancestraes. Foi um bom passado, não ha nega-lo, mas não é para que fiquemos agora deante delle, mudos e inertes, os olhos annuviados e peito o oppresso.

Nossos avós fizeram uma patria grande. A nós cabe-nos, neste momento, honrar-lhes a memoria fazendo uma patria livre.

Para esse desideratum chamamos todos os portuguezes. Os velhos, que as desillusões mais que a idade prostraram, que venham a dar-nos os ensinamentos dos seus espiritos adestrados, a moderar a santa loucura da nossa abalada. Os novos que tragam para esta lucta toda a indomita rebeldia dos seus nervos fortes, os protestos rubros das suas almas em flor, o tagante dos seus cançados odios.

Que haja quem saiba lutar, que haja quem saiba morrer. Lutar com o cerebro, vibrando um latejo de estrellas de ouro, como Hugo, morrer com uma impavidez antiga, como Bodin, na crista das barricadas.

Conquistamos outr'ora o mundo entre espadanadas de sangue, ao clangor epico das batalhas; conquistemos agora o futuro, entre espadanadas de luz, atirando aos ares um hymno de libertação.

No momento em que se procura enfeitar-nos ao estrangeiro, quando o bandidismo do poder pactua a nossa ignominia a fim de reparar os estragos da sua orgia, precisamos affirmar alto que repelimos a gargalheira de escravos. Somos muitos?

Somos poucos? Que importa? Não é uma campanha de vendidos: é uma resistencia d'almas. É uma alma, ás vezes, vale mais que um exercito. Na Rússia um velho mystico faz tremer um autocrata, a sua voz de apostolo atravessa, sonora, a muralha cerrada das bayonetas e va'e ecoar nas recamaras imperiaes. Na França, uma outra alma sedenta de justiça e acoçada por uma tempestade de odios, arrasta uma maioria immensa, num turbilhão formidavel, numa onda gigante que va'e choifar colérica numa ilha longiqua, onde um longo martyrio se estorcia. Foi Tolstoi quem venceu os cossacos do Czar, foi Zola quem triumphou dos camelots do nacionalismo.

Muitos ou poucos, basta que nos anime essa serena força que vem da resolução estoica de tudo sacrificar á patria!

Podemos ser derrotados? Tal vez. A força pode esmagar o direito: mas não o aniquillará, mais forte elle ha-de voltar á arena. Prometteu um dia ser livre. Aqui fica pois o nosso appello que julgamos traduzir, na indecisão dos seus traços, a ancia de todos os bons portuguezes.

Que elles o comprehendam, que elles o executem, que nós iremos na frente, serenos e resolutos, para essa obra de justiça vindieta.

Já está quasi restabelecido da grave doença que o accommetteu, o nosso estimavel amigo sr. Germano Augusto Pires, pelo que o felicitamos.

Basta uma administração honesta das receitas da nação para podermos pagar honradamente aos nossos credores.

Carta de Lisbôa

7 de março.

—O que ha de novo?... Isto: os factos continuam succedendo-se logicamente, precipitando-se para uma de duas soluções:—a morte do pais ou a sua reabilitação.

Póde alguém duvidar ainda de que o governo trama uma intoleravel infâmia com o convénio já combinado em Paris e Berlim pelo célebre Carrilho?

Ninguem. O governo foi o primeiro a denunciar-se, por meio de uma desorientação que revela bem os seus propósitos.

Primeiro, excusou-se terminantemente, no parlamento, aos pares e aos deputados que lhe perguntaram se elle estava disposto a conceder aos credores a consignação dos rendimentos das alfândegas.

Depois, mais alto ainda, fallou, traíndo-se por via dessa série de violências e perseguições a que temos assistido, pasmados de tanta audácia e de tanta insânia.

Não póde ninguém perdoar nem esquecer esses actos de despotismo mais cynico do que feróz. Mas, por mim, bemdigo-os. Bemdigo-os como um aviso solenne.

Bemdigo-os como o melhor dos estimulantes.

Antes de elles surgirem, uma meia dúzia de homens, conhecedores do trama em preparação, procurava accorder e estimular a opinião, tentado um movimento que podesse evitar o crime.

A opinião, todavia, não se mostrava muito disposta a interessar-se com alma. Em geral não se acreditava que o governo fósse tão torpe que procurasse a deshonra e a ruína do pais. A propaganda feita no sentido de a mostrar parecia, senão uma arma de calumniadores, um sonho de desvariaes. O governo lançou o boato de que essa propaganda obedecia a intuitos de especulação politica e a alevisia teve gente que a acreditasse.

Chegou um certo momento, porém, em que a opinião começou a interessar-se, ainda que fracamente.

O governo desvariou logo. Vieram os actos de arbitrio e os actos de força.

Vieram porque? Evidentemente, porque o governo se sentia culpado.

Se não fóra assim, elle não precisava de mais que de affirmar no seu parlamento e na sua imprensa, firme e cathegoricamente, que nada de criminoso tramava contra o pais.

Depois a sua obra viria e, quando as suas affirmações não fóssem acreditadas, elle mostraria a verdade á opinião desorientada, merecendo-lhe applausos.

Toda a gente percebeu isto, toda a gente viu isto.

O governo que não quer que se falle do convénio é porque esse convénio é pessimo, começou de disêr-se.

E começou a formar se, intenso, o interesse da opinião. Hoje, esse interesse é um facto indiscutivel.

Pessoas que antes das prepotências do governo não ligaram um momento de attenção ao que se dizia ou escrevia sobre o convénio estão hoje inteiramente convencidas de que um grande crime está para surgir e mostram se dispostas a todos os esforços para o evitar.

O governo foi, desta forma, o melhor cooperador na obra de propaganda patriotica que se iniciou, foi o mais insuspeito denunciante do seu crime, foi seu proprio inimigo.

Dizem os francezes que a desgraça para alguma cousa é boa. As torpezas tambem, por vês, teem utilidade.

Estas, que o governo praticou em todo o pais, com offensa para as liberdades e para as leis, tiveram o prestimo de elucidar, de orientar a opinião.

Foi depois dellas que as associações industriaes e commerciaes começaram a manifestar-se.

Foram elles que principalmente alarmaram os espiritos.

Nem por isso, porém, elles devem deixar de ser severamente castigados.

Toda a severidade é pouca para um governo que tãõ indignamente despresou os seus deveres e os direitos alheios.

Quando se julgar o seu grande crime, quando o bando de traidores prestar contas da mortalha que preparou á nação, não devem esquecer-se os actos de que esse crime foi precedido—o descaro inaudito com que o mesmo bando abusou da força do poder.

F. B.

Está gravemente doente a filhinha mais nova do directór politico do nosso jornal.

Fazemos votos, porque o nosso prezado amigo sr. dr. Fernandes Costa, a veja em breve completamente restabelecida, resultado que felizmente a marcha da doença faz prevêr.

Esse o nosso melhor desejo.

Turquia-Portugal

Da Agencia Havas:

Constantinopla, 4
Em resultado da opposição das potencias a Sublime Porta suspendeu a nova pauta aduaneira, cuja entrada em vigor estava annunciada para 14 deste mez.

O que acaba de passar-se na Turquia é um aviso providencial aos interesses dos industriaes portuguezes. Outro tanto nos succederá amanhã depois da consignação das receitas alfandegarias a garantir os desperdicios da monarchia.

Não tenham, pois, juizo e esperem-lhe o bote.

Navarro acha bem:

O governo applicou agora a *corregedoria* aos vicultores. Onde lhe cheira a liberdade—záz! toca a cortar: nem outra coisa é, alem de um eloquent ataque á liberdade dos agricultores, o *projecto de prohibição da plantação e replantação de vinhas*.

Como sempre inuteis, vexatorias e inconvenientes as medidas dos nossos estadistas!

O director das obras publicas deste districto enviou ao respectivo ministro a nota dos materiaes para a construcção da ponte sobre o Mondego na Figueira da Foz, pedindo que o material seja retirado da Alfândega de Lisbôa, livre de direitos.

Está quasi concluida a impressão do *Anuário da Universidade*, que este anno vem consideravelmente augmentado.

BRIC-A-BRAC

Desgraças que só acontecem a archeólogos

O archeólogo é a espécie mais infelis nisto de *homens de saber*. Não tem dias inteiros de ventura.

A's vês, começa se o dia por um bom achado, e acaba-se tristemente com uma desengano á esperanza de muitos meses.

Por isso não ha archeólogo que tenha um riso franco, por isso os seus lábios se fecham numa ironia discreta, por isso o archeólogo é um animal triste e pouco communicativo.

Conta Champfleury, que um archeólogo, que andava á descoberta pelo bello país de França, encontrara numa taberna, em que entrara á procura do almoço frugal do sábio, uma escumadeira que fizera a sua alegria.

De pouco se faz a alegria do sábio.

Era uma escumadeira de lata. Ninguem seria capaz de distinguir aquella escumadeira rara de uma escumadeira vulgar.

Mas o archeólogo francez, que tinha o olhar rápido e penetrante, que caracteriza os archeólogos de todos os países, ficara impressionado com a disposição bizarra, dos buracos do crivo daquela escumadeira.

Pôs a escumadeira contra a luz, e os seus olhos, habituados a interpretar eruditamente as datas, leram, a faiscar, 1717.

Varreu-se-lhe a vista, desmaiou; mas, depressa recubrou os sentidos, ao grito dolorido que deu a escumadeira, a cair no chão.

Era um archeólogo de sangue, e nunca o bom archeólogo pode ouvir sem commoção o som tãõ característico da lata antiga.

Dirigiu-se á taberneira para comprar aquelle objecto tãõ interessante, ouviu pacientemente historias de paes e avós, que a boa mulher lhe contou, para provar o amor, que tinha aquella recordação de familia.

Cedeu, por fim, a taberneira.

Era d'elle aquella escumadeira, em que um artista soubera com uma decoração intencional, por uma simples data, fazer reviver a galanteria do século XVIII, na evocação graciosa duma cosinheira de Watteau.

Parecia-lhe que seria de felicidade todo aquelle dia, que tãõ bem começara.

Olhou em volta, o braço direito descaído, a escumadeira descansando sobre o antebraço, a mão erguendo se numa caricia, os dedos apertando brandamente o cabo na attitude, em que nas illuminaes antigas param extáticas as rainhas, segurando os lyrios brancos.

Dum grupo saiu um lavrador, que lhe disse ter em casa uma antiguidade famosa, de ferro, com dourados, e côres, e letras, que elle não pudera ler.

—Um esmalte?!

—E' sim, senhor. Eu é que não sabia dizer.

Não havia dúvida; tratava-se dum esmalte, com um anjo, legenda, com certeza assumpto religioso, obra de qualquer dos Limousin.

Foi com o lavrador, que arranhou modo de lhe ir arrancando, pelo caminho, brinquedos, dôces, e vestidos, com o pretexto de conseguir a boa vontade da mulher, que era má, e talvez não quizesse desfazer-se de tãõ preciosa antiguidade.

Ao fim de andar um dia por maus caminhos, a beber vinho mau, chegou a casa do lavrador, onde lhe mostraram uma placa de ferro, em que uma fama, d'asas abertas, trovejava por uma trombeta as excellências de uma

companhia de seguros contra incêndios, cuja divisa lhe corria aos pés nas taes letras que o lavrador não sabia ler.

E assim acabou o sonho dum esmalte.

Por cá dá-se a mesma coisa. António Augusto Gonçalves, ao fim dum dia de trabalho em Condeixa, ponde saber que uma mulher tinha em casa um vaso grande, de barro vermelho, encontrado debaixo da terra.

Lá foi, guiado por um pequeno, e voltou, já tarde, com um pote, que elle gabava de romano.

Não queria esperar pelo carro, com pressa de pôr o pote a bom recato.

Mal eu soube que chegara, fui a casa d'elle.

Recebeu-me no atelier. Eu olhava curioso para todos os lados, a ver se enxergava o pote tãõ gabado, e elle, fingindo querer satisfazer a minha curiosidade, ia fallando das bellêças dos quadros e esculpturas, sobre que errava inquieto o meu olhar.

Por fim levantou-se, e disse-me com os olhos alagados de malicia: — Está allí, senhor. Está allí!

E correu uma cortina, deixando-me ver no vão de uma porta o pote, solemne como a arca santanos templos dos judeus.

Eu levantei-me tambem, enquanto elle se afastava voltando-me as costas, a dar tempo que o meu rosto se enchesse de espanto.

Quando olhou, eu estava com a mesma cara, a olhar, aborrecido, para aquelle pote vermelho e feio, sem uma esculptura.

O Gonçalves sacudia a minha indiferença, gritando:

— Ai o tem, ai o tem!

E eu na mesma, desapontado. Elle convicto:

— Pois é romano!

Quando ia a zangar-se comigo, eu expliquei-lhe, que não podia ver nada romano, com o odio, que, em pequeno, tomara ao latim.

Mais tarde, o pote desaparecia, e eu pude saber, que o Gonçalves o partira, por ter encontrado uns eguaes, perto de Miranda, mais novos, e nada romanos.

Eu então sou um desgraçado. Um dia deram-me um documento, datado de 1552.

Li numa commoção crescente:

Aos xx dias do mes dou tubro do ano de myll e quynhentos e cy quôenta edous anos na vyllade m^{or} mor ho velho nas pousadas de my escryuão pareço p^o vaz m^{or} na dita m^{or} mor ho velho e a mostrou q̃ tinha sesenta pendoros q̃ tidous lla ços cada hu pendoro e asy a m^{or} trou huas poucas de se das p^o fazer mays pẽ do roys e q̃ a vya de fazer das ditas se das allguas tellas ho qual Ja tjnha Jura m^{or} dos Juiz e Vereadores q̃ lhe foy dado e camara pante my es cryuão q̃ não cor tase nẽ tomase mays sedas das q̃ Ja tjnha e quando quer q̃ fezesse a mays hobra ha tornase a m^{or} trar ho qual elle por me teo fazer e ho asynou sylvestre chychorro escryuão da camara q ho escrevy

p^o +vaz

Laços, pendorões e tellas de seda!...

Esbocei logo um artigo, que começava: «Não sei como tem passado despercebida a existencia da fabrica de sedas de Montemor. E não faltam documentos, designando até os productos:— as tellas, pendorões, laços» e outra obra de passamanaria acrescentava eu, numa intuição de sábio.

Transcrevia a seguir o documento, aproveitava a occasião de dizer coisas amargas aos outros archeólogos, que *deixavam dormir os documentos no pó dos archivos, os tam ricos e inexplorados archivos nacionaes*!

Antevia um quadro da renas-

cença, em que a duquesa d'Aveiro, senhora de Monte-mór, andaria vestida de sedas, as sedas de Montemor, os cabellos seguros por uma rede de ouro, a caça de al-taneria, seguindo com o olhar negro a lucta do gerifalte, que largára da mão, e que perseguiu no céu azul um milhano a defender-se e a furta-lhe o corpo.

Montava ella um cavallo branco, que, a succudir a cabeça, fazia levantar o pagem louro que lhe segurava o freio, e cujo corpo se agitava no ar com a graça flexível d'um ramo novo de salgueiro.

Um dia outro documento acabou tam bello-sonho:

..... paResco bastjá Roiz ba Ra Morm^o nesta villa e dje se a ditó juiz Madores q elle qyria ama tellas ependoRojs e todas as ar madilhas de qasa depaull q as vñha amostrar aeille Juiz e Vereadores P nã egorer epena elogo hi mostrou synqo duzias dellassos preto pedoRos e armadilhas emajls amostrou hua gedelha de cabellos pretos q faRja trez dúzuajs de llas-sos cho djo juiz lhe deu ju Ram^o dos sãtos avãjelhos e q elle pos amã elle fez pgete *pergunta?* don dehouve Ra hos djos qabellos e jurou q Jzabell-des migell ehos elladje lhe de Ra as sedas pha elles joã aRiquez destaVilla eho djo juiz mádou q tato q vjese defoRa joã aRiquez ho llevase p ate elle juiz e q nã fizese mais lassos se hos her amostra p ñ astiraRe ho q elle imeteo fazer eho escrevi Joamcurado t a q ho

bastjá+Roiz

Os laços e pendurões e tellas eram armadilhas para a caça do patil!

Mas não se abandona depressa uma illusão, e eu puz-me a idealizar Isabel de S. Miguel, que ce-dia os cabellos para armar a caça do patil.

Sabia apenas que tinha os cabellos pretos, mas nada amedrontada o verdadeiro sabio. Cuvier por um osso reconstruiu o mastodonte; bem podia eu pela cor dos cabellos reconstituir uma mulher.

E, pouco e pouco, Izabel de S. Miguel passou a ser a symbolisação de Diana, a caçadora.

Outro documento acabou de vez com illusões:

Aos xx iij dias domes dou tubro do ano de myll e quynhentos e cycoemta e dous anos na vylla de m^o m^o ho velho nacamara della sedo pre sem tes ho Juz a Veredoresdestepresente anolloguo pã te elles pareceo p^o a^o m^o na dja vylla e lhe amostrou todos seos pendoroys e tellas e varas e Juys lhe deu Ju ra m^o se aquelles laços os houue ra dall gua p^o e elle Jurou q to das a quellas e lherão o Juyz lhe mádou q se elle fizese mayrs armadilhas as vyesse amos trar p^o se saber donde houue as sedas e estes ynza mes lhe fez pollo muy^o dano q se faz nesta vylla de cortar Rabos aos cavallo ebestas e por elle ho prome ter fazer ho a synou syl uestre chy chorro es cryvão da camara q ho es cre vy

p^o+a^o

Tinha a Câmara de Montemor tantos trabalhos para salvar os rabos dos cavallo e das bestas, cujas sedas se gastavam em armadilhas!

E tantas vêzes, ao ir para a Figueira, eu olhára enternecido para as vellas torres de Monte-mór, que o meu estudo tanto ennobrecera, e tantas vêzes, ao voltar triste da Figueira, se alegrava outra vez a minha alma, ao ver aquelles campos, ao recordar as sedas, os velludos, os laços a passamanaria, olhando com respeito quasi religioso para aquellas torres, onde se tinham feito talvez os primeiros capellos...

T. C.

Frederico Arouca

Morreu no dia 6 no Estoril, victimado por uma congestão cerebral, o conselheiro Frederico Arouca, marechal do partido regenerador.

Tinha 55 annos de idade, e da sua biographia recortamos as notas seguintes:

Formado em direito pela Universidade iniciou a sua vida pública como delegado do procura dor geral da Corôa. Foi eleito deputado para as legislaturas de 1878, 1881, 1884 pelo Cadaval, e em 1887 1889 pelo circulo plurinominal de Portalegre. Foi nomeado ministro das obras públicas em 14 de janeiro de 1890; ministro plenipotenciário em Londres por despacho de 25 de dezembro de 1893, onde se conservou até 16 de abril do anno seguinte. Foi nomeado conselheiro d'Estado por decreto de 28 de julho de 1900. Foi também vogal effectivo do Tribunal de Contas, cargo em que ha pouco tempo se aposentara. Foi vogal effectivo e vice-presidente da commissão executiva da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portugueses, e advogado syndico da camara municipal de Lisboa.

Foi tudo isto sem vantagens para o país. Serviu a monarchia e os seus proprios interesses.

São assim os homens do regimen: inuteis ou perigosos. Por isso, ao morrerem ha para a sua memoria ou indiferença ou desprezo.

As condolencias não vão além do telegramma do rei e do voto sentido das camaras.

Depois, esquecimento, entulho.

O sarau das creches

Ainda não está definitivamente organizado o programma desta festa, que promete ser brilhantissima, e como ha bastante tempo se não vê em Coimbra. No entanto, já se sabe que tomam parte nella além da Tuna, e do seu grupo dramático, que representará uma comédia, as ex. m^{as} srs. Faria e Maia e Brandão de Carvalho, e os académicos Eurico Lisboa, Fortunato Rebello, Luiz Ribeiro, Meira e Pompeu de Seabra etc.

BURNAY, na última sessão do banco de Portugal, encravou-se em alguns contos de reis, por virtude da rethorica.

Pouco pratico na arte de fallar, nada clássico o nobre conde, apesar de ter accrescentado varios capitulos á arte de furta do padre Antonio Vieira.

Começará a expiação?

A camara dos communs, de Inglaterra aprovou, por 208 votos contra 207,—um de maioria, um projecto favoravel ao estabelecimento do dia normal de oito horas de trabalho, para os mineiros.

As reclamações do operariado vão sendo ouvidas pelas classes burguezas, que a pouco e pouco se vêem forçadas a transigrir.

A votação na camara inglesa, foi um verdadeiro triumpho, com que se devem orgulhar os operários do Reino-Unido, não porque elle dê já resultados praticos, mas como prenuncio da satisfação de algumas das suas aspirações.

ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL DE COIMBRA REUNIÃO IMPORTANTE O CONVÊNIO

Hontem, pelas 7 horas da noite, reuniu a assembleia geral desta importante aggreição, afim de resolver qual a attitude a tomar em face da grave questão nacional—O Convênio—que tão profundamente vem ferir, a realisar-se, a classe commercial.

Aberta a sessão pelo presidente sr. Pedro Bandeira, secretariado pelos srs. Antonio Augusto Neves e Antonio Nunes Corrêa, usou em primeiro logar da palavra o sr. Fonseca Barata, que, em nome dos convocadores, expôs o motivo da reunião. Usaram depois da palavra varios oradores, sendo apresentada, pelo nosso presado amigo e considerado commerciante desta praça, sr. Cassiano Ribeiro, a eloquente moção a seguir transcripta:

A Associação Commercial de Coimbra, conscia dos deveres que lhe impõe a angustiosa situação do país, e como legitima representante dos interesses do commercio e da industria desta cidade;

considerando que o país chegou a condições financeiras deploráveis, mercê de administrações perdulárias dos reitados do Estado que têm estado, confiad-os a governos poucos escrupulosos;

considerando que as condições económicas da nação não comportam o instante desperdício que se observa na politica dos partidos;

considerando que as gerências do estado continuam a fechar annualmente com saldos negativos fabulosos;

considerando que este facto, revelador da nossa péssima administração pública, é a demonstração inilludivel da precária situação politico-financeira em que nos debatemos;

considerando, apesar de tudo isto, que o governo está preparando um convênio que regule a nossa situação com os nossos credores externos; e, além disto;

attendendo a que tal convênio, pelas noticias dadas a seu respeito por jornaes financeiros do estrangeiro e pelas revelações feitas pelo deputado sr. Augusto Fuschini, se apresenta como ruinoso para a nação enquanto eleva em muitas centenas de contos de reis os encargos annuaes da divida, e como deshonroso, enquanto consigna ao pagamento da divida

externa os rendimentos das nossas alfandegas;

attendendo a que esta circumstancia, além de traduzir a maior vergonha para o país, é também altamente ruinosa para o commercio e indústrias portuguesas, pois colloca na mão de estrangeiros o nosso regimen pautal, que é garantia da nossa economia interna, ao mesmo tempo que é demonstração da nossa soberania nacional;

attendendo a que o convênio projectado, fundando-se nestes principios e ainda no direito concedido aos credores externos de fiscalizarem a nossa administração interna, se traduz na intervenção de estrangeiros nos nossos mais sagrados direitos de povo independente e livre;

resolve:—dirigir ao parlamento uma representação enérgica contra o projectado convênio, protestando contra aquelles principios em que se fundamenta, se sam esses os ajustados, e ainda, em bora taes não sejam, porque está convencida de que a condição primaria para um convênio desta natureza está no equilibrio das receitas com as despêsas do Estado. E por isso resolve ainda:—chamar a attenção dos governos, e principalmente da nação, para a necessidade instante e urgente de a administração do Estado entrar numa nova phase de rigorosa economia e austera moralidade.

Coimbra, 8 de março de 1902.

Cassiano Ribeiro.

Posta á discussão esta moção, aliás clara e intensamente justificada pelo sr. Cassiano, sobre ella se ventillou largo e acalorado debate, sendo todos os oradores concordes em reprovar a marcha do governo, afirmando, simultaneamente, o desejo de que o país salde com brio e honra os seus compromissos com os credores.

E assim, a moção apresentada, foi approvada por unanimidade e coberta de applausos.

Oxalá que o movimento de agitação que se observa pelo país inteiro e que parece o despertar estremunhado de quem se deixou dormir, não se fique apenas em representações, dentro dos limites da legalidade, se por ventura a provocação fór mais longe. A nação attente em que está entregue a si mesma, pois tendo contra si o governo, só pelo seu proprio esforço poderá salvar-se.

E o tempo urge.

os quaes nunca nem o pae nem a avô deixaram de a ir ver todos os mezes, ora um, ora outro, ás vezes ambos. Que alegria quando tornáram a recebê-la em casa!

Não tinha mudado de carácter: era a mansidão em pessoa.

Physicamente, não embellezara; tinha a testa alta mas estreita, cabellos finos, mas de um castanho sem brilho, olhos escuros, mas as palpebras grossas, nariz comprido, o rosto muito redondo em baixo e avermelhado. O pescoço curto, implantado sobre hombros largos, tronco quadrado, as ancas desapareciam-lhe ao andar. Mas Mademoiselle de Villy tinha nos lábios francos o sorriso, que desce como um veio de graça e que faz, quando brilha, como que derreter todas as imperfeições.

Foi á hora do jantar que o distribuidor rural trouxe a carta de Mademoiselle de Croizy.

—Depressa! Deve ser a noticia da chegada de Herminia! Dé cá depressa! disse Alice, que batia as mãos impacientada.

—Que accesso de alegria não

Pela Via Latina

Os alumnos do 4.º anno theologico-juridico pensam em erigir no Pio um pequeno monumento á memoria do seu desditoso condiscipulo Benjamim Nobre.

E' uma comemoração justa, que, realisando se, honra sobre maneira os academicos que a promovem.

O curso do 1.º anno juridico mandou rezar na ultima sexta feira, na capella da Universidade, uma missa suffragando a alma do seu condiscipulo Rodrigues Pizarra.

Para esta manifestação devota não se esqueceram os moços de convidar sollicitamente os respectivos professores.

O curioso, porem, é que do curso conpareceram a esse acto apenas uns oito ou nove alumnos, desvellando-se assim a intenção de arpoar o feriado o que era afinal o mobil da tal homenagem.

Isto prova uma precocidade muito notavel nos dominios das engenhosas ficelles, tanto mais que os ladinos moços estão a menos dum anno de frequencia e devem portanto ser ainda timidos e bisnhos.

Mas, a continuar assim, preve-mos que serão dos taes advogados que se fazem com ambas as partes...

Perfeitos intrujões. 37510

Mausoleu academico: suggerida certamente, pela manifestação do curso do 4.º anno juridico, volta a fallar-se nesta desastrosa ideia.

Della fallaremos no proximo numero.

A consignação do rendimento das alfandegas ao serviço da divida externa é sacrificiar aos estrangeiros a nossa autonomia.

PUBLICAÇÕES

Contos para as creanças por Antonio Figueirinhas = Livraria editora de Antonio Figueirinhas — Porto — 1901.

A nossa tam reduzida e pobre bibliotheca infantil, em que avultam um precioso livro d'Anthero do Quental e os contos de D. Anna Osorio, vem o esclarecido espirito do sr. Antonio Figueirinhas, escriptor e editor tam intelligente como arrojado no nosso mesquinho meio litterario, enriquecê-la com o seu livro de contos, tam simples e tam educativos. Fallando á alma e á intelligencia das creanças, numa intenção pedagogica que realça o seu merecimento, é livro para as creanças lèrem, e nisto vai o seu maior louvor. Que não ha litteratura mais difficil nem mais importante do que aquella que se destina a formar o caracter das creanças.

poude deixar de fazer notar seu primo Manuel de Argouges, que era, á dias, hospede de Villy. Ahí está, minha prima, uma amizade bem entusiasta!

Alice parecia não ouvir, e devorava a carta de Herminia.

Quer o leitor, neste intervalo, lançar a vista sobre Manuel de Argouges? O busto direito, cabellos curtos, coroando uma testa arqueada, olhos pretos um pouco duros, o nariz como o bico de uma aguia, bigode retorcido, com todo o ar de desafio dos vinte e tres annos. E quem poderia desafiar e combater elle que era rico, possuidor de uma grande fortuna e livre? Era primo de Alice pela parte do pae, irmão de Madame de Villy; tinha vivido muito ao lado della, em quanto haviam sido creanças, e M. de Villy, que tinha por elle um terno affecto, havia secretamente unido em sonho futuro as duas creanças.

—Já pertencem um ao outro, dizia, tem caricias e brincadeiras communs.

Continua.

Folhetim da "RESISTENCIA",

MAXIME RUDE

UMA VÍCTIMA DO CONVENTO

III

A mãe d'Alice tinha passado a sua mocidade no convento das donas de S. Agostinho, e só de lá saíra para se casar. M. de Villy lembrava-se que ella c tinha na melhor conta. Consultou a mãe que, por o seu lado, sabia que o convento de Bayeux era de tradição nas familias mais nobres da Normandia, comquanto ella tivesse sido educada em Evreux, em tempos de agitação politica. Ficou decidido que Alice iria para lá.

Tinha doze annos quando entrou, ficou lá cinco annos, durante

EDITOS DE 30 DIAS

Pelo Juizo de Direito da—Terceira Vara de Lisboa, cartorio do escrivão Andrade, se processam uns autos civeis de justificação ayulsa para habilitação, em que são justificantes D. Maria José Pinheiro Rocha, também conhecida por Maria José dos Remedios Pinheiro ou Maria José dos Remedios Pinheiros Ghagas e D. Amelia de Bastos Rocha, também conhecida por Amelia de Mello Bastos Rocha ou Amelia Joaquina de Mello Bastos e justificados o Ministerio Publico e incertos; e n'esses autos pretendem os justificantes habilitar-se: a primeira como unica herdeira e a segunda como meira de seu fallecido filho e marido João Dias da Rocha, natural da Sé Cathedral de Coimbra e fallecido no dia quinze de setembro de 1901, na cidade de Lisboa, na rua de José Estevam, n.º 53, 1.º andar, no estado de casado com a segunda justificante e sem descendentes nem testamento; para, n'essa qualidade, poderem receber todos os bens de que se compõe a herança do fallecido e bem assim converter em seus nomes o deposito n.º 62464, no Monte Pio Geral, da quantia de quatro contos trescentos e onze mil cento e oitenta e cinco réis e uma divida activa na importancia de um conto cento e vinte mil réis que fazem parte da mesma herança.

Correm, por isso, editos de trinta dias, citando todas as pessoas incertas que se julgarem com direito á herança do dito fallecido João Dias da Rocha, para na segunda audiencia d'este juizo, posterior ao prazo dos editos, a contar da publicação do ultimo annuncio no *Diario da Governo*, virem accusar a citação e ali marcar-se-lhe o prazo de tres audiencias seguintes para apresentarem a sua impugnação, sob pena de revelia.

As audiencias naquella Juizo teem logar todas as terças e sextas feiras de cada semana, por dez horas da manhã, no Tribunal da Boa Hora, e quando algum d'estes dias for sanctificado não estando comprehendido em férias a audiencia terá logar no dia seguinte se não for sanctificado ou feriado.

Verifiquei.
O Juiz de Direito,
Rocha Calisto
O escrivão do quarto officio,
Arthur de Freitas Campos

Phonographos e grande variedade de cylindros impressos com canções populares, cançonetas, operas, zarzuellas, bandas, operetas cómicas, revistas, fados, etc. etc.

JOÃO GOMES MOREIRA
Rua Ferreira Borges
COIMBRA

ROTULOS
para farmacias, mercearias, livreiros, etc., imprimem-se na typographia de M. Reis Gomes, rua Martins de Carvalho, 7 Coimbra.

PURGAÇÕES
Pilulas orientaes de A. R. de Passos Pharmaceutico pela Universidade.
Cura frequente, em 48 horas, da blenorrhagia (purgações, mesmo as mais rebeldes). Só com o uso deste acreditado medicamento. Resultado seguro e garantido por numerosas curas.
Preço da caixa—500 réis, pelo correio 510. Depósito em Coimbra—Pharmacia Cordeiro—R. Ferreira Borges.

OFFICINA TYPOGRAPHICA

Proprietario — **MANUEL DOS REIS GOMES**

7—RUA MARTINS DE CARVALHO—9

COIMBRA

Impressões de livros, folhetos, diplomas, avisos, mappas, facturas, recibos, circulares, prospectos, memoranduns, etc.

Timbragem de papel e enveloppes.

JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges

COIMBRA

Esta casa encarega-se da collocação de PARA-RAIOS e CAMPAINHAS ELECTRICAS pela Casa Ramos & Silva, de Lisboa. Toma conta de encomenda de qualquer artigo que tenha de ser feita directamente com o extrangeiro.

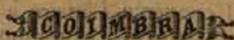
Fornece pelos preços do catálogo COFRES Á PROVA DE FOGO da casa João Thomás Cardoso & Filhos, do Porto, que sam os mais garantidos.

Tambem se encarrega de qualquer obra de serralleiro, como: gradeamentos, portões, fogões e reparações mechánicas de qualquer natureza.

CASA INNOCENCIA

CONFEITARIA E MERCEARIA

RUA FERREIRA BORGES — 91 a 97 (CALÇADA)



VENDAS POR GROSSO E A RETALHO

Em breve devem estar prontas as tabellas de preços de amendoa e mais artigos de Confeitaria e Conservaria, fabricados nesta casa, a mais antiga de Coimbra e que maior sortimento tem.

Os artigos desta casa, têm sido premiados nas exposições a que têm concorrido.

Mandam-se tabellas de preços a quem as pedir. Nesta casa encontram-se vários artigos de Mercearia, de primeira qualidade.

Vende todos os artigos pelos mínimos preços, garantindo a sua perfeição e aceio na fabricação. Dirigir correspondência a

Innocência & Sobrinho — Coimbra

REDUCCÃO DE PREÇOS

Estabelecimento de João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges

(Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Esta casa que em Coimbra tem melhor sortido tanto em ferragens e materiaes de construção como em utilitaria, artigos de fantasia e utensilios de cosinha e mesa, participa a todos os seus freguêses, e ao publico em geral, que acaba de reduzir bastante o preço de quasi todos os seus artigos.

As condições em que faz todas as suas compras directamente nas portugaes praças extranjeiras e fabricas portuguezas, sam uma garantia de que pôde vender em melhores condições do que qualquer outra casa desta cidade.

Loteria da Paschoa

40:000\$000

Extracção a 3 de Abril de 1902

Bilhetes a 30\$000 réis

Vigessimos a 1\$000 réis

A comissão administrativa da loteria, incumbem-se de remetter qualquer encomenda de bilhetes e vigessimos a quem remetter a sua importancia e mais 75 réis para o seguro do correio.

Remettem-se listas a todos os compradores.

Os pedidos devem ser dirigidos ao secretario.

COSINHA POPULAR

Rua da Concordia, n.º 27, 29 e 31

Figueira da Foz

Esta antiga e acreditada casa situada num dos melhores locais da Figueira, Junta dos Cassinos e a dois passos da praia de banhos, continúa recebendo hóspedes permanentes, por preços commodos. Fornece almoços e jantares para fóra, desde 300 réis.

O proprietario,
José Maria Junior.

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150—Rua Ferreira Borges—156

N'esta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos d'esta natureza.

Dóces de ovos dos mais finos paladares e delicados gostos, denominados *dóces sortidos*, para chá e *soirées*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumera-la.

Dóces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em secco, como crystalizados, a rivalisar com os extranjeiros.

Pastelaria em todos os géneros e qualidades, o que ha de mais fino e saboroso, especializando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa phantasia, denominadas *Centros de mesa, Castellos, Jarrões, Lyras, Floreiras, Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá, café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo systema de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Collares, Champagne, Cognacs, Licores finos, etc., das melhores marcas nacionaes e extranjeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Améndoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo se a pureza dos assucares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e extranjeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyére, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

Máquinas de costura MEMORIA

Júlio Machado Feliciano

CASA DO LEQUE

Participa aos seus ex.^{mos} freguêses e ao publico em geral, que acaba de receber uma importante remessa das bem conhecidas e acreditadas máchinas—**Memória**—a melhor até hoje conhecida.

Quem precisar adquirir uma bella máchima de costura, para familias, alfaiates e sapateiros, não o faça sem primeiro examinar todos os modelos destas tão acreditadas máchimas e que se garantem por tempo illimitado e que não têm rivaes, nem em qualidade nem em preços.

Dão se todas as explicações e acceitam-se máchimas em troca. Esta casa acaba também de receber um grande sortimento de armures pretos, sédas pretas e mantilhas de séda e outros artigos próprios do seu commercio, o que tudo vende a preços resumidos,

RESISTENCIA

Editor
Manuel d'Oliveira Amaral

Publica-se aos domingos e quintas feiras

Officina typographica
Rua Martins de Carvalho, 7 e 9

N.º 681

COIMBRA — Quinta feira, 13 de Março de 1902

8.º ANNO

Heroísmos

Chegam-nos da Africa noticias de novas victorias ganhas sobre o gentio pelos nossos valentes soldados.

Não vai o momento para expansões festivas, porque esses actos de bravura, para os quaes é bem legitimo todo o reconhecimento, não servem a clarear os horizontes da pátria velados por espessa caligem.

Enquanto lá fóra os negreiros rebeldes sam perseguidos e, desalojados das suas cubatas, fogem espavoridos para o interior, cá dentro outros negreiros mais perigosos proseguem, com largo desfalogo, na sua obra de traição.

Os louros desses valentes veem cair numa montureira. E se ha olhos que os fitam, enternecidamente, numa commovida rememoração do nosso cyclo de cavalheirescas abeladas, quando fomos pelos mares fóra a combater mysterios temerosos ou a arrancar os continentes a sua existência ignorada, nesses olhos já não fuzilla o entusiasmo que desborda no delirio das ovações frementes e transfunde uma alma ás apothees excepcionaes.

Tolda-os uma nuvem de tristeza.

A's vezes erguem-se para o alto, illuminam-se, como que fitando no vago uma visão messianica, mas logo se baixam como se os prendesse a attracção de um abysmo.

E' que esse esforço brilhante, esse denodo ardido, raras sobrevivências de uma antiga força inigualavel, todos sabem que resulta inútil por falta de um sábio e honesto complemento. E' que em meio de todas as nossas desgraças, neste momento angustioso de traição impune, o echo dessas victorias soa como uma rispida, contundente ironia. E' que a nossa alma compassiva de amorosos se confrange já com a prospectiva do negro futuro desses bravos.

Como na antiguidade os velhos se levavam a morrer no abandono dos montes escalvados, entre nós os governos costumam premiar esses heroes, que o clima e as privações esgotaram, lançando-lhes aos hombros o bernal de mendigos.

Os que não caíram varados pelas frêchadas do gentio, veem cair aí, pelas praças públicas, desfiados pela fome.

E a policia que os levanta, a empuxões brutaes, é a mesma que corteja timidamente a gatinagem agaloada que um dia, num arremedilho de apothese, entregou a esses luctadores obscuros a recompensa irrisória duma venera.

E porque isto é assim, porque essas campanhas representam um sacrificio inútil, nós não sentimos ao chegar-nos a nova faustosa das victorias, esse entusiasmo tã prompto em portuguezes.

Quedamo-nos, antes, com uma grande mágoa a pezar-nos n'alma. Ah! que se elles comprehendessem, os rudes soldados que combatem em Africa, que essa pátria por quem se devotam com

tã rara coragem está sendo torpemente negociada no balcão do capitalismo internacional: se por providencial intuição elles abrangessem toda a amplitude da ignomínia e advinhassem que, por sua força, podiam bem evitá-la: se elles podessem compenetrar-se da altêsa da sua missão neste momento único, e em vez de varejarem com as suas balas o Angochê e o Ambrizette, intimassem os traidores, alli no Terreiro do Paço, a dobrar o joelho para o golpe de misericórdia, como a sua victória seria infinitamente mais útil e estrondosa, como para elles os braços se estenderiam numa disputa de os apertarem ao seio, e como as almas os consagrariam, genuflexas e commovidas, na loucura do seu reconhecimento.

Neste momento, sim, seria para todos nós mais consolador e espontâneo que em vez de acclamar os pobres soldados das campanhas d'Africa tivéssemos de abrir alas e ativar flores aos soldados da Insurreição.

Foi o ministro das obras públicas quem no cemitério fez, em nome do governo, o elogio de Frederico Arouca.

Disse as banalidades do costume e teve esta phrase:

Como esta vida é curta, e como é triste e desoladora a ideia do aniquilamento!

Para disfructar um pagode tam reinadio é claro que todo o tempo é pouco.

Já o sabiamos oh mythologicas mandibulas!...

A incoherência dos tyrannetes

Sabem que no Porto se fizeram buscas domiciliarias por causa do discurso do sr. Augusto Fuschini proferido em 91, sobre o convenio Espregueira.

Pois esse discurso está sendo ha dias publicado livremente no Mundo, que tambem já se referiu ás principaes conclusões do relatório do sr. Madeira Pinto...

Não houve até agora embaraços a publicação e, se os tivéssemos havido, cremos que o caso não ficaria assim, pois a publicação dos diplomas officiaes e discursos parlamentares é bem expressamente autorisado pelos artigos 571 e 572 do Código Civil.

Mas, se o discurso pôde publicar-se, para que foi a infamia das buscas domiciliarias?...

Conta um jornal de Madrid, que durante a noite de quarta feira passada se ouviram dois tiros de pistola, descarregados sobre o wagon restaurant em que viajava a princesa Frederico Carlos, tendo uma das balas partido a vidraça da carruagem.

A princesa ficou, porém, illêza, não tendo soffrido mais do que um pequeno desmaio resultante do susto, porque ainda assim uma das balas atravessou-lhe o vestido.

As nossas felicitações,

Dr. Fernandes Costa

Ante-ontem, de manhã, fomos communicada a triste nova da morte da pequenina Adelaide, filha querida do nosso presado amigo dr. Fernandes Costa, illustre director politico deste jornal.

Comquanto o estado da interessante enferma fosse gravissimo, esperámos sempre, confiados no exforço da sciência e na dedicação carinhosa da familia que lhe cercava o leito numa enfermagem ancedada, que o terrivel mal fosse debellado. Illudimo-nos infelizmente. E a morte, arrancando o pequenino ser, ao affecto terno dos paes, perturbou dolorosamente a tranquillidade do lar do nosso querido collega.

A dôr, que neste momento experimenta o seu coração de Pae amantissimo, é daquellas cuja resignação s'encontra apenas no seu próprio soffrimento; por isso seriam supérfluas todas as phrases com que manifestassemos o desejo ardente de compartilhar com o nosso dedicado amigo toda a amargura desta má hora, para nós bem duramente comprehendida, por já experimentada.

Todavia, se para dôres tam vivas e intensas, pôde encontrar-se allivio na dedicação e na amizade daquelles que com-nosco convivem, o funeral da desditosa creança, que foi um testemunho eloquente de quanto o dr. Fernandes Costa é apreciado pelas suas qualidades de caracter e de intelligência, por todos os que o conhecem, devia em parte recomensá-lo.

Mas não, o golpe foi sobremaneira duro, e a apará-lo não basta o escudo frágil da amizade.

O governo já não mantem as declarações que fazia—de não admittir controle nem consignação do rendimento das alfandegas para base do convenio.

Nos últimos nove annos, a divida fluctuante augmentou 31:070 contos. E que beneficios fez o estado ao commercio, á agricultura ou á industria?

Nenhuns.
Augmentou-se a divida apenas para servir as clientellas politicas

Chamam ao sr. Hintze Ribeiro o homem que não vê.
Do burro escreveu Camillo que era o symbolo da sisedez.
Está certo.

As quatro razões

I Portugal tem recursos, com boa administração, para regularisar a presente situação financeira.

II O desenvolvimento da industria nacional e do commercio interno e colonial têm melhorado as suas condições económicas, ao que deve corresponder melhoria nas circumstancias do thesouro.

III Portugal, portanto, deve pagar mais aos seus credores.

IV Surprehendem-os, depois da redução da divida em 1892, os deficits da má administração.

Pensando assim os extranjeiros exigem o controle e a consignação de rendimentos; e o governo cede e applaude, pois, sob o regimen creado pela lei de 20 de maio de 1893, não conseguia o empréstimo, que pretende, para manter a bambochata monarchico-constitucional.

Que lhes importa o país, se o estomago dos amigos e compadres é insondavel e trabalha em diamantes?!

Em dia...

O correspondente de Lisboa para o Janeiro, biographando o extinto conselheiro Arouca, dá-nos várias notas inéditas, das quaes destacaremos a seguinte:

«Dissipou a sua fortuna, e, um dia começou a trabalhar. Entrado na politica, assignalou-se logo pela sua audacia intelligente, pela sua energia em que havia o pittoresco do elegante, do destemido rapaz que fóra—e ainda era, porque a sua entrada no parlamento foi por volta de pouco mais dos trinta annos. De uma felicidade assombrosa, parecendo que as venturas o procuravam, foi em breve ministro, par do reino, e os honorarios e lucros cho-veram sobre elle e sobre os seus.»

Bem diz o vulgo que o Brazil está em qualquer parte. E' ver como entre nós os declassés procuram na politica monarchica o meio de se refazerem dos estragos duma vida perdularia. Chegam, vêm e vencem, e cumprimentam-se jubilosos pela ideia feliz de se prepararem a ruína, tantos os lucros da nova situação. Que não é a monarchia esquiva em acolher aventureiros: recebe a todas as horas.

E ahí está porque tem a servila um exercito de rufiões.

Nos últimos nove annos, o Estado obteve do Banco de Portugal 14:500 contos por conta corrente e 7:685 contos por contratos.

E o que fez a favor da instrução e da assistência pública?

Nada.

Todo o dinheiro obtido reverteu a favor da cotterie que explora e opprime o povo.

Chronica politica

Vem de cima a nefasta acção que amesquinha, dissolve e arruína tudo quanto foi grande, nobre e altivo nesta nossa querida terra.

E generalisa-se á degradingolade! Todos têm uma parcella de culpa neste terrivel desabar do edificio nacional, por que se têm deixado vencer pelo peccado da indiferença; mas a grande responsabilidade está com os derigentes, com esses chefes da politica monarchica, com esse exercito de facciosos e sem patriotismo que os rodeiam, com esses homens, enfim, que ao falso principio da realêsa, e á barriga, teem sacrificado brio, honra e os mais legitimos e sagrados interesses da Nação.

Morremos já para a consideração do mundo financeiro; quem sabe se virá distante o dia em que tenhamos de assistir aos funeraes da própria independência!

Isto é o caso,—dá vontade de morrer!

De morrer, sim, antes que nos amarrem ao carro das nações decadentes e vilipendeadas!

Não! Portugal não pode ser jungido como a Servia, o Egypto, a Grecia ou a Turquia!

Não!...

Mas a conspiração organisou-se e os conjurados já se não occultam. Ai os vemos a trabalhar a sua obra indigna á luz deste bello sol que dôura as cristas dos nossos montes genuinamente portuguezes ha quasi uma decada de séculos; ao sopra destas brisas que agitam a superficie dos nossos rios e até ao rugir dos ventos que encapellam os mares por onde as caravellas dos nossos heroes marinhheiros abriram caminhos á civilisação, impondo ao respeito dos povos dos dois hemispherios a gloriosa bandeira das quinas.

Bem sabemos que diser isto é o mesmo que fallar nos immortaes principios: Phrases! Rethorica!

Assim nos respondem os que de alma e coração se devotam ao convenio; como os falsos liberaes nos respondem com atrevido e provocante sorriso, quando argumentamos com os direitos dos cidadãos.

Quem pensa nisso neste malfadado país em que governa Hintze Ribeiro que principiou a abrir a cova onde pouco a pouco se irá enterrando o patrimonio colonial, e ainda se nos apresenta na sua figura ferreamente fria, como a metalica cobertura dum tumulo, para nos amarrar ao carro dos syndicatos financeiros que formam na antecamara da agiotagem triumphante!

E' justamente esse o trabalho do presidente do conselho, que representa o governo, na sua obra do convenio com os credores externos; leva nos de rasto para a perda da nossa autonomia financeira, vergonha esta que resulta dos relatorios dos varios agentes que por esse mundo teem andado a promover a esmola de mais um emprestimo.

Elles querem mais dinheiro para a continuação da orgia politica e administrativa. Elles querem am-

parar-se e amparar a família, os amigos e os compadres, e para isso é urgente proteger as companhias dos tabacos, dos phosphoros e dos caminhos de ferro onde medra a fina flor dos comprados politicos dos partidos da rotação constitucional.

Essas companhias também quem realisar empréstimos, ou valorisar o seu papel no extranjeiro, e sem accordo com os credores todas as praças continuarão fechadas. Ante uma tal difficuldade para o partido regenerador que hoje governa, o progressista que forma o salto para as cadeiras ministeriaes, e para a alcatéia de lobos que engordam nas taes companhias, urge preparar e fazer o accordo, custe o que custar. Não se trata propriamente do interesse da nação, cura-se de satisfazer as ambições politicas de uns, e o espirito ganancioso dos outros.

E que faz o povo? Querera ser turco? Querera ser inglês? Nem uma nem outra coisa, certamente, mas, attenda-se, também não poderá ser regenerador nem progressista, por que a esses dois partidos deve a sua completa ruina. Foram elles que nos perderam financeiramente; foram elles que tudo desmoralisaram. Aos seus erros de administração devemos as nossas desgraças!

Se, para vergonha, tivermos ahí a fiscalisação extranjeira, ou hypothecarmos qualquer rendimento publico ao credor — a esses partidos deveremos a deprimente humilhação; portanto entre o povo e essas entidades jamais poderá haver conciliação possível.

Perderam-nos, desmoralisaram-nos e atiraçõaram-nos!

Fóra com elles! — Mas, notem, — devem ir pela **barra fora** antes de consumarem a sua obra do convênio, que o presidente do conselho de administração da Companhia Real (o sr. Carrilho) anda tratando em nome do governo.

Vejam como se combinam os interesses dos syndicatos com os desses partidos!

Temo-nos referido ao povo, e nesse povo se encontra a honrada classe commercial; e os nossos laboriosos industriaes e o soffredor povo dos nossos campos e das nossas serras. Sam essas classes que representam os principaes nervos do corpo social as mais terrivelmente ameaçadas para epocha proxima, se o convênio se realisa com o augmento de encargos que se annuncia. Tudo, essas classes que representam riqueza em todos os povos, terão de pagar.

Pagar, ou morrer! E merrem quando o consumidor, mergulhado na miséria, não tiver o que baste para o pão dos filhos; quando as pautas das nossas alfandegas não poderem ser alteradas em beneficio do trabalho nacional; quando, enfim, o aggravamento cambial difficile ou torne impossível as tranzacções com o extranjeiro.

E nesse caminho estamos; nelle nos percipitam vertiginosamente se realisa o convênio nas condições annunciadas.

Para hoje temos a balança commercial com um deficit de 28:000 contos (1901, números redondos); temos o rendimento das alfandegas diminuidos em 1901 comparado com 1900 em cerca de 800 contos. Com taes symptomas, com uma divida fluctuante de quasi 60:000 contos, e com esse pavoroso augmento de despêsas, delirantemente mantido por interesse do regimen em que vivemos —, é caso para demoradas meditações, e urgente plano do mais vivo protesto. E é de cima que vem todo o mal!

De cima!...
Pensem bem nisso!

Ex-Tenente Coelho

Sai no dia 21 para Loanda a bordo do *Caçengo*, este nosso presado amigo e correligionario, cuja espada gloriosa se desembainhou, pela Patria, em 31 de janeiro.

Feliz viagem, e que sob o sol ardente da Africa o seu bello character encontre o que o pais lhe nega.

E' o nosso desejo.

A câmara municipal de Alijó felicitou o ministro da marinha pela sua proposta de lei sobre a questão vinicola no ultramar.

Ora essa lei tem disposições de uma insensatez calamitosa, como o ponderou ao glorioso filhote de Alijó a Associação Commercial do Porto.

Mas a edilidade de Alijó entendeu que não podia ficar silenciosa perante o tal projecto que, segundo o seu alto criterio, é de «incalculáveis vantagens», e toda se dobrou em contumelias perante o moderno Infante de Sagres.

Que ministro é que edis!
Decididamente a tracção eléctrica desalojou muita gente do seu devido logar...

Nos últimos nove annos, as receitas publicas augmentaram contos 103:287, por sacrificios exigidos aos contribuintes.

E que obras de interesse publico se fizeram?

Nenhuma de vulto.

Os sacrificios do contribuinte reverteram a favor dos parasitas do Estado.

Para que serve a policia?

Varios collegas têm-se referido a actos de vandalismo praticados por mysteriosos noctambulós, cuja descoberta a Camara Municipal já pôs a preço.

Reconhecendo a justiça do protesto, seja-nos licito, porém, consignar a nossa extranhêza por que taes factos se repitam, numa provocadora reincidência, sem que a nossa vigilante policia logre surprender os desgraçados personagens. Demais, esses casos estúpidos de destruição tem-se dado em logares bem centraes, onde é frequente ver a policia passear, com lentidão imponente a sua torva catadura. Um pouco de sollicitude bastaria para liquidar o caso; mas a sollicitude, o zelo, e o furor da policia de Coimbra só se revela em correrias e jogos brutaes de pranchada.

Ha até casos interessantes que provam a *jettatura* da nossa policia, e que todos se resumem na demonstração de que os abusos estão na razão directa do augmento de policia.

Se isto continuação teremos, semelhando um cançado dito francês, de gritar aos interessados: *Chez le mouchard...*

Falleceu o cônego sr. José Ferreira Fresco, deão da Sé Cathedral. O seu funeral realisa-se hoje.

Na secretaria da Escola Normal, desta cidade, deram entrada os requerimentos das srs.^{as} Adelia de Lencastre, Amelia Forjaz, Deolinda d'Almeida Proença e Ermelinda da Silveira, que pretendem submeter-se, como alumnas externas, ao exame de habilitação para o magisterio.

Parte brevemente para Lourenço Marques o nosso querido amigo e correligionario dr. João Tudella, distincto advogado.

Desejamos lhe uma viagem feliz e um regresso breve,

Pela Via Latina

O mausoleu académico — Algures li, outro dia, uma noticia, que, apesar de não ter presente nos seus termos precisos, posso reproduzir, sem que a verdade histórica periclite, pela forma seguinte:

«Existe entre a academia um certo entusiasmo pela ideia de levantar no cemiterio da Conchada um grande mausoleu, destinado a recolher os restos mortaes dos estudantes fallecidos, em Coimbra, durante o seu curso.»

«A commissão conta já com a adhesão valiosa de alguns lentes.»

Foi isto pouco mais ou menos que eu li algures... e fiquei-me a pensar nas voltas que o mundo dá.

Era de extranhar, na verdade, que tal ideia podesse subsistir alguns momentos num meio de rapazes, sem que a gargalhada metallica do ridículo obrigasse a reformar o cerebro que a pariu. Mas não, vem de ha três annos, com altas e baixas no mercado, consoante accresce ou mingúa o numero de obitos, e quasi assumidamente *solidariedade mortuaria*, se porventura nos bate á porta escancarada pela imprevidencia o perigo imminente de uma epidemia, ainda que ligeira.

Ha três annos comprehendí eu os motivos que provocaram a explosão da farsa no cerebro improductivo de um académico brioso. Estavamos em sexta feira de paixão, e o espirito dos poucos academicos que p'ahi ficaram num isolamento barbaro havia sido sobressaltado pela morte infelizmente, quasi tragica, de um pobre rapaz de theologia.

O quadro era carregado.

A piedade pelo morto refinára na monotonia das férias; e a música triste das trevas espremia por tal forma o sentimento da mocidade, que nem a mystica confusão dos psalms e das amendoas torradas, conseguiu conjurar a ideia que brilhara no luctuoso espirito de um estudante em férias. Emfim, em sabbado de alleluia, emquanto na Sé os canarios saudavam alegremente o Christo, que resuscitára, pela Feira um académico, desalentado, em voz baixa, apostolisava a grande ideia.

A *construcção do mausoleu* e, ao mesmo tempo, a creação de uma *cooperativa funeraria* para fazer guerra aos corujas, que costumam hyperinteressar-se pela marcha da doença nos estudantes enfermos.

Foram sempre perigosamente fecundos os cerebros sem trabalho!...

Ora isto foi ha três annos... As férias acabaram-se, a nuvem dissipou-se, o lucto foi aliado...

Volta, agora, mais carregada, mais funebremente significativa. E, se é certo que o *Pinguinhas* — a corôa do baralho, ou melhor, o sacerdote do monte, visto que apesar de ter corôa os naipes estão preenchidos do rei ao az — não permite aos cordões da magra bolsa academica a sua realisação, a ideia por que sómente se esboça não deixa de ser menos ridicula. A avolumar a troça resalta até a tão fallada adhesão de alguns professores, só comprehensivel pelas necessidades do chumbo...

Francamente, justifica-se que a *Associação de Socorros Mutuos dos Veteranos Invalidos* pense no logar recatado onde devem repouzar á sombra de um renque de buxo os seus socios em dia; mas que a mocidade de um paiz se preocupe com a puerilidade burgesa de um casarão no cemiterio nem é decente, nem é normal. Verdade é que o estado actual da mentalidade portuguesa não permite mais, — e para isto, só

Deus sabe, quanta locubração pavorosa se tem desencadeado nos cerebros juvenis dessa triste mocidade: que adormece sobre a philosophia pedante da sebenta.

Em todas as edades se morre — é certo. Alguns morrem ao nascer, outros ha que, inclusivé, nascem mortos, — verdade impudente e imponente que fez brotar da cabeça gloriosa do Pedro Penedo esse genial problema — *se o que nasce morto, nasce ou não nasce*, em cuja discussão tão notavelmente se têm ennobrecido outros Calhaus, de que têm justamente se ufana a nossa história scientifica.

Mas o que não é normal é a preocupação de gente moça com coisas tão pueris.

A ideia do mausoleu é o signal pathognomónico da inferioridade de intellectual de uma geração de incapazes, da degradação moral da gente moça portuguesa.

Onde a mocidade sente, onde a mocidade pensa, onde a mocidade se afirma pelo espirito e pelo coração, queima-se a vida pelas ideias, abrem-se as veias a cantar na consciência serena de que o sangue moço é a rega fructificante das grandes conquistas sociaes; rasga-se o peito a blasphemar, na plenitude stoica de que as fibras da mocidade sam o sol de odio que esmaga, decompondo, as tyrannias humanas. E nunca ninguem se preocupou com o logar aonde ha de repouzar, quando a vida foi útil.

E' que a mocidade ainda depois de enterrada, é a molécula rejuvenescedora de essa mesma terra que é a vida.

O mausoleu académico poderia quando muito refrigerar um pouco a dispensa pelo argumento de que as vidas estão curtas. Quanto ao mais, façam se homens pelo esforço próprio, que hám de morrer velhinhos.

E notem que a academia possui já um mausoleu.

E' bem triste na verdade! E' aquelle monumento levantado a Camões, a dois passos da *porta-ferrea*, alli, á direita, abandonado, immundo, em frente ao vasio do antigo theatro académico.

Debaixo das patas daquelle leão castrado jaz a alma de uma mocidade, que ás vezes estrebuxa, mas que cai sempre inanimada.

Lá têm o seu jazigo... E' alli, naquelle largo onae a academia alça a perna, apesar de ter lá dentro um mictório decente. Das coisas boas da Universidade.

Informa *O Liberal* que o *Anuário da Universidade* publicará d'óra ávante a noticia dos estudantes fallecidos, acompanhada de notas biographicas.

E, commenta o collega, é a fórma da Universidade mostrar que é tanto de lentes como de estudantes.

Nós não pensamos assim, porquanto publicar a biographia dos estudantes é quasi a função exclusiva do *Anuário*. Lá vem sempre: filiação, naturalidade, morada, anno de frequencia etc., etc.

Parece-nos que é, porém, a maneira commovente de a Universidade ser desagradavel aos estudantes ainda depois da morte, arrancando as más notas ao fundo secreto das cadernetas, e, ao livro negro da policia academica, os commentários disciplinares.

Entidades que até aqui se limitavam ao commum *descaça em paz* — passado a lapis de côr. Muito amáveis.

A seguir: *Pinguinhas, Carago & C.*

Os partidos do governo têm feito uma administração deshonestá, motivo por que nelles não confiam os credores externos.

PELA SEMANA

Vem ai a primavera — e com ella as noites mansas de luar, o gargantear dos rouxinoes, as florinhas do prado, as erupções cutáneas e os *Versos Novos* do sr. Zé Agostinho.

Mal nos deixam os dias molinhosos do outomno, os dias vagos e tristes em que as coisas e os homens sam cheios de indecisões e de indefinidos presentimentos mysteriosos, os dias pardo a paisagem e pardo o céu e parda a alma das gentes; agora que vêm chegando os longos crepusculos suaves, e os claros tons variados das *toilettes* das damas, começam a dar ao Jardim, pelas horas breves da música, o aspecto vivo e alacre duma caixa de obreias monstruosa — e veja aqui, o sr. Arruela como se confecciona uma phrase! — surge, como é de uso, esta encantadora opulência de exuberantes florações: desabrocham as boninas na planície, rebenta-nos a brotoeja na pelle e principia também a grelar, luxuriantemente, a inspiração poetica do sr. Zé Agostinho.

Claro é que entre as três ordens de phenómenos existem ainda considerabilissimas differenças. Assim, as campinas revivescem á força de muito estrume e a brotoeja resulta, cremos, da ruindade do sangue ao passo que as estrophes do Poeta, dispensando o puxante do adubo, também não sam empolas que se desfaçam com copos de salsaparrilha — e vêem, direitinhos e puras, dos fundos da alma branca do sr. Zé Agostinho.

Todavia, já Burger, ou Schopenhauer, ou o sr. José d'Arruela — que as nossas ideias, ultimamente, andam muito baralhadas acerca dos três philosophos — já o sr. José d'Arruela, ou Burger, ou Schopenhauer disse que tudo na Natureza se une, se liga e se relaciona; e, desta forma, o apperimento duma doença de pelle e o surgir de um livro do sr. Zé Agostinho, ainda têm talvez os seus pontos de contacto.

A alma, como o corpo, necessita de purgar-se, de tempo a tempo — e aí está occulta, mesmo, a razão de ser do Purgatório.

O sr. Zé Agostinho adoptará até um regimen de frequentes evacuações espirituas; e o seu editor Figueirinhas não se cançava de apregoar que conseguira alfin encontrar o homem de mais larga tripa litterária da nossa terra portuguesa.

Costumava relacionar, em cada livro apparecido, toda a matéria que o seu Poeta anteriormente tinha obrado; e cuidadosamente accrescentava *que aquillo era só desde janeiro*; porque os productos que desassimilára antes, não tendo sido recolhidos e amassados e postos á venda pela previdente mão do sobredito editor, se achavam presentemente envolvidos no mais profundo mystério — como se, arrastados pela meiga corrente do Douro crystallino, elles agora vogassem, dispersos e desfeitos, ao sabor das ondas alterosas do espumante mar!

A lista era immensa — e a gente chegava a desconfiar que o sr. Zé Agostinho tivesse móla partida lá por dentro, que lhe não deixasse reter e elaborar convenientemente o pão nosso espiritual de cada dia.

Mas, subito, o sr. Zé Agostinho embuchou: cremos que foi desde a primavera passada. Começou sua ex.^a a empanturrar-se, a inchar, e sem dar aviamento.

No interior do seu cérebro, ia já uma revolução de todos os diabos. A massa gemia, revolvía-se, premia-se; e o sr. Zé Agostinho — moita, sem lhe dar saída!

Foi então que o sr. Figueirinhas lá accudiu. Receou no sr.

RESPOSTA a um ente que dá pelo nome que tem os machos filhos das pórcas,
«Resistencia» de 16 do corrente. — *O filho do arremenda botas.*

Pelo cabeçalho se vê, ou por outra, nada se deduz do que vamos dizer. Realmente que importaria ter um pae que deita a sua tomba, que faz chinellos á sopeira, etc., etc., se tudo isso traduzia apenas um artista — entidade que tantas vezes sobrepuja os mais elevados sabios pela nobreza de character?!

Por isso o Pelourinho do ridiculo a que em poucos traços vamos amarrar o nosso personagem não tem os seus alicerces na baixa condição do pae que (embora não privemos particularmente com elle) julgamos uma boa creatura. Tambem não é o rancor nem a calúnia que nos move a escrever estas linhas mas a repugnancia, a nausea de ser o primeiro a atirar a pedra (e contra um edificio que nasceu com a batina para só com ella acabar) um individuo que se não fora julgado um doente já deveria estar apedrejado — Se o artigo da *Resistencia* fosse escripto por uma pessoa auctorizada e em termos commedidos — d'onde reflectisse o desejo imparcial de remediar abusos e não uma torpe vingança, nós seriamos os primeiros a acatar as suas palavras, mas sabendo que seu auctor é um *batina* cuja chronica seria desnecessaria — pronunciando-lhe apenas o nome — isto repugnou-nos. Comecemos.

Pouco tempo de Coimbra, não havendo senão casualmente tratado com tam importante personagem tal não poderemos dedilhar um hymno que traduza os seus merecimentos — restando-nos a consolação de que acima de tudo quanto a penna podesse escrever e o cerebro pensar está o que toda essa Coimbra conhece — tambem reconhecemos que é ligar-lhe importancia de mais o gastar tempo e papel mesmo só pensando em tam abjecta creatura, todavia fazemol-o para que quem não souber do auctor do artigo avalie a sua importancia pela origem.

Esquadras de Coimbra, esquinas da baixa, nobre *quatorze*, vós todos que por não terdes cama ou dinheiro para ella, ou porque tendo uma coisa e outra fazeis por vezes da noite dia, vinde e dizei-me se podeis contar as vezes que tendes visto um typo alto, gordo, com importancia de futuro deputado, com um chapéu já amollado pela falta de equilibrio de seu dono, com ponta de charuto nos dentes cerrados, cambaleando, ebrio provocador, mettendo medo ás pessoas timoratas, causando dó a outros e a todos nojo, podeis? Se fosse facil reunir-vos, direis fallando verdade: «E' o seu estado diario» — Pois olhae: esse individuo foi ao jogo, a sorte favoreceu-o e ganhou.

Mas esse dinheiro escaldou-lhe as mãos e sabeis o que lhe fez? Foi á taberna mandou vir vinho e bebeu, bebeu tanto que até quiz obrigar um cão a beber... depois... (abençoado dinheiro!) este vinho evaporou-se, subiu-lhe ao cerebro, purificou-lhe a mente, incendiou-lhe o coração e hoje preceptor do

bem, nobre apostolo e benemerito evangelizador da Academia é um regenerado, é um homem de bem. Por isso, se para o futuro vos disserem (porque ver não *podereis*) que elle lá vae cambaleando, que saiu do lupanar para ao romper da manhã ir espancar uma pobre senhora cujo dinheiro (quando tinha vicio) meteu no estomago e no jogo «*porque tambem lhe escaldava as mãos*»; se vos constar que intimida (ou disseo blasona) os lentos para conseguir pelo medo o que lhe não é possivel pelo trabalho, que as pessoas de bem lhe estendem a mão quando obrigados por conveniencias para se retirarem cheias de aversão, que não penetra nos *antros* por elle apresentados porque não tem dinheiro ou porque lhe manifestaram a vontade de o verem pelas costas; se algum *malvado*, recordando o passado vos disser que na Figueira o viu *depenado*, mendigando um pequeno *habilitaço*, (como em calão de batota se diz) esperando *fallar a um morto* (dinheiro que abanca ou os pontos por descuido deixaram de receber) que finalmente (e finalmente para economia de tempo, papel e não offender os sentimentos de quem me ler com um rosario indefenido) soar a vossos ouvidos que elle sem timo, de ventas esmurradas teve algumas noites por cama as valetas de Coimbra, por Deus, não acrediteis, tomae esses murmura-dores da vida alheia como uns infames que não acreditam na regeneraço. E vós curvae-vos perante elle, porque se é grande o que nunca delinuiu, parece que é maior o que conseguiu emmendar-se.

Nada mais direi e nem tanto era preciso para um biltre, um miseravel, um sevandija que tomando como protesto o reunirem-se por vezes alguns rapazes jogando, vem atacar-me com insultos acima dos quaes me julgo e julguei sempre e só digno dum homem sem brio, sem dignidade e apenas despeitado por lhe não haver emprestado 50 ou ao menos 30\$000. Venham agora aquelles que me conhecem mesmo na minha vida intima, ponham-me em confronto (soffro esse martyrio uma vez) com tam abominavel creatura e sejam juizes. Nestas palavras creio que está a minha melhor defeza. Previno e declaro que se o artigo da «Resistencia» viesse assignado eu ficaria em silencio para não cair no ridiculo daquelle que fosse tirar um desforço pessoal duma creança que malcreadamente lhe atirasse uma pedrada; porem como vinha acobertado com bandeira de Redaço, necessario foi desmascarar esse individuo que a troco do 100 ou 200 vintens que lhe possa render um jornal não duvida sujar com sua baba malidicente os mais illibados caracteres.

REPOSTA A UN CIRCULO DE BELGAS QUE TRIN EN NUESTRO INTERES
Resistencia de 18 de febrero — O que do movimento de

Este circulo de 18 de febrero, que se reunió en Bruselas, Bélgica, para discutir el problema de la resistencia de 18 de febrero, ha sido el primer paso en la organización de un movimiento de resistencia en España. El circulo se reunió en Bruselas, Bélgica, el día 18 de febrero de 1937, y su propósito era discutir el problema de la resistencia de 18 de febrero. El circulo se reunió en Bruselas, Bélgica, el día 18 de febrero de 1937, y su propósito era discutir el problema de la resistencia de 18 de febrero. El circulo se reunió en Bruselas, Bélgica, el día 18 de febrero de 1937, y su propósito era discutir el problema de la resistencia de 18 de febrero.

El circulo se reunió en Bruselas, Bélgica, el día 18 de febrero de 1937, y su propósito era discutir el problema de la resistencia de 18 de febrero. El circulo se reunió en Bruselas, Bélgica, el día 18 de febrero de 1937, y su propósito era discutir el problema de la resistencia de 18 de febrero. El circulo se reunió en Bruselas, Bélgica, el día 18 de febrero de 1937, y su propósito era discutir el problema de la resistencia de 18 de febrero. El circulo se reunió en Bruselas, Bélgica, el día 18 de febrero de 1937, y su propósito era discutir el problema de la resistencia de 18 de febrero.

El circulo se reunió en Bruselas, Bélgica, el día 18 de febrero de 1937, y su propósito era discutir el problema de la resistencia de 18 de febrero. El circulo se reunió en Bruselas, Bélgica, el día 18 de febrero de 1937, y su propósito era discutir el problema de la resistencia de 18 de febrero. El circulo se reunió en Bruselas, Bélgica, el día 18 de febrero de 1937, y su propósito era discutir el problema de la resistencia de 18 de febrero.

El circulo se reunió en Bruselas, Bélgica, el día 18 de febrero de 1937, y su propósito era discutir el problema de la resistencia de 18 de febrero. El circulo se reunió en Bruselas, Bélgica, el día 18 de febrero de 1937, y su propósito era discutir el problema de la resistencia de 18 de febrero. El circulo se reunió en Bruselas, Bélgica, el día 18 de febrero de 1937, y su propósito era discutir el problema de la resistencia de 18 de febrero.

El circulo se reunió en Bruselas, Bélgica, el día 18 de febrero de 1937, y su propósito era discutir el problema de la resistencia de 18 de febrero. El circulo se reunió en Bruselas, Bélgica, el día 18 de febrero de 1937, y su propósito era discutir el problema de la resistencia de 18 de febrero. El circulo se reunió en Bruselas, Bélgica, el día 18 de febrero de 1937, y su propósito era discutir el problema de la resistencia de 18 de febrero.

El circulo se reunió en Bruselas, Bélgica, el día 18 de febrero de 1937, y su propósito era discutir el problema de la resistencia de 18 de febrero. El circulo se reunió en Bruselas, Bélgica, el día 18 de febrero de 1937, y su propósito era discutir el problema de la resistencia de 18 de febrero. El circulo se reunió en Bruselas, Bélgica, el día 18 de febrero de 1937, y su propósito era discutir el problema de la resistencia de 18 de febrero.

se
N
ta
na
pr
ru
de
les
se
ye
at
hy
m
p
h
e
h
n
a
c
e
s
a
un
l
c
r
ta
c
Ag
te
pe
in
go
ar
tter
a.
re
ide
o
e
q
ss
ce
á
o
re
s
p
ra
D
og
sa
pu
in
es
o
de
er
o
d
to
jou
na
x.
ser
lor
volu
nassa
se; e c
a, sem
então
lá accu

Zé Agostinho um volvo intellectual. Fallou, imprecou, exorou, applicou-lhe a magnésia da sua palavra persuasiva e insinuante. Então, os Versos Novos surgiram—e com elles, a bicha solitária de que o sr. Zé Agostinho padecia.

Pelo menos, na capa do livro, lá vem uma enorme ténia retratada—com grande somma de pedivelos d'abobora, esmagachadas, á mistura.

E' ainda o sr. Figueirinhas dizendo ás gentes pela voz eloquente das coisas:

—Para grandes males, grandes remédios!

E é que lh'a tirava a ferros, se não quizesse vir pelas boas!

Ora vamos ver se o sr. Zé Agostinho entra agora no seu regimen normal—e nos dá, ao menos, uma evacuaçõsinha por mês.

A. S.

Victoria boer

Os ingleses soffreram mais uma derrota, mas esta de tanta importância, que muito deve influir no resultado da guerra.

Lord Methuen, que já commandou como chefe todas as tropas britânicas em armas contra os boers, e que presentemente tinha sob as suas ordens numerosas forças, foi aprisionado, com a columna que o acompanhava, ficando em poder dos valentes transwalianos toda a artilheria.

Que brilhante desmentido ás affirmativas dos defensores assalariados dos ingleses, que proclamavam para breve o fim da campanha pela derrota completa dos boers!

Foi Delarey, o corajoso general republicano, quem infligiu aos ingleses tãa monumental derrota.

Todos os verdadeiros amigos da liberdade e sinceros admiradores do heroísmo e amor pátrio dos habitantes das duas repúblicas Sul Africanas, rejubilam de contentamento pelo revez soffrido pelos ingleses.

Avante, valentes patriotas, que a victoria acaba sempre por coroar os esforços heroicos dos povos que querem ser livres e honrados.

Do craneo do sr. governador civil substituto saiu o pedaço de prosa vernacula, a seguir transcripto, traduzindo a impressão da sua visita official ao matadouro:

«Visitei este importante estabelecimento que minuciosamente examinei, principalmente debaixo do ponto de vista hygienico, e pareceu-me estar muito nas circumstancias de merecer a confiança do publico.—Coimbra, 12 de fevereiro de 1902, Authero Augusto d'Almeida Araujo Pinto.»

Está quasi certo. Que é como quem diz dentro das exigências da Carta, pois faltou-lhe apenas felicitar o director, pelo estado de asseio em que se encontra, para ficar azul e branco de todo.

Em Alvaiázere falleceu um filho do nosso estimado amigo sr. Augusto Teixeira da Cunha, dignissimo escrivão de direito.

Acompanhamo-lo no grande desgosto que sentiu com a perda dum ente tam querido.

FERROS CURTOS

I

Vã á missa

*Constou cá na redacção,
Que os caloiros de direito,
Inchado traçem o peito
Da mais teza indignação.*

*Terceira convocação
Ja nos dizem terem feito;
P'ra matar certo sujeito
Elegeram commissão.*

*Em cima de queda, coice:
'Bom caloiro soffre e doe-se
E heroico entra na liça;*

*Mas olhae que é mais decente,
Bom caloiro ser prudente
—Podem mandar v'os á missa.*

D. Pepito.

AS CRECHES

A Associação das Creches a beneficio de quem a Tuna Académica realisa, no proximo sabbado, uma festa de caridade, acaba de entrar num periodo auspicioso, que para bem da causa liberal, e sobretudo das classes pobres de Coimbra, lhe assegura uma vida longa e prospera.

8 a o criancinhas vam já, buscar todos os dias, agasalho e alimento áquella prestimosa instituição. Para ella correm, com instancias, rogos e até lagrimas todas as pobres mães, que o trabalho quotidiano e a necessidade de ganhar o pão forçam a abandonar a casa onde os filhinhos lhe reclamam a presença, o auxilio, o cuidado, e o carinho. E pena é que ainda se não possa satisfazer os desejos e os pedidos de todas aquellas pobres mulheres.

A Camara Municipal reconhecendo o valor da instituição das Creches, dispensa-lhe já tambem a sua protecção. Um grande numero de particulares inscreve-se no livro dos seus socios e protectores. Senhoras da nossa primeira sociedade, dão-lhe a sua esmola, põem ao seu dispôr o prestigio do seu nome, como ainda ha pouco o fez a sr.^a Marquês de Pomares, e algumas até levam a sua dedicação a ponto de irem tomar parte numa festa publica.

Os operarios sacrificam lhe algumas das suas horas de descanso, e organisam em beneficio della, os seus saraus; e apezar, da pequenez dos seus salários, quotizam-se entre si para a ajudar. Os estudantes, não se esquecem della, ainda mesmo no meio da vertigem dos seus divertimentos; e vão, de porta em porta, a occultas, sem ostentação, solicitar uma esmola para as creches. A Tuna, apezar da sua fama de descuidada e bohemica, corre tambem a soccorre-las, e não hesita em pedir que lhe troquem os balles e as festas com que costumam sauda-la, em esmolas para as creancinhas, sem pão e sem agasalho.

E assim, numa promettedora e benéfica integração de esforços, se vai assegurando a vida desta sympathica instituição, que a Associação Liberal de Coimbra, numa alta comprehensão dos seus deveres, no abençoado intuito de provar a excellência do seu credo e das suas intenções, e no desejo de ser prestavel e util a esta terra, fundou ainda não ha um anno.

Com obras destas é que lograremos vencer o vicio, e o fanatismo; porque o bem, como nós o queremos e praticamos, é feito sómente com a simples intenção de fazer bem. Alimenta-se, agasalha-se, educa-se, não no sentido de crear adeptos, mas sim no fito único de preparar espiritos sãos, fortes e livres, que saibam de futuro escolher, com

consciência, o caminho a seguir e a ideia a perflhar.

Dar o pão, o ensino ou o vestido, é, sem dúvida, praticar o bem; e ninguém contesta que seja uma virtude. Mas forçar um espirito a uma certa crença, roubar-lhe a liberdade de pensamento, constrianger-lhe o campo da sua acção é, indubitavelmente, tambem, um erro e mais do que um erro, um crime.

As nossas creches, as nossas escolas, e os nossos hospícios e asilos, não devem ser como muitos outros, viveiros, onde á custa de muita caridade, e cuidado, se criam essas monstruosidades exquisitas, e por vezes, bellas, de santos, heroes, mysticos e fanáticos.

Não queremos monstros; queremos homens.

A Associação das Creches de Coimbra, por todas estas razões, merece uma attenção e protecção especial da parte de toda a Coimbra, onde infelizmente, escasseja instituições desta natureza, e ainda está muito pouco desenvolvida a caridade regulada, a melhor de todas.

Oxalá que as nossas palavras calem no espirito de muitos que têm ainda uma ideia errada e viciosa acerca das instituições liberaes, e oxalá tambem que o sarau de sabbado marque o inicio duma vida próspera e folgada para a Associação das creches de Coimbra, que, como acima dissemos, é uma da mais importantes instituições de beneficência desta cidade.

Na chamada *Camara Baixa* (e bem baixa está ella em vergonha e moralidade) numa das ultimas sessões, o sr. Oliveira Mattos, pediu a palavra para um negocio urgente—os estragos causados pelas ultimas cheias em Coimbra.

Pois a malta de commissarios régios, inspectores do sello e quejandos, que compõem a grande maioria da *Camara baixa*, declarou que tal assumpto não era urgente!

Para elles, só é urgente o que lhes possa render algumas gorgetas, ou o que os patrões governantes lhes indicarem como tal. Tudo o mais são ninharias, negocios sem importancia.

Que importa que as cheias causem males enormes a Coimbra e ás povoações e campos marginaes do Mondego!?

Quem perder que se aguente; quem for incommodado que se mude.

Elles, os dilectos filhos da patria, não se massam por coisas de tal quilate.

E se os lesados refilarem, levam bordoadas e ainda por cima sam encarcerados.

Ou nós não estivessemos num pais monarchico-constitucional.

O sympathico clinico sr. dr. Jose Alberto Pereira de Carvalho, vice-presidente da camara, soffreu um profundo e doloroso golpe.

O seu filho querido desapareceu deste mundo, para a viagem fatal donde não mais se volta. Em sentida homenagem lá foram acompanhá-lo, ao campo do eterno descanso, todos quantos o amaram em vida.

A seus extremos paes, que acabam de soffrer tam duro golpe, enviamos a expressão do nosso pesar.

O sarau que a Tuna e as Creches tencionavam realizar ontem, no Theatro Circo, foi transferido para o proximo sabbado.

Os bilhetes estão á venda: na alta, *Barbearia Coimbra*, (R. In te D. Augusto, e na Baixa—*Confitaria Telles*, R. Ferreira Borges.

CORRESPONDÊNCIAS

Figueira. 13 de março.

O governo apresentou no parlamento proposta para ser prohibida a plantação de vinha durante trez annos com a intenção, pelo menos apparente, de resolver ou procurar resolver a crise vinicola que ha tanto tempo anda annunciada em lamentações quasi sempre daquelles que menos razões tinham e têm para se lamentarem.

A questão é magna; interessa todo o país, interessa esta terra e interessa-me a mim. Deixem-me pois, tambem dizer alguma coisa na *Resistencia*.

E' certo que a cultura e commercio de vinhos estão lutando com difficuldades graves, mas essas difficuldades, sobretudo pelo que diz respeito á cultura, não tem sido nem ainda são tãa grandes como as querem apresentar e não vieram ao commercio de exportação pela exclusiva plantação de vinhos.

Muitos, talvez a maior parte dos lavradores que hoje pedem a restricção do plantio, são os que enriqueceram com as suas vinhas em poucos annos e que hoje, ou por não terem mais terrenos para povoar, ou porque lhes não soffre o animo sujeitarem-se a lucros simplesmente remuneradores em lugar de continuarem a gosar dos preços que ainda ha pouco lhes davam largo premio, querem que o governo providencial lhes affaste toda a possivel concorrência.

Actualmente a plantação de vinha em terrenos de encosta, muito baratos por improprios para outra cultura em condições economicas, custa menos de cincoenta mil réis por milheiro.

Um milheiro de plantas na encosta produz, com despeza de cultura annual inferior a oito mil réis um minimo de mil litros de vinho bom. Se avaliarmos o vinho em vinte réis o litro, preço que vale correndo no mercado de Torres, onde os vinhos se estam vendendo mais baratos do que nas outras regiões, e avaliarmos o terreno de um milheiro de bacello em dez mil réis, teremos um juro de 20% que ainda reduzido á quarta parte—notemos bem—é de 5%, juro que não é vulgar obter n'outra cultura.

Temos ma-gem, portanto para lucro quando os terrenos das vinhas ainda subam de preço.

Não fallo nos vinhos que se tem refugiado na caldeira, que aliás, actualmente já estão em alta, que não merecem ser considerados, porque melhor seria que não existissem e nada se perderia se as vinhas que a produzem tivessem de ser arrancadas.

Tambem não fallo dos vinhos de qualidade regular produzidos em terrenos de baixa, porque, se fizessemos calculos a respeito delles, chegaríamos á conclusão de que tem enriquecido os seus proprietarios e podiam supportar contribuição pesada se o governo, como parece, estiver resolvido a medidas violentas para se dar ares de Marquez de Pomal.

Não; as difficuldade da viticultura, salvo uma ou outra excepção, não sam tam grandes como se tem querido fazer vêr.

As do commercio, mas tambem salvo uma ou outra excepção, que não invalida a affirmação geral que faço, são reaes, mas é bem de vêr que não vieram do baixo preço do vinho portuguez. Vieram, a principio, do baixo preço do vinho... estrangeiro, hespanhol, francez e italiano, que nos expulsou temporariamente dos mercados brasileiros e que ainda nos supplanta nos mercados da Europa, com excepção dos vinhos

generosos, que lá vão rompendo melhor ou peor, e em segundo lugar, da crise assombrosa que tem affligido o Brazil... e quem lá tem interesses.

Quando os nossos lavradores da Beira Alta e Bairrada, ha apenas cinco ou seis annos, vendiam o seu vinho aos commerciantes da Figueira a 70 e a 80 réis o litro, saiam da Figueira talvez, doze mil pipas de vinho annualmente para o Brazil e agora que o vinho se compra em Torres Vedras a 20 réis o litro, talvez não saiam da Figueira mil e quinhentas pipas.

Do Porto a exportação de vinhos communs está redusidissima tambem. De Lisboa saiem hoje bastantes vinhos de pasto, mas saiem porque os exportadores da capital o podem comprar barato e com poucas despesas de transporte. Subam o preço do vinho e verão que só os taberneiros lh'o podem comprar e que só ficam com o mercado interno que já agora é insufficiente e com a promessa realmente fundamentada dos mercados africanos que os governos lhe fazem, mas que ainda ha-de levar tempo a cumprir.

A crise não é principalmente de abundância, como para ahi se grita, é de falta de exportação, que se paralysoou de repente, e que é necessario fomentar não só para os nossos mercados colonias que podem dar-nos a chave de todo o sul d'África, como para o Brazil, para toda a America e ainda para outros mercados. Para isso é necessario muito trabalho muito bo vontade, muito esforço que não poderá conseguir-se de repente.

E' necessario tambem melhorar os nossos productos, crear bons typos, bem definidos, e estudar com mais respeito pela propriedade, se haverá modo de proteger a cultura dos vinhos d'encosta contra os das varzeas. E' que o grande perigo é este: que lucrativamente tudo produzem, abafem os excellentes vinhos das encostas, que nada mais do que vinho podem dar em boas condições.

Não prohibam que plante quem tem terrenos em que calcula poder cultivar lucrativamente a vinha e em que lucrativamente não pode cultivar outra coisa! Não commettam um attentado, uma violencia só util para os que gritam contra a crise que elles crearam, se ella existe como elles gritam, por exhuberancia de producção.

M.

PUBLICAÇÕES

H. SIENKIEWICZ—*Narrativas do Coração*.—Livraria Editora de Antonio Figueirinhas—Porto—1901.

E' um fasciculo de cinco contos, devidos ao genio de *Sienkiewicz*, em que se espalha e dilue a sua formosa alma. Narrativas encantadoras, cheias de singularidade e de bondade, dam aos espiritos bons uma hora de suave tranquillidade.

Os Doze de Inglaterra—por Theophilo Braga.

O illustre professor do Curso Superior de Letras e austero republicano prosegue, com rara tenacidade, no levantamento da sua obra, já tam vasta e superiormente denunciadora de excepçõaes faculdades de investigação e critica. O livro que acabamos de receber é uma alta confirmação do justo renome de que Theophilo Braga goza no nosso meio litterário onde exerce um incontestavel pontificado moral.

Quando nada mais tivesse a exalçar-lhes os meritos superiores de espirito e caracter bastaria para o impôr a nossa sympathia e ao nosso respeito o carinhoso ardor com que tem vindo a reconstruir numa lucida systematisação, a nossa historia litteraria.

Mais de espaço fallaremos do livro, limitando-nos hoje a agradecer a gentileza da offerta.

EDITOS DE 30 DIAS

2.ª publicação

Pelo Juízo de Direito da—Terceira Vara de Lisboa, cartorio do escrivão Andrade, se processam uns autos civis de justificação avulsa para habilitação, em que são justificantes D. Maria José Pinheiro Rocha, também conhecida por Maria José dos Remedios Pinheiro ou Maria José dos Remedios Pinheiros Chagas e D. Amélia de Bastos Rocha, também conhecida por Amélia de Mello Bastos Rocha ou Amélia Joaquina de Mello Bastos e justificados o Ministerio Publico e incertos; e n'esses autos pretendem os justificantes habilitar-se: a primeira como unica herdeira e a segunda como meira de seu fallecido filho e marido João Dias da Rocha, natural da Sé Cathedral de Coimbra e fallecido no dia quinze de setembro de 1901, na cidade de Lisboa, na rua de José Estevam, n.º 53, 1.º andar, no estado de casado com a segunda justificante e sem descendentes nem testamento; para, n'essa qualidade, poderem receber todos os bens de que se compõe a herança do fallecido e bem assim converter em seus nomes o depósito n.º 62:464, no Monte Pio Geral, da quantia de quatro contos trescentos e onze mil cento e oitenta e cinco réis e uma divida activa na importancia de um conto cento e vinte mil réis que fazem parte da mesma herança.

Correm, por isso, editos de trinta dias, citando todas as pessoas incertas que se julguem com direito á herança do dito fallecido João Dias da Rocha, para na segunda audiencia d'este juízo, posterior ao prazo dos editos, a contar da publicação do ultimo annuncio no *Diário do Governo*, virem accusar a citação e ahí marcar-se-lhe o prazo de trez audiencias seguintes para apresentarem a sua impugnação, sob pena de revelia.

As audiencias naquella Juizo tem lugar todas as terças e sextas feiras de cada semana, por dez horas da manhã, no Tribunal da Boa-Hora, e quando algum d'estes dias fôr sanctificado não estando comprehendido em férias a audiencia terá lugar no dia seguinte se não fôr sanctificado ou feriado.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,
Rocha CalistoO escrivão do quarto officio,
Arthur de Freitas Campos

Phonographos e grande variedade de cylindros impressos com canções populares, cançonetes, operas, zarzuellas, bandas, operetas cómicas, revistas, fados, etc. etc.

JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges
COIMBRA

ROTULOS

Parapharmacias, mercearias, livreiros, etc., imprimem-se na typographia de M. Reis Gomes, rua Martins de Carvalho, 7 Coimbra.

PURGAÇÕES

Pilulas orientaes de A. R. de Passos
Pharmaceutico pela Universidade

Cura frequente, em 48 horas, da blenorrhagia (purgações, mesmo as mais rebeldes.) Só com o uso deste acreditado medicamento. Resultado seguro e garantido por numerosas curas.

Preço da caixa—500 reis, pelo correio 510. Depósito em Coimbra—Pharmacia Cordeiro—R. Ferreira Borges.

Loteria da Paschoa

40:000\$000

Extração a 3 de Abril de 1902

Bilhetes a 20\$000 réis

Vigessimos a 1\$000 réis

A commissão administrativa da loteria, incumbe-se de remetter qualquer encomenda de bilhetes e vigessimos a quem remetter a sua importancia e mais 75 réis para o seguro do correio.

Remettem-se listas a todos os compradores.

Os pedidos devem ser dirigidos ao secretario.

COSINHA POPULAR

Rua da Concordia, n.ºs 27, 29 e 31
Figueira da Foz

Esta antiga e acreditada casa situada num dos melhores locais da Figueira, **Junta dos Casinos e a dois passos da praia de banhos**, continua recebendo hospedes permanentes, por preços commodos. Fornece almoços e jantares para fóra, desde 300 réis.

O proprietário,
José Maria Junior.

JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges

COIMBRA

Esta casa encarega-se da collocação de PARA-RAIOS e CAMPAINHAS ELECTRICAS pela Casa Ramos & Silva, de Lisboa. Toma conta de encomenda de qualquer artigo que tenha de ser feita directamente com o estrangeiro.

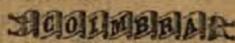
Fornece pelos preços do catálogo COFRES Á PROVA DE FOGO da casa João Thomás Cardoso & Filhos, do Porto, que sam os mais garantidos.

Tambem se encarrega de qualquer obra de serralheiro, como: gradeamentos, portões, fogões e reparações mechanicas de qualquer natureza.

CASA INNOCENCIA

CONFEITARIA E MERCEARIA

RUA FERREIRA BORGES—91 a 97 (CALÇADA)



VENDAS POR GROSSO E A RETALHO

Em breve deym estar prontas as tabellas de preços de amêndoa e mais artigos de Confeitaria e Conservaria, fabricados nesta casa, a mais antiga de Coimbra e que maior sortimento tem.

Os artigos desta casa, têm sido premiados nas exposições a que têm concorrido.

Mandam-se tabellas de preços a quem as pedir.

Nesta casa encontram-se varios artigos de Mercearia, de primeira qualidade.

Vende todos os artigos pelos mínimos preços, garantindo a sua perfeição e acio na fabricação.

Dirigir correspondência a

Innocência & Sobrinho.—Coimbra

REDUCÇÃO DE PREÇOS

Estabelecimento de João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges

(Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Esta casa que em Coimbra tem melhor sortido tanto em feragens e materiaes de construção como em cutilaria, artigos de fantasia e utensilios de cosinha e mesa, participa a todos os seus freguêses, e ao público em geral, que acaba de reduzir bastante o preço de quasi todos os seus artigos.

As condições em que faz todas as suas compras directamente nas principaes praças estrangeiras e fabricas portuguezas, sam uma garantia de que póde vender em melhores condições do que qualquer outra casa desta cidade.

OFFICINA TYPOGRAPHICA

Proprietario—MANUEL DOS REIS GOMES

7—RUA MARTINS DE CARVALHO—9

COIMBRA

Impressões de livros, folhetos, diplomas, avisos, mappas, facturas, recibos, circulares, prospectos, memoranduns, etc.

Timbragem de papel e enveloppes.

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150—Rua Ferreira Borges—156

N'esta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos d'esta natureza.

Doces de ovos dos mais finos paladares e delicados gostos, denominados *doces sortidos*, para chá e soirées, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumerar-la.

Doces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em secco, como crystallizados, a rivalisar com os estrangeiros.

Pastelaria em todos os géneros e qualidades, o que ha de mais fino e saboroso, especializando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa phantasia, denominadas *Centros de mesa, Castellos, Jarrões, Lyrras, Floreiras, Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá, café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo systema de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Collares, Champagne, Cognacs, Licores finos, etc., das melhores marcas nacionaes e estrangeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amêndoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo se a pureza dos assucares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e estrangeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyére, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

Máquinas de costura MEMORIA

Júlio Machado Feliciano

CASA DO LEQUE

Participa aos seus ex.ººs freguêses e ao público em geral, que acaba de receber uma importante remessa das bem conhecidas e acreditadas máchinas—**Memória**—a melhor até hoje conhecida.

Quem precisar adquirir uma bella machina de costura, para familias, alfaiates e sapateiros, não o faça sem primeiro examinar todos os modelos destas tão acreditadas máchinas e que se garantem por tempo illimitado e que não têm rivaes, nem em qualidade nem em preços.

Dão se todas as explicações e acceitam-se máchinas em troca.

Esta casa acaba também de receber um grande sortimento de armures pretos, sédas pretas e mantilhas de séda e outros artigos próprios do seu commercio, o que tudo vende a preços resumidos.

RESISTENCIA

Editor
Mannel d'Oliveira Amaral

Publica-se aos domingos e quintas feiras

Officina typographica
Rua Martins de Carvalho, 7 e 9

N.º 682

COIMBRA — Domingo, 16 de Março de 1902

8.º ANNO

Na hora extrema

Ao mesmo tempo que a imprensa estrangeira nos vai informando das bases fundamentais em que a situação Hintze pretende assentar, o mais depressa possível, a galope, o sonho doirado de um grande empréstimo, — realizando um **convénio** em que se estabelece como caução, pelo menos, a **consignação dos rendimentos e o contróle**, — a Nação vai accordando a pouco e pouco, sem pressas e sem cansaço, a bocejar, a espreguiçar-se na pachorra indiana de quem dorme muito e bem.

Por enquanto temos apenas protestos isolados, aqui e além, que o governo, apesar da sua cobardia, abafou á medida que surgiram. E, para a gravidade do momento, as representações de diversos grémios industriaes e commerciaes representam sómente actos de mera cortezia ou simples estradas rethóricas, dentro da lei e da ordem. Inefficazes, absolutamente, pois appellar para um parlamento de cúmplices é precisamente o mesmo que enfiar o pescoço no laço que ha de estrangular-nos. E os centros commerciaes do País sabem-no bem. Assim, o *Centro Commercial do Porto*, corporação importante, dirigiu ao rei uma representação de que pôde sómente afirmar-se ser um documento bem elaborado e activamente redigido. Ai se lê:

«Uma severa e patriótica administração; a reforma radical de processos governativos, vasada na restricta economia e guiada pela aspiração do bem público; o equilibrio financeiro (custe o que custar e dêa a quem doer) como base da reforma do regimen da divida pública. E jámais a desorganização crescente das finanças públicas, e o sacrificio da riqueza collectiva; empréstimos que subvertam uma e comprometam a outra; ou convénios que não se fundem no equilibrio económico e financeiro, positivo e provado, e na absoluta autonomia administrativa ao país.»

Todavia, acreditará o *Centro Commercial* no resultado práctico do seu protesto? Não tem direito a tal ingenuidade, pois que em 2 de maio de 1891 essa mesma aggremação affirmava ao monarcha:

«Em país algum o parlamentarismo chegou ao descrédito em que caiu entre nós, porque

essa grandiosa conquista liberal foi prevertida desde o eleitor até ao eleito. A onda crescente do funcionalismo apoderou-se de todos os seus órgãos reguladores, e por esta fórma tem-se visto os interesses vitales de um povo abandonados e desprezados, porque o parlamento não é a representação consciente e vigilante, mas synhédrio de inconfessáveis interesses e funestas oligarchias.»

Hoje, como em 1891, o *Centro Commercial* teria apenas de repetir as suas palavras, elevando á potência infinito a devassidão, o impudor, em que tudo isto se desfaz.

Não pôde legitimamente esperar-se que o governo, decidido na sua desorientação, mude de rumo, arrastado pelas boas palavras do *Centro Commercial do Porto* e associações congéneres.

Evidentemente, o caminho é outro. É preciso que a energia e a decisão dos protestos dê ao movimento a cohesão exigida para que se levante, activa e formidável, a onda que deve alagar, ao partir, governo e instituições.

É preciso não aguardar sob o bello ceu azul da nossa terra a chegada messiânica do Ferrabraz, que deve mover as multidões ao sabor das oscillações caprichosas do seu indicador suggestivo, mas, pelo contrário, convencer-mo-nos de que o País está entregue a si próprio e só com o seu esforço pôde e deve contar.

Para sua defeza o regimen acabou com todas as liberdades e garantias populares.

Em Portugal não ha nem liberdade de reunião, nem de associação, nem de imprensa, e, como se tudo não chegasse, bateram-se com as portas do parlamento na cara dos representantes do Povo. Numa palavra, a monarchia fechando ao povo a tribuna — Ordem — convidou-o á Revolução.

É decidir, portanto.

O *Diario do Governo* publicou o decreto nomeando os senhores Luiz Bivar e Antonio Candido conselheiros de Estado.

Mais uma vez João Arroyo saíu chumbado, apesar dos esforços do compadre Hintze que dizem ter levado á assignatura o respectivo decreto.

É forte, mas eloquente!

Que lhe mette Joãozinho na equação das compensações?...

É não hesitar que o país está a saque.

AO POVO

«Não confie o povo no mandato que conferiu aos seus pseudo-representantes.»

Sám dum homem que tem logar entre os pseudo representantes da nação as palavras que ficam transcriptas. Publicou-as no *Tempo* o sr. Dias Ferreira, a propósito do convénio.

O povo não tem effectivamente nada a esperar dum parlamento eleito por meio duma indecorosa burla.

O povo, se quizer salvar-se da ruina e da vergonha, tem que contar apenas comsigo. O parlamento, salvo raras excepções, é composto de automatós que fazem o que o governo lhes manda e que estão sequiosos do dinheiro porque podem ser vendidas a independência e a dignidade da Patria.

ASSALTOS

Como não basta a defender a obra do governo a cumplicidade progressista, força é buscar no arbitrio desordenado, na repressão violenta, em todos esses recursos ignóbeis dum regimen desesperado, o meio de a fazer vingar.

Confia-se muito na fria impossibilidade, na indiferença quasi risonha da grande maioria, que as desillusões successivas, o constante ludíbrio de esperanças creadas por fementidas promessas, o espectáculo permanente duma indecorosa politica de chatins, lançaram numa somnolência perigosa.

O gélo do país, que nos exorcamos por decompôr ás ardências da nossa lucta, é para o governo um alento, pois que elle, como nós, já não cre nos movimentos espontaneos da opinião; mas como muitas vezes os acontecimentos surgem imprevisivelmente como effeito duma causa minima, receia e quer reduzir a impotência os que, armados dos seus odios santos e das suas esperanças generosas, denunciam alto ao povo os perigos que o ameaçam e querem traze-lo ao cumprimento do seu dever.

Não ha, pois, para o governo direitos e interesses a respeitar, e com tal fúria se lança na perseguição, que é para temer que os assallariados que hoje nos entram em casa, a rebuscar os escaninhos, nos prostem amanhã, traiçoeiramente, ao dobrar duma esquina.

Depois, é tal o desconcerto, tão manifesta a anarchia, que os figurantes odiosos dessas scenas de violência inqualificavel, se esquivam a responsabilidades e apresentam como *lété de ture* qualquer pobre diabo da policia. Foi o que succedeu no Porto, com a prisão de um redactor do *Norte*, prisão que ninguém explica e que o próprio governador civil e o commissário de policia, afirmando não terem ordenado, implicitamente condemnam.

Apenas, com uma cómica impotência, o chefe do governo diz a toda a gente: que assume as responsabilidades. E já o estribilho irritante dum papagaio.

Assumo as responsabilidades,

assumo as responsabilidades! Mas indique, o grotesco fanfarrão, o meio de as effectivar, ponha-se ao alcance da vindicta dos offendidos, não se agache por detraz da sua posição.

É bom, em todo o caso, registar a quixotesca declaração. Ha-de servir de peça accusadora no processo de final liquidação, quando já não for tão prompta essa valentia com que acoberta os assaltos dos seus agentes.

Affigura-se nos, de resto, que essas perseguições e violências não podem servir á obra do governo.

Para os que luctam pelos altos interesses nacionaes, não deve a conducta dos quadrilheiros do poder ser motivo a extranhezas ou a desánimos.

A victoria, afinal, ha-de decidir-se por nós.

Ou teremos de acreditar que este povo não é tal a raça de heroes que andamos a celebrar com cándido entusiasmo, mas uma raça de escravos onde já não ganham relêvo os vergões das chicotadas.

O distincto cathedratico sr. conselheiro Bernardino Machado realisa, no dia 22 do corrente, no *Gremio Commercial* do Porto, uma conferencia sobre a nossa situação economica.

Os varões da Monarchia

O *Imparcial*, de Lisboa, biographa Abel d'Andrade num violentissimo artigo, surprehendendo essa personalidade, hoje tão em destaque, nas várias e interessantes phases da sua evolução.

De Coimbra até á vida politica da capital, Abel Andrade soffre a anotação contundente das suas qualidades e dos seus actos.

Nós achamos parecido o retrato, concordando, aliás, que o *cliché* pôde ser muito ampliado. Apesar de tudo Abel Andrade tem já o posto de marechal nas fileiras regeneradoras, e, segundo propheta do *Seculo*, em breve será *marcello*.

Olhe o país para estes varões da monarchia, que os lacaios das suas respectivas cortes querem metter na galeria austera dos varões de Pluctarcho.

Carta de Lisboa

14 de março.

Foi interessante hoje a sessão da camara dos deputados. Antes da ordem, o sr. Francisco José Machado referiu-se ás violências contra a imprensa. Respondeu-lhe o presidente do conselho, com affirmações das mais espantosas. Numa dellas foi que deu providências para que os seus delegados prohibissem a circulação de jornaes que dissessem falsidades (*sic*) sobre o convénio. E insinuou que estava no seu direito e cumpria as leis.

Ora convém saber que nem a lei de imprensa nem nenhuma outra permite que o governo proceda contra os jornaes — por elles publicarem falsidades. Nenhuma. Sam bem expressas as condições em que a auctoridade administrativa pôde proceder contra um periódico — tendo em todo o caso, o acto que ser julgado depois pelo poder judicial. De nenhuma dessas condições faz parte a causa invocada pelo presidente do conselho.

E comprehende-se que o não faça. O que não se comprehenderia era o contrario.

Admittido o principio de que um governo pôde julgar a falsidade das informações ou commentários da imprensa, é claro que cessava, de vez, toda a liberdade de imprensa.

Num país sujeito a tal regimen, só haveria imprensa governamental.

É esse, evidentemente, o grande sonho do chefe do governo. É essa, pelo menos, a sua pretensão, desde que subiu ao poder: acabar com a imprensa que não é monarchica.

Têm lhe saído errados os cálculos até agora.

... E quantas desillusões o esperarão ainda!

Ainda na sessão de hoje da camara baixa, usou largamente da palavra o sr. Augusto Fuschini. Foi a propósito do orçamento, mas o discurso versou todo sobre o convénio.

Não é discurso que se extracte facilmente, e que chamou hoje a S. Bento uma anormal concorrencia. Foi, porém, notavel a oração em que s. ex.^a calculou os enormes encargos que resultam do convénio, provando as circumstâncias em que fica o país depois de os contrair.

Mas, aparte o que esse deputado disse, ha a notar o assumpto do discurso.

Como se sabe, o sr. Augusto Fuschini, que ha 5 annos vem a interessar-se pela questão dos credores, mantendo uma attitude em verdade digna de elogio, tem sido ultimamente impedido de tratar no parlamento dessa questão.

Ainda ante-hontem se addiam *sine die* todos os seus avisos prévios sobre o assumpto.

Hoje, porém, todo o seu discurso tratou do convénio, dizendo s. ex.^a quanto lhe aprasia dizer, ou melhor, quanto julgava útil dizer.

Para que foram entã as violências do governo, pergunta-se?

O deputado a quem me refiro respondeu hoje mesmo a esta pergunta, citando o precedente da revolução de 20 e de 48.

Tambem entã se fizeram violências escusadas. Tambem entã se attentou contra a lei. O resultado final, viu-se.

... Oxalá elle se veja agora, correlativo ás circumstâncias e a epoca!

O *Seculo*, que está ultra governamental, fallando hoje de sessões nocturnas na câmara dos deputados, diz que ellas só se realisaram para a discussão do convênio.

Percebem-o... — O convênio discute-se em sessões nocturnas e diurnas...

Accrescenta-se que, sendo evidente o accordo sobre o assumpto entre progressistas e regeneradores, só é natural que três homens peçam a palavra contra: os srs. Mello e Sousa, Dias Ferreira e Augusto Fuschini.

Quer dizer: o convênio passa pela câmara dos deputados como um relampago.

E' bom que se saiba isto.

Tenho ouvido algumas pessoas apreciarem que os protestos devem surgir depois de ser apresentada no parlamento a respectiva proposta de lei.

Será tarde.

A proposta será apresentada e, num instante, approvada.

Ainda sobre o assumpto posso informar que a proposta virã em termos que illudirá, numa primeira leitura, os mais ingênuos.

Tanto para a consignação, como para o *contrôle*, o Estado não apparece na proposta. Em seu lugar, apparecem o Banco Lisboa & Açores e a Companhia dos Phosphoros—os appendices da Sociedade Torlades, o grupo financeiro que luta com Burnay, e que tem conseguido tomar-lhe o lugar.

Estã sendo muito discutido a nomeação dos novos conselheiros de Estado.

Como se sabe, João Arroio deixou o ministério por querer ser nomeado conselheiro de Estado.

Hintze não lhe fez a vontade. Agora, fazendo-se nomeações, suppunha-se que era elle o contemplado.

Não o foi.

Porque?

Deve dizer-se, em verdade, que não foi falta de vontade de Hintze.

O presidente do conselho, é seguro, apresentou ao rei o decreto nomeando Arroio.

Mas o rei não assignou.

Por Arroio ser o heroe dos azulejos?

Não, senhores.

... Porque descobriu que elle era neto dum carrasco hespanhol...

Adeante!

Um dos novos conselheiros é o sr. Luiz Bivar. O outro é o padre Antonio Candido, progressista.

Querem melhor prova do entendimento das maldas?...

No regimen da violência

As perseguições ultimamente levadas a cabo contra a imprensa democrática do país, ultrapassam tudo quanto imaginar se possa acerca do despotismo dum governo, da impudencia duma situação e do ridiculo duma pretensa censura, confiada á policia, arvorada em primacial poder do Estado.

Dois jornaes republicanos, um do Porto e outro de Lisboa — *O Norte*, magistralmente dirigido pelo prestigioso advogado e distincto ex-deputado, sr. dr. Affonso Costa, e *O Mundo*, sob a superior direcção do brilhante jornalista, sr. António França Borges — têm sido especialmente perseguidos pelo terror que se apoderou dum governo que, sentindo se irremediavelmente condemnado pela sua crapulosa administração, tenta fugir á discussão dos seus actos, amordaçando a imprensa e impondo silencio na tribuna aos enérgicos deputados que altivamente têm pugnado pelos interesses e o bom nome do país, protestando patrioticamente contra o degradante e affrontoso estado de coisas em que a Nação se debate, ferreamente opprimida por uma dictadura de pigmeus que na sombra tentam cravar lhe o punhal traiçoeiro de uma entrega á avidez do Estrangeiro.

Cumpre-nos, porém, destacar de todo este enorme estendal de misérias e de vergonhas, a honesta attitude do sr. Fuschini, Lourenço Cayolla, e Francisco José Machado na câmara dos deputados, e a não menos digna e nobre attitude do sr. Dantas Baracho na dos pares, solidariando a sua attitude numa patriótica campanha de protesto contra a excepcional situação da imprensa submettida a um odioso regimen de compressão... reduzida a uma comparsaria de resignados espectadores no drama terrível duma Pátria devorada, a um tempo, pelos exploradores e mercadores de consciências e pela reacção da clericalha infame.

Não é possível imaginar-se tam affrontosa situação.

O sr. Augusto Fuschini, expressamente prohibido de fallar no parlamento—reduzido a uma simples chancellia do ministério do reino—foi ao Porto expôr a sua attitude na actual conjunctura politica.

O Norte, referindo-se á conferencia do sr. Fuschini, tem registado dia a dia o estado dos espiritos no Porto e a corrente de opinião que domina naquella cidade. Pois foi o fútil pretexto para uma singular perseguição, carnavalescamente rematada por buscas domiciliárias como se nos encontrassemos em pleno periodo revolucionário!

O mesmo distincto parlamentar publicou um artigo sob a epigraphe *A Exportação do ouro*, em que—com a notavel proficiência, conscienciosamente examinava e resumia a excepcional situação do país, analysando detidamente as fundamentaes causas da nossa decadência.

Este artigo, mutilado pela censura, ainda assim honrou as páginas do nosso presado collega *O Mundo*, muito embora se resumisse a uma succinta exposição de algarismos... a uma fria referencia á nossa calamitosa situação.

Foi este, portanto, o principal pretexto para um ridiculo recrudescimento da virulenta moléstia que atacou o governo—a *imprensophobia*—submettendo se aquelle valente jornal republicano a um regimen d'excepção.

A *imprensophobia* estendeu-se tambem aos próprios orgãos democraticos da provincia: *O Sul*, de Setubal e a *Democracia* do

Sul, de Montemor-o-Novo, encontram-se por seu turno submettidos ao mesmo rigôr que opprime, com ferreo jugo, a imprensa do Porto e da capital.

E' impossivel o prolongamento de similhante situação. Já que a *Associação dos Jornalistas de Lisboa*, se confessa, porém, impotente para intervir efficaçmente neste conflicto em que vãm envolvidos os interesses e o decôr do país, cumpre á imprensa republicana reagir até cair de vez sob o jugo que a opprime, até succumbir pugnando pela liberdade da Pátria.

E' mais honroso desapparecer combatendo!

FAZENDA JUNIOR.

Hospitales da Universidade

Registremos um caso característico da inepta e criminoso administração deste estabelecimento, que o governo mantem por imposição, dizem, dos partidários da Covilhã:

Ha dias deu entrada no hospital um pobre louco, alto, idoso, fronte espaçosa e enrugada de pensador, barba descuidada e longa de apóstolo. Segundo as ideias, em voga, do sr. administrador, promiscuidade a mais completa na relaxação mais impune,—intransigentemente mantidas como desafio permanente ás indicações da faculdade de medicina, sempre a clamar no deserto,—o doido foi recolhido na 1.ª enfermaria.

Por lá passeava aborrecido, silencioso, em camisa, triste na sua longa barba de apóstolo, concentrado na sua fronte espaçosa de pensador, sempre inoffensivo.

Um dia, porém, as coisas mudaram e o maluco desata num berreiro ensurdecido, reclamando 640 réis: *ponham-me p'ra aqui os meus seis tostões e o meu palaco*, rugia elle ameaçador.

Entendeu-se, todavia, no alto critério que regula a mechanica hospitalar, que bastava retirar lo d'aquella enfermaria para tranquillidade dos ouvidos da vizinhança e até do infeliz doente. O principal é evitar aos olhos extranhos a miseria da casa! Assim pensando, removem-no para os *Lazaros* e encerram-no num pequeno cubiculo já occupado pelo catre d'outro desgraçado.

Alli, enclausurado, de todo se transforma, e, enfurecido por completo, partiu a escarradeira na cabeça do companheiro, maltratou-o com repetidas pancadas, deixando-o em estado grave.

A responsabilidade de tam imperdoavel desleixo e desaforo a quem cabe?

A defini-lo é sobremaneira curiosa a phrase de um empregado:—*contavam que elle se portasse bem—aquillo foi o diabo.*

Emfim, a administração dos hospitales... brada aos céus!

O governo, apesar de todas as suas farronquices, anda com medo.

A Lisboa foram chamados vários commandantes de corpos para receberem instrucções.

E' que a consciência indica-lhe que procede mal, mas a sua cubiça leva-o a continuar na senda criminosa que vae trilhando.

O povo não se assusta, porém, com o chamamento dos commandantes de corpos, á capital: é que o exercito é o primeiro que tem de defender a integridade e honra da pátria.

Quando a hora soar, todos os cidadãos honestos cumprirão o seu dever.

Foi transferido para Coimbra o sr. dr. Fortunato Themudo, chefe da circunscrição industrial de Lisboa, sendo substituído no seu cargo pelo engenheiro sr. Frazão.

E' necessário resistir

O que se está passando com dois valentes campeões da democracia e dos interesses da pátria — *O Mundo*, de Lisboa e *O Norte*, do Porto, toca as raias do impossível.

A policia começou por exercer censura prévia dos escriptos nelles publicados e acabou por insultar e prender os seus redactores.

Já não ha leis, já não ha respeito pelas garantias individuaes!

Um dos redactores do *Norte*, quando pacificamente andava a passear com um amigo, foi preso e o mesmo fizeram ao seu companheiro, os *mouchards* que andam commettendo as violências e infâmias por conta dos patrões.

O pretexto apresentado pelos *mouchards* foi de que aquelles nossos estimaveis correligionários andavam distribuindo uns impresos com o discurso proferido pelo sr. Fuschini contra o convênio, o que se reconheceu ser falso.

No meio da troupe de malandrões, alguns completamente ebrios, lá foram aquelles nossos estimados correligionários enviados para a cadeia, com recommendação para serem misturados com ladrões, assassinos e vadios. O director da cadeia é que, sob a sua responsabilidade, deu uma prisão separada ás duas victimas da infâmia policial, ficando em extremo magoado com o baixo procedimento dos *mouchards*.

Toda a imprensa do Porto, ao ter conhecimento do succedido, num rasgo de solidariedade que muito a honra, protestou energicamente, e os encarcerados foram soltos, declarando o governador civil e o commissário geral de policia que nada tinham ordenado e que por isso declinavam a responsabilidade de todo o succedido.

A infâmia deu-se; os chefes não querem, porém, o odioso, declinando a responsabilidade.

Não diremos que protestamos contra o succedido, pois o caso é de tal maneira asqueroso e vil, que não se pode dignamente fazer um protesto por meio da imprensa.

O governo colloca-se fóra da lei, e manda nos enxovalhar e perseguir pelos seus sequases. Pois, bem, collocamo nos tambem nós fóra da lei para responder aos seus enxovalhos e perseguições.

Quando um beleguim nos atacar, sem lei que o auctorise a tal, a resistencia, a mais violenta, justifica-se. E a legitima defeza—é um direito que todos os códigos criminaes dos povos cultos, consignam.

Usamos della; a lucha deve aceitar-se em todos os campos em que se nos apresente.

Não é criminoso todo aquelle que matar os assalariados que o aggredirem e insultarem.

Assim é que é necessário proceder e explicarmo-nos.

Assim fala o insuspeito *Imparcial*:

«Foi ontem accusada a citação na causa intentada pelo sr. marquez do Fayal contra o sr. conde de Burnay, em que se trata da venda das 6:000 acções do Banco de Portugal.

O praso para a contestação termina na primeira audiência, depois das ferias da Paschoa. Até lá ainda o mundo leva muita volta.

E aqui para nós: que ingenuidade esta de se pensar que o noble conde de Burnay se deixa ir no embrulho!

Elle até é capaz de metter n'um bolso o sr. marquez do Fayal, que em verdade é uma gentilissima pessoa, mas que,

precisando de contar com os fundos dos financeiros que o metteram n'esta alhada, está de pernas ao ar não tarda.

Pois se o Governo já quer ver se amansa a panthera Burnay, offerecendo-lhe em holocausto a boa e ingenua pessoa do sr. Fayal.

Meus ricos senhores! Desde que amigo Burnay é o patrão do Credito Predial, onde estão agachados os quatro conselheiros d'Estado do rotativismo do Terreiro do Paço, desde que o celebre e omnipotente banqueiro tem na algibeira os srs. José Luciano, Hintze Ribeiro, Pimentel Pinto e Antonio Candido, é deixal-o, é dar-lhe terra, que todo o mundo é d'elle.

Nobreza, clero (tenha paciência o sr. Antonio Candido) e tropa (aqui entra o nosso P. Pinto), tudo está ao dispôr do sr. Burnay.

Já vê o sr. Fayal que não tem remédio senão tratar d'outro officio... ou metter-se a aprendiz do Burnay».

Não pode afirmar-se que Carneiro de Moura seja pseudonimo de *Chysostomo*, mas acceitemos, que melhor... nem na Biblia.

8:000 contos — E' a pequena cifra que nos leva o exercito.

Assim se apuroo da esclarecida discussão, na camara dos pares—aliás dignos—entre os estadistas Sebastião Telles e Pimentel Festas.

Para andar a acompanhar procissões, concordem que é forte!

Pugilato

Na sexta feira, á boquinha da noite, houve uma scena de pugilato, próximo á *Casa Havana*, entre os srs. Cunha, proprietário da *Padaria Progresso*, e Rocha Freitas, antigo commerciante, actualmente aposentado.

Na contenda tomaram parte, em defeza do segundo cavalleiro, seu irmão Cesar e seu cunhado Adelino de Carvalho, intervenção que deu em resultado ficar ferido na cabeça o adversário.

Concordemos que três a um é forte... vai, porém, a noticia, *sécca e pécca*, sem commentários e sem alcunhas, convencidos de que se emendem.

Nota final:

Como de costume a policia viu, sorriu e deslisou...

Diz-se que já não ha pessoas ingenuas, o que não é verdade, pois ainda que raras, encontram-se, a questão é procural-as, e mesmo ha um adagio que diz: todos os dias vem um branco á cidade, a questão é dar com elle.

Vem isto a proposito duma dessas taes pessoas ingenuas ou brancas, como lhe queiram chamar, ter mettido duas notas do Banco de Portugal dentro duma carta, e deita-la num marco postal daqui, dirigida para a Figueira.

Pois já vam passados uns 13 dias e a carta com as massas ainda não chegou ao seu destino.

Queixa-se a pessoa lesada, pela falta das suas ricas massas; mas que tenha paciência, pois os tempos correm muito bichudos e o marau que se abotou com ellas, tomára lá mais e certamente ainda achou pouco.

E na verdade é muito possível que elle necessitasse de mais,

PELA VIA LATINA

PINGUINHAS, CARAGO & C.^a

OS SOCIOS:

Padre Joaquim do Amaral Gomes, alumno do 2.^o anno juridico, o **Pinguinhas**; **Adelino d'Araujo Lacerda**, alumno do 5.^o anno médico, o **Carago**.

PROLOGO

Para as almas compassivas e boas e, por indole, inclinadas á brandura e ao perdão, vae talvez parecer-lhe inhumanamente cruel, brutalmente feroz, a fórma como vamos apresentar ao despreso do publico e ao correctivo das aucto-ridades respectivas, estes dois execráveis batoteiros.

Tambem nos repugna a liça, tal é a convicção, formada em nosso espirito, de que todo o escarcéo é baldado, e que os dois aventureiros continuarão na sua casa de tavolagem, — estendendo sobre a meza de pinho, coberta pela sua capa de estudantes, o complicado baralho, onde por vezes desfilam sete valetes escanze lados, — na mais perfeita, na mais tranquilla, na mais commoda, serena e rendosa impunidade.

E' preciso no entretanto gritar aos ouvidos surdos do sr. commissario de policia que interve- nha a sustar a exploração? é preciso aos olhos do sr. Bispo-Conde tirar a venda para lhe pedir castigo? é preciso ao proprio Vice-Reitor da Universidade mostrar a vereda criminosa para onde se desvia a mocidade? Não hesitemos, porque em consciencia, praticamos uma boa accção.

Havia, porem, formas diferentes de reclamar a intervenção enérgica destas entidades, afim de que sustassem a espantosa exploração.

E, comquanto *Pinguinhas & Carago*, por qualquer aspecto que se olhem, não mereçam benevolência, o nosso artigo seria apenas de reclamação dentro dos limites do bom humor, difficilmente exgotado, se porventura os dois socios não viessem pôr-nos á vontade pelo seu desafio impudente e des-honesto.

Estes dois miseráveis, que nem sequer têm a attenuar-lhes a criminosá empreza a desculpa maldosa da tenra idade, sempre evocada na defesa de delinquentes da peor especie, vão ser postos ao léo, para que todos lhe escarrem, dependurados pelas orelhas para que todos os vejam, na exhibição phantastica de monstros pelos quaes não é dado ter nem compaixão, nem dó.

Assim Carago vae ter o reclame que deseja; e *Pinguinhas* vae pagar caro o atrevimento de subir a escada da nossa redacção para ter de a descer como um triste sendeiro, o rabo entre as pernas como um gôso sob a ameaça do castigo inexorável.

Façamos um bocado de história.

Desde o principio do anno lectivo que *Carago*, na rua de S. Jerónimo, e *Pinguinhas*, na Couraça de Lisboa, jogavam o monte com larga clientella de rapazes de todas as edades e cursos.

Amigos meus contaram me episódios vários, em que a ladroeira se amalgamava com o cynismo, e foi-me garantido que *Pinguinhas*, sacerdote de exportação, batoteiro, penhorista sem habilitação legal e taverneiro, desbancara o *Carago* e no seu lúgubre e sinistro 3.^o andar da Couraça, obinha todas as noites inconfessáveis lucros. E accrescentava-se: *é uma pouca vergonha e os jornaes calados...*

Aquella sorna figura do *Pinguinhas* assumiu a meus olhos as phantásticas proporções de uma personagem das mil e uma noites e senti o ardente desejo de o ver na sua caverna, — rodeado pelo seu estado maior, o rosto factício e torturado, a pupilla allucinada, os cabellos em pé, a corôa rapada, sem cabeção, em chinellos, as mãos nervosas passando as cartas, o olhar febril olhando os pontos — no mais suspeito e turvo jógo.

Lá fomos uma noite. Foi pelas vésperas das férias do Natal, que, passando á Couraça, um amigo que me acompanhava lembrou a promettida, por desejada, visita ao antro do famoso *Pinguinhas*. Hesitava em entrar, quando um rumor alegre de vozes conhecidas, saudando o empuxar violento de uma cancella, que ce lha, me resolveu a subir.

Trepámos tres lanços de escadas, quasi verticaes, a pique, até chegar ao cubiculo onde se encontrava o pontífice. A porta abria-se e um quadro immundo se apresentou a nossos olhos: o antro era uma velha e acanhada cosinha, pobremente illuminada por um obscuro candieiro de petroleo, que exhalava um cheiro fétido. O ar viciado quasi nos fazia tombar.

Ao centro levantava-se a meza, á cabeceira *Pinguinhas*, voltado para a porta, estava ás pagas, na sua frente outro estudante manobrava o baralho — talhando. Em volta da mēsa, cinco ou seis estudantes sentados — eram os pontos fortes. A volta muitos outros, de pé, confundidos, aglomerados, ajoelhavam-se o melhor que podiam. Ao fundo uma escada; e, sentado no último degrau, um estudante talentoso e de espirito insultava o *Pinguinhas*. Só o dono da casa dera pela minha entrada, lobrignando-me entre os ultimos recém-vindos, e, perdida a serenidade e entarameçada a lingua, perguntou entre atrapalhado e recoso: quem abriu a porta?

Coube-me a vez de tranquilisá-lo e com voz forte exclamei — jógo!

Experimentei então uma satisfação de que me orgulho: é que a um levantar de cabeças, provocado pelo meu grito, seguiu-se um ligeiro movimento de expectação por me verem alli, saudando-me alguns conhecidos com um — *voce por cá?* amavel, de côrte.

Olhei as quatro cartas; serenamente procurei no bolso uma moeda — encontrei meia corôa. Batia-a sobre a meza — troquel, disse arrogantemente. O padre Amaral agarrou-lhe com carinho, a desconfiança passara-lhe, o seu olhar brilhante parecia dizer ao companheiro — é nossa, e entregou-me o troco. Mico na quadra, e marquei mal. *Pinguinhas* rectificou e numa mesura de igreja, esboçando um sorriso que no seu facias repugnante é uma carantonha, previne-me: *é melhor V. Ex.^a entregar-me o dinheiro e dizer como joga para eu marcar sem perigo de engano.* Emfim, o estudante Menezes anuncia que vae jogar, volta o baralho e, em porta, apparece a quadra de espadas. Eu tinha gånho.

Mais duas ou tres paradas e

contei os lucros: tres mil réis, era uma visita bem paga a quem ia vêr o quadro. Retirei-me, enojado e esclarecido. A todas as pagas havia barulho. Inalteravelmente dois, tres rapazes insultavam furiosos o reverendo Gomes, chamando-lhe de ladrão para baixo e ameaçando-o com os punhos cerrados. Elle immovel, solemne, os hombros encolhidos numa fleugma canalha: *vá Menezes vamos a isto, baralhe bem essas cartas...*

Chegámos cá fóra meio atordoados. O ar da noite fez-me bem, mas aquellas três corôas, vindas d'aquella mão canalha, escaaldavam-me, sujavam-me. Descemos á confeitaria Telles e ahí deixámos o producto liquido dessa entrada triste naquella casa tenebrosa.

Desde essa noite que sentiamos a necessidade, o desejo, de desmascarar esse sacripante, misturado aos cincoenta annos entre rapazes para melhor collocar a armadilha torpe, immundo, repugnante, sem dignidade profissional, padre de prostibulos, vivendo ás claras numa devassidão canalha, para quem a Biblia é um pandemonio e a estola o cinturão de um bandoleiro.

Impediu-nos de realizar mais cedo esta obra meritoria a falta de um jornal.

Vêr-se-ha, no entretanto, que não perderam com a demora.

O feriado

A Associação Académia enviou a Sua Alteza um telegramma pedindo dispensa d'aulas para quinta feira e sabbado próximos, pretextando que entre esses dias se intercalam dois feriados, e que assim se antecipa o começo das férias de Páschoa.

Achamos peregrina esta ideia da conspicua collectivade, con quanto se nos affigurasse mais summário, por similar ponderação de *intercalamentos*, impetrar do esperancoso rebento brigantino o beneficio dum perdão de acto.

Ha pouco, tambem os alumnos do lyceu de Lisboa enviaram ao Príncipe idéntica rogatória, e este precedente — num país onde os precedentes tudo absolvem — justifica o procedimento da Associação.

Todos temos, afinal, d'estas ingenuidades de collegial, porque a Associação nem sequer pensou que estes pedidos envolvem sempre uma baixa adulação, incompatível com a nobre altivez d'homens livres.

Mas emfim, creanças que são, procuram, afagando outra creança, com humildade de farru-pilhas, captar-lhe as boas graças.

Os americanos são extraordinarios em tudo: nas descobertas, nos arrojios, nas mentiras e nos records de qualquer especie.

Ainda ha pouco os jornaes americanos publicavam o caso duma senhora se ter casado sete vezes, e já agora inserem a noticia de que o medico James Nicolas Zann, de New-York, se casou nada menos do que 13 vezes.

E o mais ratão é que o moderno Barba azul, que conta 99 annos de idade, encontra-se na *afflictiva* situação de viuvo sem filhos, não tendo portanto um ente que lhe ceire piedosamente os olhos quando morrer.

Treze vezes casado, podendo ter tido treze sogras vivas! Sufa, é de arripiar os cabellos.

Falleceu ha dias na sua casa de Lorvão, o sr. João Lopes Guimarães, tio dos srs. drs. Antonio e Francisco Lopes Guimarães Pedrosa.

O extincto, que gosava de geraes sympathias, contava 85 annos de idade, sendo o cadaver transferido para esta cidade, onde ficou encerrado no jazigo de familia, no cemiterio da Conchada.

O nosso cartão de pesames.

FERROS CURTOS

II

Carta aberta

Meu Abel, meu Abelsinho,
Tu decerto enlouqueceste,
Vaes seguindo um mau caminho
— Ai! filho no que tu deste!

Minha pomba tem juizo
Minha pomba, doce e má;
Com os homens, meu Narciso
Não te mettas, deixa-os lá

Não te mettas, tem cautella
Que o homem nunca perdôa,
Meu thesouro, minha estrella,
Os fracos duma pessôa

O que me irrita esta coisa
Nem tu decerto, presumes:
— Apalpaes o Mello e Soisa
Um homem de bons costumes

Olha que és louco, se arrostas
Com taes brutos, a brigar,
Vira-lhes antes as costas
— Deixa-os lá atacar.

D. PEPITO

De pé na cova

E' como tem estado o sr. Alfredo Pratt, que sendo empregado de confiança do governo, na qualidade de administrador do concelho de Penacova, foi mandado fazer serviço no governo civil, dêste districto, como addido, por o chefe politico progressista daquela localidade, se ter imposto, para elle ser mudado da sua aringa.

Ora nós nada temos com as brigas de campanário, em que se mettam sujeitos que compõem *ascolleries* regeneradoras progressistas, enquanto elles se limitarem a aggreirem-se e a mutuamente desmascarem as suas habilidades e proezas, ás quaes costumamos assistir de palanque.

Mas neste caso, ha um facto, que necessitamos frizar para elucidação dos pacóvios que ainda acreditam em desavenças sérias entre os chefes dos dois bandos que exploram o país.

Alfredo Pratt é administrador do concelho, regenerador, em Penacova, e como tal tem servido o seu bando e procurado ser agradável aos seus chefes, redigindo até um jornal retintamente partidário.

Lima Duque, chefe progressista de Penacova, e deputado, tem ás suas ordens um jornal, afnda mais partidário progressista, do que o proprio sr. José Luciano.

Pois Lima Duque, progressista, impôs-se aos chefes regeneradores, para que o administrador, com quem embirra por o prejudicar nos manejos da sua *collerie*, seja demettido, ou pelo menos tirado dalli. E foi attendido na sua imposição!

Quer dizer: regeneradores e progressistas, são em publico duas quadrilhas com chefes próprios e modos de exploração diferentes; mas em particular, intendem-se perfeitamente, combinam os assaltos e as explorações, vivendo na mais santa communi-dade de ideias e de processos de rapina.

E' por isso que o administrador regenerador, esteve de pé na cova, agora foi enterrado de vez no governo civil, por ter menos forças que o Duque progressista.

Eis uma boa prova da seriedade de progressistas e regeneradores.

Policia e gallinhas

O cabo oito, da policia civil desta cidade, é daquelles que costumam resar o padre nosso só até ao — *venha a nós* — e regula os actos da sua vida pela letra da resa.

Nas horas que o serviço lhe deixa livre, negoceia em gallinhas, o que não se lhe deve levar a mal, pois *chacun* governa-se, mas o que nos faz dar o cavaco, é elle querer valer-se da sua posição de cabo

policial para fazer render o *negocio*.

Eis um caso:

Um nosso amigo possui um armazem para os lados do Paço do Conde, que tem porta para um pateo pertencente a varios inquilinos. Numa das casas que deita para o pateo, tem o cabo oito as gallinhas do negocio.

Como duas das *penosas* adocessessem, a *cara metade* do cabo, deitou as para o pateo, afim de ali morrerem e não contagiarem as companheiras.

Um marçano do tal nosso amigo, que viu uma das gallinhas já morta e a outra em vésperas disso, pegou nesta e levou-a para casa, afim de vêr se lá lhe poderiam valer. Como lá não se trate de veterenaria e mesmo porque — quem lhe doe o dente é que vae ao barbeiro, foi ordenado ao marçano, que fosse deitar a gallinha onde a tinha encontrado.

O rapaz assim fez, sendo a gallinha apanhada pela esposa do sr. Manuel Augusto dos Santos, que lhe fez *algumas medicinas*, não conseguindo curá-la.

O marçano, porem, que é daquelles com quem o diabo nada quis, não deixou perder a occasião de causar mais um bocado de ferro á *cara metade* do cabo oito, e parece que disse que a gallinha estava de saude, gorda e bella que era mesmo uma consolação.

A mulher *abespinhou-se* com o dito, fez queixa ao marido e este, depois de andar a ruminar no caso uns poucos de meses, acabou por dar parte ao seu commissario, do *grande roubo de que foi victima*, de mais a mais feito a elle, um cabo de policia!

O commissario mandou intimar o rapaz para comparecer no commissariado, acompanhando o *o patró* para dar as explicações necessárias, pois pelas indagações a que tinha procedido estava a isso habilitado.

O sr. commissario, que estava fazendo a digestão do almoço, não tinha o espirito bem disposto e no meio das explicações, que o nosso amigo delicadamente lhe estava a dar, exaltou se, ameaçou, perdeu a linha, o que lhe valeu ouvir algumas palavras desagradáveis, para a sua prosapia, mas merecidas pelo seu incorrecto procedimento.

A queixa do cabo não representa mais do que um desabafo da mulher, que assim deseja satisfazer a sua vaidade, mostrar importância e vêr se pesca nas águas turvas.

Se a participação fór para juizo, ali se apurará o caso e, então vêr-se-ha a maneira pouco justa e seria como a policia procede em muitos casos.

Bicycles com motor

R. Ferreira Borges, 46 a 52

Coimbra

ANNUNCIOS

GRANDE ALFAIATERIA

Leão d'Ouro

44 — Rua Ferreira Borges — 46

O proprietario desta acreditada alfaiateria resolveu fazer um grande abatimento nas fazendas existentes, não só por causa de balanço a que vae proceder no principio do proximo mez, mas para dar logar ao sortimento da *estação de verão*.

Fazendas para fatos d'homem e creança, vestidos e capas de senhora, gostos variadissimos, qualidades superiores, preços reduzidos.

E' aproveitar, quem quizer vestir bem e barato.

Loteria da Paschoa

10:000\$000

Extracção a 3 de Abril de 1902

Bilhetes a 20\$000 réis

Vigessimos a 1\$000 réis

A commissão administrativa da loteria, incumbem-se de remetter qualquer encommenda de bilhetes e vigessimos a quem remetter a sua importancia e mais 75 réis para o seguro do correio.

Remettem-se listas a todos os compradores.

Os pedidos devem ser dirigidos ao secretario.

COSINHA POPULAR

Rua da Concordia, n.º 27, 29 e 31
Figueira da Foz

Esta antiga e acreditada casa situada num dos melhores locais da Figueira, **Junta dos Casinos e a dois passos da praia de banhos**, continua recebendo hóspedes permanentes, por preços commodos. Fornece almoços e jantares para fóra, desde 300 réis.

O proprietário,

José Maria Junior.

PASTELARIA E CONFETARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

Nesta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos d'esta natureza.

Dóces de ovos dos mais finos paladares e delicados gostos, denominados *dóces sortidos*, para chá e *soirées*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumerar-la.

Dóces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em secco, como crystalisados, a rivalisar com os estrangeiros.

Pastelaria em todos os géneros e qualidades, o que ha de mais fino e saboroso, especializando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa phantasia, denominadas *Centros de mesa*, *Castellos*, *Jarrões*, *Lyras*, *Floreiras*, *Lamprcias*, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá, café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo systéma de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Collares, Champagne, Cognacs, Licores finos, etc., das melhores marcas nacionaes e estrangeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amêndoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo-se a pureza dos assucares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e estrangeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyére, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Coureira de Lisboa, 32.

Máquinas de costura MEMORIA

Júlio Machado Feliciano

CASA DO LEQUE

Participa aos seus ex.^{mos} freguêses e ao público em geral, que acaba de receber uma importante remessa das bem conhecidas e acreditadas máquinas — **Memória** — a melhor até hoje conhecida.

Quem precisar adquirir uma bella máquina de costura, para familias, alfaiates e sapateiros, não o faça sem primeiro examinar todos os modelos destas tão acreditadas máquinas e que se garantem por tempo illimitado e que não têm rivaes, nem em qualidade nem em preços.

Dão se todas as explicações e acceitam-se máquinas em troca.

Esta casa acaba também de receber um grande sortimento de armures pretos, sédas pretas e mantilhas de séda e outros artigos próprios do seu commercio, o que tudo vende a preços resumidos.

OFFICINA TYPOGRAPHICA

Proprietario — MANUEL DOS REIS GOMES

7 — RUA MARTINS DE CARVALHO — 9

COIMBRA

Impressões de livros, folhetos, diplomas, avisos, mappas, facturas, recibos, circulares, prospectos, memoranduns, etc.

Timbragem de papel e enveloppes.

JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges

COIMBRA

Esta casa encarega-se da collocção de PARA-RAIOS e CAMPAINHAS ELECTRICAS pela Casa Ramos & Silva, de Lisboa.

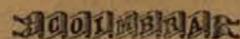
Toma conta de encommenda de qualquer artigo que tenha de ser feita directamente com o estrangeiro.

Fornece pelos preços do catalogo COFRES Á PROVA DE FOGO da casa João Thomás Cardoso & Filhos, do Porto, que sam os mais garantidos.

Tambem se encarrega de qualquer obra de servalleiro, como: gradeamentos, portões, fogões e reparações mechanicas de qualquer natureza.

CASA INNOCENCIA**CONFETARIA E MERCEARIA**

RUA FERREIRA BORGES — 91 a 97 (CALÇADA)



VENDAS POR GROSSO E A RETALHO

Em breve devem estar prontas as tabellas de preços de amêndoa e mais artigos de *Confetaria e Conservaria*, fabricados nesta casa, a mais antiga de Coimbra e que maior sortimento tem.

Os artigos desta casa, têm sido premiados nas exposições a que têm concorrido.

Mandam-se tabellas de preços a quem as pedir. Nesta casa encontram-se vários artigos de *Mercearia*, de primeira qualidade.

Vende todos os artigos pelos mínimos preços, garantindo a sua perfeição e aceio na fabricação.

Dirigir correspondência a

Innocência & Sobrinho — Coimbra

REDUCCÃO DE PREÇOS**Estabelecimento de João Gomes Moreira**

Rua Ferreira Borges

(Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Esta casa que em Coimbra tem melhor sortido tanto em ferragens e materiaes de construcção como em cutilaria, artigos de fantasia e utensilios de cosinha e mesa, participa a todos os seus freguêses, e ao público em geral, que acaba de reduzir bastante o preço de quasi todos os seus artigos.

As condições em que faz todas as suas compras directamente nas principaes praças estrangeiras e fabricas portuguezas, sam uma garantia de que póde vender em melhores condições do que qualquer outra casa desta cidade.

PROTECCAO

LINHOS E ATOALHADOS DE GUIMARÃES

Ha para liquidar grande quantidade de toalhas de mesa e guardanapos de linho e algodão, toalhas para rôsto em linho, algodão e felpa. Colchas, panno de linho e algodão para lençoes, pannos para mesa, etc, etc, por preços excepçionaes.

Quem precisar, queira dirigir-se ao estabelecimento de ferragens e utensilios de cosinha e mesa de João Gomes Moreira — Rua Ferreira Borges — (em frente ao Arco d'Almedina — Coimbra).

Lembra-se a todas as pessoas que forem a Lisboa, que não se esqueçam de visitar a maravilhosa e surpreendente Exposição Fabril e Artistica SINGER, installada na rua do Principe, á entrada da Avenida.

RESISTENCIA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilhas:

Anno..... 2\$700
Semestre..... 1\$350
Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 2\$400
Semestre..... 1\$200
Trimestre..... 600

Avulso 40 réis

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50 %.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal for honrado.

PURGAÇÕES

Pilulas orientaes de A. R. de Passos

Pharmaceutico pela Universidade

Cura frequente, em 48 horas, da blenorragia (*purgações, mesmo as mais rebeldes*.) Só com o uso d'este acreditado medicamento. Resultado seguro e garantido por numerosas curas.

Preço da caixa—500 reis, pelo correio 510. Deposito em Coimbra — Pharmacia Cordeiro — R. Ferreira Borges.

FABRICAS

e enveloppes

Typ. de M. Reis Gomes, rua Martins de Carvalho, 7 e 9 — Coimbra

REWOLVERS

Saint Etienne

Com ballas blindadas de aço e de pólvora branca sem fumo, muito portateis e de grande alcance.

JOÃO GOMES MOREIRA

EM FRENTE DO ARCO D'ALMEDINA

COIMBRA

SILVA & FILHO


Fábrica manual de calçado e tamancos e depósito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

RESISTENCIA

Editor
Mannel d'Oliveira Amaral

Publica-se aos domingos e quintas feiras

Officina typographica
Rua Martins de Carvalho, 7 e 9

N.º 683

COIMBRA — Quinta feira, 20 de Março de 1902

8.º ANNO

O GOVERNO SEM MÁSCARA!

“A câmara reconhece a justiça de satisfazer aos crédores externos e internos até á totalidade dos juros das respectivas dividas, em harmonia com as condições económicas do país e com os recursos do thesouro, porque de contrario qualquer augmento de encargos seria inutil e contraproducente.

Mas, reconhecendo tambem que lhe incumbe o dever de velar pela conservação immaculada da soberania e independência do Paiz, confia em que os governos nacionaes, seja qual fôr a sua origem politica, as manterám e defenderám, como expressões sagradas e intangiveis da existência de um povo autónomo e livre.,,

A maioria regeneradora, regeitando por unanimidade, na sessão de 11 de março, esta moção do deputado sr. Augusto Fuschini, precisamente na vespera da imprensa governamental noticiar o encerramento das negociações para o CONVÊNIO--denunciou ao País a traição do governo.

A eloquência do facto dispensa commentários. O País se quer ser livre e independente não tem que hesitar:---a monarchia é contra a Nação, erga-se o Povo contra a monarchia!

ULTIMA ESPERANÇA

Annunciaram os jornaes, por entre as exultações gratulatorias dos assalariados do regimen, que se ultimaram as negociações do convênio, vencendo-se com felicidade a reluctância dos credores ingleses.

Falta, pois, para que essa ignominia passe em julgado apenas a chancellia do parlamento. Esta última formalidade não é para o governo motivo de sobresaltos, como não deve ser para o país uma razão de prolongar a sua confiante expectativa.

A questão simplificou-se extremamente. Desbarataram-se boas palavras, torturaram-se muitas verdades para se affieçoarem ás fórmulas cortezanescas das respeitadas representações.

O governo, porém, não se sentiu peiado por esses tenues indícios de resistencia, porque de ante-mão sabe que essas collectividades que se lhe dirigiram a pedir moralidade e patriotismo, se confinaram no âmbito estreito desses improficuos protestos.

Para os que, desenlhados das obrigações de deprimentes accordos, mais alto affirmáram a sua hostilidade a essa odiosa mercancia, decretou o governo a repressão draconiana, á antiga, não fosse a alma popular deixar-se seduzir e vencer por esse nobre apostolado de Justiça.

Conseguido o apoio dos adversários rotativos pela partilha amigavel dos bens, faltava conseguir o assentimento tácito do país, abafando por todas as fórmulas os protestos da Opinião.

Havia quem tivesse a velleidade de resistir á tyrannia do Poder, conclamando a necessidade de a derrubar?

Era preciso, para completo exto da indecorosa negociata, reduzi-los ao silêncio.

E postos em prática esses processos, como a opinião continuava impassivel na sua indolência

sultânica, o governo apressou a conclusão do accôrdo cujos effeitos redundam em fundo golpe para a nossa existência de povo livre.

Suppondo-se victoriosas, as quadrilhas que o sr. Dias Ferreira denunciou ás justicias destes reinos, rejubilam impudentemente. Como depois dum assalto feliz, os bandoleiros felicitam-se e gabam-se a destreza.

Tal o estado da questão.

Mas, embora feridos por muitas desillusões, ás vezes mesmo tomados dum súbito desespero ante esse silêncio frio onde morrem as nossas palavras calorosas, nós não fazemos ainda deste povo o juizo deprimente em que o têm os governantes.

Não queremos acreditar, nesta hora suprema em que todas as esperanças fenecem e os braços caem no desalento que vem do Irremediavel, que elle seja uma horda soffredora de escravos. A situação, é certo, inspira receios.

Ha um silêncio fúnebre, uma calmaria pesada que asphixia; o país tem o aspecto dum vasto cemiterio onde os clarões da nossa crença gritante fossem simples fogos fatuos.

Os pronuncios da tempestade sam tambem duma temerosa serenidade. Os elementos concentram-se. E após essa silente immobildade das coisas, num estorço subitico, o furacão revolvente, a tormenta agita-se, ameaçadora e sublime.

Pela nossa crença tão vivaz e pela honra deste povo, nós esperamos tambem que, neste momento decisivo, se desencadeie uma tempestade salvadora.

Que ninguém a receie, que todos a evoquem, que a todos nós ella encontre de pé, imperterritos e altivos, como essa lendaria sentinella que appareceu firme no seu posto, imagem formidavel do Dever, ao excavarem-se as ruínas de Pompeia.

A lucta é, nesta hora angustiosa, um dever de honra e um direito de legitima defeza.

Luctemos. Defendámo-nos.

Se é que a fatalidade do Destino inexoravelmente nos condena, saibamos morrer dignamente, que a morte honrada será, para a historia, o resgate d'esta passividade aviltante em que nos temos mantido.

Ludibriaram-nos? Roubaram-nos?

Nem todos os meios se esgotaram. Se o governo, rodeado dos seus aulicos, cerra os ouvidos e ri das querulas palavras de bons burguezes pacificos, elle ha de descerrea-los á eloquencia augusta da Insurreição.

Crónica do theatro

Já paginado o jornal, quando chegou a esta redacção o artigo *Crónica do theatro*, devido á penna brilhante do illustre redactor da *Resistencia*, sr. dr. Teixeira de Carvalho, impossivel se tornou publicá-lo em o número presente.

Com bastante mágua damos esta noticia aos nossos leitores, que aguardam sempre, impacientemente, os artigos do notavel critico.

EM GUARDA

O governo quer fazer um convenio, que deshonra o país; o povo tem que fazer uma revolução, que salve a sua independência.

O governo não tendo dinheiro para a continuação da orgia, quer vender a pátria aos extranjeiros; o povo, que é honrado e trabalhador, quer defender o seu patrimonio e as suas heroicas tradições.

O governo colloca-se fóra da lei, para opprimir; o povo deve collocar-se dentro della para resistir.

A anarchia do governo, deve responder a insurreição do povo.

Crónica politica

Já batem as azas num apetite financeiro os còrvos dos syndicatos financeiros.

O *Times* annuncia o festim, e o sr. Carrilho—director geral da Fazenda e presidente do conselho de administração da Companhia Real dos Caminhos de Ferro—terá uma gran-cruz, ou titulo de conde ou marquês, dentro em pouco!

O *Council of Foreign Bondholders* mandou dizer aos portuguezes que, em vista da resolução tomada pelos comités dos portadores allemães e francezes, concordará tambem em recomendar aos portadores ingleses a acceitação do projecto do convênio. Estão perdidos!

O *Diario de Noticias* publicou já as bases do accordo, que transcreve do *Dayli Telegraph*, onde, talvez, o sr. marquês de Soveral as mandaria publicar, e abençoa o successo com a sua benevola attitudé. Pelo seu lado o *Seculo* está mais ministerial que o sr. Hintze Ribeiro!

Tudo no melhor dos mundos possiveis!...

Os comités hollandês e belga não oppõem resistencia e o arranjo pode julgar se fechado.

Assim entrámos na semana santa do anno da graça de 1902, e depois teremos as alegres festas da Páschoa, com esse bello presente de amêndoas que o regimen em que temos vivído de bachanal financeira offerece ao burrinho de carga que se chama povo luzo.

E silêncio sobre a questão! O parlamento vai votar, e a ordem é estar calado.

Sobre a palavra do sr. Fuschini e Dias Ferreira cairá o *apagador* que mergulha na escuridão dos mystérios insondaveis os vários negócios das companhias poderosas, e nas cathedraes politicas, José Luciano de Castro, o Poncio Pilatos, e Hintze, o Judas, sentenciaram ao martyrio da Cruz o manso cordeiro, o bom Jesus,

synthetisado na figura angustiosa que Bordallo Pinheiro tantas vezes representa:—o *Zé Povinho!*

Apropriada vai a época para as solemnidades do cruxificado!...

Depois das trevas surgirá a luz, e quando o gran rabino da judiaria monarchica entoar o seu *lumen christi*, repicarám os sinos de todas as capellinhas, salvarám castellos e fortalezas, e não ficará ladrão nenhum dos que levaram a última camisa ao pobre esfomeado que se chama povo, sem elevar ao ceo das suas torpes ambições a sua voz repetindo:

Alleluia!
Alleluia!
Alleluia!

O alfaqui, que é o sábio da lei, receberá os parabens de todas as quadrilhas, e cada qual se continuará a governar como melhor convenha aos interesses da grei.

E o povo que se governe tambem, se tiver artes para isso.

Em conclusão:

—O convênio será votado logo depois das férias de Páschoa.

—O accordo com os credores deve julgar se firmado, *ad referendum*, pelo sr. Carrilho.

—Essa assignatura representará para os crédores negócio firme e valioso, visto que em Portugal não ha partidos monarchicos que osem defender os interesses do país contra as exigências dos syndicatos financeiros, dentro dos quaes estão mettidos, como ratos dentro de queijos, os principaes chefes da rotação constitucional.

—A companhia dos phosphoros,—onde Burnay ganha o melhor de 500 contos por anno, porque, directa e indirectamente, é comprador e vendedor—ao mesmo tempo—de matérias primas—arranja, de vez, a sua rica vidinha. O mesmo succede á companhia real dos caminhos de ferro, e aos 200 politicos que de ha muito trazem hypothecada a rethórica ás debilidades do estomago.

Deste feita o único mal que lhe pôde succeder é uma indigestão

que os mate, visto que não ha um raio que os parta.

Por aqui nos quedamos hoje. Fica publicado o aviso, e ver-se ha que nós não enganamos. Toca para as igrejas a recordar os mysterios do mártir do Golgotha.

Tradusa bem, o nosso povo, as passagens da paixão, e não se esqueça de meditar convenientemente nas figuras mysticas de Judas, Jesus e Pilatos!

Passados os dias tristes, ai, pelos arrebalde da cidade, não faltará vinho para alegrar os descontentes; nem bailladeiras graciosas para entontecerem a rapaziada!

Brincar! Brincar! No entretanto o convênio votase no parlamento.

Terminando: O governo já arranhou um emprestimosinho no extranheiro. É a primeira consequência do arranjo com os crédores. Affirma-se que esse negócio é de arrepiar as carnes a gente honesta, e representa uma *sorte grande*, conseguida... para o thesouro, é claro, pelo ministro da fazenda, pequenino como sabem, mas espartinho como um sagui.

Discipulo de Mariannol... Filho de peixe... Etc.

Um governo de traidores não pode firmar contracto algum em nome do país.

Uma câmara de falsos representantes da nação, não pode igualmente sancionar qualquer convênio com o extranheiro.

Em nome da nação só ella pode fallar.

E a nação declara que não consente no convênio, porque não permite que os traidores a vendam da maneira mais hedionda.

Espelho cathólico

Na freguesia de Pinheiros, concelho de Monsão, o padre João Rodrigues Marques assassinou, com oito facadas, seu irmão António Rodrigues Marques.

A causa única que levou o padre a commetter o fratricidio, foi o irmão ter cortado um pinheiro num montado pertencente ao assassino!

No dia 13, que muita gente tem na conta de aziago, começou, na carreira regimental de infantaria 23, a instrução de tiro, para as praças do regimento.

Em breve começaram tambem a instrução de tiro, dos sócios da *Associação dos Atiradores Civis*, com sede nesta cidade.

É bom que o elemento civil se aperfeicção no exercicio de tiro, pois que pòde ser necessária a sua intervenção para a independência da pátria, e é urgente que todos os cidadãos válidos saibam fazer uso das armas.

No anno passado a concorrência á escola de tiro foi grande; este anno deve ser maior.

É que a pátria está em perigo, e dum momento para o outro pòde tocar a reunir.

Falliu no Rio de Janeiro a importante casa bancária de Sousa, Alves & C., correspondente do banco Alliança e uma das mais acreditadas daquela praça.

Esta fallência causa grandes prejuizos não só á praça do Rio de Janeiro e Banco Alliança, mas a muitas pessoas residentes em Portugal, que tinham os seus capitães lá depositados.

Por enquanto não se sabem pormenores da fallência.

PELA SEMANA

Coisa assim de certo vulto, durante os ultimos oito dias — só sendo o advento da Civilização na Universidade de Coimbra.

Chegou pelo braço da *Vida Académica* — uma que não deve deixar d'assignalar-se, d'entre as garotices notáveis que por ahi apparecem ás vezes, em letra redonda e com seu arsinho petulante de publicação periodica.

Na página fronteira, e relegada para o derradeiro plano, açaçapadinha, numa apreciavel intenção de symbolismo, até á altura do tornozello da Civilização, lá se representa a Universidade, com a torre, o relógio, o pára-raios; tudo tã completo e capaz, que só lhe falta o sineiro a repicar tristemente a cabra e um casal de japezes, no cimo, arregalando o olho jubiloso perante a *incomparavel belléza dos campos uberrimos de Coimbra*.

E' nesta altura que surge, enorme, com o seu resplendor explicativo e uma desleal pretensão de se disfarçar em Rainha Santa — para lhe não pôrem embargos — a Civilização. Certo é, porém, que tal personagem não fez na Universidade a sua entrada com aquelles sisudos modos e aquella serena compostura de maneiras que sã mpanhão das pessõas bem educadas e que tã ajustadamente se apropriariam á gravidade do lugar.

Appareceu em camisa, de cabeça rachada, e com todo o ar arrelampado de quem levou a noite ao léo — a grande bebida!

Em vez do porte magestoso e austero que seria de rigor em creatura de tã alta cathogoria — a Civilização apresentou-se a jogar o eixo rebaldeixo com dois interessantes académicos que a acompanharam no bródi; e tal foi elle, que o académico da direita mal começa a dar por si, ao passo que o da esquerda se encontra ainda na altura das ancias horriéis do vômito.

Na última página, atiram-se três tã puxadas parelhas de coices na memória de Camões, que o desgraçado, a quem cruelmente collocaram por cima, com o criminoso intento de o obrigarem a assistir ao seu próprio supplicio, tiraria decerto ali mesmo um desforço condigno, se não tivessem tido o cuidado de o pintar sem braços, nem pernas — nem o resto; porque outro desforço, além do mouro ou do pontapé, poderia realizar, attenta a situação privilegiada em que o puzeram. Assim, contentou-se o Épico em fazer beicinho; e não se sabe se vae escarrar, ou se desatou a apitar perdidamente — tal como se houera passado a noite no *Pinguinhas*.

Tambem, era de prevêr aquillo. Um dos redactores da gazeta chama-se João; e eu desconfio que seja o Jau, disfarçado, a querer consolidar a gloria do patrão.

Quanto ao recheio da obra, é na verdade bem extranho que o sr. Lopes d'Oliveira se dê agora ao mister de desmammar creanças.

O sr. Lopes d'Oliveira é um artista de valor, com responsabilidades creadas, mórmente no meio coimbrão; e pelo que deve a si e aos outros, não pòde d'animo ligeiro ir misturar o seu nome com os dos primeiros meninos que se lembrem de publicar a *Vida Académica*, ou coisas d'egual jaez. O jornaleco é uma infantilidade que ninguem pòde levar a mal. Positivamente, não ha pessoa sensata que se lembre de pedir responsabilidades ao auctor das *Doas Palavras*, ou ao da versalhada *Mão* ou ao do *Penedo da Meditação*; e se aqui se fala em tal coisa, é tã só para que não se lembre al-

guem lá fóra de aquilatar por ali a mentalidade coimbrã — que ha gente para tudo, neste mundo.

Mas, para que assim não succeda, é preciso, claramente, que entre a petizada inoffensiva que lá rabisca, não appareça alguem de nome e de merito a sancionar e a auctorisar a creanceice.

Presumimos, porém, que o sr. Lopes d'Oliveira, quando escreveu o seu artigo, não sabia de que especie de gazeta se tratava — e dêmos de barato que não torna...

A. S.

O nosso estimavel collega *da Folha de Coimbra*, com fina ironia, diz que o facto da câmara ter mandado apagar uns candieiros em logares centraes, como na ponte de Santa Clara e largo do Príncipe Real, é certamente no intuito de fazer economias.

Ora se a câmara está tam falta de dinheiro que necessita supprimir candieiros da illuminação pública em sitios centraes, qual é a razão porque não têm andamento uma quantidade enorme de multas, por transgressões, que existem na sua secretaria, pois, segundo informações que temos, ha multas por pagar desde o tempo que governou o município o sr. dr. Lourenço ?!

Nós não desejamos concorrer para o mal de ninguem, mas achamos justo que se obrigue a pagar quem delinque, pois não sendo assim os transgressores continuam a prevaricar, enxovalhando ainda em cima os empregados.

Duma freguesia dêste concelho sabemos nós que existem mais de cem multas para applicar e nenhuma teve andamento!

Se ha falta de dinheiro, obriguem-se a pagar os transgressores e devedores ao município, e só depois disto e duma administração o mais económica possível, é que se poderá, sem protestos, se ainda fôr necessário, fazer economias na illuminação e noutras verbas pertencentes a coisas de primeira necessidade.

Dizemos isto sem a menor acrimonia e apenas por nos parecer mais justo e consentâneo com os interesses dos municipes de Coimbra, o procedimento por nós indicado.

“A vida académica.”

Foi-nos enviado o 1.º número dum jornal illustrado e litterário, que encetou a sua publicação nesta cidade, com o titulo que nos serve de epigrapha.

A *vida académica* é collaborada pelos srs. José Luis d'Almeida, Adriano d'Azevedo, M. C. L. e Armando S. Mathias.

Agradecemos a remessa do novo collega.

No dia 10 do próximo mês de abril, finda o praso do concurso para o preenchimento de vagas de distribuidores supra-numerários, que existem nos concelhos de Coimbra, Cantanhede, Louzã, Condeixa, Soure, Taboã, Montemor-o-Velho e Oliveira do Hospital.

As vagas em Coimbra, até á data, ainda não houve concorrentes, e não será fácil que os haja porquanto a última reforma dos correios veiu aggravar a tã desgraçada situação dos distribuidores, que, além dos minguidos ordenados que vencem, ainda de futuro ficam sem direito á reforma, que lhes garantia o pão, quando, inutilizados pela trabalhosa vida a que sã sujeitos, tenham de deixar aquelle serviço.

Ao sr. dr. Araujo e Gama, reitor do lyceu desta cidade, foram concedidos 4 dias de licença depois das férias de Paschoa.

PELA VIA LATINA

PINGUINHAS, CARAGO & C.^a

OS SOCIOS:

Padre Joaquim do Amaral Gomes, alumno do 2.º anno juridico, **o Pinguinhas**; **Adelino d'Araujo Lacerda**, alumno do 5.º anno medico, **o Carago**.

II

Ainda não contámos como o jogador *Carago* e o saltador *Pinguinhas*, separados no principio do anno lectivo, autonomos no seu trabalho de exploração desafortada, vieram cair nos braços um do outro no *toast* arrebatado de um banquete pantagruelico.

Desconfiados, olhando-se de soslaio, os dois batoteiros reuniram-se alfim para não arrastarem a dignidade da profissão pelo abatimento das *portas*, numa concorrência desleal. E assim no antro da rua de S. Jeronymo, onde a firma tinha actualmente a sede dos seus descontos, os lucros subiam fabulosamente, e a mocidade, perdida a mezada e exgotado o crédito, apodrecia na batota, arriscando numa parada ultima a derradeira moeda emprestada, com oneroso juro, pelo padre Amaral, sobre qualquer valor, que avaramente guardava.

A historia da escriptura está, porém, prejudicada. A sociedade está dissolvida. A intervenção, immediata ao nosso artigo anterior, do sr. commissário de policia, dr. Pedro Ferrão, e a deliberação firme, tanto para louvar, em que sua excellencia se encontra para acabar com as casas de tavolagem ainda que os proprietarios se disfarçem com a matricula na Universidade, ou sejam curas de almas em freguesias ruraes, foram as causas determinantes, aproveitadas pelo *Carago*, para alijamento do socio, a quem nos seus queixumes e lamentações, entrecortados pelos quintos de tosse da sua bronchite chronica, apelida de ladrão, e a quem accusa do monstruoso crime de, aproveitando a sua ausencia, tentar **violar uma creança de quatro annos**, que arditosamente atrahira a sua casa.

Desalojados, entregues á policia que lhes vae na piugada, abandonemos o *Carago*, á mercê do terpinol e attentemos fixamente, no triste personagem Joaquim do Amaral Gomes, padre moeda-fraca, que, perdida a lucrativa industria, já uiva no seu covil, mastim sinistro e sordido, que é preciso liquidar de vez.

Se a *Resistencia* levantou esta campanha de moralidade contra os batoteiros, que exploram a mocidade academica, não pòde cruzar os braços deante do padre frascario e libertino, que fez das suas vestes um dominó obsceno e da religião uma sarabanda ébria e extravagante a presagiar lhe deboches inextogaveis. Não. Este padre gafado é uma affronta á dignidade da especie homem e um insulto barbaro á creença dos catholicos. Levante-se-lhe, pois, o auto e appelemos para o sr. Bispo-Conde, a pedir-lhe condemnação efficaç e exemplar. E se a **tentativa de violação**, que vamos a seguir documentar, não basta a instruir-lhe o processo acompanhamo-lo, ainda que numa digressão rapida, no esboço de algumas miserias, porque a historia sordida deste padre, eloquente na revelação de seus predicados e aptidões moraes, podia originar volumes.

Deixemo-lo ir, só, ao Brazil, onde foi receber as ordens que um bispo honrado, conhecedor dos seus merecimentos, lhe recusára terminantemente na sua terra.

Deixemo-lo andar, só, por entre a floresta, o peito latente de tragedias, convulso, amordaçado pelo pavor, o punhal nos dentes, o bacamarte aperrado, caminhando pelas picadas, á hora noctivaga em que se ouve o piar agoirento do oitibó e das caúans negras; deixemo-lo, ora esconder o seu braço homicida por entre o condor, a palmeira, a sapucaia, o ipês, o embaubas e os cipós, engrinaldados pelas folhas e flores de tantas trepadeiras, ora rastejar como o sacuri por entre as taquáras e os bambuais, comendo o capim, quando o assalto falhava, ou sugando o sangue como o gambá, quando a victima vinha desprevenida.

Não reproduzamos tambem a historia do infeliz mulato que, tendo apenas anno e meio, o padre trouxe no seu regresso; e, porque o maltracta com pancadas e o tortura pela fome, deixemos ás auctoridades competentes a investigação da tragedia.

Para o libello deste heroe bastam nos apenas as suas proezas de Coimbra, apezar de aqui chegado ha pouco mais de um anno, onde a sua alcunha suggestiva de alcouce traz a nossos ouvidos o echo extranho de accões hediondas, desde os simulados casamentos entre meretrizes e bohèmios, que a sua mão sacrilega abençõa a horas mortas da noite á luz amadornada dos bicos das tascas — essa mão assassina que, no sabado, na sua caverna se armou para cravar o punhal no peito inoffensivo de um rapaz de deses seis annos e depois levantou a hostia divina no calix sagrado aos parochianos da Nazareth da Ribeira — até ao phariseu que rebate a dignidade, cynico e indifferente, como marca o baralho.

A' volta da sua mesa de jogo, elle ouviu sempre, frio e impassivel, a explosão ameaçadora de braços que se levantavam, em impulsos de ameaça, os impropérios insultantes, e se porventura algum *ponto* mais nervoso tornava effectiva a affronta, *Pinguinhas* esgotava o calix de todas as amarguras, soffria todos os flagellos e exigia dinheiro. O seu corpo é um balcão, a sua alma uma cloaca.

Assim aconteceu numa noite em que um estudante partindo-lhe na cara um cinzeiro, o padre exigiu quinhentos réis de indemnisação, — dois tostões o preço do objecto, e três o do insulto!

E doutra vez em que outro estudante lhe atirára á cara um punhado de tostões, *Pinguinhas*, o mártir, entre maguado e seraphico, apanhando o dinheiro replicava: *isto não é maneira decente de entregar a massa a uma pessoa*.

Mas este homem indigno, coberta a corõa, separando-se do baralho que o anniquila, arrancando o cabeção que elle enxovalha, mesmo violentamente por entre blasphemias, como costuma

em noites de azar, ter-se-ia sentido alguma vez estudante com dignidade, com pundonor?

Não.

À última hora:

Ao entrar o nosso jornal na machina, somos informados de que o padre *Pinguinhas* fôra dispensado de pregar amanhã na igreja de Santa Cruz, para o que estava contractado. No exemplo do parochista fregueza deve reparar o sr. Bispo Conde.

Está concluída a impressão do *Anuário* da Universidade, começando já a ser distribuído.

Chamamos a atenção do digno chefe da estação A do caminho de ferro desta cidade, para a forma como estão sendo feitos os despachos em grande e pequena velocidade.

Sam tam demorados os despachos que chegam a fazer desesperar o mais paciente dos mortaes.

E', pois, conveniente que o sr. chefe observe a causa de taes demoras e providencie de molde a evitá-las visto os prejuizos que acarretam.

Consta-nos que a Associação Commercial desta cidade vai officiar ao sr. Chapuy, director da companhia dos caminhos de ferro, reclamando a collocação de duas balanças no armazem dos despachos de pequena velocidade da estação A, e ainda sobre outras providências a tomar.

O Grupo Excursionista Fraternidade Operaria, que promoveu em setembro último uma excursão ao Porto, tenciona realisar em maio uma excursão a Leiria e ao convento da Batalha.

O iniciador da excursão é o presidente do grupo, sr. Alberto Vianna.

O sr. ministro das obras publicas está resolvido a applicar ás direcções das associações de socorros mutuos, que não enviam á repartição competente até ao fim do mês corrente o respectivo relatório, contas e parecer do conselho fiscal, respeitante ao anno findo, a penalidade imposta pela lei que é de 50000 a 200000 réis, a cada um dos membros da direcção.

Arranjos

Estão para breve, as nomeações de dois preparadores para a faculdade de Philosophia, e dum director para o gabinete de Radioscopia, ha pouco criado pela nova reforma universitaria.

Os gananciosos aguçam já o dente, para as novas postas; e na inconsciencia alvar da sua ignorancia e incapacidade preparam furiosamente os empenhos para o concurso. Mais uma vez se verá representar a farça torpe da nomeação injusta. E assim á sombra das falsas promessas de uma supposta reforma util e proveitosa, do nosso ensino, e da nossa universidade, se verá tambem mais uma vez, abandalhar a eschola que devera ser a primeira do país.

Não sabemos ainda, de certeza, quaes serão os afilhados preferidos; apezar disso, porem, temos, a noticia de que se acham em campo, e com probabilidades de victória, alguns ignorantões, que a politica protege, e que a malandrice de certos precedentes enche de animo e coragem.

E' com máguia, e mais do que com máguia, com vergonha, que todos aquelles que passaram pela Universidade, trabalhando com amor e dedicacão, verám prestes a cair nas mãos inhabeis e ignorantes de preparadores *ad oc*, o ensino e a prática, que elles num admiravel amor de eschola, de sciencia e até de patria, queriam, sempre ver progredir e levantar-se.

E a nós, sobretudo, que, no desejo de salvar a nossa terra, andamos procurando para as fileiras do partido, espiritos saos, cultos e honestos, criados na adoraçào do trabalho, na prática do bem, e na honestidade de bons principios, revolta nós, principalmente, o facto de entregar-se a educaçào dos novos a individuos, que não comprehendem, nem podem cumprir com a missào de professor, e que apenas, numa pompa estulta, tomam conta do ensino, para sugar o thesouro, cultivar, torpemente, muitas vezes, a influencia do logar que occupam, e ostentar sempre com seus dislates, a força que, em nossa terra, tem a ignorancia, quando é misturada com a politica.

A dois passos das nomeações a que no principio alludimos, e em face do que nos consta, não podemos deixar de sair a campo para lavrarmos claramente o nosso protesto, e para annunciarmos que ficámos de atalaya as malandrices que se vierem a commetter.

Não nos move nem a fome nem a inveja; pugnámos apenas pela

justiça. E em nome della, luctaremos, para que os concursos sejam coisa séria, e para que mais do que a politica venham a valer os merecimentos e as habilitações dos candidatos.

Para o annuncio, que não secção competente inserimos, com o titulo *Amendoas e cartonagens*, chamamos a attenção dos nossos leitores.

Foi dada ordem para que na imprensa da Universidade sejam impressas as obras do sr. dr. Gomes Teixeira, director da Academia Polytechnica do Porto.

A camara municipal desta cidade representou ao governo, pedindo a continuacão do caes até aos portos dos Bentos e do Arnado, conclusão das obras do caes em via de execuçào e continuacão das obras para a canalisaçào dos esgotos desta cidade.

Que a representaçào não seja só para inglês ver, é o que desejamos, pois no nosso país nomeiam-se commissões e fazem-se representações a proposito de tudo, succedendo quasi sempre as coisas continuarem com *quartel em Abrantes*.

Representar, é alguma coisa, mas apoiar a representaçào e instar pelo seu prompto e cabal deferimento, é o principal da obra.

Pôs termos á existencia Adriano Cerveira Nunes, casado, alfaiate, morador ás Portas de Santa Margarida.

Diz-se que a causa que o levou a tal extremo foi a falta de meios.

Por deliberação dos accionistas do Theatro circo, vai este ser posto em praça, no dia 20 de abril.

A reunião dos accionistas realiso-se no salão do mesmo theatro, reconhecendo-se a necessidade da venda do edificio por falta de capital para nelle serem feitas as obras de que tanto carece.

Na verdade aquella casa de espectaculos necessita uma grande reforma em tudo, pois uma cidade como Coimbra, merece possuir um theatro de primeira ordem, com uma direcção arrojada e co-nhecedora a fundo das exigencias dum publico illustrado e selecto como é o nosso.

Veremos quaes os capitalistas que se abalançam á compra e se terám a sufficiente iniciativa para reformar e collocar na devida altura o Theatro circo.

replicou Manuel no mesmo tom. Por amor de Deus não me mate hoje, ou entám não poderei admirar amanhã essa sua maravilha!

—Mas para que hade estar a contrariar-me! E' muito feio!

—Asseguro-lhe Alice, que, conhecendo como conheço a sua indulgência e extrema bondade, não estou muito convencido das qualidades superiores de Mademoiselle de Croisy.

—O incrédulo! Incrédulo e mau! repetia Alice despeitada, pergunte á mãe avó.

—Mademoiselle de Croisy pareceu-me na verdade encantadora, respondeu madame de Villy; mas vi-a pouco tempo e sou forçada por isso a referir-me apenas á tua apreciaçào.

—E depois, disse Mademoiselle de Villy, Manuel tem talvez razão; porque se experimenta ás vezes uma verdadeira decepçào ao ver uma pessoa muito gabada.

—Tambem o sr., papá, tambem contra mim? Pois não digo mais palavra, hám de ver e julgar.

A questào acabou com uma gargalhada do pae e de Manuel. No dia immediato estava es-

quecida a conversa e Alice esperava impaciente, mas feliz, o momento de partir de carruagem, com Mademoiselle de Villy, para Bernay, onde deviam ir procurar Mademoiselle de Croisy.

Conversava doidamente, ou antes chilreava a propósito de tudosem escutar. Descia a cantar do quarto de Herminia á sala de visitas, e tornava de repente a subir da sala de visitas ao quarto, como se tivesse medo de haver esquecido alguma coisa nos preparativos que tinha feito para a receber.

A's duas horas da tarde, quando teimava com o pae para mandar atrelar, parou uma carruagem ao portão do parque, e pouco depois ouviu-se o toque da campainha que o portão punha em movimento ao abrir-se.

—Meu Deus! exclamou Mademoiselle de Villy, ter-se-ha Herminia explicado mal na carta, e ver-se-ia obrigada a vir assim?

—Ah! Minha prima, disse Manuel sorrindo, como pôde uma creatura tam perfeita ter se explicado mal, e como pôde a prima não a ter entendido!

—Está sabido que, até nova

Adhesão

Os photographos desta cidade, enviaram a adhesão que abaixo publicamos, á commissão de Lisboa, iniciadora do movimento de protesto contra a proposta do ministro da fazenda, augmentando os direitos ás chapas photographicas.

E de todo o ponto justa a reclamação, pois tal augmento muito prejudicará os photographos, porque augmentando de preço os retratos, o trabalho diminuirá, ficando tão numerosa classe em circunstancias precarias.

Quando tantas coisas superfluas pagam direitos reduzidos, tendo-se até, nuna das legislaturas transactas diminuído as pautas em objectos meramente de luxo e só bons para familias abastadas, augmentam-se os direitos na materia prima duma industria flo-rescente e que tantos serviços presta.

Mas se tudo isto anda tórto, como é que se podem esperar boas e justas medidas?

«A classe dos Photographos de Coimbra, surpreendida pelo projecto do sr. Ministro da Fazenda para o augmento dos direitos nas chapas photographicas, e tendo conhecimento do movimento iniciado pelos photographos de Lisboa, secundado por todos os collegas do Porto e do País a fim de protestar contra tão odioso, como irregular e injustificavel augmento de direito do primordial da industria e arte photographica, vem por este meio significar a sua inteira e incondicional adhesão ao movimento iniciado, e declarar que, solidaria e collectivamente acompanharia os seus collegas numa representaçào ao Parlamento para que seja retirado das propostas da Fazenda o novo e excessivo imposto, que vem aggravar ainda mais a situação do Photographo e do publico, já sobrecarregado, como toda a gente que trabalha, com excessivas e vexatorias contribuições.»

(Seguem-se as assignaturas)

Foram nomeados os srs. dr. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos, lente cathedrático da faculdade de theologia, director do archivo da Universidade, logar que exercia gratuitamente desde abril de 1900, e Antonio Gomes Tinoco, continuo interino da mesma Universidade, para effectivo, afim de servir na reitoria.

No dia 17 de corrente reuniu a junta de inspecção da 5.ª divisào

ordem, deixo de lhe fallar, respondeu Alice. Mas quem poderá vir assim?

De pé, sobre o patim, mergu lhava a vista nas sinuosidades do caminho que o pae acabava de descer. De pé, ao lado della, Manuel, tinha tanta curiosidade no fundo, como ella.

—Ora! disse d'Argouges um momento depois, é o amigo velho de seu pae, o coronel Roland de Lambrune.

De Villy voltava, com effeito, triunphante trazendo pelo braço o coronel militarmente apertado pela sua sobrecasaca de paisano.

Roland de Lambrune, um dos coroneis mais novos do exercito, tinha a idade de M. de Villy: quarenta e sete annos. Era ainda de corpo flexivel, andar rapido; o sol da Africa bronzeára-lhe o rosto, mas as feições eram ainda delicadas, e, seriam irreprehensíveis se não fosse ter o nariz levemente tórto da direita para a esquerda. Era, de resto, um defeito natural com que nada tinham a ver os latagans arabes. Não porque o coronel fosse exemplo de bravura; tinha os labios delgados e agudos dos intrepidos,

militar, com séde nesta cidade comparecendo os srs. major medico dr. Montenegro, presidente, e os capitães medicos drs. Rodrigues da Costa e Rodrigues Donato.

Foram presentes á junta dezanove praças de pret, sendo julgadas incapazes cinco e concedidas varias licenças ás restantes.

O tenente médico na inactividade, sr. dr. Cruz Amante, tambem se apresentou á junta, continuando na mesma situação em que estava.

A passar as férias de Páschoa com sua familia partiu para a Figueira da Foz o nosso presado amigo e correligionário sr. José Pinto, intelligente alumno do 4.º anno médico.

Para Villa do Conde seguiu tambem o nosso illustrado collaborador sr. Antonio Maria Pereira, distincto alumno do 3.º anno juridico.

CORRESPONDÊNCIAS

Espinhal, 14.

Victimada pela tuberculose, falleceu aqui a infelis Lucinda, irmã do sr. Augusto Duarte Bento, acreditado commerciante nesta praça.

Na flor de juventude, quando a felicidade lhe sorria, quando o céu se lhe começava a mostrar tam puro, quando a primavera, com todas as suas bellezas e en cantos proprios dos seus 25 annos a bafejava, a morte, esse horrído e cobarde espectro, de tudo a privou.

Pobre Lucinda!

Quando todos te faziam boas auzencias aos teus nobres sentimentos de mulher, eis que a foice dessa cobarde destruidora do genero humano, veio cortar cérce aquella viçosa planta, para a lançar aos vermes na fria valla!

E' triste!

Descança, pois, Lucinda, que enquanto tu dormes o somno eterno, os que te conheciam, choram e lamentam o teu infortunio.

Pás, pois, á tua alma, e sentidos pezames á familia enlutada.

O funeral foi imponente, sendo o povo em grande quantidade. Acompanhou o cortejo a antiga philharmonica, com o seu modesto fardamento, tocando com a maior correção a linda marcha funebre — O pensamento — que muito agradou.

C.

(7) Folhetim da "RESISTENCIA,,

MAXIME RUDE

UMA VÍCTIMA

DO
CONVENTO

III

E vira-os crescer com aquella esperanza, que tudo parecia confirmar ainda.

—Que felicidade! exclamou de novo Alice, Herminia chega amanhã.

—Santo Deus! prima, disse Manuel, não perca assim a cabeça!

—O sr. não faz senão brincar, exclamou Alice em tom de censura, com um movimento de cabeça infantil. Já fallou, á bocada, da minha amizade entusiasta; saiba que não ha enthusiasmo, quando se faz apenas justiça ás pessoas que merecem ser amadas.

—Que fogo, minha senhora!

por debaixo do bigode castanho claro, e os olhos cinzentos tinham o brilho forte, que não empalidece deante do fogo.

—Minha cara Alice, disse M. de Villy, tambem eu hoje tenho um dia feliz. Parece que o meu excellente amigo de Lambrune adivinhou que era necessario alegria completa no castello.

—Deixas? perguntou o coronel, pegando na mão de Alice, e debruçando-se para a beijar na testa.

—E minha filha deixa tambem. Não lhe faças medo, amigo.

M. de Lambrune voltára-se depois para o sr. de Argouges e estendera-lhe a mão.

—A que acaso, coronel, se deve a sua vinda a esta terra, onde não pôe pé, á trez annos? perguntou Manuel.

—Ao acaso duma licença, que tive a fantasia de pedir, respondeu o sr. de Lambrune. Só cheguei, ha dois dias; mas já me aborrecia a estada na minha cabana do valle; errava no meu bocado de terra de Lambrune como uma alma penada. Não tive coragem para demorar para mais tarde o abraço nos meus amigos de Villy, e cá estou.

Continúa,

JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges

COIMBRA

Esta casa encarega-se da collocação de PARA-RAIOS e CAMPAINHAS ELECTRICAS pela Casa Ramos & Silva, de Lisboa.

Toma conta de encomenda de qualquer artigo que tenha de ser feita directamente com o estrangeiro.

Fornecce pelos preços do catálogo COFRES A PROVA DE FOGO da casa João Thomás Cardoso & Filhos, do Porto, que sam os mais garantidos.

Tambem se encarrega de qualquer obra de serralleiro, como: gradeamentos, portões, fogões e reparações mecánicas de qualquer naturêsa.

CASA INNOCENCIA

CONFEITARIA E MERCEARIA

RUA FERREIRA BORGES — 91 a 97 (CALÇADA)

Decorative flourish

VENDAS POR GROSSO E A RETALHO

Em breve devem estar prontas as tabellas de preços de amêndoa e mais artigos de Confeitaria e Conservaria, fabricados nesta casa, a mais antiga de Coimbra e que maior sortimento tem.

Os artigos desta casa, têm sido premiados nas exposições a que têm concorrido.

Mandam-se tabellas de preços a quem as pedir.

Nesta casa encontram-se vários artigos de Mercearia, de primeira qualidade.

Vende todos os artigos pelos mínimos preços, garantindo a sua perfeição e aceio na fabricação.

Dirigir correspondência a

Innocência & Sobrinho — Coimbra

REDUCCÃO DE PREÇOS

Estabelecimento de João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges

(Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Esta casa que em Coimbra tem melhor sortido tanto em ferragens e materiaes de construcção como em cutilaria, artigos de fantasia e utensilios de cosinha e mesa, participa a todos os seus freguêses, e ao público em geral, que acaba de reduzir bastante o preço de quasi todos os seus artigos.

As condições em que faz todas as suas compras directamente nas principaes praças estrangeiras e fabricas portuguezas, sam uma garantia de que pôde vender em melhores condições do que qualquer outra casa desta cidade.

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

N'esta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos d'esta naturêsa.

Doces de ovos dos mais finos paladaes e delicados gôstos, denominados *doces sortidos*, para chá e *soirées*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumera-la.

Doces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em secco, como crystallizados, a rivalisar com os estrangeiros.

Pastelaria em todos os géneros e qualidades, o que ha de mais fino e saboroso, especializando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa phantasia, denominadas *Centros de mesa*, *Castellos*, *Jarrões*, *Lyras*, *Floreiras*, *Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá, café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo systêma de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Collares, Champagne, Cognacs, Licores finos, etc., das meliores marcas nacionaes e estrangeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amêndoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo-se a pureza dos assucares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e estrangeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyère, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

Máquinas de costura MEMORIA

Júlio Machado Feliciano

CASA DO LEQUE

Participa aos seus ex.^{mos} freguêses e ao público em geral, que acaba de receber uma importante remessa das bem conhecidas e acreditadas máquinas—**Memória**—a melhor até hoje conhecida.

Quem precisar adquirir uma bella máquina de costura, para familias, alfaiates e sapateiros, não o faça sem primeiro examinar todos os modelos destas tam acreditadas máquinas e que se garantem por tempo illimitado e que não têm rivaes, nem em qualidade nem em preços.

Dão se todas as explicações e aceitam-se máquinas em troca.

Esta casa acaba tambem de receber um grande sortimento de armures pretos, sêdas pretas e mantilhas de sêda e outros artigos próprios do seu commercio, o que tudo vende a preços resumidos.

Bicycletes com motor

R. Ferreira Borges, 46 a 52

Coimbra

LOJA DO MINHO

Deposito das legittimas máquinas **Singer**, instrumentos, musicas, Pianos, Bicyclatas, oculos e lunetas.

44, RUA DO VISCONDE DA LUZ, 48

Por mais uma vez provar que as máquinas **Singer**, são as mais acreditadas do Mundo, as mais solidas, e as mais simples, é que já vendemos no nosso deposito mil e tantas máquinas. E caso raro aparecer uma máquina **Singer**, a concertar aparecendo diariamente dezenas dellas doutros auctores a concertar na nossa officina. Recomendamos ás sr.^{as} costureiras e alfaiates a máquina **Singer**, Bobina Central (ultima palavra); temos sempre um completo sortido em agulhas e peças para todas as máquinas. Guitarras, Violões, Bandoníns, Bandolinetas, Rebecas, Violetos, arcos, cordas, flautas, clarins, oculos e lunetas.

Ha um saldo de musicas para piano a 40 réis. Concerta-se toda a qualidade de máquinas, bicycletes, instrumentos e tudo o quanto for em metal amarello, para o que temos pessoal competentemente habilitado.

PREÇOS FIXOS

LOJA DO MINHO

MARTINS DE ARAUJO

44, Rua do Visconde da Luz, 48

COIMBRA

Phonographos

e grande variedade de cylindros impressos com canções populares, cançonetas, óperas, zarzuellas, bandas, operetas cómicas, revistas, fados, etc. etc.

JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges

COIMBRA

Mesa rica

Thomás Pombar com estabelecimento de bric-à-brac, tabacos e occulista na rua Ferreira Borges, em frente ao Arco d'Almedina, tem para vender uma mesa de pau preto e sândalo, com embutidos de marfim e obra de talha. Quem a pretender pôde ir vê-la ao seu estabelecimento onde está em exposição.

Amendoas e cartonagens

Brindes de Semana Santa

Visitem a **MERCEARIA LUSITANA**, na rua do Cego, n.^o 1 a 7, que ali encontrarão o que ha de mais surpreendente em caixinhas e outros diferentes objectos de luxo e a mais fina e saborosa **AMENDOA DE LISBOA**, fabricada especialmente para esta casa.

VINHOS

finos e generosos, tanto nacionaes como estrangeiros, encontram-se no mesmo estabelecimento, assim como tudo o que ha de mais fino em géneros de mercearia.

1. Rua do Cego, 7 — Coimbra

MERCEARIA LUSITANA

MERCEARIA

DE

José Tavares da Costa

SUCCESSOR

ALVARO ESTEVES CASTANHEIRA

2. L. do Principe D. Carlos, 8

Amendoas finissimas de todas as qualidades, fabrico especialmente destinado a este estabelecimento.

Cartonagens variadissimas do mais fino gosto artistico, nacionaes e estrangeiras, para todos os preços.

Nova Havaneza

Rua de Ferreira Borges n.^o 176

Papelaria, tabacaria, Perfumaria.

Carteiras, malas, caixas de charão, e todos os objectos de escritorio.

Loteria da Paschoa

40:000\$000

Extração a 3 de Abril de 1902

Bilhetes a 20\$000 réis

Vigessimos a 1\$000 réis

A commissão administrativa da loteria, incumbem-se de remetter qualquer encomenda de bilhetes e vigessimos a quem remetter a sua importancia e mais 75 réis para o seguro do correio.

Remettem-se listas a todos os compradores.

Os pedidos devem ser dirigidos ao secretario.

Bicyclete Peugeot

Modêlo «course route.» Vende-se quasi nova e garantida.

Para tratar Castro Leão—Calçada, Coimbra.

PECUINCHA

LINHOS E ATOALHADOS DE GUIMARÃES

Ha para liquidar grande quantidade de toalhas de mēsa e guardanapos de linho e algodão, toalhas para rôsto em linho, algodão e telpa. Colchas, panno de linho e algodão para lençoes, pannos para mēsa, etc, etc, por preços excepçionaes.

Quem precisar, queira dirigir-se ao estabelecimento de ferragens e utensilios de cosinha e mēza de João Gomes Moreira — Rua Ferreira Borges — (em frente ao Arco d'Almedina — Coimbra.

Lembra-se a todas as pessoas que forem a Lisboa, que não se esqueçam de visitar a maravilhosa e surpreendente Exposição Fabril e Artistica SINGER, installada na rua do Principe, á entrada da Avenida.

RESISTENCIA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilhas:

Anno..... 2\$700
Semestre..... 1\$350
Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 2\$400
Semestre..... 1\$200
Trimestre..... 600

Avulso 40 réis

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50 %.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal for honrado.

PURGAÇÕES

Pilulas orientaes de A. R. de Passos

Pharmaceutico pela Universidade

Cura frequente, em 48 horas, da blenorragia (purgações, mesmo as mais rebeldes.) Só com o uso d'este acreditado medicamento. Resultado seguro e garantido por numerosas curas.

Preço da caixa—500 réis, pelo correio 510. Deposito em Coimbra—Pharmacia Cordeiro—R. Ferreira Borges.

FABRICATURAS

e envelopes

Typ. de M. Reis Gomes, rua Martins de Carvalho, 7 e 9 — Coimbra

REWOLVERS

Saint Etienne

Com ballas blindadas de aço e de pólvora branca sem fumo, muito portateis e de grande alcance.

JOÃO GOMES MOREIRA

EM FRENTE DO ARCO D'ALMEDINA

COIMBRA

SILVA & FILHO

Decorative flourish

Fábrica manual de calçado e tamancos

e depósito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

RESISTENCIA

Editor
Manuel d'Oliveira Amaral

Publica-se aos domingos e quintas feiras

Officina typographica
Rua Martins de Carvalho, 7 e 9

N.º 684

COIMBRA — Domingo, 23 de Março de 1902

8.º ANNO

EXPEDIENTE

Para corresponder ao favor com que os leitores têm acolhido este jornal, a empreza da *Resistencia* resolveu, desde o próximo número em diante, augmentar-lhe o formato, afim de que, tanto a parte politica como noticiosa, possam ter o devido desenvolvimento.

A despesa com a publicação da *Resistencia*, no novo formato, é muito maior; contudo o preço das assignaturas não será alterado.

Os últimos dois números deste jornal têm sido vendidos avulso nesta cidade, e o mesmo succederá com os que ainda se occuparem da campanha de saneamento moral em que andamos empenhados.

Porém, só em casos excepçionaes, a *Resistencia* se venderá avulso, fazendo esta declaração, para que se não julgue que a venda pelas ruas se fará em todos os números.

O PRINCIPE

Passou ante-ontem o anniversário natalicio do principe da corôa portugueza.

Os soldados ostentaram por isso os seus uniformes de grande gala, a Universidade içou a sua bandeira, e, á noite, a Câmara Municipal, o Governo-Civil, illuminaram as suas frontarias.

Em Lisboa, houve as manifestações do costume: tiros e alvoradas, e a massadoria eterna da recepção official, onde, mais uma vez, em termos rancosos, se cumprimentou a Alteza, fazendo votos para que vivesse muitos annos, e seguisse sempre as tradições de seus maiores. Do que se passou no Palácio pouco sabemos. E' de crer, porém, que houvesse muito brinde entusiasta, e que, na alegria franca duma festa de familia, se solemnisasse, com sinceridade e amor, o dia, que, cá fora, apenas fôra festejado por um dever monarchico, ou uma obrigação da pragmática.

Passou assim o anniversário natalicio do principe herdeiro, que, apesar de furtaço á luz vivificante dos bons principios, vai medrando regularmente na má atmospheria da bajulação da côrte. A *corja* ambiciosa, que, á sombra dos reis e com elles nos suga a força, a riqueza e o valor, amima-o com os seus salamaleques; e, captando-lhe as graças, vai decerto preparando um rei fraco e inconsciente, que de futuro lhes ha de servir de

anteparo e protecção. Anima-a e enche-a de coragem o antigo respeito á pessoa real, que outr'ora se suppunha ser divina. Exactamente como o sacerdote mau, que, acobertando-se com a cruz, ou com um madeiro inerte, onde se esculpiu a imagem de Christo, vai praticando o crime e cultivando o mal, assim, tambem, á sombra dum rei, ente quasi sem direitos, quasi manequim, que a tradição ensinou a respeitar, vai a *corja* cuidando avaramente dos seus interesses, preparando-nos, em troca delles, a ruína

Não conhecemos os dotes intellectuaes do principe real, nem podemos, por enquanto, aquilatar-lhe, com segurança, o character; no entanto, a tara hereditária duma ascendência doentia, e, sobretudo a orientação e o modo de pensar dos homens que o educam para rei, preocupam-nos e deixamnos antever a continuação, e, mais do que a continuação, o agravamento das tristes circumstancias em que nos encontramos.

E', por tudo isto, que nos interessa a vida do principe; por tudo isto, tambem, não nos podia passar despercebido o seu anniversário; e, ao contrario dos outros, queriamos que não seguisse os exemplos dos seus maiores, que, na sua maior parte, pouco bem nos fizeram.

Se tivéssemos entrada no Paço, e se os ouvidos do futuro rei pudessem ouvir e comprehender as nossas queixas, haviamos de aproveitar o dia dos seus annos para lhe mostrar o que querem e o que fazem os que hoje governam Portugal.

Haviamos de provar-lhe que ser *rei*, com taes monarchicos, é quasi um crime; e, desfazendo mesmo um pouco a illusão em que vai creado, provar-lhe-iamos que é sob o throno que se escondem os parasitas que nos sugam e que, por causa delles, um dia (e breve seja!), será preciso, para destruir o mal que nos definhava, e salvar da morte a nossa pátria, abrir a portas do palácio, e pôr na rua a monarchia...

João Arroyo, o bravo, está par do reino.

Já não pôde afirmar-se a falta de franqueza do regimen: isto de ser par é um caso de refugio.

Felicitações ao pais.

Alerta

Paris, 20. — Senado. — Discussão do orçamento do ministério dos negócios estrangeiros: O senador sr. Gotteran pergunta se é verdade, como pretende a *Westminster Gazette*, que o governo francès declinou os offercimentos do governo allemão com o intuito dum accordo commum para a protecção dos dominios coloniaes de Portugal.

O sr. Delcassé responde que essa noticia é absolutamente inexacta.

Os senadores srs. Guérin e Prévot pedem ao sr. Delcassé que defenda os interesses dos portadores de titulos da divida portugueza.

O sr. Delcassé responde-lhes que defendeu os interesses desses portadores junto do governo portuguez, e que este respondeu com a melhor boa vontade, procedendo nessa conformidade com um recente accordo que será submettido ás côrtes, e que se presume servir os interesses dos portadores.

O sr. Delcassé, respondendo ainda ao senador Gotteran, afirma formalmente que nenhuma proposta de accordo franco-allemão, a que o senador se referiu, foi jamais feita.

A monarchia joga as ultimas. E com as colonias entregues ao ministro das aguas de Vidago tudo é possível.

Alerta, pois.

O illustre correspondente do *Primeiro de Janeiro*, informou:

Houve hoje as manifestações officiaes do estilo, pelo anniversário do principe real: — alvorada pela banda; as guardas militares feitas de grandes uniforme; teria do nas repartições; bandeira içada nos estabelecimentos publicos que á noite illuminaram, tocando logo á noite, se a chovita que está ainda, o não impedir, a banda do regimento á porta do importante hotel Bragança, onde está hospedado o sr. commandante da divisão militar.

Enfim, um enthusiasmo doido!...

O Regabofe

Na expectativa de um grande regabofe, os alvicaireiros do governo cantam jubilosos em suas gazetas as vantagens do convenio, que o *Imparcial* rebate assim:

«As folhas ministeriaes para justificar o convenio descobriram que os 1.500 contos que estamos ameaçados de pagar a mais cada anno, serão compensados com a beneficiação dos câmbios.

Estas folhas estão a mangar com os leitores.

O nosso deficit economico é de 12.000 contos, isto é, para pagarmos as importações, além do valor das exportações faltam-nos em cada anno 12.000 contos.

Esta cifra temo-la pago, graças ás cambiaes do Brazil e colonias, representantes do capital que os nossos compatriotas trazem para a terra natal. Mas ainda assim a desvalorização

da nossa moeda é tal, que a situação cambial da nossa praça nos é muito desfavoravel.

Agora o governo vae obrigar-se para pagar aos credores a exportar mais 1.500 contos (ouro e não papel, porque isso é coisa que não tem accettazione fóra da fronteira), e as gazetas amigas descobriram que o câmbio ha de melhorar apezar da exportação do ouro augmentar.

Pôde ser que assim seja. Mas entám é porque o Governo pensa que poderá pagar os taes 1.500 contos com empréstimos que irá contraindo no estrangeiro.

Será assim? Mas se é assim tenham a franqueza de o dizer para pegarmos nos alforjes e fugirmos.

Para onde nos levarão os senhores politicos de braço dado com os agiotas?»

E o pais a dormir...

Compensações

Arroyo ainda não trago a negação do Conselho d'Estado.

Está par, é certo. Mas como par, neste caso, é uma compensação impar, pelo menos quer outra coisa mais rendosa e mexida.

Diz se agora que elle deseja ir para Madrid, e até parece que julga ser isso negocio feito.

As informaçoes do *Imparcial* não dizem com o optimismo do pretendente: O conde de Macedo, seu estado de saúde gerir os negocios diplomaticos em Madrid onde temos muitas dificuldades a resolver, não quer no emtanto deixar a legação.

Avisado da pretensão do Arroyo parece que telegraphou ao José Luciano. Este foi ter com o Hintze, e declarou-lhe que não consente na exatoração do conde de Macedo.

O Hintze, dizem que lembrou ao José Luciano o logar de administrador da Companhia Real para o conde de Macedo. Mas o quadrilheiro progressista não concordou.

Hintze transigiu, parece.

Mas o Arroyo teima e diz que, agora que se apanhou na Camara dos pares, ha de ir para Madrid porque assim o quer.

E se não fôr...

O Hintze percebe a ameaça e já não sabe para quem ha de voltar se, se para o Bacôco, que o sustenta, se para o Arroyo, que o ampara.

Pobre pequeno!... e o pais a arder.

Começam amanhã as ferias parlamentares.

Que *descance em paz* quem tanto se tem exforçado na defesa dos interesses e da honra do pais.

Amen!

O Convénio

Pereira Karrilho, o negociador, é espejado em Lisboa no sabbado de Alleluia.

Dia singular para o Pais fazer uma festa, análoga á da igreja...

Partiu ontem para o Porto o sr. dr. Angelô da Fonseca, notavel bacteriologista.

Chronicas de theatro

Suave Milagre

A' varanda, fallavamos eu e a Virginia.

Do ceu, escorregava por cima de uma nuvem, que escordia o sol, uma onda de luz, cobrindo duma pulverisação dourada, como a que deixam as azas das borboletas sobre as flores, a Virgem Nossa Senhora, a resar ao longe, de mãos postas, na fachada do convento de Santa Cruz.

A luz, caíndo d'alto, fazia baixar-lhe os olhos, descia carinhosamente sobre o peito, e o rosto da Virgem, em que sorri toda a graça delicada das mulheres da Renascença, adeantava-se illuminado, como se a mão da sombra lhe puxasse o queixo numa carícia.

Ao cimo duma colina distante, toda em sombra, brincava o sol, sobre a relva verde, cheia das flores douradas, que já andam a anunciar com um riso d'ouro, a chegada da primavera.

— E' animado isto, entretem. E' assim todos os dias, Quim?

— Eu julguei que este movimento fosse extraordinário. E' hoje dia santo...

— Ora! Dia de S. José! Um dia santo novo. Ainda a gente se não habituou a guarda-lo.

— Não digas mal de S. José.

— Eu?!

— E' um dia de que eu gosto muito.

— Eu gosto mais do S. João. Anda gente pela rua toda a noite.

— S. José... Não dizes nada?... Faça hoje annos.

— Parabens. Por isso encontra tudo bonito. Eu, quando faço annos, o dia parece-me mais lindo, e é entám que reparo que já estamos na primavera. Acho sempre tudo mais animado, mais gente pela rua; ás vezes até me parece gente de mais.

— Ah!

— Ri-se?

— Não. Gosto de te ouvir. Vae ao *Suave Milagre*?

— Isso é para me ouvir dizer mal?

— Não! E' porque gostava que fosses. Gostava de te ouvir depois.

— Vens ou não vens?!

— Lá vou, Ferreira. Adeus, Virginia. Até logo.

Ha muito, que não tenho noite de emoção artistica, tam intensa e tam complexa, como a da representação do *Suave Milagre*.

A scenographia de Manini, que me fascinara, mal a entrevira, a voz amiga do Ferreira da Silva, aquella narrativa duma singelza, tam intencionalmente artistica, iam, pouco a pouco, avivando em mim a figura antiga de Jesus, como m'a indicara minha mãe. Reconhecia pouco a pouco aquellas palavras com que ella sociegara o meu espirito, que as histórias de Fadas e de Magos traziam alheado deste mundo, e inquieto. Eu soubéra já aquillo.

Só a arte podia evocar de novo

o que se apagara, pouco a pouco, com a perda de minha mãe, e que a sua figura resignada e o seu olhar escuro, duma melancolia tam acariciadora e tam doce, me recordavam sempre a cada hora dos breves dias em que vivemos juntos neste mundo.

O Suave Milagre, é um mysterio, fórmula do theatro hierático, de um tempo bom, em que o theatro era ao ar livre, coberto apenas pela transparência azul do céu.

Davam-se as representações só nos dias de festa; andavam as ruas cheias da gente do povo, a rir contente. Dos palácios dos nobres, saía o ruído das músicas, e, ás vezes, o povo parava de rir, para ouvir aquelles sons, que lhe traziam, com uma graça nova, a trova popular que um dëlles inventára, e que fôra surpreendida pela castellá, um dia, ao voltar da caça, triste, na melancolia duma tarde de outomno.

Armava-se o palco numa praça, e, em tribunas ricas, appareciam rostos formosos de mulheres, corpos delicados, envoltos em sêdas raras, que nunca ninguém vira, senão nas igrejas, cobrindo piedosamente os santos.

E a boa gente do pôvo passava, ao vêr rostos tam brancos, cabelos dum loiro tam pallido, carnes do sol atravessava todas, como a desforrar-se, de as vêr só naquélle dia, ás pobres abandonadas em castellos, mais tristes do que as florestas verdes, que os rodeavam.

Os camarotes eram enfeitados com tapeçarias, figurando histórias de batalhas, cantando o valôr dos paes e avós daquellas senhoras tam delicadas.

E o pôvo, que não sabia lêr, explicava aquellas histórias todas; porque então andavam os reis muito perto da pobre gente, e todos juntos de seus.

Ao perfume rosa, que se dava a camarotes, suave e mysterioso, como o que se queimava nas igrejas, vinha misturar-se o cheiro bom das flores simples da terra, e o aroma do alecrim, do rosmarinho e da alfazema, que junca-va a praça, tornavam o ar da cidade são como o dos campos.

O mysterio era porisso uma obra d'arte simples, traduzindo uma acção religiosa, por fórma a ser facilmente comprehendida pela alma ingênua do pôvo.

Assim era o mysterio, assim o comprehendeu o sr. conde de Arnoso.

O sr. Conde de Arnoso, não sacrificando, em phrasas de erudição facil, ao gosto conhecido da época, não aproveitando a occasião azada, que um romance mal lido lhe dava, entregando-se apenas honestamente a resuscitação duma fórmula d'arte, ignorada e perdida, indicou-nos que tem uma sensibilidade artistica superior, impôz-se á nossa admiração, como artista e como character.

Não ha phrase, não ha mesmo palavra do bello conto da Eça de Queiroz, que não appareça no Mysterio do sr. Conde de Arnoso.

Estám lá todas e não ha nenhuma, cujo valor não tenha sido comprehendido, e finalmente posto em evidência.

E o conto de Eça de Queiroz, que, na sua forma requintada, só poderia ser admirado pelos artistas, era nesta noite, escutado pelo povo, ouvido com encanto pelas mulheres, comprehendido pela alma simples das creanças, que se voltavam para as mães a dizer-lhes que era aquillo, e que bem se lembravam do Christo, que ellas lhes haviam ensinado.

Aquélle mysterio simples evoca toda a figura de Jesus.

Vêm-se passar os ranchos, seguindo pelas terras áridas da Ju-

dea, sem ouvir o cantar das fontes, fugindo á sombra fresca das árvores.

E os ricos, os que vivem a vida facil do prazer, os que mandam, e os fortes vêem desaparecer o Christo, branco desapparecer o Christo, leve como um perfume, seguido da multidão que se destaca negra sobre o poente dourado. E ficam todos sem saber, se não seria um capricho das nuvens e do vento.

Mas não ha casa, onde a miséria habite, que o Christo não conheça, e onde se não demore. Por isso vem consolar a viuva abandonada, e elle, que para os grandes da terra, passara numa visão distante, como filho de Deus, é para os humildes um humilde como elles, o filho de Maria e de José uma pobre mulher, e um pobre carpinteiro.

Ha naquelle conto de Eça de Queiroz tanto coração, é duma sinceridade religiosa tam feminina, que desde que o leio, me ponho a scismar, que talvez elle o tivesse feito para agradar á noiva, essa senhora viuva, que, este anno, vemos passar vestida de preto, sorrindo para os filhos, e que toda a gente cumprimenta, mesmo sem saber quem é.

Passam-se horas a ouvir o mysterio do sr. Conde de Arnoso, e, por fim, vem o público dizer, que ouviu o conto de Eça de Queiroz, que lá está tudo, naquélle conto que leva cinco minutos a ler. O sr. Conde de Arnoso, na adoração dum talento e dum amigo, quiz que aprendes sem a adora-lo e a respeita-lo também os simples, as mulheres e as creanças, resuscitando uma fórmula d'arte, que os artistas admirariam.

Escolheu para gravar no coração de todos a admiração por aquélle grande talento, a única obra de Eça, que poderia impôr-se a todos, aos artistas, como ás mulheres, como ás creanças, como á ingênua alma do pôvo.

Conseguiu-o.

E conseguiu também a nossa admiração pelas suas qualidades d'artista, o nosso respeito pelo seu character. Dizemo lo com o prazer, que experimentamos sempre ao registrar um facto raro e consolador da nossa vida.

Quando vinha para casa, depois do theatro, vinha muito contente.

Alegrava-me o recordar-me que Ferreira da Silva comprehendera a finura d'aquella obra d'arte, feita para ser entendida pelas almas boas dos simples, feita para ser admirada por o espirito delicado dos artistas.

Alegrava-me que elle, que eu considero o primeiro actor português, tivesse dado á interpretação daquella obra, cujo valôr artistico é tam difficil de perceber, todo o escrúpulo minucioso, que ella exigia e merecia.

Ha muito que não vejo no theatro português, interpretação, tam intensamente dramatica, como a da scena em que elle recita a parábola.

A fórma entusiasta, como elle começa dizendo, ao lembrar-se do Christo, as palavras que antecedem os versos de Alberto de Oliveira, augmenta a suavidade da parábola, que corre melodiosa como depois do inverno frio, canta, ao começar da primavera, a agua dos regatos.

Quando ia a entrar em casa, pensando ainda naquélle mysterio, que a Virginia ornára com a graça do seu gesto, com o encanto melodioso da sua voz, lembrei-me de que ella fazia annos, e que eu me esquecera já.

Fui aonde tenho as coisas que estimo, á procura de uma recordação a dar lhe daquélle bello dia,

Mal entrei, a luz do candeieiro projectou para cima, as sombras, e pareceu-me ver voar, um anjo, que tenho mesmo á entrada, esculptura do Gonçalves para as decorações que Manini projectára no Bussaco, e tornou-me a lembrar o *Suave Milagre*, e a Virginia, o Ferreira da Silva, Manini e Alberto d'Oliveira, de quem sou tam amigo e cujo talento tanto admiro.

Ao fundo, brilhava a moldura de vidro veneziano de um quadro religioso.

E sorri, ao pensar a alegria que o Ferreira da Silva teria, se eu desse aquélle quadro á Virginia.

Elle, que, mal entra em minha casa, vai logo direito para o quadro, e fica se, que tempos, a gabá-lo.

As borboletas d'ouro e renda dum leque do século XVIII, que alguem deixára aberto, chamáram-me o olhar.

Ao fechá-lo, encontrei uma chávena do Japão. Era o que procurava.

Dum lado, vê-se uma senhora, a sair de casa, serena, o braço caído segurando um leque; no lado opposto, um japonês, caminhando num passo ligeiro, alegre, como quem vai para uma entrevista de amor.

No pires, vê-se elle sentado á porta de casa, as mãos sobre os joelhos, soçegado. Ella de pé. Ambos sorriem para uma creança que brinca no meio d'elles.

Ha naquella pequenina pintura toda a placidez, duma familia feliz, como a d'elles.

Dera a uma senhora, depois duma doença grave de um filho.

Tem também uma grande adoração pela Virginia, que deve ficar contente ao saber que lhe offereci, aquella chávena tam fina.

A volta sorriam-me os azulejos hollandêzes, em que os artistas do século XVII pintaram todo o novo testamento, e fiquei-me a pensar outra vez no *Suave Milagre*.

Como minha mãe ficaria contente, se pudesse ver-me assim; que o Christo, que ella me deu em creança, nunca o trouxe ao ao pescoço como os outros meninos, nunca o senti á flor da carne, deixou-me bem escondido no coração.

T. C.

Está próximo o sabbado de alleluia em que é costume queimar-se o Judas.

Este anno ha fundas divergências entre os que costumam fazer a funcção.

Ha quem queira para Judas o Hintze Ribeiro, outros opiniam pelo José Luciano, havendo também quem indique o Burnay.

O melhor, para resolver satisfatoriamente a disputa, é queimalos a todos, pois sam tres pessoas distinctas e um só Judas verdadeiro.

E é que o país, depois da queima, era capaz de se indireitar. Sem piada ao João Franco.

Ração dobrada.

Navarro, foliculário de aluguer, apresenta o convénio como um alto beneficio para o país.

E' caso para perguntar, emquanto lhe augmentaram o soldo.

Mariano, defendendo o convénio, tem estas palavras que devem ser um alarme para o país:

«A questão resolveu-se sem o país ficar sujeito a tutellas aviltantes, nem arriscar a sua liberdade económica **Causar-nos ha naturalmente alguns sacrificios fi-nanceiros.** mas antes esses do que outros, porque as feridas de dinheiro sempre sam curáveis.»

Na bocca de tal bandoleiro isto tem uma única resposta:

Aqui-del-rei!

Padre Joaquim do Amaral Gomes

O PINGUINHAS

III

VIOLADOR E ASSASSINO

Invertamos a ordem deste artigo.

Em antes de proseguir nas considerações suspensas em o nosso artigo anterior, **relatemos a neta ma creança de quatro annos**, visto que o padre Pinguinhas procura abafar o assumpto, jogando a ultima cartada. Assim, ante-ontem o padre Amaral Gomes **commeteteu a cobardia de assaltar de revolver esgaltado o pae da creança para impôr-lhe silencio.**

Apreciamo lo brutal no seu instincto feroz, e confiemos em que o sr. **BISPO-CONDE** e as demais auctoridades, a quem o caso vae ser entregue, obstem a que este infatigavel apostolo da immoralidade continue na exhibição deslavada do seu impudor.

Num dos dias da semana passada andavam brincando na rua de S. Jeronymo duas creanças, uma dellas, a pequenita Emilia, de quatro annos de idade, filha do operario sr. Augusto de Sousa Figueiredo, homem trabalhador, passando a vida numa labuta incessante a conquistar a sustentação propria e da familia.

Padre Pinguinhas chegou para o trabalhinho do monte, e, como o sócio ainda não estava e os pontos ainda não appareciam, começou de afagar as duas creanças, dando a uma um vintem e á outra dez réis. Subira, assomara á varanda, e o seu olhar, allucinado, fallava sobre a cabeça das creancitas a nodoa pôdre da sua alma negra. Então com voz rouca, numa suavidade felina, desenrolou-lhes um quadro de promessas: *que subissem, que lhes dava mais dinheiro para brinquedos.*

Têm agora a palavra as duas creanças que assim desfiaram a infâmia deste padre:

«Subimos ao quarto onde estava o padre. Sentou nos nas pernas, levantou as saias á Maria, de 7 annos, gabava-lhe as pernas, beijavamo-nos muito. Começámos a gritar—o motivo supponha o o leitor—e elle então ficou só com a Emilia a quem deitou á borda da cama, depois de lhe tirar as chinelas e as meias...»

Em porcarias infames saciou o padre a sua lubricidade de fera. E como ha factos que a penna se nega a narrar e muito me nos a commentar, deixemos o padre á mercê do justo castigo.

Parece, porem, que este caso não é o unico; a nossos ouvidos chega já o rumor extranho e atordoante de identicas infâmias. Investigaremos a auxiliair as auctoridades competentes.

Com duas coisas não contava o padre Amaral Gomes topar no seu caminho ignobil: primeiro, a vivacidade das creanças; segundo, a Res tencia, sempre na defeza dos humildes, pela moralidade e pela Justiça.

Assim chegou ao bandido a hora triste da expiação, sem que haja revolvers capazes de produzir silencio, ou assaltos que o possam salvar. Perdido, uma só coisa tem a fazer,—fugir, emigrar para longe, voltar ao Brasil, que elle julgava aqui ter encontrado.

A mansidão do padre,—que ainda outro dia depois de esbofetado pelo sr. Figueiredo se ajoelhava, pedindo e prometendo innocência,—transformou-se na cólera do bandido que sente perder debaixo dos pés o

próprio terreno que pisa. Aquietate mariola...

Retomando o fio, fallemos agora do acadêmico:

Matriculado na Universidade, em outubro de 1900, depressa se rumorejaram por entre os rapazes estudantes as proezas e os crimes do já celeberrimo padre Pinguinhas, que continuava em Coimbra, insólito e provocador, o debocho da sua vida aventureira. O echo estonteante das suas façanhas, reeditadas, preocupava os espiritos, numa curiosidade infantil em vêr o raro animal, que, confesso, também me preocupou.

Vi o pela primeira vez, o rosto ligado á alcunha, em 12 de fevereiro de 1901. Foi no theatro-circo. A academia ia reúnir-se, em assembleia geral, para protestar contra a restauração das ordens religiosas, que, sob vários pretextos de philantropias diversas, iam estabelecendo por toda a parte focos de jesuitismo intolerante, de beatério perigoso e nefasto. A grande massa académica fazia trabardar o theatro. No palco um rapaz propunha á assembleia um nome para presidir. Alguem pateia. Era o padre Joaquim, que, batendo furiosamente com as mãos no chão, revelava toda a sua capacidade intellectual, moral e oratória. Não se descreve o que elle ouviu: as maiores affrontas, as vaias, os apupos, tudo caiu impune sobre aquella corôa deshonesta. Um condiscipulo meu sacudiu-o pelas orelhas e ter-lheia feito beijar o chão, se porventura traços indutgentes e piedosos não intervissem, separando.

Alli, como á méza do jôgo, aquelle rôsto bronzeado e alvar conservava a fria indifferença de sempre. No cocuruto da sua cabeça picarsa applicaram lhe vários cascudos. A exauctoração fôra completa...

Pois, apesar de tudo, logo que a presidência articulou as primeiras palavras, o padre Pinguinhas de novo pateou.

La repetir se o escárneo, quando um estudante novo e imberbe gritou: *Oh seu padrecia, peça a palavra e arengue uma predica!* O padre moita. O curto silencio que se seguiu foi interrompido pela voz vibrante e máscula dum estudante de medicina, patricio deste carnavalesco ecclesiástico, que exclamou: *eu é que peço a palavra para contar a história desse biltre!* Pinguinhas ficou livido, petrificado. Apanhando uma abertura, fugiu, vergonhosamente, sem uma palavra que revelasse um raciocínio, sem um argumento que mostrasse um cérebro.

Como é, pois, que este padre estúpido, espirito inculco, com o verniz dum seminarista exaggeradamente lúcido pelo calão audacioso de quem tem corrido mundo em especulações de acaso, conseguiu, adentro da Universidade, sair se victorioso nos torneos da sebenta: ficar aprovado, distincto? De espanto se pasmam todos aquelles que privam com o heroe e conhecem de perto o superficial... De resto terá de passar a vida rilhando a haste dura desse louro reseguido!

Morrerei sem conhecer os motivos porque o Pinguinhas, desde a memoravel assembleia geral, que acabo de relatar para demonestração de sua inferioridade moral e intellectual, começou de cumprimentar-me, em capachissimas contumelias, acompanhadas

de um como está sr. doutor, numa humildade que t'gora só tenho ouvido a creados de café, armando á gorgeta na sua sujeição diligente.

Associação dos artistas

Esta antiga associação de socorros mútuos, que presentemente lucta com difficuldades financeiras, vai organizar um bazar, que se effectuará na sua sala, nos dias 8, 9, 10 e 11 de maio.

Avante

Subordinado á epigraphie, vai apparecer brevemente em Lisboa um novo diário socialista, dirigido pelo sr. José de Macedo.

Ao "Tribuno Popular,"

Este nosso collega local, a propósito duma noticia por nós publicada no passado número da Resistência, referente á Camara Municipal deste concelho, dirige-se-nos duma maneira bem pouco cortez, que na verdade extranhamos.

Só pela Folha de Coimbra tivemos conhecimento da supressão de alguns candieiros, não sendo portanto para extranhar que não soubessemos que haviam sido collocados noutra logar; mas isso mesmo nada tira ás reflexões que fizemos a tal propósito, pois descobriu um santo para cobrir outro, sempre foi mau governo.

Recebem prendas os seguintes srs., que formam a commissão do bazar: Francisco Antonio de Almeida, Marco da Feira; Antonio Augusto Duarte Ralha, rua das Azeitiras; Manuel da Conceição Ninguere, rua das Azeitiras; Jose Miguel da Fonseca, rua das Sollas; João de Jesus Cardoso, Largo do Romal; Luiz Ramos, rua Direita; Antonio Augusto Turco, rua Sá de Miranda; Antonio Maria Pinto, rua dos Gatos; Luiz de Sousa Rosa, rua do Loureiro; Thiago Ferreira d'Albuquerque, rua Borges Carneiro; João Henriques, rua Direita; João Pinto de Magalhães, rua do Borrvalho; Joaquim dos Santos, rua das Azeitiras; Antonio Gonçalves Campos Junior, rua da Moeda.

Na tribuna da imprensa não fazemos politica tortuosa; procuramos dar o seu a seu dono, pugnano sempre pelos interesses da patria em geral e particularmente por os de qualquer pessoa que seja injustamente aggravada. Dito isto, vamos responder á exigencia feita duma maneira bem pouco cortez, repetimos, do collega local.

No tempo da camara presidida pelo sr. Ayres de Campos, só pelo guarda rural da freguesia de Ceira, foram entregues talvez

Lambrune, é então uma neta de Cesar.

—Tome cautella, coronel, replicou Alice, o senhor ha de ser talvez o primeiro a entregar as armas a Mademoiselle de Croisy.

—Ah! E o sr., Roland, disse a senhora de Villy. Então, lá por ser coronel não esteja com tantas cerimoniaes, na cara, meu amigo, na cara, como antigamente!

—Alice, perguntou elle, não disse o nome de Mademoiselle de Croisy?

mais de cem participações, na secretaria da camara, para serem applicadas multas, por transgressões, e nenhuma dellas teve ainda o devido andamento!

Folha do Sul

Fomos visitados por este collega, que vê a luz da publicidade em Loulé.

Para as creanças

Recebemos o n.º 42 da 8.ª série desta excellente publicação, devida á penna da notavel escriptora D. Anna de Castro Osório, editada pela livrsria editora Guimarães, Libanio & C.ª, de Lisboa.

O agrónomo inspector sr. Antonio Gomes Ramalho, foi nomeado inspector de agricultura da região do centro com sede nesta cidade.

Para a região agronómica do sul, com sede em Lisboa, foi nomeado o inspector sr. Alexandre de Sousa Figueiredo.

Por iniciativa do distincto bacteriologista sr. Charles Lepierre vai ser collocado, numa das salas do gabinete bacteriológico da Universidade, o busto de Pasteur.

A importância para a compra do busto é adquirida por meio de uma subscrição aberta entre os frequentadores, daquêlle gabinete.

E' uma ideia louvavel, que representa uma justa homenagem ao grande bemfeitor da Humanidade—Pasteur.

General Queiroz

Falleceu na sexta feira, pelas 4 horas da manhã, em Lisboa, o general Queiroz, ex-commandante das guardas municipais e actualmente chefe da casa militar do rei e membro da commissão dos limites do reino.

Diz-se, que a carreira militar do finado foi distincta, o que não affirmamos, nem negamos; pois não a conhecemos, mas o que podemos affirmar é que elle foi antes um sustentaculo e serventuario da realza, do que um servidor dos interesses do pais.

Não é, quando o seu tumulo se acha ainda mal cerrado, que se pode devidamente fazer o balanço da sua carreira militar; porem o que se pode e deve dizer, é que esteve sempre ao lado dos poderosos, apoiando-os com a força de que dispunha, para que os humildes, os lesados nos seus direitos e justiça, não podessem fazer valer as suas justas reivindicações.

Como servidor da realza, esta que o honre como quiser e intender; como servidor da nação apenas tem jus ao respeito que todos os mortos devem merecer.

Mas quer nos parecer que o pais é que hade pagar os serviços que o extinto fêz aos homens da monarchia!

A situação e o dever

A pátria portugüesa, loucamente arrastada para a voragem duma morte, que os horisontes do futuro cada vez mais estão ennegrecendo, parece ter entrado nos deliquios da hora extrema, devido ao infatigavel bandoleirismo dos apaniguados dum regimen, que, desde ha muito, falliu perante as consciencias honestas.

A monarchia e os seus homens têm conduzido o pais numa systemática desmoralisação, aos últimos extremos dum desfalecimento, do qual só poderá emergir evocando a si, num heroico esforço, a atavica energia própria da raça a que pertence, e que, segundo parece, se esgotou com a actual geração.

Estamos depauperados e gastos materialmente, sem garantias que nos habilitem a concorrer com os países extranhos no grande certamen universal com que se expõem os resultados do trabalho nacional e se apreciam os progressos, que cada povo vai fazendo na via do seu enriquecimento. Moralmente, nem é bom fallar. Arrastamo-nos no último dos descreditos para com os extranjeiros que, em nós, só já vêem um povo que é preciso explorar, uma nação que é necessário calcar, uma sociedade destinada a morrer duma morte cheia de opprobrio, porque desde ha muito está dando ao mundo e á civilisação o vergonhoso espectáculo duma fallência irritante.

E porquê? Porque é que perante a consciencia universal, incluindo a dos poucos portuguezes que ainda sam verdadeiros patriotas e, como taes, amam entranhadamente o torrão que os viu nascer, baixamos a tamanho descredito que poucos dias se passam sem que nos jornaes de fóra, verdadeiros echos da opinião extranjeira, deixem de apparecer as mais graves censuras e até os mais abertos insultos, que as faces dum povo livre podem suportar?

E' porque, mercê dum regimen, que corresponde a velhos estados e, como tal, está bandido das últimas formulas do progresso social, somos desvergonhadamente governados por verdadeiros bandos cuja única preocupação é exclusiva das forças vivas da nação, dos elementos de progresso que, bem dirigidos, fariam a nossa felicidade, todo o sangue, que ainda contem e que elles vam beber numa orgia que, por nosso mal, desde ha muito dura e que, se continúa, em breve acabará por nos roubar os restos de vida que ainda arrastamos.

Mas já é tempo de acabar com esta farça em que o unico explorado é o povo, o povo que trabalha, o povo que geme, o povo que tudo dá,—o que tem e até o que não tem.

Saibamos ser homens livres, conscios da dignidade que nos assiste, e neste momento em que, num conluio vergonhoço, os bandoleiros da monarchia tentam dar-nos um golpe de morte, acordemos da prostração em que temos vivido, para levantar em bases firmes essa outra patria nova, cheia de vida esperanza e ideal, que a Republica encarna tam felizmente.

S. C.

Semana Santa

Com a solemnidade dos annos anteriores deve effectuar-se, na Real Capella da Misericórdia, a festividade da semana santa, que constará do seguinte:

Domingo, Benção dos Ramos, paixão e missa, ás 10 e meia horas;

- Quarta feira, Matinas e laudes ás 6 horas;
Quinta feira, Missa solemne, exposição e desnudação dos altares ás 11 horas. Matinas e laudes ás 6 horas;
Sexta feira, Paixão, adoração da cruz, missa dos Presentificados e sermão ás 10 e meia horas. Matinas e laudes ás 6 horas.
Sabbado, Benção do lume novo, repreção e missa ás 10 horas;
Domingo, Procissão, missa solemne e sermão, ás 11 horas.

Caverna de Caco

O sr. Dias Ferreira, de quem temos transcripto phrases sobre a situação do pais, faz estas revelações:

Ainda não está feita a collocação do pessoal de fazenda, e no ministério dos extranjeiros ha, além de augmentos de ordenados, quatorze novas nomeações, mais ou menos illegaes. Os nomes dos beneficiados não vieram no Diario do Governo, não ha visto do Tribunal de Contas, mas recebem já o dinheiro.

Decididamente o Terreiro do Paço está convertido em perfeita caverna de Caco. Assim a derivar para o bandoleirismo impudente, não é muito que a monarchia vá em breve recrutar o seu pessoal maior no Limoeiro.

Havemos de ver ainda, florescendo o regimen monárchico-constitucional, um ministério assim constituído:

Presidência e reiuo:—O Bicho; Justica, O Regedor; Fazenda, O Perna de Pau; Guerra, O Lobo; Marinha, O Saffo; Obras Publicas, O Paliteiro; Extranjeiros, O Inglês.

As chónicas da Boa-Hora resumam das bellas qualidades destes nobres futuros conselheiros.

Nova collecção Horas de Leitura

Walter Scott
Ivanhoé
Volume I
Livraria Editora
Guimarães Libanio & C.ª
LISBOA
Preço, 200 réis
AVENTURAS PARISIENSES
14.º
A mancha da familia
POR
Pierre Salles
LISBOA
Antiga Casa Bertrand
de José Bastos
Cada volume illustrado, 200 réis

ANNUNCIOS

GRANDE ALFAIATERIA
Leão d'Ouro
44—Rua Ferreira Borges—46

O proprietario desta acreditada alfaiateria resolveu fazer um grande abatimento nas fazendas existentes, não só por causa de balanço a que vai proceder no principio do proximo mez, mas para dar logar ao sortimento da estação de verão.
Fazendas para fatos d'homem e creança, vestidos e capas de senhora, gostos variadissimos, qualidades superiores, preços reduzidos.
E' aproveitar, quem quiser vestir bem e barato.

(8) Folhetim da "RESISTENCIA,"
MAXIME RUDE
UMA VÍCTIMA
DO
CONVENTO
III
—Maravilhosamente, disse Villy; agarramos-te e não te largamos; cá nós somos mais fortes que os arabes!
—E eu faço-me prisioneiro, pon-do as suas mãos nas do seu velho amigo.
Nessa occasião chegou um creado a dar parte a Alice, que estava atrelado o carro.
—E a mamã que não está pronta ainda! disse ingenuamente Alice.
—Como parece encommodada, minha cara filha, observou Lambrune.
—Ah! coronel, respondeu d'Argouges, é que estamos em guerra e, francamente, o amigo não é cá de mais.
—O quê?
—Minha prima vai buscar uma amiga de collegio, á qual basta apparecer, para vencer.
—Diabo! disse alegremente

Continúa.

REMEDIOS DE AYER



Peitoral de Cereja de Ayer—O remédio mais seguro que ha para a cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculose pulmonar, frasco, 1\$100 réis; meio frasco, 600 réis.

Vigor do Cabello de Ayer—Impede que o cabelo se torne branco e restaura ao cabelo grisalho a sua vitalidade e formosura.

Extracto composto de Salsaparrilha de Ayer.—Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrófulas. Frasco 1\$100 réis.

O remédio de Ayer contra sezões.—Febres intermitentes e biliosas.

Todos os remédios que ficam indicados sam altamente concentrados de maneira que saem baratos porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas cartharticas de Ayer.—O melhor purgativo suave inteiramente vegetal.

TÓNICO ORIENTAL

MARCA «CASSELS»

Exquisite preparação para aformosear o cabelo

Estirpa todas as afecções do craneo, limpa e perfuma a cabeça

AGUA FLOBIDA

MARCA «CASSELS»

Perfume delicioso para o lenço, toucador e banho

SABONETE DE GLYCERINA

MARCA «CASSELS»

Muito grandes — Qualidade superior

A' venda em todas as drogarías e lojas de perfumarias

CASA INNOCENCIA

CONFETARIA E MERCEARIA

RUA FERREIRA BORGES — 91 a 97 (CALÇADA)

AGUARDENTE

VENDAS POR GROSSO E A RETALHO

Em breve devem estar prontas as tabellas de preços de amêndoa e mais artigos de *Confetaria e Conservaria*, fabricados nesta casa, a mais antiga de Coimbra e que maior sortimento tem.

Os artigos desta casa, têm sido premiados nas exposições a que têm concorrido.

Mandam-se tabellas de preços a quem as pedir.

Nesta casa encontram-se vários artigos de *Mercearia*, de primeira qualidade.

Vende todos os artigos pelos mínimos preços, garantindo a sua perfeição e acção na fabricaçáo.

Dirigir correspondência a

Innocência & Sobrinho — Coimbra

Máquinas de costura MEMORIA

Júlio Machado Feliciano

CASA DO LEQUE

Participa aos seus ex.^{mas} freguêses e ao público em geral, que acaba de receber uma importante remessa das bem conhecidas e acreditadas máchinas—*Memória*—a melhor até hoje conhecida.

Quem precisar adquirir uma bella máchima de costura, para familias, alfaiates e sapateiros, não o faça sem primeiro examinar todos os modelos destas tam acreditadas máchimas e que se garantem por tempo illimitado e que não têm rivaes, nem em qualidade nem em preços.

Dão se todas as explicações e acceitam-se máchimas em troca.

Esta casa acaba tambem de receber um grande sortimento de armures pretos, sêdas pretas e mantilhas de sêda e outros artigos próprios do seu commercio, o que tudo vende a preços resumidos.

PASTELARIA E CONFITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

N'esta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos d'esta naturêza.

Dôces de ovos dos mais finos paladares e delicados gôstos, denominados *dôces sortidos*, para chá e *soirées*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumerar-la.

Dôces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em sêcco, como crystalizados, a rivalisar com os estrangeiros.

Pastelaria em todos os géneros e qualidades, o que ha de mais fino e saboroso, especializando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa phantasia, denominadas *Centros de mesa*, *Castellos*, *Jarrões*, *Lyras*, *Floreiras*, *Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá, café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo systêma de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Collares, Champagne, Cognacs, Licores finos, etc., das melhores marcas nacionaes e estrangeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amêndoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo-se a pureza dos assucares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e estrangeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyére, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscuitos na Couraça de Lisboa, 32.

Amêndoas e cartonagens

Brindes de Semana Santa

Visitem a **MERCEARIA LUSITANA**, na rua do Cego, n.º 1 a 7, que ali encontrarão o que ha de mais surpreendente em caixinhas e outros diferentes objectos de luxo e a mais fina e saborosa **AMENDOAS DE LISBOA**, fabricada especialmente para esta casa.

VINHOS

finos e generosos, tanto nacionaes como estrangeiros, encontram-se no mesmo estabelecimento, assim como tudo o que ha de mais fino em géneros de mercearia.

1, Rua do Cego, 7 — Coimbra

MERCEARIA LUSITANA

Loteria da Paschôa

40:000\$000

Extração a 3 de Abril de 1902

Bilhetes a 20\$000 réis

Vigésimos a 1\$000 réis

A commissáo administrativa da loteria, incumbem-se de remetter qualquer encomenda de bilhetes e vigésimos a quem remetter a sua importancia e mais 75 réis para o seguro do correio.

Remettem-se listas a todos os compradores.

Os pedidos devem ser dirigidos ao secretario.

Bicycle Peugeot

Modêlo «course route»
Vende-se quasi nova e garantida.

Para tratar Castro Leão—Calçada, Coimbra.

THEATRO-CIRCO

Tendo a Sociedade do Theatro-Circo Principe Real de Coimbra deliberado a sua dissolução e liquidaçáo amigavel, nomeando para liquidatário o advogado abaixo assignado, são por este meio convidados todos os crédores da mesma sociedade a dirigirem a reclamação dos seus créditos por escripto ao mesmo liquidatário, afim de serem verificados, e se proceder ao seu pagamento, em harmonia com as deliberações da Assembleia Geral.

Coimbra, 20 de março de 1902.
Dr. Teixeira d'Abreu.

MERCEARIA

DE

José Tavares da Costa

SUCCESSOR

ALVARO ESTEVES CASTANHEIRA

2, L. do Principe D. Carlos, 8

Amêndoas finissimas de todas as qualidades, fabrico especialmente destinado a este estabelecimento.

Cartonagens variadissimas do mais fino gosto artistico, nacionaes e estrangeiras, para todos os preços.

Nova Havaneza

Rua de Ferreira Borges n.º 176

Papelaria, tabacaria, Perfumaria.

Carteiras, malas, caixas de charrão, e todos os objectos de escriptorio.

Phonographos e grande variedade de cylindros impressos com canções populares, cançonetas, operas, zarzuellas, bandas, operetas cómicas, revistas, fados, etc. etc.

JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges

COIMBRA

LOJA DO MINHO

Deposito das legitimas máchimas **Singer**, instrumentos, musicas, Pianos, Bicycletas, oculos e lunetas.

44, RUA DO VISCONDE DA LUZ, 48
Por mais uma vez provar que as máchimas **Singer**, são as mais acreditadas do Mundo, as mais solidas, e as mais simples, é que já vendemos no nosso deposito mil e tantas máchimas. É caso raro aparecer uma máchima **Singer**, a concertar aparecendo diariamente dezenas dellas doutros auctores a concertar na nossa officina. Recommendamos ás sr.^{as} costureiras e alfaiates a máchima **Singer**, Bobina Central (ultima palavra); temos sempre um completo sortido em agulhas e peças para todas as máchimas. Guitarras, Violões, Bandolins, Bandolinetas, Rebecas, Violetos, arcos, cordas, flautas, clarins, oculos e junetas.

Ha um saldo de musicas para piano a 40 réis. Concerta-se toda a qualidade de machinas, bicycletas, instrumentos e tudo o quanto for em metal amarello, para o que temos pessoal competentemente habilitado.

PREÇOS FIXOS

LOJA DO MINHO

MARTINS DE ARAUJO

44, Rua do Visconde da Luz, 48

COIMBRA

Venda de Theatro

No dia 20 de abril próximo, e para completa liquidaçáo da respectiva sociedade, será vendido em hasta publica, e pelo maior preço offerecido, o edificio do Theatro Circo Principe Real desta cidade, com todo o seu mobiliário, e bem assim um olival annexo—tudo num só lote.

A praça terá logar no proprio edificio do Theatro, começando ao meio dia, e não podendo fechar-se sem ter durado pelo menos uma hora; devendo o arrematante entregar ao liquidatário, que é o abaixo assignado, no proprio acto da praça, a quantia de 500\$000 réis, e pagar o resto do preço no acto da escriptura, a qual será lavrada em dia escolhido pelo arrematante, dentro dos oito dias immediatos ao da arremataçáo.

A venda é feita com a condiçáo de ficar pertencendo á sociedade a renda dos prédios annunciados até ao S. João do corrente anno; podendo, no entretanto, o comprador exercer desde a compra todos os seus direitos de propriedade, inclusive despedir o actual arrendatário.

Faz-se egualmente público que o terreno, onde foi construido o edificio do theatro foi comprado á Camara Municipal de Coimbra, sob diversas condições constantes da escriptura de 14 de fevereiro de 1891, que aqui se dão todas como reproduzidas, entre as quaes se encontram as seguintes:

Condição 4.^a

O terreno não pode ser applicado a outro fim, voltando nesta hypothese para a posse do municipio.

5.^a

Se, depois de construido o Theatro Circo, houver de se lhe dar outra applicaçáo por motivo de força maior, os possuidores do referido Theatro serão obrigados a indemnisar a Camara com o excesso que vae de 300 réis para 680 réis que foi o preço médio dos terrenos naquelle local.

Para quaesquer informações antes da praça podem os interessados dirigir se ao advogado abaixo assignado, e na sua ausencia ao sollicitador Manuel Mendes Pimentel, no Pateo da Inquisição, n.º 25.

Coimbra, 20 de março de 1902.

O liquidatário,

Dr. Teixeira d'Abreu.

FRAGMENTOS

e envelopes

Typ. de M. Reis Gomes, rua Martins de Carvalho, 7 e 9 — Coimbra

REWOLVERS

Saint Etienne

Com ballas blindadas de aço e de pólvora branca sem fumo, muito portateis e de grande alcance.

JOÃO GOMES MOREIRA

EM FRENTE DO ARCO D'ALMEDINA

COIMBRA

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Editor

Manuel d'Oliveira Amaral

Redacção e administração, rua Ferreira Borges, 135

Officina typographica

Rua Martins de Carvalho, 7 e 9

N.º 685

COIMBRA — Quinta feira, 27 de Março de 1902

8.º ANNO

NA AGONIA

Está preparada pelo governo a agonia do país.

Sabido é, pois já assim o mandou proclamar essa alcateia faminta que explora a nação, que o convénio com os credores externos está assignado e que logo depois das fêrias de Páschoa será apresentado ao pseudo-parlamento, que para aí está funcionando; sabe-se também que a consignação do rendimento das alfândegas aos encargos da divida é um facto, facto, tristíssimo e vergonhoso de que fica dependente o futuro e a honra de Portugal; sabe-se que essa cláusula, mal disfarçada, arditosamente disfarçada, é condição fundamental da traição preparada; sabe-se que o parlamento de farçantes progressistas e regeneradores votará em poucas horas, approvando-o, o ominoso contracto; é manifesto que, depois d'este facto consummado, fica para sempre acorrentada ao arbitrio interesseiro das nações credoras a economia nacional; ninguém se ilude sobre a natureza do convénio, nem ha quem possa convencer-se de que os credores tenham estado a lesar-se nas suas vantagens sómente para nosso bem; toda a gente reconhece, por isso, que as afirmações mandadas fazer por Hintze Ribeiro nos jornaes que o governo paga, como as *Novidades* e o *Século*, sam embustes tórpes a mascararem uma traição manifesta. . . Pois apesar d'este conhecimento, positivo e certo, que todos têm da monstruosidade politica, económica e financeira que envolve o fatal convénio, assistimos dolorosamente a uma criminoso indifferença nacional, que por si só justifica bem todas as machinações embusteiras dos comediantes da politica portugueza!

Pois de que servem neste país — rigidez de principios, austeridade de convicções, honestidade de processos, rigores de administração, se o país se acha bem com as tranquibernas do poder, na miseravel rotação constitucional de regeneradores e progressistas? Na mais deprimente situação moral, a braços com a ruína patente todos os dias, manifestando-se abertamente o louco desperdício dos dinheiros públicos em compras miseráveis de consciencias tórpes que se vendem, não ha um movimento salvador que se desenhe ao menos, não ha uma revolução purificadora que saneie e depure a organização politica do país! . . . Que nacionalidade é esta, que cada vez mais se avilta e se afunda, numa agonia que infunde desprezo em vez de respeito?

Mas queremos ter esperança ainda. Não se consumou de todo, por ora, a venda da nação; o convénio não está por enquanto firmado por aquelles que juridicamente representam o país; não está tudo perdido ainda. . .

Aproveitemos os poucos dias que nos restam; aniquilemos os trapezeiros das escuras negociatas; resurjamos d'este lodaçal de torpêsas para uma atmospherá vivificante e sadia; expulsemos os vendilhões e salvaremos a nação. . .

RESISTENCIA

Não se publica no próximo domingo.

Enquanto é tempo

Sam do *Imparcial*, de Lisboa, os seguintes periodos:

«O governo faz constar pela sua imprensa que o convénio é uma maravilha, mas a imprensa alemã avisa-nos de que os credores ficam com a **garantia das alfândegas** e com o «controle diplomático».

Já o sabemos. Mas não é mau reproduzir o que dizem os credores, que sempre merecem mais credito do que o governo português, tam empenhado em occultar a triste verdade da situação.»

Controle diplomático e garantias das alfândegas. taes são as duas principais bases sobre que assenta o deshonroso e perigosissimo convénio, que os governantes querem fazer, para conseguir um empréstimo.

Enquanto é tempo, enquanto os falsos representantes do país não chancellam a infamia, é que se deve proceder.

O povo soberano não quer a deshonra e a ruína que a monarchia lhe quer impôr?

Pois se não quer, que o demonstre, por meio da força.

Que os governantes não sam gente que vá com palavras, pois quem pretende vender a patria, não tem vergonha, nem dignidade.

Pelos boërs

Hoje e amanhã deve realizar-se em Lisboa, na sala das sessões da *Associação Commercial dos Logistas*, uma conferência de delegados de varias procedências, para se discutir a maneira de poderem concorrer eficazmente para que a iniqüiza guerra, que a Inglaterra está fazendo aos heroicos republicanos Sul Africanos, tenha um termo honroso para elles.

O convite para a reunião é feito pelo *Cirio Civil Estrella* e pela *Federação Socialista Livre*, assignando os convites por parte da primeira o sr. Julio Dias e pela segunda o sr. José do Valle.

A ordem dos trabalhos é a seguinte:

- 1.º — Qual deve ser a attitudo do povo português em geral, e da democracia em especial, em face da guerra sul africana?
- 2.º — Em face da influencia nefasta do militarismo, como pôr em pratica a nossa acção afim de evitar a guerra?
- 3.º — Propostas diversas sobre questões humanitárias.

O fim da reunião é justissimo e a elle nos associamos de todo o coração, pois somos dos mais sinceros admiradores do heroismo e abnegação dos boërs, raça de valentes que têm assombrado o mundo com os seus feitos.

Agradecendo o honroso convite que nos foi rigidido, fazemos ardentes votos para que da reunião saiam alvitres aproveitáveis e praticos.

O governo tem medo

Sam ainda do *Imparcial* os periodos que transcrevemos em seguida:

«Corria hontem, que ao último conselho de ministros houve serias dissidências entre dois ministros.

Mais se dizia que se no norte continuarem as manifestações de desagrado contra o convénio, este talvez não se chegue a realizar.»

O governo já se assusta com a onda de indignação que se avoluma em todo o país contra o seu tórpe procedimento.

Haja coragem e decisão, e a patria será salva.

E se os protestos patrióticos não produzirem os devidos effeitos, tem a palavra a insurreição.

SEM DESANIMOS

Perante a imminência do perigo que ameaça soterrar numa avalanche de lama este povo que na história avulta em tam brilhante destaque, nenhum português deve refugiar-se no desalento acubruñador que prende os braços e esmaga as almas com a entrevisão dolorosa de que tudo está perdido.

Não!

E certo que a dentro da monarchia, nenhuma garantia de vida nova deparamos.

O regimen, sob todos os aspectos, falliu. Os seus homens, os seus processos, os seus vícios, cairam ha truito sob o anathema da consciencia collectiva. Os proprios que, por uma adscrição estreita de interesses, o defendem e tripudiam nas suas orgias, confessam por vezes, em momentos de irado despeito ou rude franqueza, que o país, levado na onda turva da corrupção monarchica, vae celeremente para Pantana. Permutando-se accusações os homens proeminentes do regimen, organisam, com documentos, o seu processo. E perlustrand o esse processo, vadeando esse chavascal de infamias que elle descobre, todos os espiritos independentes e todas as consciencias briosas, se pronunciam pela urgencia de executar os reos de todas as vergonhas e crimes que a esta triste situação nos reduziram.

A dentro da monarchia, pois, é impossivel continuar a viver com honra e com liberdade.

Todos os promettimentos neste sentido sam uma dolorosa captação. Pois quem ha ali entre a turba anonyma e famélica dos serventuários da monarchia, que possa metter hombros á empreza patriótica da regeneração nacional? Ninguem. Anos e annos de desperdícios e de infamias, de cynismo ovante, de transigências vergonhosas, de lenta morte moral, o provaram clara, inilludivelmente.

Hintze Ribeiro ou José Luciano equivaliam-se, confundem-se. Nenhum delles nasceu para as cavallarias altas da governação. O acaso caprichoso, só, apanhou-os na alcofa dum trapeiro e destes farrapos sujos fez bandeiras de partidos.

Mas, porque isto é assim, porque os homens do regimen falliram fraudulentemente, devemos nós abandonar o país á sorte miseranda que esses bandeoleiros lhe talham?

Nunca!

Chegou o momento de intervir. Sem stardes, sem fraquezas, com a serenidade de quem marcha para um altissimo sacrificio, é preciso lutar para viver ou para nos darmos, ao menos, a compensação de saber morrer.

Estamos atravessando, é certo, uma crise de profunda atonia, de intenso enervamento. Esquecemo-nos do passado, dos heroismos e das glorias que um poeta genial entalhou nos versos de ouro duma epopeia incomparavel. Deçaimos, cobrimo nos de vergonhas.

Tem destas crises, os povos. Amadornados, frios, nenhuma commoção os levanta, nenhum grito os arrasta. Imobilizam-se, retrogradam, deshonram-se.

A França, não ha muito, sentiu-se em perigo ao ullular selvatico da clericalha e do militarismo. A sua mocidade, quando foi dessa luta, atirou a lama dos seus apupos ás câns imaculadas dum velho senador, que só á justiça e á Verdade sacrificava.

E essa França, a terra angusta da Revolução, e essa mocidade, é filha dos adoráveis campeadores que morriam nas barricadas, pela Republica, com o cá irá a estourar-lhe nos lábios. . .

Nós estamos assim, prostrados, frios, numa immobildade de cadaveres.

Mas ao surge clamoroso da Revolução podemos ainda levantar-nos, viver, fazer uma epopeia grandiosa, não tecida dos heroismos e das aventuras antigas, mas das conquistas nobres e altas da liberdade e do trabalho.

Chamem-nos românticos, sentimentaes, piegas. Insistimos em ir atraz do

nosso sonho, que se forma e ascende da aspiração santa das nossas almas puras.

As quadrilhas do regimen, conluídas para esse assalto infando que é o convénio, querem dar-nos uma situação infima de escravos. E pois que a monarchia caiu, arrastando a grilheta da sua premeditada traição, salvemos a Patria pelejando um derradeiro combate, arriscando a ultima esperança, abrindo, se tanto for preciso para a erguer e purificar num grande baptismo redimidor, as nossas veias tumidas de sangue revolto.

Pela Pátria!
Pela República!

CAIRÁ?

O governo parece que ja entrou na agonia. Ha indícios valiosos que o demonstam, apezar da imprensa officiosa e alugada desmentir o caso.

O *Século*, camaleão politico ás ordens de todos os que lhe pagam, e que tanto tem amparado e defendido a infame negociata do convénio, já começa a ataca-lo!

Isto faz-nos lembrar a fabula do leão velho e do burro, em que este, vendo o seu senhor sem forças, na agonia, lhe deu uma parrelha de coices.

Alem deste symptoma, que é conclusivo, ha mais. O *Diario de Notícias*, órgão officioso de todos os governos, também já ataca a firma Hintze & C.ª.

A causa do governo estar periclitante é attribuida á recusa dos financeiros estrangeiros a tratarem com um ministério impopular e que, com o seu anti-patriótico procedimento, está produzindo um mal estar gravissimo no país.

Por tal motivo, se a revolta nos espiritos se continuar a manifestar, a nação ficará livre dum governo que a arruína e de um convénio que a deshonra.

Dr. Teixeira de Carvalho

Partiu para a capital, a passar as fêrias de Paschoa, o nosso querido collega de redacção sr. dr. Teixeira de Carvalho.

Em virtude da sua precipitada saída não podemos publicar no presente número a sua scintillante *Chronica do teatro*, o que sobremaneira nos penalisa.

Irá no próximo numero, — tranquilizem-se os admiradores do notavel escriptor.

O DEVER

«Todos os portugueses são obrigados a pegar em armas para sustentar a independência e integridade do reino, e defendê-lo dos seus inimigos externos e internos.»

(Art.º 113.º da Carta Constitucional).

Contra o convénio

A conferencia, que o illustre cathedrático da Universidade sr. conselheiro Bernardino Machado realiso no dia 21, no *Gremio Commercial*, do Porto, foi importantissima.

O numero auditorio, que escutava a palavra auctorizada do distincto conferente, cobriu de applausos as passagens mais pungentes do seu discurso e que se referiam ao convénio á marcha do governo.

O Porto parece que se quer impor á horde de bandeoleiras que, tendo levado d' assaltos os bancos do poder, fazem máo baixa nos rendimentos públicos e nos conduzem á deshonra e á bancarrota.

Que o Porto se levante, e todos os cidadãos honestos e amantes da independência da patria o secundarão cheios de entusiasmo, promptos para os maiores sacrificios.

CHRÓNICA POLITICA

Uma chrónica politica, em quinta feira santa, bem poderia ser um sermão de lágrimas, recordando a via dolorosa que tem seguido a pobre patria dentro dessa fixação constitucional em que assenta a monarchia.

Os sacerdotes da religião de Christo recordam os tormentos e a paixão do mártir Nazareno, e arrancam lágrimas, lamentos e suspiros, á sensibilidade dos fieis; por desgraça nossa os sacerdotes da religião civica calculada ou criminosamente emmudecem perante os espectáculos dos tormentos que os rabinos desta judeia infligem ao manso cordeiro!

A semana santa dos christãos corresponde a semana angustiosa da patria, que, depois de vendida por uma quadilha de judas, sobe a olhos vistos ao cume do seu Gólgotha, mil vezes vilipendiada e escarnecida, sob o péso do terrivel madeiro que os judeus da monarchia lhe poseram ás costas.

E nem um bom Cyrineu a ajuda a subir ao Calvário, nem duas cruzes se levantam para crucificar os dois principaes ladrões, nem as lágrimas dos arrependidos lhe metigam as áncias da agonia!

Pobre mártir! . . .

A batalha de Pharsália foi o *consumatum est* da liberdade romana, o convénio, que os chefes monarchicos estão pondo em ordem nesta semana terrivel, poderá ser o *consumatum est* de todas as nossas franquias de povo livre.

Consumatum est fôram as últimas palavras do Christo; quem sabe se dentro em poucos dias serão também as derradeiras d'este bom povo que se não defende das mãos traçoeyras que o estrangou para regalo e satisfação dos interesses inconfessáveis de meia dúzia de Migueis de Vasconcellos!

A meditação dos graves acontecimentos que os traidores da patria estão preparando, chamamos os poucos ou muitos patriotas em quem o sentimento da dignidade portugueza não tenha soffrido o mal terrivel da indifferença.

Pavorosa é a situação! Mais um pouco, e tudo estará perdido!

A figura mephistophelica do Carrilho por lá anda, por conta do thesouro e da Companhia Real dos Caminhos de Ferro, a tratar do arranjo, e a dentro de fronteiras cá estão Hintze Ribeiro e José Luciano de Castro a preparar o resto.

O resto será o voto urgente dos representantes da nação, sancionando o tratado provisório firmado pelo delegado do governo. Esse voto representa uma traição dos partidos que entre si devidem, como os salteadores associados, o producto do crime; mas esse voto completará o trabalho de deshonra nacional, e sobre elle ficará, como lugubre epitaphio, o desolador *consumatum est*!

Haverá ainda tempo de evitar tamanha catástrophe?

Talvez! . . .

Talvez, se o povo, em um natural impeto de dignidade e indignação, se convencer que está sendo vendido a companhias ambiciosas para interesse de uma politica irrita e repugnante, que depois de tudo arruinar na mais completa das bachanais administrativas põe em almoeda a honra da nação.

Nada ha que esperar dos dois partidos — regenerador e progressista. Aliados para a obra deprimente e vergonhosa, que, mais que nenhuma outra vergonha, deve commover o país, sam elles os principaes inimigos da patria.

Reunidos e de pleno accôrdo no parlamento nenhuma sombra, nenhum obstáculo ai se levantarão aos seus negregados designios; mas a soberania é e continuará a ser do povo, que por diversas formas pôde e deve retirar a sua confiança aos que atraçoam o mandato que lhe foi outorgado.

Quando no parlamento se não levantam protestos contra um convénio que offende os brios nacionaes, pro-

testa-se fóra do parlamento, pelos meios que a própria dignidade popular aconselhe.

Bem sabemos que os chefes monarchicos estã guardados pelas armas da guarda municipal, e pelos chafalhos da policia, mas mesmo no campo das violências, se para esse campo arrastarem a nação — ainda a consciência do dever foi, e, e será sempre, a maior força de um povo que pugna pelas suas liberdades, defende a própria independência.

Vamos, se ainda é tempo e ainda é possível!

Protestemos contra o convenio, que não pôde deixar de ser vantajoso para os credores, e, como consequência, insuportavel e ruinoso para a nação.

Levante o povo a sua voz em comícios, em associações, em toda a parte. Affirme á face do mundo, que honradamente quer administrar o seu patrimonio, e honradamente quer pagar aos seus credores.

Saccada de uma vez para sempre a influencia da oligarchia dominante, e tudo o mais se tornará fácil.

E' claro que com embaixadores á China, viagens inúteis aos Açores, e a defeza da politica monarchica á custa de rios de ouro arrancados ás arcas do thesouro, — as nossas difficuldades financeiras se tornarã cada vez mais difficéis; mas fóra desse regimen, — economizando-se o que se pôde economizar na lista civil e nos diversos ministérios, onde a vida monarchica é sustentada com milhares e milhares de contos de reis em prejuizo do fomento agricola e industrial; — fóra desse regimen, repetimos, facilmente se convencierã os nossos credores que temos recursos e honestidade para briosamente solvermos as nossas dividas.

A não ser isto nada se resolverá sem contendas mais ou menos graves, porque não estando feito o accordo entre os chefes dos partidos da rotacção constitucional. Por agora, e o mais urgente, é derrubar os chefes desses partidos, e chamar á consciéncia do dever todos os cidadãos, que acima de tudo colloquem a honra e os sagrados interesses da patria.

Teremos tempo para isso?

Quem sabe!...

A confissão

Para provar a bondade da confissão, diz assim *A Ordem*:

«—Eu confessar-me? Não preciso... não tenho peccados.

«—Não precisará, não. Ha duas classes de pessoas que não precisam de confissão: as creanças que ainda não têm uso de razão e os parvos que já a perderam.»

A isto diremos; que a confissão é a devassa da consciéncia feita por homens muitas vezes sem vergonha, sem honra, sem humanidade.

Eis uns exemplos:

Em Villa Real, no collégio de Nossa Senhora do Rosario, um dos padres de lá, a fez tã infames perguntas a uma filha e uma creada, ambas menores, pertencentes ao chefe da policia civil d'alli, que este foi procurar o miseravel para o matar, valendo-lhe o ter já saído da igreja.

Na Figueira da Foz, ainda não decorrerã muitos annos, que um padre fez taes perguntas no confessorio a creanças e mulheres casadas, que se não foge tã depressa, era victima, tendo deposito no tribunal daquelle comarca varias creanças e mulheres a quem foram feitas propostas e insinuações obscenas no confessorio.

Imagine-se o que dirã no confessorio, ás suas penitentes, o padre Joaquim do Amaral Gomes, vulgo *O Pinguinhal*, batoteiro emérito bebado, frequentador de lupanares, emfim um pouco de viciol.

E diz *A Ordem* — que só não necessitam de confessar-se as creanças que ainda não têm uso de razão e os parvos que já a perderã!...

Com certeza o auctor de tal prosa, no seu entender, não é um parvo, porque se confesse; pois na nossa opinião, não só não é um parvo, mas até um finório; mas que finório!...

E por agora basta.

Por ordem do sr. ministro das obras públicas foi chamado a Lisboa o digno director das obras públicas deste districto, para conferenciar com elle sobre o melhoramento do estado sanitario desta cidade e para combinar as obras que forem urgentes fazer-se para tal fim.

Na verdade muito se necessita fazer para que Coimbra fique nas devidas condições de salubridade.

PELA SEMANA

Um glorioso sol de primavera logrou empinar varrer para bem longe aquella parda camada nevoenta que vinha pondo tristezas e angústias em toda a vastidão do illimitado céo, como se brancas lendas do Norte andassem no ar, mysteriosas e vagas, e da alma das coisas surgissem — num côro que ferisse apenas, indeciso e remoto, o ouvido dos que muito sentem — desoladoras balladas sentimentaes.

Agora, por esta clara manhã de quarta-feira, vêm-se os montes distantes amplamente batidos da luz aspera, que os affronta, que os colleja, que os penetra e revolva, sem que em toda a sua vasta superficie a mancha dumã sombra fique, a avelludar-lhes o dorso bravo e rude; e a campina é docemente tocada dumã faixa d'ouro com que a veste o sol para o supremo e largo beijo fecundante de março.

Entretanto, cae das torres um som triste de sinos. É quarta feira de Trevas. Pessoas circumspectas, gravemente vestidas de preto, passeiam na Baixa, com todo o ar gato-pingado de quem vai rememorando a tragedia da Paixão; e entram no Telles, sempre soturnas, lugubres sempre, a afogar a Paixão em copinhos de vinho branco.

A alta é quasi deserta. Ficamos poucos mais do que eu e o ornamental sr. Siqueira. Ainda não o vi hoje, o sr. Siqueira. Mas como elle deve andar! Estou-o figurando muito de negro, negras luvas sobre a capa negra, apenas uma orlasita dos punhos saído — o sufficiente para que se mostrem os botões negros. Traz certamente a cara fúnebre, a cara-Horta, a cara velludillo-e-galões-brancos com que invariavelmente o vemos nos funeraes académicos, invariavelmente levando uma corõa, invariavelmente pegando numa fita, empunhando invariavelmente uma vella.

Assim assistirã ás Trevas, hoje; assim amanhã á Paixão; assim ao Enterro, depois. E apparecerã no sabbado deslumbrante, luva branca e laço branco, a rutila bota reflectindo o azul suave do céo; e hade apresentar a cara alegre, a cara musica-e-foguetes, a cara tarde-de-toios, que o sr. Siqueira tem sempre para as occasiões festivas: a cara com que no anno passado, caloiro, no dia da emancpação, o sr. Siqueira flanou, na boleia dum trem de quartanistas, brilhantemente adornado e preso atraz, como um pombo, por berrantes fitas vermelhas.

Nas férias, a Alta desmascara-se.

Costureiritas graciosas e *chics*, que se passeiam de ponto em branco, em tempo d'aulas, o tãção da botina batendo rijamente a calçada, a saia um pouco erguida deixando ver brancuras estonteantes de rendas, sentam-se agora pelas ruas, bambalhonas e lassas, os pés largamente calçados em chinellos réles, d'ourello, dos quaes saem, com calcanhares remendados, grossas meias d'algodão.

Ha grupos pelas portas; e *cocottes* rivaes, que passam o anno a morder-se, a intrigar-se, a lançar-se olhares ferozes e ardidos de ciúmes — *para inglês vér* — acamaram agora, numa grande intimidade, trocando impressões da *temporada*, e pondo a nu os nossos hábitos, os nossos defeitos, as nossas ceroulas rötas, as nossas cautellas do prego e as nossas moléstias de pelle.

O sapateiro apparece ás vezes, e apparece o alfaiate. E' todo um desfiar de dividas. E que vestimos mal. E que calçamos peor. E vem o feito do nosso pé e a largura dos nossos hombros. E que não assignamos sébentas. E que não temos engraxador. E que não bebemos *champagne*.

As serventes esfolinham, rebustam, revolvem tudo. Cartas da familia, contas de credores, pistolas amorosas, o rol da roupa suja, tudo é lido e relido e largamente narrado.

Sorrisos que nós pagamos caros, teem-nos de graça os fútricas, agora, cheios de ternuras e promessas.

E dentro em dias, quando as férias forem findas e os *saccas de carneiro* voltarem, outra vez se armará a comedia, para o sapateiro, o alfaiate, a servente, nos cumprimentarem humildes, com um sr. doutor desbarretado e profundo; enquanto as costureiritas e as engomadeiras, ingenuas e mignonnes, hão de tombar-nos nos braços, olhar em fogo e labios rubros — chorando de puro amor...
C. S.

Quem tudo quer...

Constantino Pereira, feitor dumã quinta em Mucelão, pertencente ao sr. Francisco Rodrigues da Cunha Lucas, desta cidade, foi burlado por uns *finórios*, que lhe impingiram um canudo, cheio de areia,

chumbo, serradura e outras trapalhadas, com uma pequena camada do *vil metal*, por pó de fino ouro.

O Pereira deu 90\$000 réis, que pediu emprestados ao patrão, pelo conteúdo do canudo, julgando que fazia um negocio de arregalar o olho, mas apenas apañhou um canudo, o que canudo...

Vendo-se roubado, recorreu á policia, apresentando a sua queixa na 2.ª esquadra.

Suppõem-se que os *finórios*, que embarrilaram o Pereira, são os conhecidos gatunos Gaspar e Castro, que andam em digressão pelo país, visto a policia do Porto andar á sua procura para os hospedar na Relação.

Isto de se querer em fazer negocios de grandes lucros, comprando *nabos em saccos*, são perigosos, o o Pereira que o diga, pois o aprendeu á sua custa. Agora chora o seu rico dinheiro, que tarde ou nunca tornará a vér.

Diz a Ordem:

«Um agente de enterros civis a uma aldeã:

«—Quero fallar a seu marido.

«—Não está.

«—Pois olhe, eu vinha tomar nota dos que se quizessem associar para terem enterro civil...»

«—Lá por isso, não seja a dúvida. Olhe, venha commigo ao curral, que eu digolhe os nomes dos meus brutinhos.»

Certamente o auctor catholico do caso, encontrava-se no tal curral, com as suas longas orelhas afiladas, o peçoço estendido, os dentes a entrechoarem-se, á espera da razão.

E não foi senão elle que informou *A Ordem*...

Diz-se que uma das medidas que o governo porã em pratica, se conseguir o convenio, é obrigar o commercio a pagar em ouro parte dos direitos aduaneiros.

Depois de ter posto o país no regimen do papel moeda, quer obrigar o commercio a arranjar ouro para a continuação da orgia em que vivemos.

E não ha do país levantar-se e esmagar semelhante cáfila.

A illuminação publica e o «Tribuna»

Pretende replicar, no seu número de ontem, este collega local, ao que escrevemos referente á suppressão duns candieiros de illuminação publica.

E dizemos que pretende replicar, porque o *Tribuna* o que tratou foi de arranjar uma escapatória airosa, afim de sair da alhada em que a sua muita «vivacidade» o metteu.

Nós deixamos lhe fazer uso da tal escapatória sem protestos, pois que, não obstante o collega ter-nos talvez na conta de gente de mau génio, somos boas pessoas, creia-o. E para prova até nem fazemos reparo á sua affirmativa, de que aproveitãmos uma *censura injusta* para arguir a camara, o que é uma insidiasinha que bem merecia reprimeida, pois o collega bem deve saber, que aqui não se fazem accusações por prazer, nem por odios, mas apenas quando estamos convictos de que sam justas.

O mais que diz sam coisas a armar ao effeito, mas que em nada destroem as nossas affirmativas.

E descanse o collega na sua tarefa de defensor da camara, que enquanto ella proceder bem, nunca terá que vir em seu socorro, porque até nós a defenderiamos officiosamente.

Recita dos quintanistas

E' no dia 19 do proximo mez, que se deve effectuar a recita de despedida dos quintanistas de direito e theologia.

O titulo da peça é *Até que emfim!*, sendo seus auctores os srs. Augusto de Castro e João Lucio.

O theatro é illuminado a luz electrica; as ornamentações estã a cargo do sr. Roberto Fino; os ensaios sam dirigidos pelo maestro sr. Manoel Benjamim.

O governador civil deste districto remetteu á direcção geral de instruccção publica uma representacão da camara municipal de Montemor-o-Velho, pedindo urgentes reparos no edificio da escola do Conde Ferreira, daquella villa, participando que concorrerã com a decima parte das despesas orçadas.

O edital do cuspo

Com bastante troça foi ha dias recebido um edital pelo qual o governador-civil de Lisboa mandava collocar nos estabelecimentos públicos e nos vehiculos para transporte de passageiros, escarradores especiaes, destinados a evitar o uso prejudicial e mesmo perigosissimo de escarrar no chão. A' parte, porém, a reacção que naturalmente sempre desperta a implantacão de um novo hábito, nada mais pôde justificar aquella mofa com que muita gente e até alguns jornacs receberam o edital, que, por graça, se lhe chamou do *cuspo*.

O escarrar no chão, embora poucos o saibam, assume hoje, em face dos novos conhecimentos, as proporções de um verdadeiro crime. E' pelo escarro que melhor se espalha e propaga o terrivel bacillo que nos causa, por anno, perto de vinte mil óbitos.

E é combatendo a velha e porca costumeira, que poderemos enfrequecer, em grande escala, o mal terrivel que não, só nos rouba muita vida, causa muita dôr, muita lucta e muita miséria, mas que tambem nos vae enfrequecendo a raça, e accelerando-lhe consequentemente a decadéncia.

Não faltou quem risse, a bom rir, quando no átrio e escadas do Museu apparecerã, postos sobre columnas, escarradores de porcellana, que os rapazes por torça, varias vezes, transformaram em vasos de flores. No entanto, é mister dizer-se que essa forma de escarradores se impõe, como poucas, porque obsta, e bem, a que o escarro vá cair no chão, onde secando, se torna numa poeira, que espalhada pelo ar ataca os organismos que nella vivem, e implanta nelles a doença que os definha e mata.

Agora mesmo, que se vam abrir os templos para as concorridissimas cerimônias da Semana Santa, seria uma bella occasião para tratar deste ponto de hygiene nesses edificios onde durante muito tempo se agglomerãram, por vezes, grandes massas de povo. Seria bom que á igreja, onde se deve ir buscar força, animo, resignação, perdão e virtude, se não fôsse, tambem por engano, buscar a doença, a dôr, a morte, o lucto e a miséria.

O que dizemos das igrejas, dizemos tambem dos outros edificios públicos. Oxalá que as auctoridades competentes da nossa terra, olhassem a sério para esta questão hygiénica, e seguissem, como norma, o procedimento louvavel do governador-civil de Lisboa.

A policia

Em beneficio das pessoas que teem de transitar nos carros que saem da Portagem para diferentes pontos do districto, deve a policia avisar os respectivos cochoiros, de que procederã contra elles, desde que levem passageiros a mais ou grandes quantidades de bagagens, que ponham em risco a segurança de quem vai dentro dos carros.

Alguns dos arreios tambem andã em estado deploravel, quebrando a cada passo, o que é um perigo podendo dar lugar a desgraças muito para lamentar.

E para que isso não succeda, é que chamamos a attenção da policia.

Incendios

Pelas 2 horas da manhã, de hoje, manifestou-se um começo de incendio num predio da Quinta de Santa Cruz pertencente ao sr. Alberto Carlos de Moura.

O incendio começou num enxergões, e se não fossem promptos os socorros poderia tomar grandes proporções.

Comparceu material dos voluntarios e municipais, sendo os voluntarios os primeiros a chegar.

Tambem numa casa da rua Direita, habitada pela sr.ª Maria da Guia, se manifestou um começo de incendio, pelas 8 horas da noite de hontem, sendo apagado pelas pessoas da casa.

Mortuaria

Na quinta da Machada, suburbio desta cidade, falleceu na terça feira o commandador sr. João Francisco Ferreira Jorge, natural de Oliveira de Azemeis, e que durante muitos annos rezidiu no estado de Campinas, Brazil.

O cadaver foi embalsamado pelos distinctos clinicos srs. Drs. Sousa Refoios e Daniel de Mattos, afim de ser transportado ou para Oliveira de Azemeis, como querem os seus parentes residentes em Portugal, ou para Campinas, conforme instã as pessoas da familia do extinto ali moradoras.

O cadaver está provisoriamente depositado no jazigo municipal, do cemiterio da Conchada.

Na Arragaça falleceu tambem na terça feira, o sr. Antonio Jorge Coimbra, natural do Poiares, e aqui morador ha bastante tempo.

O terstro foi acompanhado pela philarmonica dos Bombeiros Voluntarios e por um piquete de tam prestimosa corporação, por o finado ser seu socio honorario.

Em Cellas falleceu, na terça feira, uma creancinha, filha do sr. João de Menezes e sobrinha do sr. dr. Fernandes Costa, distincto professor de lyceu e director politico deste jornal.

Avaliãdo devidamente a dôr que punge as familias dos fallecidos, a todas enviamos a expressão do nosso pesar.

A CARIDADE

Uma vergonha para a nação

Lê-se no *Jornal do Commercio* de terça feira, 25:

Recebemos o seguinte memorial:

Sr.

A filha do fallecido bibliographo Innocencio Francisco da Silva continúa doente o na mais extrema miséria. Recorre ao bondosissimo coração de v. para ser soccorrida com a esmola com que v. soccorre os pobres, o que de todo o coração agradece.

Lisboa, 15 de março de 1902.

Augusta da Conceição e Silva.

O reverendo prior attesta, no documento que acaba de ler-se, o seguinte:

Esta senhora é muito pobre e digna de ser attendida, o que attesto.

O prior, Gomes Freire.

Depois, ainda a pobre senhora escreveu á margem o seguinte afflictivo apello:

Rogo que desculpe a liberdade que tomo em incomodar v. Sabendo quanto é bondoso o coração de v., me animo a pedir para pôr o meu nome no numero dos seus pobres.

Minha miséria é extrema; vejo-me morrer de fome, quasi entrevada pelo rheumatismo. De todo o coração agradeço o que faça em meu beneficio.

A filha do erudito e benemerito Innocencio morro da fome, sem que a assistencia publica sequer olhe por ella. Entretanto, dão-se pensões até a quem é válido e tem empregos rendosos!

E' uma vergonha para o país. Mas acuda, ao menos, a bondade dos nossos leitores á desprotegida senhora que para nós appella, e que mora num quarto da rua do Aroo da Graça n.º 61, 2.º

Pelo nosso austero correligionario sr. Antonio Augusto Gonçalves, illustre director da Escola Brotero, foi feito o desenho que orla as novas cartas para bachareis formados e doutores, que vão ser usadas na Universidade. O desenho, que é um primor como todos os que saem do lapis do abalizado professor, representa o portico da capella da Universidade e o emblema da faculdade para que forem destinadas as cartas.

As cartas já estã impressas.

Na ultima reunião do conselho superior de obras públicas e minas foi apresentado o projecto e orçamento de obras a realizar na Penitenciária desta cidade.

Para contador do juizo de direito da comarca de Condeixa-a-Nova, foi nomeado o sr. Henrique Godinho de Mello.

O primeiro aspirante, telegraphopostal, sr. José de Figueiredo Paiva, foi transferido da estação de Evora para a desta cidade.

Para resguardar o templo de Santa Cruz das inundações que tanto o prejudicã, teem de se fazer importantes obras nos canos de exgoto desta cidade. Muitos canos encontram-se completamente deteriorados e até interceptados nalguns sitios por grandes pedras.

O sr. Pinheiro Borges já informou o governo de tudo, esperando-se as necessarias providencias para que as inundações se não repitam.

Padre Joaquim do Amaral Gomes

O PINGUINHAS

IV

Intervenção do sr. BISPO-CONDE Participação ao poder judicial e ao reitor da Universidade. Pinguinhas escarrado.

Em homenagem á correção jornalística, que, ainda nas mais rijas contendas, deve ser escrupulosamente observada e mantida, a Resistencia termina hoje a sua campanha de moralidade, levantada, no meio dos applausos unânimes, contra o immoral padre Joaquim do Amaral Gomes, o *Pinguinhas*.

Suspensão pelo sr. Bispo-Conde, que vai proceder, informam-nos, a um rigoroso inquerito, e entregue ao poder judicial não só pelo attentado commetido contra o operário sr. Augusto de Sousa Figueiredo, mas também pelas **últimas façanhas commettidas na freguesia onde parochiava**, taes como a de perseguir pelo meio do campo uma pobre rapariga, depois de ter andado pelo logar em descantes obscenos, entendemos que o triste heroe está bem entregue e cedo receberá a justa recompensa dos seus méritos e acções.

Unicamente pela Justiça, e só pela moralidade, não queremos que alguém veja da nossa parte, continuando a dissecação do monstro, o requinte mal-doso de influir no espirito daquelles a quem cabe, sem commiseração e sem dó, castigar, num alto exemplo de reabilitação e para contemplação de todos, esse indecoroso padre, que é simultaneamente um perigoso faccínora.

Fica assim interrompida a sua espantosa biographia.

Impossibilitados nos encontramos de continuar narrando feitos gloriosos do padre *Pinguinhas*, em que ora se revela o repugnante D. João de sachsristia, ora se descobre o bandido do matto. Todavia, essa interrupção não nos penalisa, pois o publico encontra-se já sufficientemente elucidado para que a condemnação deste homem sordido seja por todos recebida como um profundo desabafo, um grande e generoso allivio.

A redacção da Resistencia sente neste momento a serena tranquillidade que na consciencia rebate o echo duma boa acção, e espera que a justiça desta terra cumprirá mais uma vez a sua elevada missão punindo esse criminoso por forma inclemente e exemplar. E' preciso impedi-lo de continuar a passear óvante as ruas desta cidade, que não é desterro de grilhetas.

Nota final. — O padre *Pinguinhas*, quando a Resistencia annunciou a sua campanha, pediu a intervenção de varios amigos nossos no sentido de conseguir silencio em volta da sua casa de tavolagem. Como nada obtivesse, publicou numa *folha volante* um estupido alinhavado de insultos de mau vinho e de improperios obscenos no seu calão de batoteiro. Triste e sordido documento da sua intelligência e da sua alma!

E' claro que gente como o *Pinguinhas* insulta, calumnia, grita, sempre

(8) Folhetim da "RESISTENCIA", MAXIME RUDE

UMA VÍCTIMA

DO CONVENTO

III

—Essa menina seria da familia dos Croisy, parentes dos d'Harcourt?
—E' filha do ultimo, respondeu de Villy.
—Oh! Então, conheci a em pequena. Era enfiabrada. A fortuna do pae, se me não falta a memoria, estava muito compromettida.
—Perdida de todo! replicou Villy. Siméon de Croisy morreu, ha muitos annos, e a mulher ha alguns meses.
—Uma senhora encantadora, um anjo de doçura, disse Lambrune. E então, . . . Como a chamam?
—Herminia, respondeu Argouges.
—Herminia, é isso mesmo.
—Herminia não tem mais parentes que duas velhas senhoras, recolhidas no convento de Bayeux, as quaes lhe resta apenas com que pagar o dote de freira.

naímais completa impunidade. Ninguem desce a levantar os insultos, a rebater-lhe as calumnias, ou a puxar-lhe as orelhas. Quando muito: **escarrar-se-lhe**. Foi o que ante ontem lhe fizemos, pelas seis horas da tarde, á Couraça de Lisboa, quasi á porta da sua habitação, pois desde a publicação do pasquim o heroe estava aferrolhado, não apparecia.

Prevenimo-lo de que iam escarrar-lhe na cara, fugiu. Detivemo-lo só sob a ameaça da nossa bengala; escarramos-lhe então em pleno rosto, tremeu, estava verde, e deslisou no meio das vaias dos seus vizinhos, que assistiam, sem uma palavra de protesto, sem um único gesto no phrenesi do desforço.

Um canalha!

Foi aposentado, com a pensão annual correspondente á totalidade de seu vencimento, o 2.º official do quadro telegrapho-postal desta cidade, sr. João Luiz Gonçalves.

CORRESPONDÊNCIAS

Sant'Anna, 8-3-902.

No dia 26 do mez passado, pelas 8 horas da noite, vindo de Montemor o velho para sua casa em Sant'Anna o sr. Manoel G. Margalhal, digno professor official na Carapinheira, foi assaltado por uns **amigos**, que não pôde conhecer. O sr. Margalhal tinha ido a Montemor receber alguns proventos, provenientes da regencia da sua escola no mês anterior.

Tendo este senhor, alguma demora com alguns amigos, partiu já tarde, e como o caminho é bastante medonho, não só pelos sitios por onde passa, mas também pelas muitas arvores que em parte o cobrem, o sr. Margalhal receando não só ficar sem o dinheiro, mas também sem a vida, convidou em Montemor Manoel da Costa Jacaré para o acompanhar e logo seguiram jornada. Ao chegarem adiante um pouco da quinta de Velveia, aonde a estrada é bastante escura, sentiram passos em direitura a elles e uma voz dizendo: **Faça alto e largue o que leva!**

O sr. Margalhal, ficando atrapalhado não deu palavra; mas o Jacaré, que é muito resoluto, disse: sr. Margalhal, tome esta arma que eu fico com outra, unha e dente, e deixe vir os **amigos**. Os larapios, ouvindo estas palavras, retiraram, e mesmo porque indo alli tal bicho (um Jacaré) não tinham o arrojo de chegar á estrada, não podendo por isso levar a effeito o assalto.

Isto por aqui vae ficando bonito, parecendo que voltamos aos antigos tempos do José do Telhado.

—Diabo! Se é bonita, meu caro, não é coisa muito alegre. E Mademoiselle deve ser bonita.

—E ahí tens porque Alice, que é muito amiga della, a convidou a vir passar cá as férias para a distrahir dos seus tristes cuidados.

IV

Os três conversadores, cujo cavaco depressa mudara de assumpto, para cahir por perguntas de Villy sobre as ultimas aventuras militares de Lambrune, desceram ao parque, quando começou a estar mais fresco. Haviam-se afastado um pouco do castello, seguindo as linhas sinuosas das alamedas e entraram no mais espesso da verdura, não sentindo por isso voltar o caleche que trazia Madame de Villy e Alice, acompanhadas por Herminia.

Foi a primeira badalada da campanha que os avisou de que se haviam esquecido, não com os cavacos do coronel, que tinha bastante espirito para ser sombrio nas suas façanhas, mas com as reflexões e divagações, que as palavras suas provocavam.

—Em que estamos nós a pensar? exclamou alegremente Manuel d'Argouges. A querida e bella amiga de minha prima tem de esperar, como Luiz XIV.

—Não brinquemos, sobrinho, a pontualidade, não é só, como declarava Luiz XVIII, a civilidade de s réis.

—E para nós, qualquer que seja a

—Fêz 36 annos de idade, no dia 2 do corrente, o sr. Manuel da Silva Sáltão, offerecendo um lauto banquete aos seus empregados e a alguns amigos.

Enviamos-lhe os nossos parabens, pelo seu anniversário.

N.

Espezende, 22 de março de 902.

Foi apprehendida na quinta feira ultima, pelos empregados da fiscalisação do real d'água, uma rez com 120 kilos de pezo, ao **magarefe** da vesinha freguezia de Fão.

A multa, ao que consta, é de réis 1000000 aproximadamente, visto o **magarefe** ser reincidente.

Mas o que é mais, é o facto d'elle tentar abater uma outra rez affectada, a qual, segundo é corrente, comprou a um lavrador da freguezia de Belinho, dês. te concelho, por 180000 réis, quando é certo que saudavel valia mais de réis 500000.

As autoridades locais ainda não procederam a averiguações, como lhes compete, a fim de punir os contraventores, e embora soffra com isso a saúde pública.

O jornal da localidade vae occupar se do assumpto.

—Não sabemos a razão por que quem supe rintende, não tem averiguado o procedimento do faroleiro desta villa, que se auzenta do farol toda a noite para fazer negocio no seu tasco da rua Nova, desta villa, onde reside, a uma distancia de mais de 1 kilometro do farol e não só isso como também fabrica diariamente pão para a sua enorme freguezia, empregando o mais do tempo na compra e venda de gado vaccum e na cultura dos productos agric. Mas de mais procura no mercado.

Isto não é extranho ao encarregado da delegação maritima deste porto, nem aos seus subordinados. E a navegação que soffra as consequencias deste... compadrio.

Todo o publico reconhece a necessidade do faroleiro residir, isto é transferir para o farol a sua residencia, como exigem os respectivos regulamentos.

—Continua impune o **carneiro desenfreado**, arruinado e sem credito, que em pleno recinto da Câmara Municipal insultou a illustrada vereação—graças á escandalosa protecção do **transmontano**.

E.

Perigo das grandes Cidades

O sr. José Abad Lemos, morador em Madrid (Espanha), rua S. Philippe Nery, n.º 4, á esquerda, salienta-nos tal perigo nas linhas abaixo, que sam de grande interesse pelo ensinamento, que proporcionam.

«Leva-me o agradecimento mais profundo a pegar da penna, pois devo lhas a saúde de minha filha. A anemia tam geral nos grandes povoados, havia-lhe minado a saúde e com ella desapparecera a alegria, que dantes a caracterisava. Haviam sido inúteis todos os tratamentos e o mal ficava por conjurar. Feliz acasoo, ouvi fallar das pilulas Pink e desejando obter a cura de minha filha, dei-lhas a tomar. Não posso expressar o quanto me dou por satisfeito ao vêr-lhe o rosto corado de lindas côres como em tempos. Voltam lhe

nossa idade, a galanteria é sempre um dever.

E alargava o passo.

—Coronel, observou Argouges, çaminhas como quem vae para o fogo.
—E' que não posso temer golpe nenhum, replicou Lambrune.

Herminia tivera tempo para ser instalada no quarto por Mademoiselle de Villy de fazer um pouco de toilette para reparar a desordem que causa sempre uma viagem. Fôra Alice mesmo que a ajudára a compôr-se, a abotoar o seu largo colarinho e os punhos que as senhoras traziam ainda voltadas sobre as mangas do vestido.

—Quero que seas encantadora, que ninguem tenha nada que dizer de ti, que seas como eu te annunciiei, dizia ella ingenuamente.

—Annunciastes a quem? perguntou Herminia. Tua avó conhece-me, e tenho a certeza, que por causa da tua amizade, Madame de Villy será cheia de benevolencia para mim.

—E' que nós temos hospedes no castello.

—Ah! Essa agora! Mas tu não me tinhas dito nada.

—Para que havia eu de te escrever? Suponho que nos poucos dias que temos estado separados te não tornaste selvagem?

—Sem duvida que não; mas, em todo o caso, quem sam elles?

—Primeiro meu primo Manuel d'Argouges.

as forças rapidamente e os incômodos, que a achucavam, lá se fôram.

Posso asseverar-lhe que está completamente curada e com desejo do ser útil aos interessados, auctoria a V. S.ª a publicarem a presente, que dá a conhecer as excellentes qualidades das pilulas Pink. Sendo a anemia uma doença, que tanta gente victima, conveniente será que se não ignore que as pilulas Pink debellam a com grande efficacia, enriquecendo o sangue e desaparecendo assim as taes dôres de cabeça, d'estômago, as suffocações, os flatos e a fraqueza geral, consequência da anemia; além d'isso curam também a chlorose, a neurasthenia, o rheumatismo e o debilhamento geral d'ambos os sexos.

A um médico foi confiado o encargo de responder gratuitamente a todas as informações relativas ás pilulas Pink, que forem pedidas aos Srs. James Cassels & C.ª no Porto.

As pilulas Pink foram oficialmente approvadas pela Junta Consultiva de Saude. Estam á venda em todas as pharmácias pelo preço de réis 1:000 a caixa; 5:000, 6 caixas. Depósito geral para Portugal, James Cassels & C.ª Rua Mousinho da Silveira, 85, Porto.

Escreptas commerciaes

Individuo habilitado com o curso commercial do 2.º grau, pelo Instituto Industrial e Commercial de Lisboa, dando excellentes referências, deseja tomar conta duma ou mais escreptas commerciaes e particulares, mediante as condições que mutuamente forem accites.

Carta a esta redacção com as iniciaes A B.

ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MUTUOS

para o sexo feminino

Olympio Nicolau Ray Fernandes

AVISO

A direcção da Associação Conimbricense de Soccorros Mutuos para o sexo feminino—Olympio Nicolau Ray Fernandes, em harmonia com o disposto no § 3.º do art.º 26 dos nossos Estatutos, faz publico que se acham patentes na sala da nossa Associação, as contas da gerencia de 1901, durante o prazo de 15 dias a contar de hoje, d.ºs 8 ás 9 horas da noite.

Coimbra, 15 de março de 1902.

A vice secretária da direcção,

Maria da Piedade Lopes.

Nova collecção Horas de Leitura

Walter Scott

IVANHOÉ

VOLUME I

LIVRARIA EDITORA

Guimarães Libanio & C.ª

LISBOA

Preço, 200 réis

—Esse . . . conheço um bocadinho, por ti, respondeu Herminia a sorri. E depois?

—E depois o coronel de Lambrune, acrescentou Alice, que se fizera muito vermelha com a observação de Herminia.

—Um coronel! Continuou Mademoiselle de Villy, com um tom meio ironico e meio sério. De uniforme, perguntou a rir?

—Não, sem uniforme; um amigo velho de meu pae. . .

—Então, duplamente respeitavel, replicou Herminia, mas . . .

—Mas sem prestigio, não é verdade? Confessa que é esse o teu pensamento.

—Olhal Escuta, continuou Herminia rindo, um coronel sem uniforme, e tenho visto muitos, não se parece com nenhum.

Alice poz-se a rir com a graça em que encontrava o bom humor habitual da sua amiga de convento.

E desceram ambas á sala de jantar.

—Então, esses senhores ainda não chegaram? perguntou Mademoiselle de Villy á avó.

Por ordem della foram ao parque fóra o segundo toque de sin eta, ator-doador, desesperado, na occasião em que os três ausentes voltavam a alameda e chegavam no castello.

—Emfita! exclamou, Alice, ao avistal-os.

Herminia estava de pé, á lado

AVENTURAS PARISIENSES

14.º

A mancha da familia

POR

Pierre Salles

LISBOA

Antiga Casa Bertrand

de José Bastos

Cada volume illustrado, 200 réis

Bibliotheca das creanças

II

Contos para as creanças

POR

Antonio Figueirinhas

PORTO

Livraria editora

DE

ANTONIO FIGUEIRINHAS

1901

OS AMORES

DE

Margarida de Borgonha

POR

H. DEMMESSE

Lisboa

Antiga Casa Bertrand—José Bastos

75=Rua Garret=75

PAULO MANTEGAZZA

O AMOR DOS HOMENS

Ensaio d'uma ethnologia d'amor

Traducção do italiano

LISBOA

LIVRARIA EDITORA

DE

Tavares Cardoso & Irmão

5, Largo do Camões, 6

A RAINHA SANTA

Grande romance histórico

POR

Armando da Silva

e

Caldas Cordeiro

LIVRARIA EDITORA

Guimarães Libanio & C.ª

LISBOA

H. SIENKIEWICZ

O DILÚVIO

(Romance histórico)

TRADUÇÃO DE

Selda Potocka e Eduardo de Noronha

LISBOA

Companhia Nacional Editora

Largo Conde Barão, 50

della, levemente encostada á pedra do fogão. Levantou-se elegantemente para cumprimentar o senhor de Villy, que fóra o primeiro a entrar e vinha apresentar-lhe as suas desculpas.

—A senhora, que é como se fosse irmã de minha filha, deve ser indulgente connosco.

Emmanuel e M. de Lambrune, que haviam parado á porta, olham para Mademoiselle de Croisy.

—Diabo! disse o coronel baixo, lembrando-se sem dúvida da peça que vira no Palais Royal, ao atravessar Paris, o monstro é encantador! D'Argouges não respondeu, mas custou-lhe a disfarçar um leve estremelecimento. E' que lhe parecia, como ao coronel, que a sala de jantar, de ordinário escura, com os seus coiros lavrados e os moveis de vieux-chêne, se illuminava simplesmente com a presença de Herminia.

—Vamos, senhores, disse Alice caminhando para elles, entrem para os apresentarem.

Emmanuel e Lambrune inclinaram-se e seguiram na.

—O coronel Roland de Lambrune, continuou Mademoiselle de Villy, fallando com Herminia; Mademoiselle de Croisy olhou para o coronel com um pouco de sobranceira.

—Emmanuel d'Argouges.

Continúa.

REWOLVERS
Saint Etienne
Com ballas blindadas de aço e de pólvora branca sem fumo, muito portateis e de grande alcance.
JOÃO GOMES MOREIRA
EM FRENTE DO ARCO D'ALMEDINA
COIMBRA

GRANDE ALFAIATERIA
Leão d'Ouro
44 — Rua Ferreira Borges — 46

O proprietário desta acreditada alfaiateria resolveu fazer um grande abatimento nas fazendas existentes, não só por causa de balanço a que vai proceder no principio do próximo mez, mas para dar lugar ao sortimento da estação de verão.
Fazendas para fatos d'homem e creança, vestidos e capas de senhora, gostos variadissimos, qualidades superiores, preços reduzidos.
E' aproveitar, quem quizer ver tir bem e barato.

Mesa rica
Thomas Pombal com estabelecimento de bric-a-brac, tabacos e oculista na rua Ferreira Borges, em frente ao Arco d'Almedina, tem para vender uma mesa de pau preto e sândalo, com embotados de marfim e obra de talha. Quem a pretender póde ir vê-la ao seu estabelecimento onde está em exposição.

SILVA & FILHO
Fábrica manual de calçado e tamancos e depósito de alpargatas

PECUINIA
LINHOS E ATOALHADOS DE GUIMARÃES

Ha para liquidar grande quantidade de toalhas de mesa e guardanapos de linho e algodão, toalhas para rôsto em linho, algodão e felpa. Colchas, panno de linho e algodão para lençoes, pannos para mesa, etc, etc, por preços excepçionaes.

Quem precisar, queira dirigir-se ao estabelecimento de ferragens e utensilios de cozinha e mêza de João Gomes Moreira — Rua Ferreira Borges — (em frente ao Arco d'Almedina — Coimbra).

Lembra-se a todas as pessoas que forem a Lisboa, que não se esqueçam de visitar a maravilhosa e surpreendente Exposição Fabril e Artística SINGER, installada na rua do Principe, á entrada da Avenida.

RESISTENCIA
CONDICÕES D'ASSIGNATURA (PAGA ADIANTADA)

Com estampilhas:
Anno 2700
Semestre 1350
Trimestre 680
Sem estampilha:
Anno 27400
Semestre 13200
Trimestre 600

Avulso 40 réis
ANNUNCIOS
Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50%.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal for honrado.

Venda de Theatro
No dia 20 de abril próximo, e para completa liquidação da respectiva sociedade, será vendido em hasta publica, e pelo maior preço oferecido, o edificio do Theatro Circo Principe Real desta cidade, com todo o seu mobiliário, e bem assim um olival anexo—tudo num só lote.
A praça terá lugar no proprio edificio do Theatro, começando ao meio dia, e não podendo fechar-se sem ter durado pelo menos uma hora; devendo o arrematante entregar ao liquidatario, que é o abaixo assignado, no proprio acto da praça, a quantia de 500000 réis, e pagar o resto do preço no acto da escriptura, a qual será lavrada em dia escolhido pelo arrematante, dentro dos oito dias immediatos ao da arrematação.
A venda é feita com a condição de ficar pertencendo á sociedade a renda dos prédios annunciados até ao S. João do corrente anno; podendo, no entretanto, o comprador exercer desde a compra todos os seus direitos de propriedade, inclusivè despedir o actual arrendatário.
Faz-se igualmente público que o terreno, onde foi construido o edificio do theatro foi comprado á Camara Municipal de Coimbra, sob diversas condições constantes da escriptura de 14 de fevereiro de 1891, que aqui se dão todas como reproduzidas, entre as quaes se encontram as seguintes:

Condição 4.^a
O terreno não pode ser applicado a outro fim, voltando nesta hypothese para a posse do municipio.
5.^a
Se, depois de construido o Theatro Circo, houver de se lhe dar outra applicação por motivo de força maior, os possuidores do referido Theatro serão obrigados a indemnizar a Camara com o excesso que vai de 300 réis para 680 réis que foi o preço médio dos terrenos naquelle local.
Para quaesquer informações antes da praça podem os interessados dirigir-se ao advogado abaixo assignado, e na sua ausencia ao sollicitador Manuel Mendes Pimentel, no Páteo da Inquisição, n.º 25.
Coimbra, 20 de março de 1902.
O liquidatário,
Dr. Teixeira d'Abreu.

MERCEARIA
DE
José Tavares da Costa
SUCCESSOR
ALVARO ESTEVES CASTANHEIRA
2, L. do Principe D. Carlos, 8
Amendoas finissimas de todas as qualidades, fabrico especialmente destinado a este estabelecimento.
Cartonagens variadissimas do mais fino gosto artistico, nacionaes e estrangeiras, para todos os preços.

Nova Havaneza
Rua de Ferreira Borges n.º 176
Papellaria, tabacaria, Perfumaria.
Carteiras, malas, caixas de charão, e todos os objectos de escriptorio.
PURGAÇÕES
Pillulas orientaes de A. R. de Passos
Pharmaceutico pela Universidade
Cura frequente, em 48 horas, da blenorrhagia (purgações, mesmo as mais rebeldes.) Só com o uso deste acreditado medicamento. Resultado seguro e garantido por numerosas curas.
Preço da caixa—500 réis, pelo correio 510. Depósito em Coimbra — Pharmacia Cordeiro — R. Ferreira Borges.

FACTURAS
e envelopes
Typ. de M. Reis Gomes, rua Martins de Carvalho, 7 e 9 — Coimbra

Phonographos e grande variedade de
cylindros impressos com canções populares, cançonetas, óperas, zarzuellas, bandas, operetas cómicas, revistas, fados, etc. etc.
JOÃO GOMES MOREIRA
Rua Ferreira Borges
COIMBRA

Bicycle Peugeot
Modello «course noute.»
Vende-se quasi nova e garantida.
Para tratar Castro Leão—Calçada, Coimbra.

LOJA DO MINHO
44, RUA DO VISCONDE DA LUZ, 48
Deposito das legitimas machinas Singer, instrumentos, musicas, Pianos, Bicycletas, oculos e lunetas.
Por mais uma vez provar que as machinas Singer, são as mais acreditadas do Mundo, as mais solidas, e as mais simples, é que já vendemos no nosso deposito mil e tantas machinas. E caso raro apparecer uma machina Singer, a concertar apparecendo diariamente dezenas dellas doutros auctores a concertar na nossa officina. Recomendamos ás sr.^{as} costureiras e alfaiates a machina Singer, Bobina Central (ultima palavra); temos sempre um completo sortido em agulhas e peças para todas as machinas. Guitarras, Violões, Bandolins, Bandolinetas, Rebecas, Violetas, arcos, cordas, flautas, clarins, oculos e lunetas.
Ha um saldo de musicas para piano a 40 réis. Concerta-se toda a qualidade de machinas, bicycletas, instrumentos e tudo o quanto for em metal amarello, para o que temos pessoal competentemente habilitado.

PREÇOS FIXOS
LOJA DO MINHO
MARTINS DE ARAUJO
44, Rua do Visconde da Luz, 48
COIMBRA

AUTOMÓVEIS
A. Darracq & C.^a
Agência — R. Ferreira Borges, 49 a 62
Coimbra

JOÃO GOMES MOREIRA
Rua Ferreira Borges
COIMBRA

Esta casa encarega-se da collocação de PARA-RAIOS e CAMPAINHAS ELECTRICAS pela Casa Ramos & Silva, de Lisboa.
Toma conta de encomenda de qualquer artigo que tenha de ser feita directamente com o extranjeiro.
Fornece pelos preços do catalogo COFRES Á PROVA DE FOGO da casa João Thomás Cardoso & Filhos, do Porto, que sam os mais garantidos.
Tambem se encarrega de qualquer obra de serralleiro, como: gradeamentos, portões, fogões e reparações mechanicas de qualquer natureza.

Máquinas de costura MEMORIA
Júlio Machado Feliciano

CASA DO LEQUE
Participa aos seus ex.^{mas} freguêses e ao público em geral, que acaba de receber uma importante remessa das bem conhecidas e acreditadas machinas—Memória—a melhor até hoje conhecida.
Quem precisar adquirir uma bella máchina de costura, para familias, alfaiates e sapateiros, não o faça sem primeiro examinar todos os modelos destas tão acreditadas máchinas e que se garantem por tempo illimitado e que não têm rivais, nem em qualidade nem em preços.
Dão se todas as explicações e aceitam-se máchinas em troca.
Esta casa acaba também de receber um grande sortimento de armures pretas, sédas pretas e mantilhas de seda e outros artigos próprios do seu commercio, o que tudo vende a preços resumidos.

Amendoas e cartonagens
Brindes de Semana Sauta
Visitem a MERCEARIA LUSITANA, na rua do Cego, n.º 1 a 3, que ali encontrarão o que ha de mais surpreendente em caixinhas e outros diferentes objectos de luxo e a mais fina e saborosa AMENDOAS DE LISBOA, fabricada especialmente para esta casa.

VINHOS
finos e generosos, tanto nacionaes como estrangeiros, encontram-se no mesmo estabelecimento, assim como tudo o que ha de mais fino em géneros de mercearia.
I, Rua do Cego, 7 — Coimbra
MERCEARIA LUSITANA

THEATRO-CIRCO
Tendo a Sociedade do Theatro-Circo Principe Real de Coimbra deliberado a sua dissolução e liquidação amigavel, nomeando para liquidatário o advogado abaixo assignado, são por este meio convidados todos os crédores da mesma sociedade a dirigirem a reclamação dos seus créditos por escripto ao mesmo liquidatário, afim de serem verificados, e se proceder ao seu pagamento, em harmonia com as deliberações da Assembleia Geral.
Coimbra, 20 de março de 1902.
Dr. Teixeira d'Abreu.

Loteria da Paschoa
40:000\$000
Extracção a 3 de Abril de 1902
Bilhetes a 20.000 réis.
Vigessimos a 1\$000 réis

A commissão administrativa da loteria, incumbem-se de remetter qualquer encomenda de bilhetes e vigessimos a quem remetter a sua importancia e mais 75 réis para o seguro do correio.
Remettem-se listas a todos os compradores.
Os pedidos devem ser dirigidos ao secretario.

Espingardas
De fogo central e de carregar pela bocca. Vendem-se com grande abatimento.
VENDAS A PRESTAÇÕES
João Gomes Moreira
Rua Ferreira Borges — COIMBRA

REDUCCÃO DE PREÇOS
Estabelecimento de João Gomes Moreira
Rua Ferreira Borges
(Em frente ao Arco d'Almedina)
COIMBRA

Esta casa que em Coimbra tem melhor sortido tanto em ferragens e materias de construcção como em cutilaria, artigos de fantasia e utensilios de cozinha e mesa, participa a todos os seus freguêses, e ao público em geral, que acaba de reduzir bastante o preço de quasi todos os seus artigos.
As condições em que faz todas as suas compras directamente nas principaes praças estrangeiras e fabricas portuguesas, sam uma garantia de que póde vender em melhores condições do que qualquer outra casa desta cidade.

CASA INNOCENCIA
CONFETARIA E MERCEARIA
RUA FERREIRA BORGES — 91 a 97 (CALÇADA)
VENDAS POR GROSSO E A RETALHO

Em breve devem estar prontas as tabellas de preços de amendoa e mais artigos de Confeitaria e Conservaria, fabricados nesta casa, a mais antiga de Coimbra e que maior sortimento tem.
Os artigos desta casa, têm sido premiados nas exposições a que têm concorrido.
Mandam-se tabellas de preços a quem as pedir.
Nesta casa encontram-se varios artigos de Mercearia, de primeira qualidade.
Vende todos os artigos pelos minimos preços, garantindo a sua perfeição e accio na fabricação.
Dirigir correspondência a
Innocência & Sobrinho — Coimbra

José Marques Ladeira & Filho
Empreiteiro das Companhias de iluminação a gaz e aguas
Rua do Corpo de Deus, 5
COIMBRA

Canalizações para agua e gaz
Lustres, lyras, lanternas e candieiros para gaz, machinas de aquecer agua a gaz para banhos, tubos de lona, borracha, latão e chumbo, lavatorios, urinoes retretes e bidets, torneiras de metal de todas as qualidades, cartão e corda de amianto, e borracha em folha.
PREÇOS ESPECIAES EM TUBOS DE FERRO
Pazem se trabalhos fóra da cidade

PASTELARIA E CONFETARIA TELLES
150 — Rua Ferreira Borges — 156

N'esta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se a venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos d'esta natureza.
Doces de ovos dos mais finos paladares e delicados gostos, denominados *doces sortidos*, para chá e *soirées*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumerar-la.
Doces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em secco, como crystallizados, a rivalisar com os estrangeiros.
Pastelaria em todos os géneros e qualidades, o que ha de mais fino e saboroso, especializando os de folhado.
Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa phantasia, denominadas *Centros de mesa*, *Castellos*, *Jarros*, *Lyras*, *Floreiras*, *Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.
Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá, café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.
Pão de lô pelo systema de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.
Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Collares, Champagne, Cognacs, Licores finos, etc., das melhores marcas nacionaes e estrangeiras.
Vinhos da Companhia Vmicola do Norte de Portugal.
Amendoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo-se a pureza dos assucares com que sam fabricadas.
Conservas nacionaes e estrangeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyére, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.
Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

COSINHA POPULAR
Rua da Concordia, n.º 27, 29 e 31
Figueira da Foz
Esta antiga e acreditada casa situada num dos melhores locais da Figueira, Junta dos Casinos e a dois passos da praia de banhos, continúa recebendo hospedes permanentes, por preços commodos.
Fornece almoços e jantares para fóra, desde 300 réis.
Bicycletas com motor
R. Ferreira Borges, 46 a 52
Coimbra
Bilhetes de visita
Imprimem-se na typographia de M. Reis Gomes
R. Martins de Carvalho